

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Dinâmicas do reconhecimento: a (re) constituição do *habitus* do professor  
universitário**

**Vanessa Martins de Atayde**

**São Carlos  
2013**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Dinâmicas do reconhecimento: a (re) constituição do *habitus* do professor  
universitário**

**Vanessa Martins de Atayde**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, na Linha de pesquisa “Estado, Política e Formação Humana” como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Pinto e Silva

**São Carlos**

**2013**

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da  
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

A862dr Atayde, Vanessa Martins de.  
Dinâmicas do reconhecimento : a (re) constituição do  
*habitus* do professor universitário / Vanessa Martins de  
Atayde. -- São Carlos : UFSCar, 2013.  
184 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São  
Carlos, 2013.

1. Sociologia. 2. Reconhecimento (Sociologia). 3. *Habitus*.  
4. Campo científico. 5. Trabalho do professor. 6.  
Universidade pública. I. Título.

CDD: 301 (20<sup>a</sup>)



Programa de Pós-Graduação em Educação  
Comissão Julgadora da Dissertação de mestrado de

Vanessa Martins de Atayde  
São Carlos 07/02/2013

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Eduardo Pinto e Silva

Profª. Drª. Sandra Aparecida Riscal

Prof. Dr. Evaldo Piolli

*Para você que compreendê-lo como relevante o suficiente para não apenas lê-lo, mas apreciá-lo e confrontá-lo. Eis aqui o que, no momento, posso crer.*



## AGRADECIMENTOS

Para redigir estas palavras em agradecimento, refleti sobre o que poderia ser feito para que não adentrássemos nos famosos clichês. Refleti, e conclui que, clichê ou não, eu posso afirmar que sou uma pessoa com o privilégio de ter uma Margarida, uma Vanda, uma Vilma, um Reginaldo, um Lucas, uma Catarina, um João, um Dayton, um Antonialli, uma Carla, um André, uma Silvana, um Eduardo, uma Sandra, um Heloani, um Evaldo como elementos presentes em minha vida e, em especial, durante esta trajetória. Sou privilegiada em contar com o apoio de profissionais tão competentes como os que me concederam as entrevistas e possibilitaram, mesmo mediante uma situação em que submeteriam-se à crítica, a realização deste estudo, demonstrando sua confiança no processo científico e em minha pessoa.

Devo revelar que esta trajetória nem sempre fora simples, aliás, nunca fora simples, pois estar com pessoas como vocês possibilitou que tudo fosse diferenciado, extraordinário... as risadas, as reflexões, as conversas, as discussões, as interações, os conhecimentos e vivências compartilhadas.

Não compreendo bem se agradecer seria o mais coerente neste caso, mas sei que posso afirmar que todos, sem exceção alguma, influenciaram, significativamente, no que sou capaz de ser e de fazer; influenciaram nos meus murros em pontas de faca, na minha tolerância e respeito com o diferente, nas minhas crenças de mundo, nas minhas verdades.

Não sei se devo agradecer, pois creio que seria o equivalente a agradecê-los por serem quem são; não creio que haja lógica nisso. Porém, posso dizer-lhes que, para mim, vocês são pessoas especiais.

## RESUMO

Este estudo é resultado de uma pesquisa de campo, de tema “dinâmicas sociais do reconhecimento e a constituição do *habitus* do professor universitário”, realizada a partir de entrevistas semi-estruturadas que versavam sobre trajetória familiar e escolar/acadêmica. O grupo selecionado fora de professores de um departamento considerado de excelência no campo científico, de uma universidade pública do estado de São Paulo. Teve-se como hipótese a formação de um *habitus* que fosse peculiar a estes profissionais e que se relacionasse à construção social de uma identidade profissional e pessoal associada às normas e práticas do campo acadêmico-científico. Assim, objetivou-se analisar a existência da relação entre as dinâmicas do reconhecimento no campo científico e a constituição de disposições duradouras peculiares aos seus agentes, as quais demonstraram estar associadas a um ideal de performatividade e sucesso. Nesta perspectiva, a partir do emprego do método qualitativo de pesquisa e com ênfase na análise do discurso enquanto prática social relevante, foram analisadas as relações entre valores, escolhas e necessidades que orientam o senso de investimento dos indivíduos ao campo científico; ao investimento em suas regras e seu “jogo” peculiar.

**Palavras-chave:** trabalho do professor; reconhecimento; *habitus*; campo científico; universidade pública.

## ABSTRACT

This study is the result of a field research theme of "social dynamics of recognition and the establishment of the university teacher habitus", made from semi-structured interviews that focused on family and school career / academic. The selected group of teachers was considered a department of excellence in science, from a public university in the state of São Paulo. Had we assume the formation of a habitus that is peculiar to these professionals and that related to the social construction of a professional identity and associated personnel rules and practices of academic-scientific. The objective was to analyze the existence of the relationship between the dynamics of recognition in the scientific field and the establishment of lasting provisions peculiar to their agents, which have shown to be associated with an ideal of performativity and success. In this perspective, from the use of qualitative research method and emphasis on discourse analysis as relevant social practice, we analyzed the relationships between values, choices and needs that guide individuals' sense of investment in scientific field; investment in their rules and their "game" peculiar.

**Keywords:** teacher's job; recognition; habitus; scientific field; public university

## SUMÁRIO

Introdução.....	9
Como nasceu este estudo.....	14
O indivíduo/grupo da pesquisa.....	16
Objetivos.....	18
Metodologia e Procedimentos Metodológicos.....	20
Aspectos éticos e forma de análise dos resultados.....	23
Capítulo 1 – <i>Habitus</i> e capital simbólico: para uma concepção de ciência para além da vocação.....	24
1.1 – O campo como um recorte da realidade social.....	30
Capítulo 2 – Reconfiguração do Estado, da universidade e do trabalho do professor-pesquisador.....	36
2.1 – A Reforma do Estado: a consolidação de um ideal previamente anunciado.....	37
2.2 – A função estratégica das Universidades Federais nos contexto de Reforma do Estado.....	44
2.3 – Os reflexos da reforma no trabalho e na subjetivação do professor-pesquisador.....	48
Capítulo 3 – Sobre trabalho, valor e reconhecimento.....	59
3.1 – Valor: uma compreensão acerca da relação social de escolhas e necessidades.....	60
3.2 - Em busca de vestígios no <i>habitus</i> primário: os significados da escolarização e formação acadêmica.....	74
3.3 – Dinâmicas do reconhecimento: o ser produtivo.....	80
Capítulo 4 – O campo científico e a reatualização do <i>habitus</i> .....	97
4.1 - Naturalização, conflito e adoecimento: quando surge o freio?!.....	107
4.2 - Concepção de ciência: competição, assunção, jogo e crença.....	129
Considerações finais.....	149
Referências bibliográficas.....	153
Apêndices.....	155
1. Síntese das entrevistas.....	155
2. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	181
3. Questões para entrevista semi-estruturada.....	184

## Introdução

O presente estudo tem como tema as dinâmicas que envolvem o reconhecimento do professor universitário no âmbito social e profissional e parte da problematização das relações deste e os processos de constituição e instituição social deste reconhecimento, associando os aspectos sociais e subjetivos.

As categorias de análise, que emergiram da relação entre teoria e pesquisa de campo, foram: *habitus*, reconhecimento e socialização/trajetória familiar.

O objeto de investigação e teorização relaciona-se, portanto, à compreensão da formação humana no capitalismo, o que é imprescindível quando se pretende analisar a constituição de um *habitus* específico neste contexto; ou ainda, à identidade e às contradições das instituições educacionais e suas relações com a política-econômica vigente, uma vez que seriam aspectos relacionados ao desenvolvimento de exigências e tendências que influenciam na constituição de disposições interiorizadas e específicas dos/nos indivíduos.

Uma das questões inicialmente levantadas é a de compreender em que medida as dinâmicas sociais e subjetivas referentes ao reconhecimento do/no trabalho do ser social professor-pesquisador possam, ou não, ser relacionadas a determinado conjunto de disposições peculiares desta categoria profissional, ou seja, a um *habitus* comum ou relativamente compartilhado por tal categoria. O que implicaria em se considerar a seguinte questão, que lhe seria precedente: seria possível afirmar a existência de um conjunto de disposições, de esquemas socialmente construídos de ação e pensamento, denominados por Bourdieu de *habitus*, comum aos professores universitários?

Portanto, partiu-se do questionamento acerca da existência do *habitus* peculiar ao campo científico e, com base na aceitação deste pressuposto, interroga-se sobre o que condicionaria tais disposições interiorizadas. Considera-se que elas possam vir a se relacionar a determinadas formas que assumem as práticas universitárias, as relações de trabalho e as dinâmicas sociais e institucionais do reconhecimento do/no trabalho de professores universitários, que, por sua vez, seriam supostamente perpassadas pelo ideal da performatividade. Tal pressuposto e os questionamentos dele derivados são justificáveis na medida em que consideramos que as representações dos agentes têm sua variação a partir de suas posições nos campos científico e social, bem como se relaciona aos interesses a elas associados e ao *habitus* como sistema de esquemas de percepção e de apreciação (Bourdieu, 2004a).

Para tal análise consideramos inúmeros fatores, tais como os de caráter político, econômico, institucional, social, cultural, organizacional e subjetivo, bem como outros influentes na constituição de um *habitus* próprio ao campo científico. No caso deste estudo, o foco recaiu sobre o *habitus* que vem a se constituir como próprio aos professores-pesquisadores cujas práticas e dinâmicas sociais de reconhecimento seriam sancionadas pelo referido ideal de performatividade.

Neste sentido, é coerente atentarmos à constituição de determinada identidade profissional próprio ao professor universitário na atualidade, particularmente do professor das áreas tecnológicas, devendo se buscar compreender tal identidade e suas possíveis mudanças tendo como base a identidade profissional deste em momentos históricos, políticos e econômicos anteriores.

Consideremos, ainda, o processo de profissionalização como ponto fundamental da construção social da identidade do indivíduo, tendo em vista o trabalho como espaço privilegiado e essencial do seu processo de socialização.

O trabalho constitui-se como mediador entre os aspectos sociais e subjetivos que influenciam à formação do indivíduo e, portanto, para se compreender como se desenvolve tal relação de mediação e como se constitui o *habitus* de um grupo específico de indivíduos, é necessária análise do aparato institucional/social, além de suas interfaces com condicionamentos históricos, políticos, econômicos e culturais, que influenciam o desenvolvimento/formação da identidade pessoal e profissional destes indivíduos.

A partir de tais observações, partimos da hipótese da constituição de um *habitus* peculiar ao professor universitário que poderia estar relacionado: ao desenvolvimento de determinada identidade profissional deste na atualidade; às práticas universitárias que geram a intensificação do processo de trabalho; às dinâmicas do reconhecimento social e do trabalho destes profissionais: às normas institucionais que se conformariam ao ideal de performatividade sancionado pelas práticas de exame e de avaliação dos professores, instituições e programas de pós-graduação.

Considerou-se, neste sentido, a possibilidade de que tal reconhecimento viesse a estimular o desenvolvimento da identidade e *habitus* destes profissionais, os quais poderiam estar relacionados à aderência ou mais fácil aceitação do processo de intensificação de seu trabalho e do produtivismo acadêmico a ele correspondente, o qual se materializa na relação direta com o mercado, mas que tem, para o professor, a resultante imediata por meio da publicação de vários artigos (Sguissardi, 2010).

Tal identidade desenvolvida poderia, inclusive, entrar em choque com a identidade profissional de outrora. Caso constatasse-se que este choque é fator real para os professores de carreira mais duradoura, como considerar ou justificar a possibilidade de aderência destes profissionais a uma nova lógica de trabalho e assunção de uma nova identidade profissional associada à institucional?

A partir da necessidade de responder a este tipo de indagações, foi investigada a relação entre o reconhecimento profissional e social e a nova forma de estruturação do trabalho do professor universitário na atualidade. Ou seja, visando-se a compreensão de como o reconhecimento profissional/social se relacionaria ao processo de mudança na identidade da própria instituição universitária estatal, apontada por Sguissardi e Silva Júnior (2009). Segundo tais autores, esta mudança se inscreveria tanto no conteúdo como na forma do trabalho do professor universitário.

Assim, pressupomos a possibilidade de existência de mudanças nas formas de reconhecimento, identidade e *habitus* do professor-pesquisador.

Todavia, tais mudanças não nos eram inteligíveis em sua amplitude, ou seja, não sabíamos exatamente como ocorriam e nem em que medida teriam gerado conflitos mais ou menos evidentes. Não obstante, consideramos que esta problemática, a ser pesquisada e esclarecida, poderia estar relacionada às mudanças da identidade universitária e de suas práticas. Nesta perspectiva, questionou-se quais seriam estas mudanças, em que densidade ocorreriam e se elas seriam aplicáveis à área de Engenharia. Assim, torna-se imprescindível se avaliar como que, com a reforma do Estado e da educação superior, o professor universitário se veria inserido tanto na ideologia do produtivismo acadêmico como na aproximação da produção do conhecimento ao sistema produtivo.

Considera-se, assim, que o objeto e análises propostas seriam relevantes no sentido de se melhor compreender as dinâmicas das relações sociais e de trabalho, bem como os mecanismos pelos quais o trabalho se relaciona a um processo de construção identitária do sujeito/trabalhador no meio social. Em síntese, seria relevante no sentido de se poder propiciar uma melhor compreensão da educação superior e de seus condicionantes sociais e institucionais, e também por focar os aspectos identitários e subjetivos que se relacionam às condições de trabalho nas quais os profissionais estão envolvidos.

Outro fato que confere relevância ao presente estudo é o de que, embora existam algumas pesquisas que possuem semelhanças com o que aborda este estudo, a maioria

das que nos serviram de base (SGUISSARDI; SILVA JÚNIOR, 2009; SGUISSARDI; SILVA JÚNIOR; SILVA, 2010) abordam especificamente o tema precarização do trabalho do professor universitário, com foco na dimensão político-econômica, não sendo usual o aprofundamento relativo aos aspectos simbólicos específicos da formação humana, perspectiva apontada neste estudo. Tais pesquisas, todavia, são fundamentais no sentido de embasar os questionamentos formulados neste estudo, bem como à formulação da proposta de investigação, na medida em que nos trazem um quadro amplo de análises da realidade do professor-pesquisador.

Ainda, este estudo pode oferecer conceituações relevantes para a análise das relações de trabalho e seus determinantes sociais; à compreensão do trabalho enquanto elemento essencial ao sistema social capitalista e que engloba uma dinâmica de relações que tanto o caracterizam como também refletem as transformações e tendências emergentes no interior deste sistema.

A partir de tal problematização, foi escolhido como objeto de estudo a relação entre reconhecimento e (re)constituição do *habitus* de professores de uma universidade pública estatal brasileira, tendo em vista a compreensão dos processos que envolvem o reconhecimento do trabalho desses profissionais.

Para tanto, foi selecionado um grupo de professores de área/curso reconhecido, voltado a pesquisas e com alta produtividade de seus docentes. Foram selecionados e convidados a participar da pesquisa professores de um Departamento da área de Engenharia de uma renomada universidade pública da região sudeste, cujo curso de pós-graduação possui nota máxima (7) segundo os critérios CAPES.

Em geral, o que nos caberia investigar seria um possível sistema de valores socialmente construídos, atribuídos e relacionados ao campo científico e às particularidades dos modos de sociabilidade e de (re)constituição de disposições interiorizadas dos professores pesquisados.

O estudo está apresentado nas seguintes etapas: primeiramente, são expostos os aspectos básicos, como objetivos, metodologia, hipótese, características do grupo selecionado e o que motivou a realização da pesquisa.

No primeiro capítulo foram descritos e analisados os conceitos de *habitus* e de campo, de modo a associá-los ao estudo e a outros conceitos a eles relacionados por Bourdieu, tal como o de *illusio*. Estes conceitos foram fundamentais ao desenvolvimento da noção de senso de investimento deste estudo.

No segundo capítulo, realiza-se a discussão acerca dos aspectos objetivos do contexto que potencializaram o processo de reconfiguração das práticas na universidade pública, apontando-se a Reforma do Estado enquanto momento *sui generis* deste.

O terceiro capítulo pautou-se no estabelecimento da relação lógica entre valores, escolhas e necessidades, buscando estabelecer ligação destes com as dinâmicas que envolvem o reconhecimento.

No quarto e último capítulo, as dinâmicas do reconhecimento têm sua análise direcionada ao campo científico, de modo a buscar ampla compreensão deste enquanto espaço de lutas e de um “jogo” em que está em foco a busca pela autoridade e legitimidade científicas. Analisa-se o desejo de poder no campo e a concretização do senso de investimento.

### Como nasceu este estudo

A pesquisa e as inquietações que deram vida a este estudo passaram a concretizar-se de modo mais sistematizado no ano de 2009, quando esta pesquisadora, ao ter algum contato com estudos sobre *burnout* (estresse ocupacional), por meio de leituras que subsidiaram seu trabalho de conclusão do curso de graduação, passou a refletir sobre algumas circunstâncias do contexto social e da relação entre reconhecimento e desgaste no trabalho dos profissionais docentes do departamento que é foco do presente estudo.

Este questionamento, que emergira a partir do conhecimento prévio sobre o *status* que ostentava tal grupo profissional, era o de em que medida este status ou reconhecimento aparente se refletiria em prazer e bem estar a tais indivíduos ou poderia desencadear situações em que predominariam o excesso de trabalho e, mesmo, estresse e adoecimento destes.

No desenvolvimento da pesquisa intitulada “Reconhecimento x desgaste: dimensões do trabalho do professor universitário” foi possível observar que a problemática não era simplesmente local, mas de proporções significativas, o que verificou-se pelos estudos realizados na área.

Assim, este primeiro questionamento se desmembrou em outros questionamentos, dentre os quais o principal era o de se os docentes adoeciam com frequência e tinham suas relações familiares e sociais prejudicadas pela sobrecarga de seu trabalho. Tal sobrecarga demonstrou estar relacionada a um processo social e de auto-imposição, durante a pesquisa mencionada, pois eles afirmavam um gosto enorme por sua atividade profissional e, mesmo reconhecendo seu excesso e problemas por ele desencadeados, prosseguiram em um processo que apresentava-se como auto-destrutivo por um lado; e mentalmente a existência do processo destrutivo (ao menos fisicamente destrutivo) e investissem todas suas energias em sua atividade profissional.

Ao principal motor da dimensão prazerosa de sua atividade atribuímos o nome de reconhecimento e esta relação é a que buscamos analisar mais profundamente no presente estudo.

A fim de não cairmos, contudo, nos determinismos e subjetivismos que um estudo deste caráter poderia ocasionar, adotamos a teoria de Pierre Bourdieu como a mais apropriada, uma vez que ela nos oferece bases à compreensão da formação

humana em sua multifatorialidade, ou seja, de como se dá o entrelaçamento impreciso, por não ser ponderável ou mensurável por completo das influências sociais e subjetivas que a compreendem.

A teoria do sociólogo francês nos permite a inteligibilidade da relação não determinística entre social e subjetivo ao mesmo tempo em que revela o quão intrincados e mutuamente influentes são os componentes desta relação. Isto evidencia-se na descrição do *habitus* enquanto estruturas estruturadas e, simultaneamente, estruturantes, ou seja, como disposições duradouras que são construídas sob influência de contextos sociais, mas que, *a posteriori*, objetivam-se nas práticas dos indivíduos e influenciam, por sua vez, em outras práticas sociais em uma espécie de relação cíclica, porém com suas imprecisões no sentido em que não ocorrem sempre as mesmas situações e relações e, tampouco, de uma mesma forma.

## **O indivíduo/grupo da pesquisa**

Os sujeitos selecionados para a pesquisa são integrantes do corpo docente de um curso da área de Engenharia de uma renomada universidade pública do estado de São Paulo. Foram realizadas 12 entrevistas semi-estruturadas com duração média de 1,5 a 2 horas, sobre processos de socialização e trajetória acadêmico-científica dos professores. As entrevistas duraram entre 50 minutos (Lucas) e 2 horas e 40 minutos (Jack).

O departamento do qual fazem parte é composto por um total de 45 professores e, portanto, o grupo escolhido corresponde a aproximadamente 27% do total de docentes. O Programa de Pós-Graduação é composto por 37 docentes dos quais 4 não são integrantes do referido departamento, ou seja, são de outros departamentos da mesma universidade. Tal Programa é avaliado com nota máxima, nota 7, segundo os critérios da CAPES. Esta avaliação em nota máxima é recorrente há anos, o que denota o caráter tradicionalmente de sucesso do Programa.

Muitos de seus docentes gozam de reconhecimento internacional por suas pesquisas pioneiras em suas áreas de atuação. A maioria, 8 deles, é bolsista produtividade do CNPq, com exceção dos professores recém-contratados e substitutos.

Os alunos do referido departamento apresentam produtividade acadêmica que pode ser considerada significativa segundo os padrões de produtividade reconhecidos academicamente, em especial, se analisarmos numericamente e pelo enquadramento/qualificação das revistas em que publicam.

A maioria dos docentes possuem Pós-Doutorado e, alguns deles, mais do que um.

A maioria dos docentes do departamento têm idade entre 50 e 60 anos, sendo estes profissionais ingressantes como professores na formação inicial do departamento. Estes fizeram seu Doutorado em instituições da Alemanha, França, Estados Unidos, etc., pois na época de sua formação o Brasil não possuía um curso altamente qualificado na área. Eles são, portanto, pioneiros neste ramo da Engenharia no país.

Há apenas 2 professores substitutos no departamento, número este que era nulo no ano de 2009. Um desses professores está cursando Doutorado neste departamento e o outro já possui o título, porém trabalhava no ramo empresarial. Ambos participaram da pesquisa.

Dentre os 12 professores entrevistados se encontram: o considerado mais conhecido e reconhecido do departamento (Lionel) e que é membro da Academia

Brasileira de Ciências e da Academia Americana de Ciências; o que ocupa cargo administrativo relevante na universidade (Jack) da universidade e também bolsista 1 A pelo CNPq; uma mulher (Edite), filha e neta de professores universitários e escolarizada na Europa; o professor mais antigo do departamento (Lourival) e bolsista 1 B; um professor contratado recentemente (Luigi) e que tem seu irmão mais novo também como professor do departamento; o professor voluntário (Hugo), já aposentado; um professor do curso de especialização (Sam) e que era professor substituto no último ano e, atualmente, ingressou ( em 1º lugar) como professor assistente em outro curso de Engenharia desta mesma universidade; um professor que foi apontado como mobilizador de atividades no departamento e como um bom administrador; um professor (John) apontado por alguns colegas como estando em regime intenso de trabalho; um professor substituto de 25 anos (Lucas), que cursa Doutorado no departamento; um professor substituto de 53 anos de idade (Adolfo), que é filho de professor universitário.

Além destes, houve um professor selecionado que não pode conceder entrevista por estar na França a trabalho; uma professora que disse, pessoalmente, que não gostaria de participar da pesquisa devido à sua indisponibilidade de tempo e excesso de afazeres na universidade; um professor, prestes a se aposentar, e que inicialmente resistira à pesquisa e, posteriormente, não houve tempo hábil para realização da entrevista; uma professora contratada há poucos anos e que apresentou uma carga de trabalho que impossibilitou a realização da entrevista por cerca de 3 vezes.

O critério de seleção escolhido foi o que contemplasse a diversidade em relação ao tempo de instituição e de experiência acadêmico-científica, e que incluísse profissionais de renome que são parte integrante e constitutiva do departamento e do programa de pós-graduação (vide maior detalhamento do item sobre metodologia).

## Objetivos

O *objetivo geral* da pesquisa foi o de investigar e analisar a possível relação entre as dinâmicas sociais e institucionais do reconhecimento no/do trabalho do professor-pesquisador e os processos de formação e/ou redefinição de um *habitus* pressuposto como peculiar ao campo científico.

O objetivo geral da pesquisa se assenta no pressuposto da indissociabilidade entre sociabilidade e subjetividade e na compreensão de que o ser social se afirma como sujeito ativo e fundamental à sociedade por meio de seu trabalho e das atividades nele desempenhadas. O trabalho, compreendido como mediador fundamental da subjetividade e o campo social (DEJOURS, 2004) envolveria valores simbólicos e reais inseridos em contextos e relações sociais determinados e prenes de significações para os outros e também para si. Em outras palavras, concebe-se o trabalho como atividade constitutiva dos processos de satisfação, desenvolvimento e formação pessoais e profissionais que se relacionam aos condicionamentos sociais e institucionais presentes nas formas históricas e contraditórias de sociabilidade, intersubjetividade e subjetividade. No trabalho haveria uma relação de mútua influência entre o indivíduo e coletivo e, tal como propõe Lukács (1981), se trataria de atividade humana, social e histórica relacionada ao desenvolvimento do ser social e que seria modelo ou matriz das demais práticas sociais, ao mesmo tempo é por elas influenciado.

*São objetivos específicos:*

- Investigar a existência de um *habitus* relacionado a um ideal de alta produtividade e performatividade numa amostra de professores da área de Engenharia de uma renomada universidade pública da região sudeste;
- Analisar se há a aderência/assunção de um *habitus* relacionado a uma determinada identidade institucional, organizacional, profissional e grupal;
- Investigar se existem relações entre o suposto *habitus* peculiar ao campo científico e à referida amostra de professores e mecanismos de auto-imposição de elevados índices de desempenho;
- Investigar se existem relações entre o suposto *habitus* peculiar ao campo científico e à referida amostra de professores e os mecanismos de gestão e avaliação do desempenho do programa de pós-graduação e dos índices de produtividade dos professores;

- Investigar se existem formas peculiares de aceitação e/ou de busca ativa de constituição de um *status* social do professor universitário que sejam relacionáveis às suposições de formação e redefinição de *habitus* científico e/ou de performatividade.

## Metodologia e Procedimentos Metodológicos

Foram realizadas doze (12) entrevistas semi-estruturadas com uma amostra intencional de professores da área de Engenharia de uma renomada instituição universitária pública, a maioria deles vinculados a um programa de pós-graduação de renome internacional e que goza do reconhecimento real e simbólico corriqueiramente expresso pelo significativo “excelência acadêmica”, além de nota máxima (7), apontada com base nos critérios de avaliação da CAPES (vide sínteses das entrevistas no Apêndice).

Os discursos dos professores e dados secundários às entrevistas (análise do perfil geral do corpo docente do departamento, das normas do programa de pós-graduação, levantamentos sobre a situação do Brasil em termos de formação de Doutores a nível mundial e a proporção no país) foram submetidos a uma análise qualitativa. A metodologia empregada na análise das entrevistas preconiza etapas de identificação de categorias e núcleos de sentidos apreendidos da leitura sistemática das suas transcrições. Foram identificadas as seguintes categorias de análise: *habitus*, reconhecimento e socialização/trajetória familiar. Estas categorias emergiram como resultado da relação entre teoria e pesquisa de campo, de modo a considerarmos os pontos mais significativos desta junção.

A análise tem como aporte a literatura sobre constituição de subjetividade, relações econômicas e de poder, *habitus*, campo científico e reconhecimento social e do trabalho que foram apontadas na justificativa e problematização deste projeto de pesquisa. Buscamos nos centrar na obra de Bourdieu, dado o enfoque dado à dimensão simbólica do poder e do reconhecimento no campo científico, o que não nos impede, porém, de se recorrer a outros autores, ainda que não com a mesma centralidade, como Gaulejac, Pagès e outros. A obra de Foucault, por sua vez, também foi fundamental em virtude da noção de normalização e conformação da subjetividade a um ideal performático sancionado pelas práticas discursivas e de exame. De onde, por extensão se fez necessário articulá-lo ao conceito de práticas sociais em Bourdieu. Destacamos ainda a contribuição de Sguissardi, Silva Júnior e Silva no que se refere à análise da constituição de uma nova identidade institucional das universidades estatais e dos professores-pesquisadores que se consolida com a Reforma do Estado, bem como de outros autores que tomam como objeto a educação superior brasileira. A perspectiva teórica sociológica e o ponto de vista metodológico, de caráter praxiológico, de

Bourdieu, será, no entanto, nosso guia mestre, em que pese a prioridade que demos à análise dos discursos das entrevistas e método compreensivo, assim como nossas considerações de que tanto a discussão teórica como os dados empíricos por vezes forjem algumas articulações não restritas a um determinado campo específico de legitimidade científica.

É relevante observar que, de modo geral, a metodologia pode ser descrita como qualitativa, uma vez que se enfatiza o processo e os significados relacionados ao mesmo:

a pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.(GODOY, 1995, p.58)

Não obstante, vale lembrar que há uma infinidade de estudos que se autodenominam como qualitativos, mas que possuem métodos, objetivos e formas um tanto diversos. De nossa parte consideramos que a amostra intencional, a metodologia de análise das entrevistas acima mencionada e a centralidade dada à lógica das práticas e análise do discurso enquanto prática social relevante, nos permitiria, assim, nos colocar no lugar das pesquisas ditas qualitativas, tendo em vista a superação da dicotomia objetividade-subjetividade.

Priorizou-se a interpretação de significados, com foco na articulação dos aspectos sociais, simbólicos e subjetivos, e não simplesmente com base em recursos como a descrição ou explicação. Em relação ao método praxiológico, destaca-se que ele visa investigar como as estruturas sociais objetivas convertem-se, sob determinados aspectos, em estruturas da própria subjetividade dos indivíduos, ou seja, em disposições duradouras destes indivíduos, os quais, por sua vez, atuam na estruturação de práticas e representações no contexto social, e também por elas podem ser redefinidos. Todavia, reiteramos que foi empregada, prioritariamente, a análise do discurso enquanto prática social relevante e com significados diversos.

Foram os seguintes critérios de seleção dos professores a ser entrevistados: o tempo de ingresso como docente no ensino superior e, em especial, no Departamento em pauta, tendo sido escolhidos alguns professores que fazem parte do Departamento

desde antes de 1995 e outros que ingressaram após 1995 (pós Reforma do Estado), ou mais recentemente, período 2000-2010 (continuidade da Reforma do Estado); no fato de serem ou não bolsistas de produtividade CNPq, devendo ser escolhidos tanto professores que são bolsistas como professores que não o são; no nível de classificação como bolsista produtividade (1A, 1B, 1C, 2...), devendo ser selecionados professores que se situam em diferentes níveis; nas áreas de atuação em pesquisa, devendo ser escolhidos profissionais de áreas diferentes no interior da área específica do curso de Engenharia selecionado; no enquadramento funcional como professor, devendo ser escolhidos professores associados, substitutos, titulares, adjuntos; no sexo, devendo ser escolhidos tanto homens quanto mulheres. Tais critérios tiveram como objetivo norteador verificar diversos aspectos envolvidos no processo de constituição e redefinição do *habitus* do professor-pesquisador e se e como este pode se relacionar à produtividade, reconhecimento, período em que se deu a inserção/aceitação no quadro de profissionais do ensino superior e no programa de pós-graduação, o que ocorre com a maioria dos docentes do referido Departamento.

Portanto, visou-se compreender as possíveis similaridades e diferenças entre sujeitos distintos, de faixas etárias e tempo de inserção no ensino superior diferentes, de sexos diferentes e situados em níveis variados de produtividade. Portanto, as 12 entrevistas semi-estruturadas realizadas com professores de características relativamente distintas, segundo os critérios mencionados, nos permitiram um campo empírico composto por um grupo razoavelmente heterogêneo, de modo a enriquecer a compreensão sobre os aspectos históricos e as contradições dos processos que tomaremos como objeto de análise.

### **Aspectos éticos e forma de análise dos resultados**

Foram entrevistados apenas os professores que, quando contatados, se dispuseram a participar da pesquisa, sendo tais profissionais informados devidamente sobre a proposta e objetivos da pesquisa.

Por questões éticas, no trabalho se fará menção aos professores, curso e instituição sem identificá-los.

O projeto de pesquisa referente ao estudo foi enviado ao Comitê de Ética, tendo sido aprovado pelo Parecer nº 005/2012, o qual não foi anexado neste estudo por motivos de ordem ética, ou seja, pois a partir dele seria possível identificar o grupo alvo da pesquisa.

Formalizou-se a autorização para realização das entrevistas por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual constaram os aspectos da pesquisa, desde a temática até os possíveis riscos e benefícios que a mesma possa oferecer aos participantes. Deste modo, os procedimentos de entrevista e pesquisa obedeceram aos princípios éticos de pesquisa preconizados na Resolução 196/1996, sendo preservado anonimato dos participantes e da instituição na divulgação dos resultados da pesquisa, assim como facultou-se aos professores participar ou não da pesquisa, ou, desistir de sua participação em qualquer momento, caso julgassem existir alguma inconveniência, constrangimento e/ou insatisfação.

A análise do material das entrevistas foi relacionada a conceituações, em especial, as de *habitus* e campo científico desenvolvidas por Bourdieu, assim como às de outras referências já explicitadas. A metodologia empregada na análise das entrevistas implicou em identificação de categorias e núcleos de sentidos depreendidos da leitura sistemática das transcrições das entrevistas. As categorias e núcleos de sentido foram analisados verticalmente e horizontalmente, isto é, elas entre si, no caso de um mesmo entrevistado, no caso da análise da totalidade das entrevistas. A metodologia praxiológica impõe a atenção aos dados secundários que nos permitam identificar a lógica das práticas sociais do ser social professor e a lógica das práticas na produção ou mesmo redefinição do seu *habitus*, priorizando sempre a interpretação de significados e o foco na articulação dos aspectos sociais, simbólicos e subjetivos.

]

## **Capítulo 1 – *Habitus* e capital simbólico: para uma concepção de ciência para além da vocação.**

Pierre Bourdieu (2009) toma como base de sua obra distintos autores clássicos do campo da Sociologia, tal como Marx, Weber e Durkheim, integrando-os de forma peculiar e original à sua teoria, que se caracteriza pela análise da lógica das práticas e pela superação da dicotomia entre objetivismo e subjetivismo.

Bourdieu incorpora criticamente a preocupação com os dados empíricos e com a descrição presente na perspectiva positivista de Durkheim, mas se contrapõe ao seu objetivismo funcionalista. Ao analisar a obra de Durkheim diverge da concepção segundo a qual as estruturas sociais constituem-se em uma estrutura quase que imutável, intransponível, o que significaria dizer que os indivíduos seriam completamente determinados pelo meio social, ou seja, as estruturas de dado meio social é que atuariam numa espécie de gerenciamento das relações e da convivência dos indivíduos.

A crítica de Bourdieu se dirige a este objetivismo funcionalista que praticamente não reconhece o papel dos agentes sociais, resumindo as ações e relações no meio social ao que poderíamos denominar o determinismo de um sistema imutável e previamente estruturado.

A assunção deste autor como nossa referência de análise neste estudo é por buscar também, de alguma forma, livrarmo-nos desta inevitabilidade em que encontramos-nos muitas vezes trancafiados no meio em que vivemos, buscando reconhecer nos agentes condicionamentos e não determinismos, e valores que não são exatamente cadeados.

Neste capítulo, pretendemos discutir os conceitos do autor que empregaremos ao longo de todo o estudo e que são, portanto, chave à compreensão das teorizações desenvolvidas neste.

Inicialmente, consideraremos que a análise de tais conceitos consiste em uma primeira tentativa de desmistificarmos a ideia de senso comum de vocação, a qual observaremos estar calcada em complexos processos sociais que, por sua vez, condicionam sociabilidades e subjetividades.

Note-se que o emprego do verbo condicionar nos dá margem ponderada de consideração, sobretudo, da ação humana enquanto elemento indissociável da configuração das práticas, simbolismos ou crenças sociais. Neste sentido, esclarecemos que a ele deve ser atribuído enfoque por tratar-se de ponto de inteligibilidade à noção de

indivíduo como ator social não coadjuvante, mas ativo e influente nos processos e relações sociais.

Quanto à ideia de ciência como vocação, Weber (2011) afirma que

Na atualidade, a ciência é uma “vocação” alicerçada na especialização e posta serviço de uma tomada de consciência de nós mesmos e do conhecimento das relações objetivas. A ciência não é produto de revelações, tampouco é graça que um profeta ou um visionário houvesse recebido para assegurar a salvação das almas. Como também não é parte integrante da meditação de sábios e filósofos que se dedicam a refletir sobre o sentido do mundo. (Weber, 2011, p. 54)

Compreendendo-a a estes moldes desenvolvemos nossas análises. Devemos considerar, ainda, o que o autor expõe quanto a esta analogia da ciência como vocação, afirmando tal caráter ao caracterizar a conduta dos professores enquanto o que denomina de “profetas pagos pelo Estado”. Esta analogia se assemelha ao componente simbólico que reveste os professores de prestígio, status e reconhecimento. E, de outra parte, se distingue da concepção mundana de vocação. O indivíduo, em associações grupais, é o motor, *si ne qua non*, a perpetuação, reprodução ou mesmo transformação de contextos e concepções sociais.

Deste modo, visaremos compreender a via de mão dupla e que se constitui a relação indivíduo-sociedade a partir dos conceitos de sociabilidades, subjetividades *habitus* e campo.

O principal conceito ao qual nos atentaremos será o de *habitus*, o qual, segundo Bourdieu (2011), é produto de posições sociais e, como estas, também é diferenciado sendo, contudo, diferenciador simultaneamente, ou seja, é operador de distinções. Tal conceito possibilita o estabelecimento de uma relação entre indivíduo e sociedade e não é de uso exclusivo de Bourdieu, sendo também empregado em sentido similar por Elias (1994), para o qual *o habitus* se constitui em uma espécie de segunda natureza do indivíduo, ou saber social incorporado no decorrer da vida em sociedade e que a cultura e valores de uma sociedade ficam difundidos no *habitus* de seus agentes. Para ele o *habitus* passa por constantes mudanças, todavia, estas ocorrem em processos lentos em que se estabelecem continuidades e mudanças.

O que evidencia-se na obra de Bourdieu é a apresentação do *habitus* tanto em seu caráter individual como social simultaneamente e a possibilidade deste referir-se, portanto, a grupos ou mesmo a classes e ao indivíduo. Em sua teoria são associadas as

formas e condições de existência dos indivíduos à sua percepção e ação no contexto que pode constituir-se na inserção ou não em grupos. O conceito de *habitus* possibilita, portanto, uma fusão entre condições objetivas e subjetivas da existência dos indivíduos.

Os *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas – o que o operário come, e sobretudo sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. Eles estabelecem as diferenças entre o que é bom e mau, entre o bem e o mal, entre o que é distintivo e o que é vulgar etc., mas elas não são as mesmas. Assim, por exemplo, o mesmo comportamento ou mesmo bem pode parecer distinto para um, pretensioso ou ostentatório para outro e vulgar para um terceiro. (Bourdieu, 1996 b, p. 22)

Podemos denominar, com base nas conceituações do autor, de categorias sociais de percepção o que é especificado por meio deste conceito, sendo estas refletidas nas práticas, na posse de bens e opiniões expressas de modo a constituírem-se em diferenças de caráter simbólico que constituem uma linguagem peculiar.

As diferenças que emergem das diferentes posições, bens, práticas e maneiras de ser e de agir de um modo geral se constituem, de acordo com cada sociedade, em sistemas simbólicos, ou seja, em um conjunto de traços e separações distintivos que compõem o que Bourdieu (2011) denominou de *signos distintivos*.

O *habitus* é produto das relações sociais e, como tal, tende a orientar e conformar as ações de modo a reproduzir as práticas que lhes deram origem. Este processo envolve a interiorização de determinados valores, princípios e normas que regem o contexto social e sua posterior reimpressão neste contexto, obviamente com alterações mais ou menos significativas.

Para Bourdieu (1983a)

as estruturas constitutivas de um tipo particular de meio (as condições materiais de existência características de uma condição de classe), que podem ser apreendidas empiricamente sob a forma de regularidades associadas a um meio socialmente estruturado, produzem *habitus*, sistemas de *disposições* duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações

necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora regente. (p. 61)

O autor aponta tal processo como de interiorização da exterioridade e exteriorização da interioridade. Neste sentido, podemos considerar que o *habitus* é interiorização, mas que visa objetivação, sendo, portanto, fundamental que sejam consideradas as dinâmicas contextuais para sua compreensão, ou seja, as dinâmicas de cada campo, uma vez que o *habitus* se operacionaliza e se (re) constitui em cada campo específico.

O *habitus* é um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, associado ao conjunto de experiências passadas, atua como matriz de percepções, de apreciações e de ações (Bourdieu, 1983a). Deste modo, ele engendra uma lógica em ações que, aparentemente, não possuem uma razão explícita ou intenção significativa; ele faz com que as práticas tenham sua racionalidade e possam ser vistas enquanto orquestradas e não como meros produtos do acaso.

Temos como exemplo a ideia de gosto, vulgarmente caracterizada enquanto aspecto puramente subjetivo, porém que pode ser compreendida a partir das dinâmicas sociais.

Bourdieu (1996 b) aponta que o gosto é uma forma por meio da qual é possível caracterizar os indivíduos, pois ele reflete sua origem e posição social. Podemos associar, ainda, a ideia de gosto à de vocação, embora esta última se aproxime mais da noção de dom devido ao aspecto de inexplicabilidade que a cerceia e a remete a um conteúdo aparentemente místico.

A ideia de gosto associa-se à de vocação na medida em que ambas são calcadas em uma equivocada compreensão de subjetividade praticamente dissociada dos condicionamentos, demandas e tendências de vínculo social. Ou seja, se considerarmos o indivíduo professor-pesquisador como todo aquele com vocação para o trabalho científico, estaremos cometendo o equívoco de considerar tal característica como inata, natural a este indivíduo, relegando aspectos tais como sua formação/educação familiar, escolar e suas interações sociais de modo geral a um patamar de insignificância na constituição de sua subjetividade.

O mesmo ocorre com o gosto, o qual raramente se observa ser justificado pelos indivíduos, sendo frequente que se ouça, no cotidiano, frases como “não sei porque

gosto, mas gosto” ou “eu gosto porque é legal, me interessa, é belo” e outras afirmações similares como as que seguem, evidenciadas durante as entrevistas.

Pergunto a Assis sobre o suposto gosto de sua mãe pela cultura erudita, a qual ele afirmara que ela sempre o incentivara.

**Entrev.-** De onde ela a (referência à mãe do entrevistado) tirou isso valorizar tanto a coisa do estudo?

**Assis -** Acho que era uma coisa própria dela porque a família era muito pobre, a minha avó era analfabeta. Eu ensinei a minha avó a ler alguma coisa na bíblia, então ela era analfabeta; meu avô eu não conheci, pai da minha avó materna, então **foi uma coisa natural** da minha mãe eu acredito que tem coisa que sejam naturais na pessoa, a pessoa tem um **gosto** porque ela... Que nem ela ouvia aquela pianista tocando ali no (nome do bairro) ela ficava maravilhada com aquilo. Música é uma coisa que sensibiliza a pessoa, se a pessoa for sensível música sensibiliza a pessoa. Então minha mãe foi fundamental na questão da minha formação acadêmica e minha formação espiritual.

Na mesma entrevista observamos afirmação semelhante.

**Assis -** (...) meu sobrinho é um sobrinho que gosta demais de mim, me tem como modelo. Ele é uma pessoa que tem um **gosto** pelo intelecto, mas ele não teve um bom encaminhamento para ter uma carreira acadêmica, ele seria um bom acadêmico. Mas ele gosta, ele está progredindo, ele montou uma escola de cursos na área de técnica de varejo e ele está indo muito bem. Então ele se espelha muito em mim.

Na primeira menção, temos a afirmação de naturalidade do gosto, a qual percebemos camuflar as reais influências da pessoa em questão, mas percebemos, ainda, que esta afirmação se localiza como uma forma de justificativa a algo que envolve certa complexidade, ou seja, na impossibilidade de se analisar todo um contexto que venha a ter estimulado tal gosto e atitudes, o indivíduo apela, o que não é raro nem nas entrevistas nem no cotidiano, à explicação pela naturalidade, inerência.

Na segunda menção, podemos vislumbrar tanto o aspecto da naturalização do gosto como sua contraposição, quando Assis afirma e justifica, sem perceber, o gosto de seu sobrinho por atividades que ele denomina de intelectuais. Tal justificativa reside em sua afirmação de que o sobrinho o tem como modelo, o que implica dizer que ele admira sua trajetória pessoal, o que envolve a profissional, e viu, de alguma forma, a valorização familiar de que este tio goza, pois em outro momento da entrevista ele

aponta o orgulho que sua família tem por ele ser Doutor e professor de uma universidade renomada.

O gosto que quando remetido às profissões pode se travestir sob o título de vocação, foi referido por alguns entrevistados quando se questionou o porquê de um indivíduo se engajar em dada profissão. São frequentes respostas como “sempre tive vocação para isso”, ou, “eu gostava de montar e desmontar coisas”, que é frase dita de modo a sugerir que sempre fora intrínseca tal disposição, conforme observamos a seguir.

**Entrev.** – Por que você escolheu a física?

**Assis** - A Física eu já tinha me decidido no primeiro ano do ensino médio eu gostava demais de observar os fenômenos naturais, o céu, astronomia. Eu gostava de construir coisas, é estranho não sei como eu não optei pela Engenharia porque eu gostava de construir coisas, meu irmão técnico em eletrônica tinha uma oficina muito boa em casa eu mexia em tudo aquilo lá. Eu sabia fazer um pouco de tudo, eu sabia montar um circuito de rádio, se você me desse um circuito eu montava o rádio, eu construía coisas mecânicas, eu gostava de arte e de música. A minha irmã que se formou no conservatório, mas quem mexia no piano espontaneamente era eu. Eu tive mais ou menos umas quatro bandas em (nome da cidade). Eu era baterias, mas tudo isso intuitivamente e com o pouco que eu aprendi de música no ginásio. O ginásio daquela época ensinava música.

Em relação aos professores o discurso do gosto também se apresentou quando os questionamos sobre as motivações para o trabalho:

**Sam** - Eu acho que a maioria tem gosto pelo trabalho, eu acho assim. Pelo menos com as pessoas com quem eu convivi consegui conhecer um pouquinho melhor. Conviver no dia a dia é uma coisa, entender, assim, ter um pouco mais de afinidade, entender o que se passa na cabeça do cara é outra. As pessoas que eu conheci, assim, os colegas professores do departamento e mesmo os professores da (universidade de renome em que fez mestrado), a maioria deles gostava do que fazia, alguns com mais afinidade a docência, dar aula, outros com mais afinidade com a pesquisa, outros com as duas, conseguindo conciliar, o que não é muito simples.

E nesta declaração, o que nos aparece como passível de contestação é a ideia de afinidade ou gosto para a pesquisa. Percebemos que este suposto “gosto” é fortemente influenciado pela atual valorização deste tipo de trabalho em detrimento, inclusive, da qualidade de ensino, que é marginalizado na prática docente na universidade. E nisto

constata-se que, para aquém e além do prazer ou “gosto” pela pesquisa, haveria a questão da busca (muitas vezes induzida) de prestígio e *status*.

Realmente, analisar como se desenvolvem as disposições duradouras dos indivíduos é altamente complexo e, neste sentido, a naturalidade surge como argumento forte em senso comum. Contudo, embora não seja possível analisar metricamente as influências sofridas pelos indivíduos, é possível detectar, como nos casos acima, algumas nuances da constituição do *habitus* e é nesta perspectiva que trabalharemos a análise da constituição do *habitus* do professor universitário.

### 1.1 – O campo como um recorte da realidade social

Podemos compreender os campos descritos por Bourdieu como espaços sociais de relações e ações, que envolvem disputas, lutas por poder e conflitos, portanto. Tais campos não são isolados, ou seja, não se encerram em si mesmos, mas relacionam-se uns com os outros em uma interação não determinística e sim de mútua influência. Poderíamos afirmá-los enquanto recortes componentes de um todo maior que é a sociedade ou um determinado contexto social.

Bourdieu (1998b) os descreve como microcosmos relativamente autônomos, ou seja, como espaços de relações que têm sua parcela de autonomia em relação aos demais campos. Porém a relação mencionada de influência relativiza sua autonomia. Isto implica reconhecer que há uma inter-relação entre os campos, tais como campo econômico, científico, político, bem como demais possíveis, pois estes se entrelaçam em várias circunstâncias e sob alguns aspectos.

Bourdieu (2007) estabelece a seguinte relação entre *habitus* e campo:

cada campo é a institucionalização de um ponto de vista nas coisas e nos *habitus*. O *habitus* específico, imposto aos novos postulantes como um direito de entrada, não é outra coisa senão um modo de pensamento específico (um *eidos*), princípio de uma construção específica da realidade. Findado numa crença pré-reflexiva no valor indiscutível dos instrumentos de construção e dos objetos assim construídos (um *ethos*). (Na realidade, em lugar do *habitus* tácita ou explicitamente exigido, o novo postulante deve trazer para o jogo um *habitus* praticamente compatível, ou suficientemente próximo, e acima de tudo maleável e suscetível de ser convertido em *habitus* ajustado, em suma congruente e dócil, ou seja, aberto à possibilidade de uma reestruturação. É a razão pela qual as operações de cooptação prestam atenção aos sinais de competência e ainda mais aos indícios

quase imperceptíveis, quase sempre corporais, postura, compostura, maneiras, disposições de ser e sobretudo de vir a ser, quer se trate de escolher um jogador de rúgbi, um professor, um alto funcionário ou um policial.) (Bourdieu, 2007, p.121)

O campo científico não foge à regra, portanto, e possui relações perceptíveis com os campos citados e outros, sendo, contudo, possuidor de peculiaridades que o situam em um patamar diferenciado. Essa diferenciação nos é mais intrigante quando observamos que, embora o campo científico tenha relações com o econômico, o qual é um campo de grande influência em relação aos demais, como o próprio autor observa, as relações e interesses que lhes são marcantes não são julgados e, tampouco, valorizados segundo os critérios econômicos. Seu esplendor estaria em um suposto desinteresse ao material e consequente apego ao simbólico em relação a este.

O que está em jogo no campo científico não é meramente a aquisição e posse de valores financeiros, embora não se possa afirmar que estes não existam. O que está em jogo, o que é compreendido como mais valioso, é a autoridade, a legitimidade científica, como aponta Bourdieu (2004b).

Em outras palavras, o que se sobrepõe ao valor financeiro no campo científico é o reconhecimento e, se considerarmos a pompa que pode envolvê-lo, o prestígio, o destaque e honra social que a ele passam a associar-se.

O porquê desta associação tem seus fundamentos históricos na constituição social, na qual o conhecimento diferenciado foi se concretizando enquanto privilégio, sendo praticamente confundido como privilégio econômico.

Embora não seja a intenção deste estudo aprofundamento deste processo, podemos mencionar como exemplo a noção de democracia grega em que eram tidos como cidadãos e, portanto, tinham direito de gozar do ócio produtivo, apenas os homens e pertencentes às camadas dominantes economicamente e simbolicamente. A eles se destinava o poder das decisões sociais, a participação política e o direito ao tempo para dedicar-se ao conhecimento do mundo. Neste exemplo, observa-se a relevância atribuída ao conhecimento, à possibilidade de desfrutar dos bens culturais produzidos pela sociedade, pela humanidade.

Temos, ainda, exemplos mais recentes em nosso país. Na década de 50, quando ainda era privilégio de poucos uma formação escolar e os estudos eram acompanhados de uma formação em humanidades, em música, dança, esportes e artes diversas. E vigorava a formação humanista em voga na Europa.

Ringer (2000), em seu livro de título sugestivo, “O declínio dos Mandarins alemães”, afirma que

por volta de 1885, o custo da educação superior oscilava entre quanto mil e oito mil marcos, soma bastante significativa quando comparada ao salário médio anual do professor primário, em torno de mil e quinhentos marcos. Ainda assim, é provável que as barreiras econômicas entre educação primária e a secundária fossem menos importantes do que as sociais e culturais. (Ringer, 2000, p. 44)

Nas palavras de Harry podemos visualizar um pouco deste quadro na universidade alemã, mas em período atual.

**Harry** - Na Alemanha é terrível. Um professor não conversa com o outro.

**Entrev.** - Pior do que na (nome de universidade renomada em que o entrevistado fez mestrado)?

**Harry** - Sim, pior. Cada professor lá é um castelo. Ele está ali e ele não tem o grupo dele, ele tem o instituto dele. Ele tem o instituto dele ali onde outro professor não entra. Só ele. É um sistema bem verticalizado, bem autoritário.

**Entrev.** - E em relação aos professores novos, por exemplo, nesse sistema aí alemão?

**Harry** - É, eles penam para entrar no sistema, mas também a Alemanha é um pouco diferente. É difícil você chegar a professor lá com menos de quarenta anos. Você já tem que ter experiência, tudo. Você já vem nessa situação, como se você viesse para ser o general daquele instituto ali. Então não existe um departamento como nós temos aqui. Tem, mas é muito mais separado, cada um tem... Não existe um local assim que - pelo menos eu não conheço - onde tenham vários professores dividindo um espaço comum como esse, nunca vi.

**Entrev.** - E como você lidou lá na Alemanha quando você foi fazer o seu doutorado, ou pós doc... Doutorado?

**Harry** - Doutorado. Ah, Você chega e se adapta. Você tem que ser muito independente, coisa que eu sempre fui. Você tem que chegar lá e o professor te dá um tema. - Olha, eu estou interessado nisso. - Tá bom- Bom e aí o que eu faço? - Se vira. - Hã? O doutorado é terrível! “- Eu só sou o orientador, você que vai fazer o doutorado.”

**Entrev.** - Mais ríspida a relação?

**Harry** - Bem mais distante. E como você se vira é problema teu. Você conversa com teu orientador umas 3 ou 4 vezes em 4 anos. Uma para se apresentar, outra dali um ano para saber como é que as coisas estão andando e lá pelo terceiro você vai mostrar os resultados, já um artigo, alguma coisa e no quarto ano você vai apresentar a tese. E pode ser que ele olhe e fale “não está bom”, isso não é uma tese de doutorado, e te devolve.

**Entrev.** - E nem liga.

**Harry** - “Ah, vou perder...” “- Suma da minha frente. Já passou tua hora.” Teve gente que eu conheci, vamos supor que eu fosse professor

aqui isso aqui fosse o instituto. Aí eu me aposento. Você é minha orientada. Chega um outro aqui, limpa a mesa, limpa tudo: " - Quem é a senhora?" " - Ah eu sou orientanda, eu estou fazendo tal coisa assim." " - A senhora estava fazendo tal coisa, a partir de hoje a senhora não vai fazer mais." " - Mas eu não posso terminar, falta seis meses para eu terminar minha tese?" " - Não, a senhora não entendeu. Eu estou desmontado aquilo lá e a senhora não vai fazer mais. Passe bem." " - Mas eu vim do Brasil, estou aqui a três anos, só falta um ano." " - A senhora não compreendeu. Aqui a senhora não vai fazer mais isso."

**Entrev.** - Você viu casos assim?

**Harry** - " - Boa viagem."

**Entrev.** - E a pessoa faz o que?

**Harry** - Arruma a mala e vai embora.

Por meio da fala de Harry, podemos constatar um sistema rígido, altamente hierarquizado, pouco aberto a mudanças e em que deve predominar estratégias de sucessão. Ainda, podemos analisar a existência de um perfil específico necessário para que um indivíduo venha a ocupar tal posto de "professor-general", ou seja, a flexibilidade, humildade, solidariedade lhes são atributos pouco atrativos e necessários neste contexto.

Outro aspecto a ser ponderado é o *status* que estes professores possuem, o que denota o quão relevante é visto seu posto e pode vir a justificar o fato de não haver grande aceitabilidade do ingresso massivo de alunos, em especial, das classes populares, pois não lhes cabe tal identidade de suposta nobreza.

Neste sentido, Ringer (2000) aponta que considerava-se uma deterioração da forma de vida universitária sua maior abertura a maior número de pessoas da população alemã, abordando a concepção de autoridade acadêmica que produziu o "caso Valentin".

Era como se as universidades germânicas estivessem realmente passando por aquele processo de desumanização que muitos professores alemães associavam ao advento da era da máquina. A deterioração de todo o caráter da vida acadêmica foi muito lamentada entre os principais porta-vozes do ensino superior alemão. A tragédia foi que uma sensação generalizada de crise não se fez acompanhar de uma discussão suficientemente clara das alternativas praticáveis. Um apego nostálgico e rígido aos valores do passado impedia até mesmo o tipo de reformas conservadoras que poderiam ter resgatado alguns desses valores para o presente. Os ajustes institucionais eram negligenciados em favor de queixas vagas sobre a educação de massa. Tornou-se uma espécie de dogma a afirmação de que os problemas das universidades se deviam basicamente ao avanço do modernismo na educação secundária, à diminuição dos padrões das escolas não-clássicas, às invasões do território do saber puro pelo senso prático da

tecnologia e ao surgimento dentro das universidades de novos grupos sociais sem cultura. (Ringer, 2000, p. 68)

Observamos que este tipo de queixas, advindas de algumas camadas sociais elitizadas (como o caso das elites intelectuais, inclusive), ocorrem até os dias de hoje, inclusive, em nosso país, como observamos em algumas declarações acerca de programas sociais como o PROUNI e REUNI, por exemplo. Estas queixas denunciam a concepção de educação como um privilégio de poucos, afinal, por meio do saber, os indivíduos têm a possibilidade de reconhecimento social; obviamente que não tratamos de qualquer tipo de saber, mas sobre o destinado às elites de uma população, o que, no caso do Brasil, reside no conhecimento disseminado pelas universidades públicas<sup>1</sup>. Este conhecimento não é capaz de conferir, meramente, ascensão social financeira, mas, sobretudo, é capaz de conferir autoridade e legitimidade, a possibilidade de um indivíduo ser ouvido, contemplado e reconhecido enquanto membro social relevante.

Enfim, o campo científico tem valor pautado no conhecimento científico e na legitimidade enquanto uma necessidade deste. Neste campo, o valor social do conhecimento e, sobretudo, do que poderíamos não precisamente denominar de posse do mesmo se interpõe a qualquer outro valor de relevância social como o é o financeiro.

Como aspectos fundamentais para compreensão de um campo, Bourdieu (2007) expõe a existência de um *nomos*, ou seja, de uma forma de lei e de constituir-se de cada campo, e da *illusio*, que implica numa forma específica de interesse, o qual, no caso do campo científico, busca manifestar-se sob a aparência de um interesse “puro”, um interesse que se coloca como desinteressado quando se remete a valores tipicamente mundanos, como o é o financeiro. E afirmamo-os como mundanos se compararmos ao que colocamos aqui enquanto caráter considerado “nobre” do trabalho científico.

Para o autor,

a forma originária da *illusio* é o investimento no espaço doméstico, lugar de um processo complexo de socialização do sexual e de sexualização do social. A sociologia e a psicologia deveriam juntar esforços (para tanto, seria preciso que elas conseguissem superar as prevenções mútuas) no intuito de analisar a gênese do investimento num campo de relações sociais, assim conformado como objeto de

---

<sup>1</sup> Ressaltamos que há críticas pertinentes ao REUNI e PROUNI, que não devem ser confundidas às do discurso elitista. Ademais, como postula Bourdieu, na maior parte das vezes o sistema escolar não propicia a ascensão social tal como preconiza a ideologia liberal.

interesse e de preocupação, no qual a criança se encontra cada vez mais envolvida, e que constitui tanto o paradigma como o princípio do investimento no jogo social. De que maneira se efetua a passagem, descrita por Freud, de uma organização narcisista da libido, na qual a criança toma a si mesma (ou seu próprio corpo) como objeto de desejo, para um outro no qual ela se orienta para uma outra pessoa, tendo acesso então ao mundo das “relações de objeto”, sob a forma do microcosmo social originário, e dos protagonistas do drama que aí se desenrola? (Bourdieu, 2007, p.201)

O autor aponta, ainda, que um dos motores que estão na raiz dos investimentos ulteriores do indivíduo seria a busca pelo reconhecimento. Ele descreve este processo como uma forma de “sacrifício do amor próprio” que ocorre em prol de outro objeto de investimento, o que requer o inculcar de uma disposição durável para investir no jogo social.

Assim, podemos inicialmente já estabelecer que, no campo científico, ocorre esta inculcação de modo que os indivíduos que dele passam a fazer parte têm a propensão a investir no que lhe é considerado relevante; está no fundamento da aprendizagem no campo este investir que implica a aceitação de determinado ponto de vista que coloca alguns parâmetros como destacáveis em detrimento de outros. Ou seja, o indivíduo inculca os valores predominantes no campo, mas, como observamos nas palavras do autor, é possível que haja aspectos no seu processo de formação humana que o estimulem a desejar tal forma de investimento, de norma de vida e de conduta. São estes aspectos que buscamos analisar neste trabalho, todavia, sem a pretensão de o fazer em toda amplitude psicológica ou sociológica, mas, especialmente, no âmbito da segunda de modo a buscar responder, parcialmente, ao questionamento colocado por Bourdieu na citação anterior.

## **Capítulo 2 – Reconfigurações do Estado, na universidade e do trabalho do professor-pesquisador**

Para se compreender como se desenvolveu uma possível nova identidade desta categoria profissional, o que é aspecto central do presente estudo, é relevante que compreendamos algumas especificidades deste momento histórico devido ao fato de nele ter se consolidado uma nova configuração na relação entre setor público e privado e, portanto, entre universidade pública e setor privado, e como esta nova configuração de relação viria a afetar o professor-pesquisador profissional e/ou subjetivamente.

Neste capítulo, pretendemos analisar brevemente os fatores desencadeadores da crise que gera, no Brasil, a Reforma de Estado em meados da década de 1990, para compreender as novas formas engendradas de trabalho, em especial, as relações entre o trabalho do professor-pesquisador no interior da universidade pública estatal e suas articulações com o setor privado e empresarial.

### **2.1 – A Reforma do Estado: a consolidação de um ideal previamente anunciado.**

Inicialmente, é imprescindível esclarecer que consideramos a Reforma do Estado como momento *sui generis* na consolidação de práticas universitárias mais associadas e vinculadas às práticas do mercado capitalista.

Deste modo, embora não possamos apontar tal reforma como fator único e predominantemente influente no desenvolvimento de tais associação e vínculo, podemos sugerir-la como momento fundamental à difusão e naturalização de uma concepção utilitarista de ciência e, portanto, do próprio trabalho nas universidades públicas e, conseqüentemente, da constituição de uma não exatamente nova, mas renovada identidade do professor-pesquisador, particularmente daqueles diretamente envolvidos com a produção do conhecimento tecnológico e/ou aplicado.

A contraposição entre a ideia de nova identidade e identidade renovada pode ser caracterizada considerando-se que ao afirmar a predominância da primeira supomos uma mudança mais radical à referida identidade, o que não nos parece coerente, tampouco, com o caráter durável das disposições de identidade; enquanto, se afirmarmos a segunda, nos posicionamos em favor do prefixo *re*, o qual nos sugere uma readaptação, a incorporação de novas características e potencialização de outras, o desenvolvimento de uma identidade que possui bases anteriores à referida reforma que

se dá em nosso país, todavia como reflexo de um quadro que se desenvolvia em nível mundial, como observaremos mais adiante.

A relevância em se analisar, mesmo que brevemente tal período, reside no que aponta Heloani (2003), que afirma que o discurso da ampla Reforma do Estado emerge como um dos fundadores em potencial das políticas públicas na década de 1980, ou seja, orientou uma série de práticas e decisões políticas fundamentais à sociedade nas duas últimas décadas.

O Estado Moderno passa por uma revisão constante da forma como deve efetuar sua intervenção na sociedade, sendo repetidos movimentos de reforma e contra-reforma do mesmo, o qual tende ora à centralização administrativa e ora tende à descentralização, a qual tem como aspectos marcantes a flexibilização da estrutura administrativa bem como a redução do papel do Estado no que tange à extensão e alcance de políticas sociais e sistema de proteção social, uma vez que não se observa uma real redução da participação do papel do Estado na condução do ajuste da economia nacional à mundialização/financeirização do capital.

Na década de 1970, no que toca ao contexto internacional, em especial, de Inglaterra e Estados Unidos, mas que possui severos reflexos *a posteriori* na realidade brasileira, o capitalismo sofreu mudança estrutural, que se travestiu, sob alegação de emergência de uma tendência desencadeada, como reflexo de uma suposta ineficiência da estrutura do Estado de Bem Estar Social, pejorativamente avaliado como Intervencionista. As críticas elaboradas pelos defensores da Reforma do Estado e da proposição do modelo gerencial é a de que o estado do Bem Estar Social não seria capaz de desenvolver as atividades que assumira, ou seja, tal forma estrutural se configuraria como uma espécie de demiurgo no meio social não sendo, todavia, capaz de arcar com todas as demandas sociais coerentes a esta característica que se alegava assumida pelo Estado.

O contexto de uma economia globalizada apresentava-se neste período e associado a ele um quadro de intensa competição e reorganização produtiva em escala mundial, o que desencadeou a crise denominada como sendo do Estado Intervencionista, mas que constituía-se em uma crise do sistema capitalista em si.

Com isso, o Estado de Bem Estar Social, que outrora fora tido como aposta enquanto fator de desenvolvimento econômico, político e social, converteu-se, na visão dos que defendem o modelo gerencialista de Estado, em obstáculo a determinados interesses, isto é, foi analisado como obstáculo ao crescimento econômico e social.

Compreendemos que a crise estrutural da economia foi o fator primordial da mudança do papel do Estado, tendo a Reforma do Estado procurado adequá-lo e reorganizá-lo de forma mais coerente segundo os propósitos e necessidades de uma sociedade capitalista, individualista, globalizada e competitiva, o que demandou uma mudança estrutural em seu modelo social.

Com a redefinição do papel do Estado como meio à organização social emerge o que se pode denominar de princípio de subsidiariedade, o qual pregava-se que possibilitaria o aprofundamento na relação Estado-sociedade no sentido em que mobilizaria os corpos sociais à participação ativa na concretização, supostamente, do interesse público. O que ocorreu, entretanto, foi a concretização de interesse diverso ao público, ou seja, operou-se a delegação de responsabilidades estatais à sociedade civil, havendo a retração do poder público e direcionamento deste às atividades de coordenação e controle sociais pautadas pelos valores mercantis.

Constata-se, portanto, um movimento em que há a redução das políticas sociais universais e do sistema de proteção social e acentuação de seu caráter indutor, regulador e mobilizador dos agentes tanto econômicos quanto sociais.

O Estado assume uma espécie de função de coordenador estratégico do desenvolvimento social e econômico proclamando-se tal função como essencial ao não agravamento na precarização dos serviços públicos, quando o que se desenvolveu caminhou em oposição a tais ideais proclamados, os quais serviram meramente como justificativa para as motivações para a mudança estrutural anunciada.

Neste contexto de muitos discursos de facetas nem sempre evidenciadas, o estabelecimento de parcerias entre setor público e privado foi destacado e anunciado como uma das alternativas iniciais e mais significativas propostas para a superação da crise vivenciada, supostamente, pelo Estado de Bem Estar Social.

Observamos um processo em que, como aponta Heloani (2003), a privatização fora o elemento que propiciou uma espécie de enxugamento do Estado; ela esteve associada, porém, a um forte aparato ideológico. Este aparato teve sua estruturação desenvolvida a partir da década de 1970, preliminarmente nos Estados Unidos e na Inglaterra, período em que começava a configurar-se um novo ambiente econômico.

O autor ressalta, ainda, que, neste processo, a burguesia tinha em vista atender a seus interesses enquanto classe e, para isso, o denominado “Estado mínimo” deveria converter-se em “Estado máximo para o capital” (Heloani, 2003, p. 101), o que implica pontuar a intervenção deste de modo orientado ao seu benefício.

O processo se consolida, nos países de primeiro mundo, na década de 1980, sendo marcado pela articulação realizada pelo empresariado entre produção globalizada, diminuição da atuação do Estado-Providência e desindexação dos salários (Heloani, 2007).

Nas falas nos entrevistados, contudo, o fantasma da ideia de inevitabilidade ainda nos assombra, ou seja, esta relação parece essencial ou inevitável e, na maioria dos discursos, não se assume possíveis interesses dissonantes entre público e privado, talvez porque não o haja dentro do que se denomina de parâmetros legais de um sistema posto, o que não deixa de ser contestável. Vejamos.

**Entrevistadora** - A empresa direciona muito a pesquisa na universidade? Você falou que tem algumas demandas que partem da empresa para cá, daí vai ser desenvolvido projeto ou...

**Luigi** - Na minha concepção deveria demandar mais.

**Entrevistadora** – Por quê?

**Luigi** - Porque eu vejo que hoje com a quantidade de conhecimento que a gente tem é meio difícil você fazer uma pesquisa que não tenha algum cunho tecnológico, alguma informação importante para as empresas, para o país. E muitas das vezes não existe um canal tão forte que acabe levando a gente a direcionar uma pesquisa pra estar resolvendo algum problema da empresa, muitas vezes que alguns professores acabam desconhecendo os problemas reais de uma empresa, e muitas vezes porque a empresa naquela correria que ela tem acaba não tendo nem tempo de estar colocando para um, para o pessoal da empresa, quais da empresa, quais são os seus problemas, nem o pesquisador também tem tempo de ir investigar e realmente estar interado de quais são os problemas na empresa, mas na medida do possível vem fazendo sim. Mas existem muitas pesquisas ainda que são pesquisas “achadas” em congresso. Existe um congresso mundial em um determinado tema, existe um tema que é um tema que suscita maior interesse e muitas das vezes a gente acaba desenvolvendo uma pesquisa nesse tema, e depois aí pensando como que isso poderia estar servindo para a sociedade, mas eu acho que as duas formas são interessantes desde que culminem na resolução ou na ajuda das empresas.

Na fala de Luigi observamos dois pontos, além dos já previamente constatados quanto à questão de não se mencionar possíveis interesses conflitantes, por exemplo, um deles é uma espécie de confusão em sua fala quando se refere à ajuda à empresa ou à sociedade, na realidade, isso ocorre, aparentemente, pelo fato de que o entrevistado considera que ao ajudar empresa está ajudando direta e intensamente o sistema social, a melhoria do sistema, o que não podemos afirmar que constitui-se, sobretudo, em uma

inverdade, se considerarmos a manutenção do sistema capitalista, ao qual em vários momentos no presente texto tecemos críticas.

O segundo ponto sobre o qual devemos nos debruçar e que entrará, então, em choque com o ponto enunciado acima, se considerarmos que não colocamo-nos a simplesmente discorrer sobre a manutenção de um *status quo*, é o, não raramente acionado, *discurso da responsabilidade social*, o qual percebemos na fala acima quando mencionado o fato de se poder estar servindo à sociedade.

Observemos mais claramente no discurso de John, o qual se apoia no questionamento “quantos empregos a empresa oferece?”, o qual também fora muito comum durante as entrevistas enquanto afirmação justificativa dos supostos benefícios da relação público-privado na universidade estatal.

**Entrevistadora** - Professor, como você entende essa relação entre empresa e universidade, hoje e em relação à época em que você ingressou? Como se dá?

**John** - Eu acho que é fundamental relação... Lógico, depende da área, depende do curso. Eu acho relação empresa universidade muito importante porque para que o departamento como o nosso de Engenharia você pensa em coisas aplicadas de fato, e a empresa tem outro foco, o negócio deles é lucro. Poderiam buscar conhecimentos mais básicos, fundamentais na universidade. A gente passa, é uma troca. A gente aprende com o dia a dia deles. Acho a relação empresa universidade fundamental.

**Entrev.-** E essa questão, que a empresa ela vai visar realmente o lucro. Às vezes ela não acaba buscando na universidade só uma forma pra obter esse lucro? E como fica a universidade, o fundo público nessa história?

**John** - Quantos empregos a empresa oferece? Para a população?

**Entrev. -** Você acha que isso compensa?

**John** - Eu acho que é fundamental. Temos também hoje em dia você desenvolve uma patente, a universidade e a empresa são co-titulares. Tem uma forma de a universidade estar participando de possíveis lucros. Eu acho que ainda está bem no início, mas isso mudou. Agora tem que saber separar bem o seguinte: se nós não tivermos empresa para colocar alunos que a gente forma, aí vai ter um problemão aí. Desemprego. Então eu acho que a relação é sempre válida. Resta fazer os ajustes de como se beneficiar dos resultados dessa aproximação aí.

**Entrev.-** Quando ela pode ser negativa?

**John** - Se um lado não está feliz com a interação. Se uma empresa vier e for uma rodovia de uma mão só e só se beneficiarem está errado. Agora por outro lado, se forem feitos convênios como são feitos em que tem uma patente e está lá (nome da universidade) e a empresa. Se tiver, se for aplicado, porque às vezes você tem uma patente, mas não por em prática. Então, tem os *royalties* lá para que a universidade se beneficie. Há tempos atrás não era tão claro, não tinha essa cultura, mas nos dias de hoje tem sim.

**Entrev.-** Porque não era tão claro?

**John** - Porque não tinha leis que regulamentassem como se faz isso. As leis são relativamente recentes nessa área.

**Entrev.-** Tem professor que concebe como meio ineficiente essa relação entre empresa e universidade, você acha que é?

**John** - Não. Eu acho que é eficiente. Eu sei que tem pessoas que pensam que a empresa vem aqui só para se beneficiar. Eu acho que não, acho que a relação é muito positiva desde que as duas partes tenham os seus benefícios. Agora, a universidade não pode se colocar, também, muito distante da empresa: não, vocês não conseguem fazer se não for com a gente tal. Não é bem assim... têm empresas que têm um pessoal muito capacitado aí, grande número de empresas. A gente é mais um que vai participar de algum desenvolvimento de material novo, alguma coisa nova. Eu acho que deveria ter mais relação. Se for ineficiência nesse sentido sim, deveria ter muito mais interação, eu acho que é bom pequeno bem restrito. São poucos os departamentos, o número de pessoas que interagem com empresas, ainda não é tão alto. E o nosso talvez seja alto porque é o pessoal de engenharia, mas eu acho que deveria melhorar mais ainda! Por quê? A indústria nacional! Tecnologia! A gente está falando de tecnologia, não é um negócio que é só para as exatas. O emprego no final do mês ali, a taxa de desemprego pode variar em função de ter empresas ou não. Você vê em São Carlos tem empresas mandando gente embora. Então eu acho importantíssima a relação com empresa.

Constatamos que o entrevistado, além de basear seu discurso na questão do benefício em termos dos empregos oferecidos pelas empresas e da interação, em geral, entre empresa e universidade, o que não é de admirar se considerarmos o processo de mudança brasileiro nos anos 1990, a ser mencionado a seguir, exalta positivamente a tecnologia e a indústria nacional.

Quando se trata da indústria nacional, o processo que se instala no Brasil é reflexo de mudanças em nível mundial e em nenhum momento poderemos afirmá-lo nem como melhor alternativa à indústria nacional e, tampouco, à população e a um suposto desenvolvimento do país. Contudo, percebemos, por meio da fala do entrevistado, um dos discursos-força que circulam por nossa sociedade que não empregados, por vezes, para convencimento de caráter político, o que não parece ter sido exatamente o caso.

No Brasil, tais processos de mudança estrutural tiveram sua influência mais significativa culminando na aderência ao modelo de administração gerencial em meados da década de 1990. Esta Reforma do Estado nacional ocorreu de forma sistemática a partir deste período e de forma articulada ao ajuste da economia nacional ao processo de valorização do capital financeiro internacional.

Ressalte-se ainda que a reconfiguração do Estado e das instituições educacionais superiores teve como componente mediador a legislação (Lei do Bem e Lei da Inovação

Tecnológica) e a criação de estruturas institucionais universitárias, como os Núcleos de Inovação Tecnológica (NITs) e Fundações de Apoio, isto é, em conformidade com a constituição de uma política de inovação tecnológica cujo objetivo fulcral é o fomento às parcerias público-privadas e a progressiva aproximação da produção do conhecimento aos interesses do setor produtivo.

Todavia, para compreender melhor o processo de mudança estrutural descrito acima, se faz necessário compreender o que jaz sob o termo globalização, o qual envolve o entendimento dos processos de internacionalização e mundialização do capital.

O termo globalização se relaciona a um fenômeno que envolve a abertura das economias e de suas respectivas fronteiras em consequência do e também visando o crescimento do mercado internacional, bem como também pretende a intensificação da movimentação e manobras de capitais, aumento da circulação de pessoas, do conhecimento e da informação. Tais processos de intensificação são buscados pelo desenvolvimento dos transportes e das formas comunicação e, sobretudo, pela ampliação da abertura das fronteiras ao comércio internacional e à ampla liberalização da circulação do capital no sentido de consolidação planetária do capitalismo e do processo de realização do valor.

Para explicar os conceitos de internacionalização e de mundialização do capital, empregaremos as definições de Sguissardi e Silva Jr (2009).

Quanto à internacionalização, esta

consiste no processo de expansão do capitalismo por toda a extensão do planeta, por meio do intercâmbio comercial, e, neste ponto, as teses clássicas, neoclássicas, keynesianas e marxistas não conseguem explicá-la de modo adequado: trata-se da consolidação do capitalismo em nível planetário, no âmbito da circulação da mercadoria, isto é, no plano da realização do valor, como mostrava Lênin em seu *Imperialismo: fase superior do capitalismo*. (Sguissardi e Silva Jr, 2009, p. 27. Grifos dos autores)

Já a mundialização

refere-se a um movimento em que uma empresa nacional forte num ramo industrial se descentraliza em unidades, em diversos países ou regiões, com menores custos e maiores vantagens quanto a força de trabalho, matéria-prima, leis trabalhistas, universidades a serviço das empresas, etc. Aqui reside a diferença, pois a soberania econômica de

uma grande empresa poderia sobrepor-se à de um Estado nacional e suas instituições republicanas; destaque-se, aqui, as universidades. (Sguissardi e Silva Jr, 2009, p. 27.)

Segundo os autores, o modelo estrutural emergente nos países desenvolvidos mencionados na década de 1970 transcende a internacionalização, consistindo em uma mundialização. Tal contexto de mundialização da economia possui como estratégia central o capital financeiro, superando o comércio exterior e o capital produtivo, antes predominantes, e fazendo despontar um novo paradigma de empresa, o que inclui novas estruturas corporativas, novas formas organizativas e de gestão que se assentam em nova base produtiva associada às tecnologias atuais. (Sguissardi e Silva Jr., 2009).

O investimento externo direto é central no contexto da economia mundializada, como apontam os autores, e a força do capital financeiro está presente na estruturação do novo paradigma corporativo descrito por Chesnais (1996). Neste se preconizava que não seria a organização mais eficiente da produção interna com suas respectivas transações, estratégias de tecnologia de produtos e de comercializações que propiciariam a concretização de objetivos, mas a natureza e forma das relações estabelecidas com outras empresas. Ou seja, a rentabilidade do grupo multinacional precisa basear-se nas relações estabelecidas com outras empresas e não apenas em sua produção e comercialização.

Nestas parcerias poderiam ser obtidas vantagens e maior rentabilidade que não adviriam da comercialização de produtos, mas de *knowhow*.

A partir de tal quadro, as multinacionais tornam-se “*eixo condutor da economia mundializada sob a gestão monetária e a hegemonia do capital financeiro*” (Sguissardi e Silva Jr., 2009, p. 31), o qual se dispõe em torno do capital produtivo.

Seguindo tais pressupostos, as corporações passam a buscar vantagens por meio de relações com outras empresas, mas, também, com instituições nacionais, Estado, setor de serviços sociais. É neste contexto que as universidades adquirem função estratégica nas ações do setor privado e que observamos a reconfiguração de suas práticas e, portanto, das funções/ações de seus profissionais, com destaque ao professor-pesquisador das áreas tecnológicas, uma vez que este é a base do *knowhow* produzido na universidade e que possui extrema relevância do referido contexto e na concretização da concepção mencionada.

## 2.2 – A função estratégica das Universidades Federais nos contexto de Reforma do Estado.

Conforme observamos e como afirmam Sguissardi e Silva Jr (2009) a lógica do mercado norteou a Reforma do Estado e, mediante tal contexto, o trabalhador público vai, cada vez mais, se assemelhando ao trabalhador da iniciativa privada, convertendo-se em uma nova espécie de prestador de serviços.

O princípio da eficiência, comum ao setor de serviços, passa a cercear a gestão das atividades no âmbito do serviço público, ou seja, este princípio que adentra às instituições universitárias estatais e afeta a autonomia do trabalho do professor das áreas tecnológicas, cujas pesquisas aplicadas em torno de parcerias público-privadas são recorrentemente induzidas por editais e agências financiadoras.

Origina-se um processo de mercantilização da universidade estatal e acentua-se uma nova dimensão do próprio Estado, que é a dimensão mercantil. Neste sentido, configura-se a instituição universitária como estatal pública mercantilizada.

Os autores apontam, ainda, a existência de um *Setor de Serviços não Exclusivos do Estado ou Competitivos*, dentre os quais situam-se as universidades, como os autores descrevem empregando as palavras do, então, ministro Bresser Pereira, segundo o qual a primeira meta da Reforma do Estado seria a flexibilização.

Segundo Sguissardi e Silva Jr. (2009), a institucionalização da dimensão estatal/mercantil abriu espaço para o atrelamento de relações entre Estado e entidades da sociedade civil tendo em vista a prestação de serviços que, em momento precedente, da esfera/natureza estatal pública, passando-se a “*permitir a transferência de responsabilidade do Estado para a sociedade civil e para o mercado*” (Sguissardi e Silva Jr., 2009, p.36 e 37).

Neste contexto, constata-se a alteração nas formas de relações estabelecidas pelas universidades e, até mesmo, nas universidades estatais públicas, as quais passam a realizar atividades que não eram pertinentes a elas anteriormente, como é o caso dos convênios com empresas privadas, bem como com outras organizações sociais.

Sguissardi e Silva Jr.(2009) apontam para a existência de uma mudança na própria identidade da instituição universitária estatal e, conseqüentemente, no conteúdo e forma do trabalho do professor universitário.

Ainda,

as parcerias público-privadas e os programas sociais estão diretamente relacionados ao Terceiro Setor do aparelho do Estado, isto é, aos “serviços não exclusivos do Estado ou competitivos”. Com a institucionalização deste núcleo, surge um novo modo de formulação de políticas e a universidade estatal pública passa a ocupar posição estratégica neste cenário. (Sguissardi e Silva Jr., 2009, p. 37).

Chauí (2003) argumenta que a localização da educação no setor de serviços não exclusivos do Estado implicou numa concepção de educação como um serviço e não como um direito e, ao invés de ser considerada enquanto serviço público, passou a ser entendida enquanto um serviço que pode ter caráter privado ou privatizado. Segundo ela, a Reforma do Estado redefiniu a universidade, a qual passou a ser uma organização social e não mais uma instituição social. Quanto à distinção entre organização e instituição afirma:

Uma organização difere de uma instituição por definir-se por uma prática social determinada de acordo com sua instrumentalidade: está referida ao conjunto de meios (administrativos) particulares para obtenção de um objetivo particular. Não está referida a ações articuladas às ideias de reconhecimento externo e interno, de legitimidade interna e externa, mas a operações definidas como estratégias balizadas pelas ideias de eficácia e de sucesso no emprego de determinados meios para alcançar o objetivo particular que a define. Por ser uma administração, é regida pelas ideias de gestão, planejamento, previsão, controle e êxito.

(...) A instituição social aspira à universalidade. A organização sabe que sua eficácia e seu sucesso dependem de sua particularidade. Isso significa que a instituição tem a sociedade como seu princípio e sua referência normativa e valorativa, enquanto a organização tem apenas a si mesma como referência, num processo de competição com outras que fixaram os mesmos objetivos particulares. (Chauí, 2003, p. 6)

Ao se reduzir a uma organização, a universidade passa a privilegiar outras ações ao invés de investir em formação e pesquisa, lançando-se, como observa a autora, na fragmentação competitiva. Isto ocorre pelo fato de encontrar-se invadida pela lógica privada e gerencial, de modo que suas pesquisas são determinadas, em grande parte, por exigências impostas pelos financiadores de suas pesquisas, ou seja, exigências associadas ao mercado.

A partir disto, é possível concluir que universidade elabora determinados conhecimentos tendo em vista a apropriação privada dos mesmos.

Poderíamos afirmar ou mesmo averiguar que se constata uma espécie de venda da instituição universitária à iniciativa privada e, de certo modo, observa-se que uma instituição gerida com fundo público serve, em larga escala, a interesses privados.

O que se observou, em vários dos discursos dos docentes entrevistados e, mais especificamente, na fala do que analisaremos a citação a seguir foram menções do tipo “*essa proibição da universidade participar mais intimamente da relação de tecnologia*” (Adolfo).

**Adolfo** - Na Alemanha, universidade e indústria é quase, é difícil enxergar a diferença, você tem que usar uma lente boa para saber, a universidade vive da tecnologia.

**Entrev.** - E você acha isso bom ou ruim?

**Adolfo** - Eu acho isso fundamental, eu não conheço nenhum lugar que funciona que não é assim Austrália faz isso. Inglaterra faz isso, E.U.A. faz isso, Alemanha faz isso, Suécia faz isso.

**Entrev.** - E o Brasil faz como?

**Adolfo** - Nós temos uma fundação que se relaciona com as indústrias, não a universidade.

**Entrev.** - Mas de certo modo está estabelecida alguma relação dos pesquisadores com alguns outros.

**Adolfo** - Não, não, aqui nós temos alguma coisa, não é nada que tem lá fora.

**Entrev.** - Professor. Você disse que prefere o tipo de relação empresa universidade que se dá no exterior.

**Adolfo** - Não, lá tem uma relação, aqui não aqui é proibido.

**Entrev.** - Mas você acha que qual é o mais correto na sua concepção?

**Adolfo** - Mas a resposta é simples, quem que chegou na lua? Quem fez GPS, quem faz geladeira?

**Entrev.** - Lá. Mas você acha assim, a universidade, (nome da universidade) por exemplo, é gerida com fundo público e quando ela se associa por exemplo à empresa ela está muitas vezes usando pesquisadores que são pagos com fundo público, mas que muitas vezes vão atender a interesses privados. Que embora muitas vezes o produto possa beneficiar a população até certo ponto ele vai trazer muito mais lucratividade para as empresas, para quem vai fabricar a geladeira, para quem vai fabricar os materiais. O que você acha disso?

**Adolfo** - Eu acho, para quem você prefere pagar *royalties*? Atualmente, você paga *royalties* para quem de geladeira? Quem faz geladeira no país? Me fala uma empresa no país que faça geladeira, me fala meia empresa que faça geladeira no país. (nome de uma empresa), quem mais? As outras, é muito gozado porque você não sabe quem é a empresa lá embaixo, mas não tem mais nada que o Brasil faça. Então, na verdade, você está pagando. Quinhentas vezes isso.

Nas falas de Adolfo, obviamente, em nenhum momento constatamos consonância à nossa afirmação anterior quanto à “venda” da universidade se considerarmos o ponto de vista do entrevistado, o qual concebe a relação empresa-universidade no Brasil como extremamente ineficiente, ou seja, sua consideração de que a aproximação empresa-universidade deveria ser mais intensa e extensa.

No discurso de Hugo podemos observar novamente o discurso da responsabilidade social associado a uma análise da ciência em si e da relação empresa e universidade, a qual é questionada por alguns professores, segundo fontes extras ao longo da pesquisa e segundo alguns dos próprios entrevistados. A referida relação não era vista, por muitos, como digna, há alguns anos atrás, talvez, há mais de uma década, aproximadamente, segundo alguns relatos, e questiono isso ao entrevistado.

**Hugo** - Essa visão ela é por causa disso porque o cara acha que você fazer trabalho para empresa você está desvirtuando a ciência.

**Entrev.** - Então, isso que eu queria saber. Existia esse tipo de visão?

**Hugo** - Eu nunca escutei, e nem quero escutar, porque eu acho que se um docente de uma universidade afirmar que ele tá na universidade porque ele é um cientista se não ele estava numa empresa fazendo tecnologia. É como se ele tivesse ali colocado uma diferença, entendeu? Uma coisa é capital, lucro, outra coisa é você ensinar fazer pesquisa, ser um deus. Não é isso. Acho que a importância do cientista da em justamente fornecer conhecimento, quer seja escrito publicado quer seja em forma de recurso humano pra que o meio produtivo, a economia do país absorva essa leitura e aprenda ou absorva o profissional pra desenvolver e torne a economia do país forte. Um país só vai ser forte independente economicamente e industrialmente de ele tiver uma universidade forte que fomenta. EUA! As empresas pagam as universidades para desenvolver tecnologia e formar gente capaz, então, quero dizer isso; o país tem que fazer uma ciência forte de base, formar gente competente e devolver para sociedade para ela não ter medo. Aí você pega milhares e centenas de empresas no Brasil, para não dizer América Latina e outros países também, são empresas familiares, que vieram de gerações e que não tinham tecnologia. As pessoas faziam na unha, no esforço, na criatividade, sem muita metodologia, então o que hoje se perdeu muito dinheiro, não tinha uma logística de trabalho, hoje você tem o curso de Engenharia de Produção, você põe o cara lá dentro para ele por uma logística, estabelecer prioridades, colocar foco de trabalho, disposição de máquina para dar rentabilidade, economia, não jogar fora, fazer bem e fazer com economia, então tudo isso, a universidade, ela tem que preparar, ela tem que colocar o profissional. Então é um absurdo se eu escuto uma coisa dessa. São indissociáveis. Não existe o cientista e o resto. É por opção, aquele que está na universidade e aquele que está no setor produtivo. Aquele que está na universidade tem uma obrigação a mais do que aquele do setor produtivo. O cara que está na empresa ele tem que dar lucro e empresa tem que dar lucro, e aquele que está na universidade ele tem que obrigatoriamente gerar conhecimento, aí vem essa parte que eu disse que é cobrada dele, mas ao mesmo tempo a responsabilidade dele é formar um cidadão para alimentar essa empresa.

O que tem ocorrido nesta relação, aliás, é que a própria concepção de ciência e do fazer científico sofre alterações em sua forma, execução, finalidade e identidade,

uma vez que o processo científico passa a ser direcionado por finalidades relativas à produção de capital financeiro, ou seja, a ideia de uma ciência, não neutra, pois esta não o é, mas que tenha em vista supostos benefícios a um maior número de indivíduos de uma sociedade, cai em descrédito.

Deste modo, observamos que a universidade se situa enquanto elemento estratégico na economia capitalista, tendo como sua principal arma e valor mediante tal contexto a produção de conhecimento. Situa-se, como analisaremos mais adiante, naquilo que Bourdieu (2004c) denomina de microcosmo relativamente autônomo, uma vez que, embora sofra condicionamentos externos advindos de demandas políticas, sociais e econômicas do contexto em que se insere, possui, ainda, autonomia relativa e, portanto, suas possibilidades e especificidades de ação, as quais são elementos essenciais à nossa análise.

A produção de conhecimento passa, prioritariamente, pelas “mãos” de uma categoria profissional da universidade: o professor-pesquisador. Cabe, portanto, voltar nossos mais atentos olhares às ações, reações e relações deste profissional na universidade estatal mercantilizada, tendo em vista compreender como este se situa, se constitui e/ou reconstitui enquanto profissional e subjetivamente a partir desta nova configuração da instituição universitária com suas novas formas de apropriação do conhecimento, a qual, segundo Tragtenberg (2009), desemboca na concepção capitalista do saber, de modo que este constitui-se em capital e envolve, nesta perspectiva, os hábitos/práticas universitários.

Deste modo, a universidade atua como fator relevante na reprodução do modo de produção capitalista dominante, tanto pela ideologia que transmite e enaltece, como “pelos servos que ela forma”, como aponta Tragtenberg (2009, p.3). E pensar em formação é pensar em construção de disposições, ou seja, de um *habitus*.

### **2.3 – Os reflexos da reforma no trabalho e na subjetivação do professor-pesquisador.**

Modificar a economia, um contexto econômico, considerando-se que este se relaciona a aspectos políticos, sociais e culturais, requer modificações que abrangem, além e partir de tais aspectos, o plano das subjetividades e da construção de formas de sociabilidade. Tudo isto implica, essencialmente, na construção de um novo

sujeito/cidadão que seja possuidor de disposições necessárias e convenientes ao novo sistema político-econômico-social.

No referido período histórico de reforma estatal, não ocorreu de modo distinto. Ou seja, a reconfiguração das práticas universitárias, assim como das práticas sociais e produtivas em geral, estimulou uma nova forma de subjetivação e de sociabilidade. Em um contexto social mais amplo, como apontam Sguissardi e Silva Jr. (2009), o trabalhador passa a agir como vendedor de um produto, o qual é simbolizado em suas habilidades e conhecimentos.

Deste modo, embora todo o processo que envolve a Reforma do Estado seja perpassado por complexidades e contradições, cabe analisar aqui, fundamentalmente, os reflexos deste processo na constituição de subjetividades e, mais especificamente, na constituição de um conjunto de disposições duradouras desenvolvidas em similaridade pelos professores-pesquisadores das universidades públicas brasileiras.

Obviamente, que o estudo a que nos propusemos é considerado de caso, porém consiste em uma análise de um conjunto de indivíduos que representam o que se poderia considerar como pesquisadores de um nível máximo de excelência acadêmica. Este estudo de caso se constitui em análise relevante e abrangente quando respaldado e situado mediante os demais estudos que têm se vinculado à temática.

Cabe, portanto, analisar a constituição de um *habitus* que abrange similaridades e que se refere aos professores-pesquisadores e, nesta perspectiva, é interessante que enfatizemos os resultantes não apenas considerando as dimensões política e econômica da reforma, mas, sobretudo, o aparato ideológico que a revestiu e influenciou abundantemente na formação dos indivíduos a partir de valores peculiares às novas ou reconfiguradas demandas sociais (políticas e econômicas).

O que se coloca como aspecto a ser considerado é o que Heloani (2003) aponta como a gestão da dimensão psicológica da dominação, a qual complementaríamos afirmando-a enquanto dimensão psicológica e simbólica da dominação, posto que o domínio se exerce a partir da inculcação de elementos simbólicos valorativos, os quais têm seus efeitos na organização e nas manifestações psíquicas dos indivíduos.

Essas formas de controle sutil sofisticam-se de tal maneira, que a dominação como meio de exercício de poder estará mais baseada na introjeção dessas normas ou regras das organizações do que numa repressão mais explícita. A empresa neocapitalista lidará basicamente com a *gestão dessa dimensão psicológica de dominação*. (Heloani, 2003, p. 102)

Na instituição universitária tal processo de reconfiguração, que é acentuado a partir do momento em que são efetuados convênios e parcerias com instituições privadas que, por sua vez, financiarão as pesquisas dos profissionais e que promoverão a complementação de sua renda. Entretanto, este financiamento não é desinteressado, constituindo-se, inclusive, mais em um investimento, considerando-se que são obtidos lucros muito significativos em um processo em que há uma mobilização de fundo público. Isto nem sempre é evidente, pois são valores embutidos no salário pago aos professores, aos funcionários envolvidos, na ocupação de espaços, etc., em favor de lucros privados. Estes valores vêm camuflados nas vestes de vastos números a serem investidos, mas que, na realidade, como investimentos que o são, constituem-se em custo ínfimo se comparados ao retorno financeiro em que resultam.

Este contexto é de crescente individualismo e competitividade, havendo a crescente competição por publicações e financiamentos (Sguissardi e Silva Jr., 2009).

É imprescindível ressaltar, entretanto, que, na nova forma de subjetivação do professor-pesquisador, assim como em outras possíveis, se faz necessário, ao processo de aderência/subordinação às novas normas e ideais pertinentes, algumas formas de fiscalização que assegurem e legitimem as novas práticas instauradas, dando corpo ao processo de socialização requerido, ou seja, a existência de uma série de práticas que que atuem na normalização do sistema instaurado.

As práticas de exame, seleção e categorização atuam na constituição do sujeito social e se estendem da educação escolar e familiar primárias até os processos educativos comuns na juventude, tais como ensino médio e ensino superior, e, posteriormente, às relações de trabalho, perpassando, ainda, toda a configuração social que envolve tais relações e processos. Tais práticas relacionam-se a um processo de normalização, que tem em vista a adequação dos indivíduos a um conjunto de valores, crenças e tendências sociais vigentes, no caso, à sociedade capitalista.

É relevante considerarmos, ao tratarmos sobre socialização, uma série de práticas que atuam sobre a constituição da subjetividade dos indivíduos e que, portanto, O exame é uma prática social, ou um instrumento social, como aponta Foucault (2008), que atua em um processo de seleção e de categorização dos sujeitos, agindo, neste sentido, como um instrumento que é simultaneamente de vigilância e sanção na sociedade contemporânea.

Na primeira etapa enunciada, o exame focaliza-se nos processos de avaliação/seleção escolar, os quais são reforçados e também estimulados em âmbito familiar.

Deste modo, o indivíduo é geralmente envolvido em um quadro normalizador, no qual são analisadas, reprovadas, estimuladas e sancionadas suas condutas a partir de padrões estabelecidos. São inculcadas noções de hierarquia e as suas aptidões e habilidades são classificadas, selecionadas e categorizadas. O processo social normalizador dos alunos visa criar corpos dóceis e úteis e se utiliza do anti-modelo do desviante como estratégia pretensamente legitimadora do poder disciplinar que atinge a todos.

Em um segundo momento, quando uma série de disposições básicas já foram internalizadas pelo indivíduo, o exame, seleção e categorização sociais agem no sentido de estimular a produção de novos valores que indicam o que é necessário ao adulto neste contexto social.

As práticas sociais, como o exame, agem no sentido de estimular a produção de valores e disposições que são tidos como necessários ao adulto neste contexto social. Este movimento se relaciona, por exemplo, ao desenvolvimento da concepção do que é “ser alguém” segundo as demandas do meio e dos signos e símbolos socialmente atribuídos ao sucesso pessoal e profissional.

Esta busca pelo “ser alguém”, por sua vez, se associa a um conjunto de modelos concebidos de consciência, valores, postura e credibilidade, os quais, no campo científico, se dirigem à normalização do pesquisador de sucesso, isto é, à sua suposta conformação a um ideal de performatividade que, como argumentamos, tenderia a ser sancionado por práticas de gestão, mensuração e avaliação do desempenho de professores e instituições.

Ainda, analisando o viés do sucesso no meio acadêmico, sugerimos a existência de finalidade específica nas práticas neste meio, as quais se direcionariam mais a uma busca por poder, prestígio e reconhecimento pessoal e profissional concomitantemente do que a aspectos relacionados à responsabilidade ou função social do cientista e da ciência. No que toca a tal ponto é conveniente refletirmos acerca do que afirma Tragtenberg (2009) quando discorre que

o intelectual acadêmico despe-se de qualquer responsabilidade social quanto ao seu papel profissional: a política das ‘panelas’ acadêmicas

de corredor universitário e a publicação a qualquer preço de um texto qualquer constituem-se no metro para medir o sucesso universitário. Nesse universo não cabe a simples pergunta: o conhecimento a quem e para que serve? Enquanto o encontro entre educadores sob o signo de Paulo Freire enfatiza a responsabilidade social do educador, da educação não confundida com inculcação, a maioria dos congressos acadêmicos universitários serve de ‘mercado humano’, onde entram em contato pessoas e cargos acadêmicos a serem preenchidos. Estes congressos parecem os encontros entre gerentes de hotel onde se trocam informações sobre inovações técnicas, revêem-se velhos amigos e se estabelecem contatos comerciais.(p.6)

É a partir destas observações que o autor desenvolve o conceito de delinquência acadêmica, a qual caracteriza-se por um processo em que estruturas de ensino convertem meios/técnicas em fins e, neste sentido, se renega os fins formativos e a criação e reprodução do conhecimento não superam o controle burocrático de sua produção. Associado a isto está o controle sobre o professor, o qual se dá mediante critérios visíveis e invisíveis de nomeação, e sobre o aluno a partir de critérios visíveis e invisíveis de exame.

O autor aponta, ainda, o administrar como sinônimo de vigiar e punir, parafraseando Foucault, e que as escolas seriam depósitos de alunos ou “cemitério de vivos”, usando-se das palavras de Lima Barreto.

No meio acadêmico, por exemplo, consideramos ser frequentemente examinados os aspectos relacionados à adequação e ao atendimento às demandas instituídas. Os indivíduos, ou ainda, o ser social professor, geralmente é colocado em um patamar de visibilidade que se refere, especialmente, à sua trajetória e desempenho acadêmico-profissional, sendo o Currículo *Lattes*<sup>2</sup> um dos instrumentos mais ilustrativos deste processo de legitimação de demandas e metas, geralmente heterônomas, que

---

<sup>2</sup> A carreira científica do Físico brasileiro, Cesare Mansueto Giulio Lattes, iniciou-se em meados dos anos 40, no então Departamento de Física da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, período em que publicou o trabalho científico sobre a abundância de núcleos no universo, o que ocorreu sob a orientação de Gleb Wataghin. Teve seu nome relacionado, desde então, a fecundos resultados científicos em nosso país e na América do Sul. Foi elemento fundamental à criação do Conselho Nacional de Pesquisas em 1951 (CNPq), o qual dera nova projeção à pesquisa científica e tecnológica no Brasil. Lattes foi membro da Academia Brasileira de Ciências, da União Internacional de Física Pura e Aplicada, do Conselho Latino-Americano de Raios Cósmicos, das Sociedades Brasileira, Americana, Alemã, Italiana e Japonesa de Física, entre outras associações, ocupando, por vezes, posições de conselheiro. O cientista era um crítico dos usos, muitas vezes, distorcidos, dos conhecimentos científicos no mundo moderno, manifestando-se com irreverência a respeito. Seu posicionamento difere, conforme observamos, do emprego que é feito de seu nome, o qual é investido em um dos instrumentos para avaliação, monitoramento e controle tanto dos pesquisadores como para julgamento de suas aptidões de modo instrumental e paradigmático.

caracterizam os processos de avaliação, seleção, categorização e hierarquização que atingem as instituições, os programas de pós-graduação, as distintas áreas do conhecimento e, notadamente, o coletivo dos professores e cada professor em particular.

Por meio do Currículo *Lattes* é possível trazer à tona as possíveis habilidades destes sujeitos, bem como toda sua trajetória de trabalho e estudo e, então, categorizá-los segundo suas áreas de atuação e pesquisa, sua experiência profissional, seu desempenho enquanto estudioso/pesquisador, os postos de influência ocupados em sua trajetória como, por exemplo, se leciona ou estuda em uma universidade reconhecida e bem avaliada e para um curso e/ou departamento com tais características, se tem publicações com pesquisadores influentes etc.

Segundo Sguissardi e Silva Jr. (2009), o Currículo *Lattes* acaba se constituindo em objeto dos professores para lidarem com a competitividade e individualismo, atuando como instrumento para monitoração dos professores uns sobre os outros. Ou seja, verificam-se publicações, parcerias e prestígio de cada docente. O individualismo manifestado faz com que os professores não tenham sentimento de coletivo, o que enfraquece o coletivo da própria instituição.

É possível afirmar que o Currículo *Lattes* passa a se constituir como parte simbólica da identidade do sujeito acadêmico, pois nele se entranham as qualificações deste sujeito e sua relevância no campo científico. Ele traduz em palavras o “ser” científico de cada indivíduo, assim como pode ser considerado, ao menos hipoteticamente, como elemento constitutivo de um determinado modelo do ser social professor-pesquisador que supomos ser reafirmador de toda uma carga simbólica que circunda o campo científico, a instrumentalização do conhecimento e o produtivismo acadêmico.

Entende-se por produtivismo acadêmico o

fenômeno em geral derivado dos processos oficiais ou não de regulação e controle, supostamente de avaliação, que se caracteriza pela excessiva valorização da quantidade da produção científico-acadêmica, tendendo a desconsiderar a sua qualidade. Este fenômeno – cultura ou ideologia – tem sua origem nos anos 1950 nos EUA. Tornou-se mundialmente conhecido pela expressão *public or perish*, significando que os professores/pesquisadores universitários que não publicassem de acordo com os parâmetros postos como ideais pelos órgãos financiadores, pela burocracia universitária ou pelo mercado, veriam sua carreira definhando e fenecer. (...) Ainda no caso brasileiro, o produtivismo acadêmico alimenta-se do e no processo de competição - inter-universidades, inter-programas de pós-graduação e entre docentes/pesquisadores – engendrado por agências financiadoras de

pós-graduação e pesquisa, seja pela Capes e seu *modelo de avaliação* (regulação e controle), seja pelos mecanismos e normas adotados pelo CNPq e outras agências para concessão de auxílios à pesquisa e de bolsas, que têm no *Currículo Lattes* seu principal instrumento indicador da produtividade (BIANCHETTI; MACHADO, 2009; e SGUISSARDI; SILVA JÚNIOR, 2009). O problema posto pelo produtivismo acadêmico, traduzindo a quantidade pura e simples de produções/publicações – em geral pouco lidas ou que não têm maior importância científica –, é que ele serve de parâmetro básico para os concursos de acesso à (e progressão na) carreira acadêmica, para a obtenção de bolsas de estudo e de auxílios à pesquisa, e até, em muitos casos, para o próprio acesso a cargos administrativos. (Sguissardi, 2010).

Constata-se que o produtivismo acadêmico se concretiza na produção de muitos artigos, livros, etc, mas também na relação direta com mercado. Como argumentam Sguissardi e Silva Jr. (2009), o “*produtivismo acadêmico* assume sua forma mais acabada e objetivada no *Currículo Lattes*” (p. 45), o qual é o demonstrativo documental legitimado pela Capes.

Segundo os autores, a ideologia do *produtivismo acadêmico* emerge do Estado, tendo mediação da Capes, do CNPq, além do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), da FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos), etc. Ainda, o produtivismo leva à heterogestão institucional, a qual passa a ser gerida de um lado pelo Estado e de outro pelo mercado com a mediação, predominantemente, do CNPQ, o qual é forte indutor de pesquisas aplicadas, e da Capes, a qual é Agência Reguladora da Pós-Graduação, consistindo em polo irradiador da reforma universitária.

Quanto às relações e práticas normalizadoras e, em especial, as de exame na universidade, é pertinente que nos voltemos por um instante à relação de saber que circunda aluno e professor. Para Tragtenberg (2009)

a relação de saber não institui a diferença entre aluno e professor; a separação entre aluno e professor opera-se através de uma relação de poder simbolizada pelo sistema de exames, ‘esse batismo burocrático do saber’. O exame é a parte visível da seleção; a invisível é a entrevista, que cumpre a mesma função de ‘exclusão’ que possui na empresa quanto ao futuro empregado; informalmente, docilmente, a entrevista ‘exclui’ o candidato. (p.3)

A partir da análise do autor e das considerações de Foucault, podemos observar a função/dimensão controladora e normalizadora das práticas de exame no meio

acadêmico, fato que fora muito bem ilustrado com o termo “batismo burocrático do saber”.

Realmente, boa parte das práticas de exame opera-se por meio da visibilidade, essencial para que se exerça a intimidação sobre os indivíduos, os quais percebem-se constantemente avaliados, comparados e valorizados ou não neste processo. Entretanto, o caráter sorrateiro de tais práticas é seu maior trunfo porque reside em uma espécie de poder de persuasão, de convencimento de que estes ideais mensurados e testados são a ponte ao sucesso, sinônimo de força, determinação, capacidade extraordinária.

Outro aspecto fundamental a considerar-se na avaliação instrumental no meio acadêmico é o papel do modelo de avaliação da Capes. Consolidado em 1996/1997, este modelo contribuiu para que houvesse uma mudança estrutural no trabalho do professor-pesquisador, que passou a sofrer intensificação, sendo estimulado o desenvolvimento de um ser produtivo e avaliado pelo mercado, além da própria Capes (Sguissardi e Silva Jr., 2009). Os autores apontam que

segundo o *novo modelo* de avaliação da Capes, o professor pesquisador que atua na pós-graduação precisa submeter-se a uma série de exigências, todas com repercussão na avaliação trienal dos respectivos programas. Entre outras, além do tempo de pesquisa e de orientação comprimidos, defronta-se com a “obrigação” de: a) produzir e publicar determinada média anual de “produtos” científicos em periódicos, classificados pela Agência, ou em editoras de renome; b) dar aulas na pós-graduação e na graduação; c) ter pesquisa financiada por agências de fomento que gozem de prestígio acadêmico; e d) prestar assessorias e consultorias científicas. É de grande importância, ainda, seja para as atividades de pesquisa e intercâmbio do professor pesquisador, seja para o “bom nome” do programa, que ele obtenha algum tipo de bolsa, em especial a de *produtividade* do CNPq e que profira amiúde palestras e conferências e participe de eventos nacionais e internacionais. (Sguissardi e Silva Jr., 2009, p. 43, grifos dos autores)

A Capes, segundo os autores, financia e induz/impõe a organização dos programas de pós-graduação, avaliando-os e criando um sistema de controle e regulação dos mesmos.

Em suma, as práticas de exame se estenderiam em diferentes configurações das relações de trabalho nas quais o ser social professor e a subjetividade se entrelaçariam e se constituiriam mútua e reciprocamente. Neste sentido, o indivíduo teria suas condutas e posturas avaliadas, sendo operada uma ação de vasculhar o indivíduo social a fim de se adquirir comprovações de suas aptidões socialmente valorizadas e almejavéis,

segundo o que é socialmente instituído enquanto identidade social, como aponta Bourdieu (1998).

Todavia, e isso se refere ao meio acadêmico, mas também é aplicável à sociedade capitalista em larga escala, deve se considerar que tal processo não é só de verificação, mas, sobretudo, para assegurar determinado nível de normalização e de controle; ele é tão eficaz principalmente por engendrar uma concepção, uma forma de verdade, a qual não é apenas almejada por todos, mas policiada e mensurada por todos. Devemos considerar, segundo nossos propósitos de estudo, que o ser reconhecido no meio acadêmico, assim como enquanto acadêmico/intelectual no meio social, implica um escaneamento e mensuração a partir dos critérios de normalização que envolvem o campo científico.

Assim, as práticas sociais implicam em um processo que pode envolver o reconhecimento ou não do indivíduo, o que se dá segundo ideais sociais de sucesso e pela instrumentalização que norteiam as relações na sociedade capitalista atual.

A partir das observações precedentes, parte-se da ideia da existência de uma perspectiva fundamental da utilidade e docilidade dos sujeitos, bem como da necessidade de sucesso e valorização ou projeção, mas segundo a necessidade de utilidade; utilidade que, no caso da *hard science*, por exemplo, é econômica, participe da valorização do capital, sendo tal perspectiva associada ao pragmatismo, fator que supomos ser influente nas práticas universitárias atualmente reconfiguradas e nas atividades humanas que formariam ou mesmo reatualizariam o *habitus*.

Neste contexto, o trabalho do professor, que pode ser descrito como imaterial e de caráter intelectual, converte-se em uma espécie de trabalho produtivo, ainda que sob uma série de mediações, e não diretamente, uma vez que passa a contribuir para o aumento do capital produtivo, gerando, neste sentido, um valor e lastro demandado pelo capital financeiro “fictício”.

O trabalho do professor reduziu-se à pesquisa aplicada, é imaterial e, e em grande medida, controlado pelo mercado e segue a sua lógica. O professor-pesquisador tem seu trabalho avaliado pelo mercado e tem a dinâmica temporal do mesmo submetido à dinâmica temporal do setor produtivo.

Constata-se que

esta nova lógica da universidade estatal pública, que se mercantiliza com base na institucionalização dos *serviços não exclusivos* do

Estado, acaba por produzir o professor dotado de uma “sociabilidade produtiva”. A “sociabilidade produtiva” é a nova forma de ser do professor pesquisador e do cidadão, que, com as formas atualizadas de exploração da mais valia relativa e absoluta, leva o professor pesquisador à exaustão por vontade própria. (Sguissardi e Silva Jr., 2009, p. 46 e 47, grifos dos autores)

Já Tragtenberg (2009) argumenta que

A universidade classista mantém-se através do poder exercido pela seleção dos estudantes e dos mecanismos de nomeação para os professores. Na universidade mandarinal do século passado, o professor cumpria a função do ‘cão de guarda’ do sistema: produtor e reprodutor da ideologia dominante, chefe de disciplina do estudantado. Cabia à sua função professoral, acima de tudo, inculcar as normas de passividade, subserviência e docilidade através da repressão pedagógica, formando a mão-de-obra que um sistema fundado na desigualdade social acreditava legitimar através da desigualdade de rendimento escolar, onde a escola ‘escolhia’ pedagogicamente os ‘escolhidos’ socialmente.

A transformação do professor ‘cão de guarda’ em ‘cão pastor’ acompanha a passagem da universidade pretensamente humanística e ‘mandarinesca’ em universidade tecnocrática, onde os critérios lucrativos da empresa privada funcionarão para a formação das fornadas de ‘colarinhos branco’ rumo as usinas, escritórios e dependências ministeriais. É o mito da assessoria, do posto público que mobiliza o diplomado universitário. (p.2)

No que toca à questão do produtivismo acadêmico, ideologia pautada pelo pragmatismo, utilidade e economicismo e na qual o trabalho imaterial do professor se torna, produtivo, porque passa a contribuir para aumento do capital produtivo (Sguissardi e Silva Jr, 2009). O sentir-se ou não pressionado, ou admitir-se ou não pressionado em meio a tal situação, que instalou-se nas instituições universitárias, mais especificamente após a Reforma de Estado brasileira em meados da década de 90, e na qual observa-se a mercantilização da educação superior e um processo de intensificação e mudança de qualidade do trabalho dos professores universitários, pode ter relação com aspectos subjetivos, familiares e de formação e socialização específicos a cada sujeito.

A análise deste aspecto é também relevante, uma vez que, ao naturalizar as situações enunciadas, o professor-pesquisador as concebe como comuns ao seu cotidiano e até como agradáveis, prazerosas em larga medida, considerando-as comumente, como inerentes a características de sua própria identidade.

É frequente nos depararmos com o discurso do “eu sempre fui assim”, e analisá-lo é imprescindível à compreensão de como estes profissionais desenvolvem uma série de disposições peculiares a tal campo – o científico, uma vez que consideramos que o

ser humano se constitui como ser social e, como tal, é possível averiguar que o “sempre” do referido discurso tem seus condicionantes sociais e não meramente biológicos, esporádicos e/ou fatuais.

### Capítulo 3 – Sobre trabalho, valor e reconhecimento

Neste capítulo serão discutidos aspectos que envolvem o reconhecimento e a atribuição de valores no meio social, tendo em vista a compreensão de concepções que circundam o meio social e que condicionam as ações dos indivíduos, bem como sua apreensão da realidade. Todavia, deveremos voltarmo-nos às peculiaridades das valorações e reconhecimento referentes à formação acadêmica e ao ofício do professor universitário.

Consideraremos, inicialmente, a seguinte afirmação de Tragtenberg (2009)

o mundo da realidade concreta é sempre muito generoso com o acadêmico, pois o título acadêmico torna-se o passaporte que permite o ingresso nos escalões superiores da sociedade: a grande empresa, o grupo militar e a burocracia estatal. O problema da responsabilidade social é escamoteado, a ideologia do acadêmico é não ter nenhuma ideologia: faz fé de apolítico, isto é, serve à política do poder. (p.6)

Ao analisarmos esta afirmação do autor nos deparamos com os três aspectos fundamentais a serem discutidos no presente capítulo: o trabalho do professor-pesquisador, o qual, por sua vez, possui determinado valor agregado, que, no caso deste profissional, é tão evidente a ponto de situá-lo em um nível social compreendido como superior e que, conseqüentemente, envolve o reconhecimento de sua atividade profissional como socialmente valiosa; este reconhecimento engendra determinado valor ao indivíduo, que passa a ser valorizado como portador de habilidades, aptidões e méritos específicos. Eis nossa trinca: trabalho do professor, o valor a ele agregado e o reconhecimento a ele associado.

Tais méritos são ponto de distinção do indivíduo no meio social e tais valores, por vezes, se assemelham a crenças de tal forma que adquirem patamar de verdade absoluta, concretizando-se, inclusive, enquanto necessidades. Estas necessidades, poderíamos bem dizer que são, na realidade, forjadas no meio social e se reafirmam nas relações estabelecidas, criadas e reproduzidas pelos seus agentes.

Forjadas ou não, o fato é que condicionam em larga escala as relações sociais e a constituição da subjetividade; atuam na configuração do *habitus* e das práticas que dele advêm e a partir dele se criam e reconfiguram continuamente. O *habitus* se reconfigura e seus efeitos, mais ou menos, se processam mediante esta reconfiguração.

Isso significa dizer que o espelho e reflexo das práticas que dele resultam se associam a este processo de reconfiguração, o qual ocorre nas diferentes instituições sociais em que os indivíduos se envolvem, obviamente, dependendo do nível em que se opera tal envolvimento. No campo científico esta reconfiguração tão complexa da subjetividade dos agentes ocorre similarmente segundo suas especificidades enquanto campo, ou seja, segundo o que é julgado como relevante ou não, valoroso ou não em seu interior.

Como veremos, em cada campo há a predominância de um tipo de capital específico, sendo o capital científico o peculiar ao campo científico, o qual é uma espécie específica de capital simbólico e funda-se sempre em atos de conhecimento e de reconhecimento. É nele, portanto, que reside o conteúdo objeto de valor neste campo. Todavia, este conteúdo não possui valor em si, mas valor mediante uma série de concepções de dado contexto, o que buscaremos compreender.

### **3.1 – Valor: uma compreensão acerca da relação social de escolhas e necessidades.**

O trabalho do professor-pesquisador pode vir a situá-lo em um patamar social diferenciado, constituindo uma elite intelectual. Embora não gerem lucros econômicos exorbitantes, se comparados aos de um empresário bem sucedido, por exemplo, possuem uma espécie de bem que socialmente possui um valor extremamente significativo. Este bem é de caráter simbólico e, portanto, imaterial; este bem são seus conhecimentos e cultura diferenciados agregados.

Este *status* da profissão não fora desencadeado pela Reforma do Estado, tendo sua origem muito anterior. Como exemplo à nossa explanação, podemos referenciar o prestígio que envolvia a Cátedra, ou seja, o atingir o pomposo posto de catedrático, o qual observamos possuir uma equivalência atual, *mutatis mutandis*, ao posto de professor titular. Em ambos os casos, observamos o mesmo desejo, que poderíamos reconhecer como sendo, imprescindivelmente, o de adquirir um patamar diferenciado no campo científico, convertendo-se em um indivíduo que merece um posto que denote seu capital simbólico e social, que mostre que este está no topo da hierarquia sob alguns aspectos, mas que, acima de qualquer coisa, se destaca como exemplo de legitimidade no referido campo.

Esta legitimidade é denunciada por Weber (2011) quando compara os ensinamentos das cátedras universitárias a profecias. Afirma que “*as profecias que*

*caem das cátedras universitárias não têm outro resultado senão o de dar lugar a seitas de fanáticos e nunca produzir comunidades verdadeiras.” (p. 57)*

Tentemos visualizar um pouco da interpretação de um professor sobre os professores priorizarem em sua produção a quantidade ou a qualidade.

**John** - A maioria sim, qualidade, as pessoas se preocupam, é seu nome que está saindo num artigo, então você tem que ter um certo cuidado com isso. Eu diria que felizmente a maioria se preocupa... está fazendo porque gosta, porque se diz muito que no meio acadêmico você tem mais liberdade de trabalho, tudo isso. Se você quisesse ganhar dinheiro você poderia ir para empresa, mas é outro ritmo, outra hierarquia, outro sistema de trabalho, mas você precisa decidir o que você gosta mais de fazer. Quem escolheu o meio acadêmico, com certeza, não escolheu ficar rico não, então, faz porque gosta.

**Entrev.** - Mas pobre também não, o salário não é tão ruim.

**John** - Pela média nacional, não, muita gente reclama com certeza, mas pelo salário normal por aí. É que tudo depende da referência que você tem. Se você pegar uma pessoa que vai para uma empresa, pelo menos na nossa área, eles rapidamente passam o salário do professor, com certeza, não tenha dúvida.

Afirma que uma minoria apenas prioriza a quantidade e a maioria a qualidade. Em seguida, menciona o fazer por gostar, o qual nos será motivo de questionamento, ou seja, o que seria ou em que implicaria este gostar? No momento, nos ateremos à sua declaração quanto ao fato do fator econômico não ser o primordial para o professor-pesquisador. O que nos interessa é o que reside por trás deste discurso do fazer por gosto, que nos interessa analisar associada à mencionada liberdade de trabalho. Seria ela suposta/forjada?

A legitimidade mínima de tal liberdade é contestável à medida em que observamos a existência de uma série de valores que norteiam as práticas no meio acadêmico; valores estes que, ao observarmos pesquisas como as de Bourdieu, Tragtenberg, Sguissardi e Silva Jr, por exemplo, dentre outros que se atém ao tema, constatamos que raramente distinguem pela subversão de ordem postas, pela crítica, pela transformação, mas, frequentemente, estão em consonância à manutenção de um *status quo*, ou seja, constituem-se em valores, como aponta Tragtenberg (2009), de submissão e conformismo ao dizer que

é através da nomeação, da ‘cooptação’ dos mais conformistas, nem sempre dos mais produtivos, que a burocracia universitária reproduz o canil de professores. Os valores de submissão e conformismo, a cada

instante exibidos pelos comportamentos dos professores, já constituem um sistema ideológico (p.4)

O autor completa afirmando que raramente a audácia caracterizou a profissão acadêmica, motivo pelo qual os filósofos da revolução francesa se autointitulavam de intelectuais e não de acadêmicos, uma vez que, neste período, a universidade agia de maneira bem hostil ao pensamento crítico avançado (Tragtenberg, 2009, p.4) .

É coerente, entretanto, que exponhamos uma breve definição do que para nossa análise corresponde a noção de *valor* e concordamos com Heller (2008, p.15), quando afirma que é “*tudo aquilo que faz parte do ser genérico do homem e contribui, direta ou mediatamente, para a explicação desse ser genérico*”.

Podemos afirmar que ao analisar valores se torna mais palpável a compreensão de determinado ser uma vez que estes denotam uma série de condicionamentos aos quais este pode ter sido submetido, atraído ou pelos quais pode ter sido envolvido ao longo de seu processo de socialização, ou seja, de concomitante constituição de seu *habitus*. Como a própria autora afirma, o valor não é independente da atividade dos seres humanos.

*O valor é, portanto, uma categoria ontológico-social; como tal, é algo objetivo; mas não tem objetividade natural (apenas pressupostos ou condições naturais) e sim objetividade social. É independente das avaliações dos indivíduos, mas não da atividade dos homens, pois é expressão e resultante de relações e situações sociais. (Heller, 2008, p. 15. Grifos da autora).*

Deste modo, o valor se associa, portanto, a contextos sociais específicos, posto que a objetividade social é variante segundo os mesmos, uma vez existem diferentes culturas, doutrinas políticas, filosóficas, religiosas, etc. que regem a vida dos indivíduos e suas atividades, as quais, por sua vez, também passam a ser fator influente em seu contexto enquanto firmador e reafirmador destes mesmos valores.

Os agentes constroem, desta forma, suas representações acerca de uma realidade, da qual também são produtores. É neste sentido que seu *habitus*, esquema de percepção e apreciação desta realidade, constitui-se, simultaneamente, em propiciador de produção de realidade, pois o indivíduo ao interpretar de determinada forma determinado conjunto de informações, coisas, pessoas, situações, atua sobre e em conjunto com as mesmas a partir de seus parâmetros interpretativos e, nesta perspectiva, ele produz realidade e, pode-se afirmar que, na maioria das vezes, tende a reproduzir os

“ensinamentos” aos quais foi submetido, transmitindo sua “visão de mundo”, seu legado humano e cultural, seu capital simbólico. Assim,

as representações dos agentes variam segundo sua posição (e os interesses que estão associados a ela) e segundo seu *habitus* como sistema de esquemas de percepção e apreciação, como estruturas cognitivas e avaliatórias que eles adquirem através da experiência durável de uma posição do mundo social. O *habitus* é ao mesmo tempo um sistema de esquemas de produção de práticas e um sistema de esquemas de percepção e apreciação das práticas. E, nos dois casos, suas operações exprimem a posição social em que foi construído. Em consequência, o *habitus* produz práticas e representações que estão disponíveis para a classificação, que são objetivamente diferenciadas; mas elas só são imediatamente percebidas enquanto tal por agentes que possuam o código, os esquemas classificatórios necessários para compreender-lhes o sentido social (BOURDIEU, 2004a).

Quanto à questão do gosto, ela pode ser relacionada à questão do valor; ou seja, se considerarmos as palavras de Bourdieu (2004a) ao afirmar que nada classifica mais uma pessoa do que suas classificações, evidencia-se por meio do *habitus* dos indivíduos as características de um mundo social e, portanto, dos juízos classificatórios que dele fazem parte. Em resumo, os indivíduos tendem a apreciar elementos que se apresentam, de alguma forma, explícita ou implicitamente, como valorativos no contexto em que vive.

Pode-se questionar em que medida são relevantes ou que espaço há para escolhas e necessidades, quando os próprios gostos dos indivíduos expressam características marcantes de seu processo de socialização e subjetivação. De fato, refletir em que medida as escolhas de um indivíduo são suas ou são permeadas, em sua maior parte, por ideais de caráter fortemente contextual é algo complexo. O que nos cabe na presente discussão é considerar que, embora estas escolhas e necessidades possam ser estimuladas, criadas e desenvolvidas contextualmente, elas normalmente se dirigirão a conteúdos objetivos. Quanto às escolhas e ao gosto Bourdieu (2004a) afirma que

o gosto (ou o *habitus*) enquanto sistema de esquemas de classificação está objetivamente referido, através dos condicionamentos sociais que o produziram, a uma condição social: os agentes se autotransformam, eles mesmos se expõem à classificação ao escolherem, em conformidade com seus gostos, diferentes atributos, roupas, alimentos, bebidas, esportes, amigos, que combinam entre si e combinam com eles, ou, mais exatamente, que convêm à sua posição. (p.159)

Constata-se que o esquema de valoração do meio acadêmico inicia-se desde o processo de titulação, sendo o título um propulsor de *status* diferenciado no meio social. Não obstante, há outros elementos que diferenciam os agentes do campo, como a longevidade de trajetória, o número de orientandos, o número de pesquisas já realizadas, o reconhecimento junto ao CNPq, terem ou não bolsa-produtividade, pertencimento ou não a editoriais de revistas, de forma que há sempre formas de hierarquização e de distinção entre os ditos “pares” do campo científico.

Ademais, em relação a outros âmbitos sociais, ainda há este tipo de valorização do ser social professor-universitário, o que pode estar relacionado ao fato do prestígio associado à formação acadêmica, talvez induzido pelo próprio sistema político nacional. Tal indução pode se dar pelo fato de se pregar a educação como salvadora da pátria, sendo ratificada pelo fato de que apenas uma pequena parcela da população brasileira atinge o nível máximo de formação que estes professores-pesquisadores possuem – o doutorado – cerca de 1,9 indivíduos em cada 1000 no Brasil apenas, enquanto em países como Estados Unidos este número chega a 8,4 e na Austrália, 5,9 (Machado, 2012), ou seja, números consideravelmente maiores que em nosso país, o que torna a formação a nível de doutorado um motivo de orgulho a muitas famílias e, como veremos, um caminhos aparentemente “natural” a outras.

Vejamos um destes casos na fala no entrevistado.

**Assis** - Ela é psicóloga (sua irmã), ela foi fazer Psicologia e depois fez Direito, então ela tem duas profissões. Agora em termos de seguir ao ponto máximo do estudo aí fui só eu porque eu fiz o mestrado doutorado e sou professor universitário, mas mesmo assim, nosso relacionamento é fantástico, do ponto de vista familiar com meus irmãos, inclusive, é interessante porque eles me respeitam muito, quer dizer, os meus dois irmãos mais velhos que foram técnicos depois de dedicaram ao comércio eles são pessoas muito ricas, e eu que segui carreira universitária, não sou pobre, classe média eu diria, vivo muito bem, mas para eles isso não importa, eles têm um respeito por mim porque eu sou um doutor incrível, meu pai também gosta.

**Entrev.** - Como você percebe esse respeito?

**Assis** - Porque eles moram em (nome da cidade), e quando eu estou lá todos querem me ver, me convidam para almoçar na casa, todos... se eu estou conversando com alguém dizem “esse aqui é o Assis, professor na (nome da universidade em que trabalha). Eles têm orgulho.

**Entrev.-** Um certo prestígio você tem?

**Assis** – É, um certo prestígio eu diria, embora quem tem mais *status* econômico são os outros dois, mas eles me respeitam pelo conhecimento que eu tenho, então é muito interessante. Mas tudo isso eu diria que foi sempre um grande incentivo da minha mãe, inclusive

ela me incentivava para determinadas áreas, de arte e de esporte que até hoje eu tenho essas coisas por incentivo da minha mãe.

O entrevistado menciona seguidas vezes, não apenas neste trecho, mas ao longo de toda a entrevista, o estímulo que sua mãe, a qual não teve oportunidade de prosseguir nos estudos, estudando apenas até o segundo ano do ginásio da época (equivalente atualmente ao 2º ano do Ensino Médio) e sendo colocada para trabalhar pela própria mãe na mesma profissão em que a mesma atuara na época – operária. Afirmando que sua mãe sempre expressou vontade de ter prosseguido em seus estudos e, não sendo possível, investiu tudo o que fora possível na formação dos filhos; sua mãe apreciava, inclusive, o tocar de uma pianista que ela costumava ouvir ao caminhar a caminho de casa e fez questão de que sua filha fizesse aulas de piano.

Tal situação vem a corroborar com muitos dos aspectos das teorizações desenvolvidas por Bourdieu, ao notarmos que, embora esta mulher não fosse de classe economicamente abastada, de algum modo ela teve acesso a bens culturais de forma a aprender a apreciá-los, tê-los como valiosos e transmitiu, em maior ou menor grau, tais valores e o capital cultural, de alguma forma incorporado, aos seus filhos.

Se analisarmos grosseiramente, poderíamos afirmar que ela, em certa medida, compreendeu, talvez involuntariamente, as regras sociais do jogo do sucesso, pois todos os seus filhos conseguiram ser bem sucedidos quanto ao que se concebe em termos do ideal que ainda predomina de *status* financeiro e familiar na sociedade brasileira. As disposições destes indivíduos, seu *habitus*, foi construído a partir desta influência e, não por acaso, o entrevistado narra o fato de que ele chaga em sua cidade natal e é recebido com muita pompa por ter o título de doutor, ou seja, a pompa existe porque naquele meio esta posição social é algo que sugere extremo valor.

Deste modo, observamos que há um grau considerável de veracidade quando Bourdieu (2004a) aponta que o diploma escolar é portador de um valor formal, convencional e juridicamente garantido, em similaridade à moeda, o que o livra de limitações locais e temporais, bem como de contínuos testes. Por meio do diploma escolar, o qual, segundo o autor, é para o capital cultural, o que a moeda é para capital econômico, é possível que se instaure e unifique um mercado em que as capacidades culturais são convertidas em bens mensuráveis, padronizáveis e julgados à medida de seus gastos em medidas de tempo e dispêndio de energia se necessário.

Entretanto, ponderar sobre o valor do diploma, ou seja, da titulação acadêmica, se faz necessário pelo fato de que esta só possui relevância em dado quadro e estado de coisas. Por exemplo, se você apresentar um doutor mundialmente reconhecido por suas pesquisas em prol das nações indígenas a uma tribo indígena que não tenha contato algum com a sociedade na qual são veiculadas as informações deste caráter, mesmo estas pesquisas que tal doutor desenvolve podendo ser de suposta relevância aos mesmos, os indivíduos da tribo não o tratarão de modo diferenciado segundo sua formação, uma vez que esta não lhes possui significado objetivo ou simbólico nas relações.

Ao contrário, se o mesmo indivíduo for levado a um congresso sobre ciências sociais, ou apresentado a um grupo de estudantes do curso, ele será imediatamente reconhecido como membro influente no campo científico e seu discurso será reconhecido de modo diferenciado, ou seja, como um discurso de autoridade, um discurso em que reside determinada legitimidade.

O que muda de uma situação para outra? Simplesmente o contexto, o qual vem amparado de uma série de relações que são constantemente reafirmadas por instâncias e instituições sociais. Observe que assim como

o poder econômico não reside na riqueza, mas na relação entre a riqueza e um campo de relações econômicas, cuja constituição é inseparável do desenvolvimento de um *corpo de agentes* especializados, dotados de interesses específicos; é nesta relação que a riqueza se encontra constituída, como capital – isto é, enquanto instrumento de apropriação de um equipamento institucional e de mecanismos indispensáveis ao funcionamento deste campo e, ao mesmo tempo, dos lucros que ele prodigaliza. (Bourdieu, 2008a, p.194. Grifos do autor)

e

da mesma forma que a riqueza econômica só pode funcionar como capital na relação com um aparelho econômico, assim também a competência cultural, sob todas as suas formas, só se constitui enquanto capital cultural nas relações objetivas que se estabelecem entre o sistema econômico de produção e o sistema de produção de produtores (constituído, por sua vez, pela relação entre o sistema escolar e a família). (Bourdieu, 2008a, p. 197)

Devemos considerar, portanto, que o valor não reside meramente no diploma, no título, mas também nas instituições, as quais são dotadas de um grande poder de

influência e são encarregadas de reger a dinâmica da vida social, normalmente, mantendo determinado conjunto de relações que vêm a servir ao grupo que se encontra sob as vestes do poder político e econômico de dada população.

Ainda ao tratarmos sobre a questão do valor, Heller (2008, p.112) afirma que *“quem escolhe um valor e aspira à sua realização (e as duas coisas são inseparáveis) escolhe também, no mais amplo sentido da palavra, uma comunidade.”* Esta afirmação da autora explica em grande medida a fala que segue do entrevistado Lucas.

**Entrev.-** Para você qual é o nível que o reconhecimento ou *status* ou prestígio teria para você, na sua carreira, na carreira que você está escolhendo?

**Lucas -** Você fala reconhecimento...

**Entrev. -** Reconhecimento profissional e reconhecimento social. Você ser visto como professor de uma universidade, na sua área com um grande pesquisador. Qual que é a relevância disso para o seu dia a dia? É algo que você quer, é um objetivo grande seu, é o que você quer mesmo, algo que você busca, cada passo seu é em função disso?

**Lucas-** Não. Eu acho... Isso é uma coisa até ruim você ter desejo por prestígio... assim... demasiado. Não acho legal, porque muitas vezes você atropela outras coisas importantes por isso. Mas eu, o que eu penso e estou correndo atrás, por exemplo, corro atrás de publicar bastante, trabalhar bastante para ter uma vaga no futuro, disputar de maneira competitiva uma vaga de professor e depois estando lá, para desempenhar um bom trabalho como professor. A minha realização profissional vai ser em ser professor de uma universidade pública conceituada. Então para eu estar realizado profissionalmente eu tenho que desempenhar bem esse trabalho.

**Entrev. -** Professor de uma universidade pública conceituada. Por que sua realização seria essa?

**Lucas -** Porque eu acho que eu vi nessa profissão, nessa carreira algo que eu me encontrei, que eu acho que seria minha vocação.

**Entrev. -** Poderia ser professor de universidade particular.

**Lucas -** Então, eu já fui ano passado. E eu vi que o ritmo e os objetivos não são os mesmos que aqui.

**Entrev. -** Onde?

**Lucas -** Em (nome da cidade) chama (nome da universidade particular). Aí, eu comecei lá, dei um ano lá depois vim para cá. Não se tem muito foco em pesquisa e nem a relação do professor com a universidade, é uma relação bastante distante diferente daqui. Aqui é uma relação bem próxima. Você está envolvido com questões todas da universidade. Não só vai lá dar sua aula e vai embora. E tem a questão da pesquisa que eu acho que são raras as vezes que tem.

Evidenciam-se na fala de Lucas aspectos como: a escolha de uma comunidade, ou seja, da comunidade acadêmica de uma universidade pública de renome, a atribuição visível do valor à instituição pública, o qual ele busca justificar de algumas formas, mas sempre desemboca na questão de que a universidade particular não enfatiza pesquisa, o

que podemos associar ao fato de ser a pesquisa, conforme observado ao longo das entrevistas, bem como em outras pesquisas o “primo rico” na universidade pública na atualidade, constituindo-se em foco das atividades de boa parte dos professores-pesquisadores até pelo incentivo das agências de fomento e do próprio governo, o que não ocorre em relação ao ensino.

Observemos que esta comunidade, escolhida por Lucas, nomeada aqui de campo científico, é permeada por valores e Heller (2008, p.96) a descreve como “*uma unidade estruturada, organizada, de grupos, disposta de uma hierarquia homogênea de valores e à qual o indivíduo pertence necessariamente*”. E, considerando a existência desta hierarquia de valores, considere-se que os indivíduos que desta comunidade fazem parte a ela estão submetidos, ou com eles passam a compactuar para fazer parte da mesma ou por, de alguma forma, perceberem-se identificados com tais valores devido às características de seu processo de socialização primária.

Outro ponto interessante neste trecho, é que o entrevistado, em outros momentos da entrevista se posiciona de modo crítico quanto à postura de alguns professores que desejam publicar em excesso. Porém relata de modo bem direto que “corre atrás de publicar bastante” o que demonstra que, em seu início de carreira (25 anos de idade e cursando doutorado, atuando como professor substituto no departamento), ele visualiza de alguma forma algumas condutas que o incomodam, as quais ele reproduz até certo ponto talvez por fazerem parte de uma série de práticas compreendidas como necessárias à inserção de sucesso no meio, ou seja, para que ele se projete no campo.

Seria coerente afirmar que Lucas utiliza uma *estratégia de sucessão*. E, deste modo,

é o campo que designa a cada agente suas estratégias, ainda que se trate da que consiste em derrubar a ordem científica estabelecida. Segundo a posição que eles ocupam na estrutura do campo (e, sem dúvida, também segundo as variáveis secundárias tais como a trajetória social, que comanda a avaliação das oportunidades), os “novatos” podem orientar-se para as colocações seguras das estratégias de sucessão, próprias para lhes assegurar, ao término de uma carreira previsível, os lucros prometidos aos que realizam o ideal oficial da excelência científica pelo preço de inovações circunscritas aos limites autorizados; ou para as estratégias de subversão, investimentos infinitamente mais custosos e arriscados que só podem assegurar os lucros prometidos aos detentores do monopólio da legitimidade científica em troca de uma redefinição completa dos princípios de legitimação da dominação. Os novatos que recusam as carreiras traçadas só poderão “vencer os dominantes em seu próprio jogo” se empenharem um suplemento de investimentos propriamente

científicos sem poder esperar lucros importantes, pelo menos a curto prazo, posto que eles têm contra si toda a lógica do sistema. (Bourdieu, 1983 a, 138)

Além de Lucas, foi entrevistado Sam (27 anos), que atua como docente em um curso de especialização oferecido pelo departamento em questão, é orientando do entrevistado a quem se atribuiu nome fictício de Harry no presente estudo e lecionou por dois anos como professor substituto no departamento. Sam também menciona a satisfação pessoal e suas falas são bem taxativas quanto ao valor que atribui à progressão em sua carreira, ou seja, que atribui, portanto, à ocupação de algumas posições no campo científico, ele afirma querer chegar o mais longe possível, o que seria o topo para ele.

**Sam** - Como eu disse no começo no meu caso aquela coisa de traçar metas, que eu quero ser professor titular um dia, independente se o professor titular ganhar o dobro do que um professor adjunto ganha, sabe. É lógico, dinheiro é legal, traz conforto, não extremista nesse sentido, mas eu penso mais na questão da progressão. Chegar o mais longe que eu posso chegar, mais ou menos assim e lógico o dinheiro é importante, mas pontualmente eu não penso nisso. O salário de adjunto é bom para caramba. Se eu ganhasse o salário de adjunto por anos e anos, talvez para o resto da vida, eu acho que seria mais que o suficiente para mim, mas eu quero ser professor titular por uma questão de plano de vida, quero chegar...(faz um gesto com as mãos para o alto como se referenciasse o topo). E aí não é uma questão de hierarquia, é uma questão de novo, antes de mais nada, de satisfação pessoal. Pô, eu vou ser feliz, e aí, aquela coisa, lógico ter reconhecimento, mas é uma questão, sei lá, é o que eu quero para mim e menos o dinheiro, mas é uma variável bem grande de ser ponderada. (...)

**Entrev.** - E de você no caso e também você pode falar do seu amigo como você falou que está agora como professor substituto, vocês se sentiam meio que se esforçando para se adequar a um modelo do local que você está chegando. Tipo ah, eu tenho que ser um professor assim, assim, assado ou assim, não sou mais aluno, sou professor, mas também a questão estou num departamento que tem professores de renome que é o caso aqui da Engenharia e pós-graduação nota 7, nota máxima pela Capes que é concebido em termos de avaliação, num curso top, você sentia ou percebia também nos seus colegas a questão de tentar se adequar a esse modelo que tem um tipo de professor ideal, um tipo de professor de sucesso como você estava falando?

**Sam** - Olha, na verdade, a oportunidade de trabalhar num departamento como esse aqui, na verdade, eu fiquei deslumbrado com isso, nossa, pô eu fazia (nome do curso) e como eu trabalhava na área de (área em que trabalhava) de qualquer maneira, a gente sabia que tinha o (nome do departamento em que está atualmente) aqui como referência, lá na (nome da universidade em que estudava) se falava (nome do curso e da universidade atual com certa pompa). Tinha, pô, o Olimpo, nem tanto, menos, mais, pô, oportunidade de

trabalhar nesse meio demais, mas não sei se eu sentia essa pressão digamos assim, é aquela coisa... Você querer, você se esforçar para ser parecido. Não, não fazia nem sentido, aquela coisa, todo dia acordava com aquela coisa na cabeça, hoje vou dar uma aula melhor possível, é isso que eu tenho todo dia, hoje eu vou fazer o melhor possível, o que der pra fazer de melhor, sempre penso assim, vou dar o máximo de mim mesmo e a coisa acontece meio naturalmente e a questão do padrão é como eu falei, eu me via diferente, me via inserido nos caras tomando café, batendo papo, trocando ideia muitas vezes de igual para igual, mas eu sabia que eu não era nem doutor.

Na fala de Sam, outro aspecto muito relevante a ser destacado é a comparação breve que faz do seu departamento com o Olimpo, o que implicaria em analogicamente dizer que ali estariam alguns dos Deuses da ciência na atualidade. O interessante é que ao tratarmos sobre reconhecimento, tratamos sobre valor, mas um valor, conforme estamos observando, que não é objetivo, não é material, mas simbólico e desenvolvido mediante relações e atividades humanas e que só possuem sentido no interior de contextos específicos, um valor, portanto, imaterial e que adentra em certa medida ao patamar de crença, logicamente, com suas peculiaridades enquanto crença socialmente construída, porém que não deixa de requerer determinado investimento concordância, legitimação, de fé social/institucional.

Endeusar significa um ponto extremo do que podemos denominar de valor ou situar no espectro do que seria o reconhecer enquanto de valor, pois seria algo com poder e relevância para além do que seria considerado, inclusive, passível de ação humana e, embora o entrevistado aplique uma autocorreção ao mencionar o Olimpo, ele o menciona, e ao mencioná-lo, dimensiona o nível de relevância que aquele grupo de profissionais tem no campo científico e, sobretudo, para ele, o que evidencia-se nas frases finais da referida citação, em que Sam se mostra deslumbrado por estar participando de alguns momentos da vida destes profissionais renomados.

Assim, este sucesso se torna um ideal de vida em que os pesares da carga excessiva de trabalho passam a não serem mais contabilizados pelo professor-pesquisador, o qual, como observamos inicialmente, pode apresentar-se extremamente motivado, instigado e, mesmo, deslumbrado e, portanto, mais disposto a aceitar uma série de exigências externas que nem sempre lhes são favoráveis, especialmente, a longo prazo, assumindo caráter perturbador de modo a prejudica-lo em sua vida pessoal e relações que estabelece extratrabalho.

Vejamos o caso de Luigi, o qual é professor recém-contratado pela universidade, quando questionado sobre um possível esforço de adequação dos professores recém-chegados à universidade.

**Entrev.** - Você falou: ah a gente procura se adequar. Existe um esforço real de adequação? Não só em termos de trabalho, mas no geral, de postura ao geral que você observou no departamento, ao sistema todo, existe um esforço para se adequar?

**Luigi** - Adequar o que?

**Entrev.-** Ao sistema todo de trabalho, de postura, no seu ingresso você sentiu isso, você percebe isso nos meninos que estão entrando?

**Luigi** - Não existe uma estrutura para isso daí. Existem os professores mais antigos aprenderam que existe uma estrutura administrativa, uma estrutura hierárquica, um *modus operandi* e tudo o mais. E a gente acaba aprendendo com o tempo perguntando consultando, mas não existe um livro que diga o que deveria ser feito.

**Entrev.** - Sim, mas o que seria esse *modus operandi*?

**Luigi** - É como a universidade funciona. Por exemplo, eu vou num congresso agora eu tenho que pedir uma licença formalizada para eu sair da universidade por uns dias, eu tenho que formular um projeto para isso daqui que vai sair na forma de um processo para o diário oficial. Você não chega aqui no primeiro dia e as pessoas dizem. Mas você acaba vendo como deve ser feito. Como solicitar uma bolsa de iniciação, como inscrever uma disciplina nova, como modificar uma disciplina antiga.

**Entrev.** - Esses são aspectos legais, mas você acha que é só em relação a isso que existe adequação?

**Luigi** - Isso é o que a gente procura, não existe uma cartilha que mostra, agora em termos de espaço a gente acaba procurando a gente entra na casa de um estranho bate na porta do quarto do estranho diz “oi, tudo bem, você quer conversar comigo, posso falar contigo, posso fazer uma proposta?” As pessoas não vem até a sala recebê-lo, isso não ocorre nas universidades públicas.

**Entrev.** - Porque você acha?

**Luigi** - Porque não existe essa cultura e as pessoas são muito atarefadas.

Observemos que Luigi admite a existência de um *modus operandi*, o qual ele parece tentar restringir a aspectos meramente burocráticos, pontuando, ao final de sua fala, de modo a aparentar concordar em certa medida, que os professores recém-contratados é que devem procurar se adequar, pois eles estariam “chegando na casa dos outros”.

De fato há um *modus operandi* da universidade, que não se resume a práticas isoladas e desinteressadas, lançadas a esmo, mas regidas por um conjunto de concepções consideradas como pertinentes em algum momento quando da origem de

o campo e que se sustenta na ação e reprodução de seus agentes, se sustenta em um processo de expansão do *habitus* peculiar àquele campo.

Deste modo, escolher e necessitar estão relacionados a um processo que envolve valores, os quais, por sua vez, condicionam, em larga escala, o *modus operandi* que rege cada contexto com suas especificidades. Assim,

as escolhas entre alternativas, juízos, atos, têm um conteúdo axiológico objetivo. *Mas os homens jamais escolhem valores*, assim como jamais escolhem o bem ou a felicidade. Escolhem sempre ideias *concretas*, finalidades *concretas*, alternativas *concretas*. Seus atos concretos de escolha estão naturalmente relacionados com sua atitude valorativa geral, assim como seus juízos estão ligados à sua imagem do mundo. E reciprocamente: sua atitude valorativa se fortalece no decorrer dos concretos atos de escolha. A heterogeneidade da realidade pode dificultar extraordinariamente, em alguns casos, a decisão acerca de qual é a escolha que, entre as alternativas dadas, dispõe de maior conteúdo valioso; e essa decisão – na medida em que é necessária – nem sempre se pode tomar independentemente da concreta pessoa que a pratica. (Heller, 2008, p. 26. Grifos da autora)

Deste modo, em suas atitudes os indivíduos, conscientemente ou não, expressam ação valorativa e, inclusive, o ato desejante, uma vez que, ao se atribuir valor, a escolha é passível de ser direcionada ao objeto de valor e, no caso de nosso estudo, o valor estaria diretamente relacionado às posições de sucesso, destaque e alto reconhecimento no campo científico.

No decorrer das entrevistas, contudo, existiu, em alguns casos, a negativa em relação ao desejo ou busca por reconhecimento pelo seu trabalho ou por *status*, o que é perfeitamente compreensível, pois, para alguns indivíduos uma afirmação deste calibre poderia soar como uma confissão demasiado humana no sentido em que lhes colocaria declaradamente na posição de alguém que tem a necessidade de aprovação do outro para afirmar-se enquanto indivíduo, o que poderia transparecer enquanto sinal de insegurança ou similar. Demonstrar insegurança é algo reprovável no meio social capitalista em que a competitividade reserva aos mais fortes os melhores postos.

A afirmação do desejo por reconhecimento poderia soar, ainda, como algo egoísta, se levarmos em conta a dimensão da ciência voltada à “responsabilidade social”, o que denota um eufemismo ao tratar-se de práticas que visam acúmulo de capital e lucros individuais e não necessariamente bem-estar coletivo.

De qualquer modo, é perceptível o tom de insegurança nas negativas que seguem.

**Edite** - Não sinto essa necessidade, assim, de reconhecimento. Talvez, inconscientemente, mas assim da boca para fora, claramente, não.

Observe-se que, no caso deste entrevistado (Luigi), a pergunta não é exatamente se ele buscaria ou não reconhecimento ou prestígio. Ela tem caráter indireto. Entretanto, ele a responde de modo direto.

**Entrev.** - Você sente, por exemplo, que tem um certo prestígio, em ser professor, certo *status*, nos meios em que você frequenta. Existe um certo reconhecimento da sua função? Do seu trabalho?

**Luigi** - Na verdade, eu não trabalho para buscar reconhecimento. Verdadeiramente. Não trabalho para buscar reconhecimento. Então, eu não me preocupo em como as pessoas me veem, em como me vê o meu primo que é médico, o outro advogado, eu não tenho essa preocupação, a não ser que no meio social eu não discuto muito a minha profissão, a não ser que alguma pessoa, não eu quero fazer uma graduação. O que você acha disso, uma pós. Ou alguém de uma empresa comente um fato assim, mas eu não converso socialmente sobre o meu trabalho.

Este “não buscar reconhecimento” parece ser tão naturalizado quanto o conceber como natural estudar demais ou o cursar uma universidade de prestígio, quando o que se observa é que

a objetivação operada pelo diploma e, mais geralmente, por todas as formas de poderes (*credentials*), no sentido de “prova escrita de qualificação que confere crédito ou autoridade”, é inseparável daquela que garante o direito de definir posições permanentes independentes dos indivíduos biológicos reivindicados por elas e suscetíveis de serem ocupadas por agentes biologicamente diferentes, embora intercambiáveis, em relação aos diplomas que deverão possuir. Desde então, as relações de poder e dependência deixam de se estabelecer diretamente entre pessoas, mas instauram-se, na própria objetividade, entre instituições, isto é, entre diplomas e cargos – garantidos e definidos, respectivamente, do ponto de vista social; e, através deles, entre os mecanismos sociais que produzem e garantem o valor social dos diplomas e cargos, por um lado, e, por outro, a distribuição desses atributos sociais entre os indivíduos biológicos. (Bourdieu, 2008a, p.199)

Como podemos perceber, analisar reconhecimento consiste em um analisar, na realidade, dinâmicas, ou seja, requer analisar um processo de relações de poder que envolvem o saber: hierarquias de saber e práticas de exame; processos e dinâmicas sociais de legitimação de competências e discursos (FOUCAULT, 2009); o poder

simbólico embutido no diploma (BOURDIEU, 1992; 2007); o valor social de diplomas e cargos, ou estes enquanto atributos sociais (BOURDIEU, 2008a); as relações de força simbólicas no campo científico (BOURDIEU, 2004c); requer, ainda, analisar a interação dos indivíduos em um campo social específico e todo um conjunto de práticas e processos simbólicos que permeiam suas relações e, portanto, os modos de ser e conceber dos sujeitos envolvidos, bem como a existência de possíveis modelos e padrões predominantemente seguidos e/ou enaltecidos; requer analisar história, sujeito e sociedade, o que significa afirmar que não há conclusões imutáveis, intransponíveis, tampouco, verdades absolutas. Continuemos nosso breve momento de verdade.

### **3.2 - Em busca de vestígios no *habitus* primário: os significados da escolarização e formação acadêmica.**

Bourdieu (2009) aponta a existência de todo um aparato ou mesmo de jogos simbólicos que envolvem os agentes de uma sociedade e referem-se ao desejo destes por ascensão, destaque, reconhecimento.

O autor considera que as relações desenvolvidas entre classes sociais não devam ser compreendidas apenas a partir da ideia de determinação das estruturas, uma vez que os agentes têm ação influente no meio social e visam legitimar suas posições nos diferentes campos: o *campo científico* é um deles.

É, todavia, imprescindível destacar que Bourdieu (2009) não cai em um subjetivismo e reconhece que os agentes são influenciados por um contexto mais amplo, atuando, ainda, sobre ele. Seu *habitus* seria um misto de relação entre condicionantes sociais, culturais, familiares, etc. e a relação destes com sua subjetividade em constantes processos de influência e em movimentos de reestruturação, ocorrendo o que o autor aponta como *reatualização* do *habitus* (conjunto de disposições duradouras dos indivíduos, todavia mutáveis); estas disposições fazem com que os indivíduos venham a agir de determinadas maneiras e a buscar ou almejar determinados objetivos, que venham a ter determinados gostos, conforme discutimos anteriormente.

O *habitus* se constitui, ainda, em meio a uma distribuição desigual dos bens materiais e simbólicos e, deste modo, são justificadas no meio social as posições de classe. Poderíamos afirmar que o *habitus* se desenvolve, frequentemente, de modo a legitimar dado *status quo*, legitimando as posições dos agentes sociais nos campos, sendo corriqueiramente naturalizado. Neste sentido, vejamos as declarações de Edite,

para a qual a universidade parecia um *caminho natural*, o que fica bem evidente por todo seu relato e história de vida.

**Edite** - Olha, eu sempre achei que, para mim, cursar uma universidade era o caminho natural. Se eu não cursasse universidade seria algo estranho, meu pai esperava que todo mundo cursasse universidade. Minha mãe é do lar como eu falei, mas ela mesma é formada em Filosofia. Meu bisavô já era professor universitário, meu bisavô foi o terceiro reitor da (nome de universidade de renome), professor (nome do avô), então, na verdade, não que eu pretendesse seguir carreira acadêmica, eu não tinha essa noção direito, mas, por exemplo, fazer um curso superior era absolutamente obrigatório. Todos meus irmãos fizeram.

**Entrev.** - Mas era obrigatório em termos assim, era uma exigência, era uma pressão?

**Edite** - Não, não era uma exigência, era natural, não era visto como uma pressão, mas era uma coisa natural, tanto que eu e meus irmãos, era natural nós entrarmos na universidade.

**Entrev.** - Quantos irmãos?

**Edite** - Três. Dois velhos e um mais jovem. Graduados em Engenharia, todos.

**Entrev.** - Todos viraram professores?

**Edite** - Não, não, só eu, mas todos em Ciências Exatas, por exemplo, mas não, só eu. Um é Engenheiro Civil, outro é Engenheiro de Produção, outro é Engenheiro Eletro-técnico, então um trabalha na (nome de uma grande empresa), o mais velho ele não trabalha como Engenheiro, ele desenvolveu comércio.

**Entrev.** - E eles fizeram pós também como você?

**Edite** - Não. Um deles fez uma pós graduação também na França, um pequeno mestrado chamava DSS, um curso de um ano ou dois de especialização mas não seguiu carreira acadêmica.

**Entrev.** - Então, pelo que eu estou entendendo, você teve acesso a bens culturais, teve a oportunidade de morar na (país da Europa) quando pequena...

**Edite** - Sem dúvida, sem dúvida me sinto privilegiada nesse sentido, sem dúvida.

**Entrev.-** E era uma questão só da sua casa ou você falou, vem desde os seus avós, então na sua família é comum isso, todos terem uma formação.

**Edite** - Sim, minha tia, irmã do meu pai... Todos meus tios são formados, tanto por parte de mãe como por parte de pai, a irmã do meu pai... eu não tenho bem certeza não viu, mas todos meus primos são formados também, os irmãos da minha mãe, um é médico, o outro é engenheiro, sim, de fato eu tive um... Eu fui incentivada.

Ao analisar o histórico familiar de Edite, percebemos que, embora o termo natural não seja adequado quando tratamos de uma decisão que, obviamente, foi influenciada devido a um contexto estruturado de modo específico, é compreensível o emprego do termo pela entrevistada, uma vez que o seu entorno familiar era totalmente favorável a que adentrasse a um curso em uma universidade renomada e, caso fosse sua

vontade, seguisse a carreira acadêmica, pois possuía o respaldo, a “identidade social” para tanto.

Ou seja, para Edite era completamente legítimo o caminho que seguiu, fazia parte do que lhe era “normal” às suas condições de existência. Para compreender a situação da entrevistada, devemos atentar ao que aponta Bourdieu (1983a) quanto à existência de uma ideologia do gosto natural, a qual, segundo ele, naturaliza as diferenças reais quando estas são, na realidade, diferenças nos modos de aquisição da cultura.

O processo de naturalização é uma das principais formas de consolidação do *habitus*, das disposições interiorizadas, à medida em que estas não são compreendidas como construídas socialmente, mas como característica natural de uma espécie, de uma classe ou grupo de indivíduos.

Comparemos, então, o caso anterior com o seguinte, no qual o entrevistado, Luigi, alega ter escolhido fazer uma universidade pública por falta de recursos. Entretanto, o que analisaremos conjuntamente com seu discurso, é o fato de que seu irmão também é professor no mesmo departamento, o que demonstra que algo os impulsionou à carreira, algo em sua formação familiar denotava a relevância da escolarização a tal nível, embora ele alegue não haver cobranças.

**Luigi** - Eu nunca fui cobrado a estudar, desde os níveis de criança, de primário, depois o secundário eu encarava os estudos como obrigação que eu tinha. Meus pais nunca cobraram se eu tinha feito uma lição, se eu tinha ido à escola, se eu tinha prestado atenção. Eu encarava isso como um dever, eu tinha que fazer isso da melhor forma possível. Mais do que isso, eu sempre tive gosto e aptidão pelo aprendizado nas diversas áreas. Sempre foi uma atividade prazerosa, estudar e cumprir com as obrigações, ter um desempenho satisfatório (...) A minha opção sempre foi uma universidade pública, porque eu não tinha condições financeiras para arcar com os custos de uma universidade privada.

**Entrev.** - Só por isso?

**Luigi** - Eu acho que é só por isso porque na época eu nasci numa cidade que não tem nenhuma possibilidade de universidade... também pelo reflexo das minhas irmãs, que já estudavam na (nome de uma universidade pública), naquela época, então meu sonho era estudar numa universidade pública. Não tinha ainda noção da distinção entre a diferença de ensino entre uma universidade pública e privada, o que seria melhor. Eu precisava entrar numa universidade onde eu não precisasse pagar e na época do vestibular eu fui me informando quais eram os cursos mais bem rankiados, quais eram as universidades que poderiam me oferecer o melhor estudo...

**Entrev.** - Quando você disse aptidão, você sempre teve aptidão, o que você quis dizer com aptidão?

**Luigi** - Nos estudos? É facilidade em aprender. Em tudo, qualquer área, é muito gosto pelo aprendizado, então eu chamei de aptidão, acho que habilidade, facilidade e gosto.

**Entrev.** - Seus pais têm formação?

**Luigi** - Minha mãe não tem formação superior e meu pai tem formação técnica em administração.

**Entrev.** - Todos têm formação nível superior, como que aconteceu isso se não era estimulado?

**Luigi** - Muito bem, meus pais, eu não digo que eles não estimularam, mas dentro da nossa família estudar era um caminho para gente conseguir crescer na vida pessoalmente e profissionalmente também, então não é necessário eles cobrarem o que eu vou fazer, que profissão eu vou ter, que universidade eu vou cursar, isso era uma escolha natural que havia dentro de cada um dos meus irmãos.

**Entrev.** - A questão é o estímulo, todos vocês se formaram a nível superior...

**Luigi** - Exatamente, mesmo que os meus pais não tenham. Ah, tiveram outros exemplos, de tios, parentes, amigos da família que conseguiram estudar e acho que nisso que a gente se espelhou, mas, mais do que isso, para mim e para os meus irmãos, aprender sempre foi muito gostoso e muito fácil, então sempre foi tido como uma coisa interessante, escola nunca foi um desprazer. Pelo contrário.

Novamente, notamos o emprego do termo natural e uma formação com similaridades consideráveis em relação à de Edite quanto às possíveis influências contextuais. Luigi afirma que sempre teve gosto pelo estudo, o que foi um fator observado, de modo geral, em todos os entrevistados, ou seja, os pesquisadores renomados de hoje são os alunos bem-sucedidos de ontem. Neste caso, há uma correspondência direta explícita quanto ao investimento dos familiares na educação de todos os entrevistados e a seu desempenho quando estudantes no ensino básico e/ou médio como sendo de, minimamente, razoável sucesso. Observemos outros exemplos.

Jack afirma que seus pais embora só tivessem o primário em termos de escolaridade, diziam que queriam que seus filhos tivessem a possibilidade de estudar que eles não tiveram.

**Entrev.** - E você acha que eles tiraram de onde essa questão do ensino superior, porque que eles realmente queriam que vocês fizessem isso que eles não tiveram?

**Jack** - Olha, é difícil explicar, é até interessante você perguntar, porque meu pai era comerciante, mas vinha de família de agricultores, os imigrantes vieram pra trabalhar na agricultura. Eu desconheço se alguém da minha família entre os antepassados tinham curso superior no (nome do país de origem), mas não tinham, pelo meu conhecimento não tinham. Eu creio que foi algum valor assimilado dos meus pais como imigrantes aqui, porque o que eu percebo é bem dos meus pais. Eu comparo aos meus tios, meus primos, não houve essa determinação essa preocupação. Eu tenho vários primos que não

estudaram, foram para o comércio, enfim, foram fazer outro tipo de atividade sem essa preocupação de ter curso superior, muito embora a maioria tenha, mas enfim, era isso, houve investimento dos meus pais em escola.

Isto quer dizer que o ensino nunca foi restringido de suas possibilidades, pelo contrário, sempre tiveram acesso a bens materiais diferenciados que os possibilitaram que creditassem a determinadas práticas o valor que atualmente creditam, que desenvolvessem determinado gosto, propensão e assumissem dado estilo de vida.

O gosto, propensão e aptidão à apropriação (material e/ou simbólica) de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras, é a fórmula generativa que está no princípio do estilo de vida. O estilo de vida é um conjunto unitário de preferências distintas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem ou *hêxis* corporal, a mesma intenção expressiva, princípio da *unidade de estilo* que se entrega diretamente à intuição e que a análise destrói ao recortá-lo em universos separados. (Bourdieu, 1983a, p. 83, 84)

No caso de Assis, sua família passou por um processo de ascensão econômica-social acentuada, o que possibilitou que seus pais investissem em seus estudos, principalmente sua mãe, a qual ele menciona como sua grande mentora e quem, inclusive, incentivou sua irmã a cursar a escola de piano.

Assis teve acesso à escola de artes, pode estudar música, praticar esportes, dentre outros, o que demonstra que sua educação teve certo refinamento cultural se considerarmos a cultura das classes dominantes, ele teve o conhecimento desta cultura, o que o distingue enquanto membro de tal classe, posto que as diferenças entre as classes são percebidas mais por este nível de conhecimento do que pelo reconhecimento que têm em relação a esta cultura legítima, como afirma Bourdieu (1983a).

Analisemos suas falas.

**Assis** - Meu pai, como ele seguiu a escola militarele concluiu o colegial, o curso de Educação Física ele fez dentro da escola de preparação do Corpo de Bombeiros, a minha mãe não terminou, mas eles sempre deram muito valor ao estudo, principalmente a minha mãe.

**Entrev.**— Por quê?

**Assis** - Para minha mãe, provavelmente porque ela queria ter estudado, como ela confessou várias vezes, mas não teve como, então ela quis que os filhos estudassem, ela podia ter estudado depois, mas naquela época mãe era mãe, dona de casa, então essa era a tarefa dela,

embora ela trabalhou muito tempo na feira com meu pai, mas quando a minha irmã, nós somos em quatro irmãos, quando a minha irmã nasceu, ela resolveu parar, minha mãe parou, meu pai continuou; então, eles já estavam bem financeiramente, então meu pai ele também incentivou sempre muito o estudo, porque ele teve um pouco mais de estudo ele sabia como era importante, mas digamos assim, que a minha mãe incentivava muito mais; então, dos quatro filhos, o que aconteceu...

**Entrev.** - Estimulava ou cobrava até que vocês tivessem um bom...

**Assis** – Não, então, é isso que eu vou te explicar, era mais incentivar que cobrar, porque dos quatro irmãos, três homens e uma mulher, os dois mais velhos não quiseram estudar, então a posição do meu pai foi o seguinte:” tudo bem, você não quer estudar, então você vai ser um técnico”. Então pôs os meus dois irmãos no (nome de escola técnica) no (nome de um bairro).

**Entrev.** - Vocês tinham pelo menos o colegial?

**Assis** - Naquela época eu não sei, eu acho que era, não sei se o (nome de escola técnica) daquela época era equivalente ao ensino médio ou simplesmente o ginásio, eu sei que eles são técnicos formados no (nome de escola técnica), eu não saberia dizer se eles tem o equivalente ao ensino médio como é hoje. Mas um é marceneiro o outro é técnico em eletrônica e os dois ficaram muito bem como técnicos sem ter estudado muito. Já comigo e minha irmã foi diferente, acho que minha mãe, não é que ela cobrava, mas acho que ela incentivou mais porque eu acho que ela não queria que também os outros dois fossem técnicos e também eu não disse que eu não queria estudar mais, eu gostava de estudar, embora até o final do ginásio, até o final do primário eu tinha muita dificuldade para estudar, mas depois que eu entrei no ginásio me despertou para o estudo, então eles disseram: “se você quer estudar, vai”. Nunca negou comprar um livro, qualquer coisa que eu queria.

Deve ser apontado que o pai de Assis era de uma família de classe média, segundo ele, e a ascensão social foi mais significativa no caso de sua mãe, a qual passou a valorizar muito mais os aspectos referentes à cultura intelectual.

Ao não considerarmos as situações de ambos os pais de Assis, ou mesmo de outros, como Edite, podemos cometer o equívoco de associar a ideia de uma conquista social concreta e simbólica como algo natural e que deve ser de dada forma.

Assim, relegamos os aspectos objetivos e simbólicos atribuidores de legitimidade aos grupos dominantes tanto culturalmente como economicamente e que também podem relacionar-se ao próprio processo ou requisitos para a ascensão de classes ou grupos sociais. Devemos considerar, ainda, a existência, de leis e tendências nos diferentes campos, as quais regem tanto o acesso como o êxito no interior dos mesmos. Por exemplo, não é qualquer um que adentra ao campo dos intelectuais, pois, para tanto, é requerida uma série de características, pré-requisitos, todo jogo tem regras.

### 3.3 – Dinâmicas do reconhecimento: o ser produtivo.

A partir do que foi analisado no presente estudo seria possível afirmar que os professores universitários estão sempre a tangenciar o caminho da busca por reconhecimento?

Para responder a esta questão serviremo-nos, inicialmente da seguinte afirmação de Bourdieu (2009).

Poder-se-á objetar que o fascínio que o “sucesso” sempre exerceu junto aos intelectuais e artistas, tende hoje a impor-se de modo muito mais consistente, pois confere aos detentores de um poder parcial sobre os instrumentos de difusão (como por exemplo certos jornalistas ou produtores de rádio e televisão) uma autoridade propriamente cultural. (p.156)

Nesta afirmação do autor, nos ateremos à sua primeira parte, ou seja, em que ele coloca que o fascínio pelo sucesso sempre existiu entre intelectuais e artistas e que, passa a se impor de modo mais consistente em dado momento, do qual já se passaram, aliás, mais de duas décadas. Em resumo, se esta tendência poder-se-ia ter acentuado e em que medida é o que observaremos neste e, mais especificamente no capítulo que segue.

Analisaremos nesta parte como, mediante o que foi colocado anteriormente quanto às mudanças pós Reforma do Estado em meados da década de 1990, associando à mesma a concepção produtivista não só de educação, mas de mundo que vem sendo engendrada há algumas décadas e direcionando uma série de práticas e relações sociais em nosso país.

Pressupõe-se que o professor universitário, envolvido em todo esse processo social, previamente enunciado, teria o seu reconhecimento influenciado senão condicionado pelo mesmo, sendo constantemente avaliado, tendo suas aptidões, desempenho e habilidades mensuradas.

Considera-se, ainda, a hipótese do reconhecimento social constituir-se como resultado e premiação pela capacidade do indivíduo em adequar-se e ser útil no interior das dinâmicas sociais, na categoria social e profissional que lhe é destinada de modo compreendido quase como que sobrenaturalmente determinado, quando, na realidade, têm suas bases muito bem fixadas sobre um conjunto de ações e práticas, respaldadas e reafirmadas por instituições e indivíduos.

Devemos destacar neste processo a produção de crenças, os estímulos sociais dos desejos e da concepção de sucesso. É necessário, para a adesão a dado sistema, que haja a crença na inevitabilidade ou eficiência do mesmo.

Os esforços dos *managers* para desenvolver a adesão à cultura de empresa não preenchem a necessidade de crer. Essa distância é o sinal de uma crise profunda da ordem simbólica, ou seja, do conjunto dos referentes, das linguagens e dos códigos que dão sentido à ação coletiva. Os símbolos estão no fundamento das regras, das culturas e dos sistemas de valores necessários para “fazer sociedade”. As mutações da ordem simbólica são uma das características maiores das sociedades contemporâneas. (Gaulejac, 2007, p.147)

Assim, este reconhecimento pode ser analisado tanto a partir de certa produção ou estímulo de um sentimento subjetivo, como de uma valorização e aceitação do indivíduo no meio social, o que envolve fatores subjetivos, econômicos e simbólicos. O reconhecimento relacionar-se-ia, portanto, a um processo simbólico que seria desenvolvido a partir das relações sociais e que envolveria as dimensões econômica, política, cultural e de relações de poder. Um processo de dar sentido às relações, se considerarmos o que Gaulejac (2007) denomina de fenômeno de perda progressiva de sentido no meio social.

Ser reconhecido pressupõe a atribuição de um valor simbólico a um determinado agente. Valor este que podemos mencionar, com base nas teorizações de Bourdieu, como peculiar a classes sociais e campos específicos, tal como o científico:

o que é percebido como importante e interessante é o que tem chances de ser reconhecido como importante e interessante pelos outros; portanto, aquilo que tem a possibilidade de fazer aparecer aquele que o produz como importante e interessante aos olhos dos outros (...). Assim, a tendência dos pesquisadores a se concentrar nos problemas considerados como os mais importantes se explica pelo fato de que uma contribuição ou descoberta concernente a essas questões traz um lucro simbólico mais importante (BOURDIEU, 1983a, p.125).

Esta afirmação de Bourdieu pode ser complementada, ainda, pela de Heller (2008) quando diz que “*o homem, enquanto ser humano genérico, não pode conhecer e reconhecer adequadamente o mundo a não ser no espelho dos demais.*” (p. 113), ou seja, é a partir do convívio com o outro, das relações sociais, que ele passa a situar o que é digno ou não de sua atenção, de seus esforços e dedicação, o que é algo ou alguém ou posição social de valor ou não, o que parece supostamente estar ou não ao seu alcance; é

no convívio social que cada ser humano é colocado “em seu devido lugar” e se forjam as identidades de nobreza e de estigma a que Bourdieu (1998a) se refere.

Deste modo, constata-se que compreender tal relação de reconhecimento profissional implica em se compreender determinadas relações econômicas e de poder que circundam a educação superior, bem como alguns aspectos históricos que condicionam o reconhecimento na educação, o qual nos parece ser, cada vez mais, associado à ideia de produtividade, eficiência e eficácia, valores antes mais circunscritos ao mercado.

O processo de configuração da concepção pedagógica associada à noção de produtividade e que propiciou que a educação nacional assumisse uma série de características próprias do mercado produtivo ocorreu desde 1969, quando este se modificava e afirmava, quando vigorava o Regime Militar e se criaram universidades, muitas delas com o foco nas Engenharias.

Para se compreender o trabalho do professor-pesquisador na atualidade é fundamental se analisar como se desenvolveu a compreensão de formação humana no capitalismo e como sofreu as influências dessa concepção pedagógica produtivista e como esta propiciou a constituição de um *habitus* específico a tais profissionais neste contexto.

A partir desta análise é possível relacionar a identidade e as contradições das instituições educacionais e suas relações com a política-econômica vigente a um novo perfil tanto de educação como dos profissionais da área. Tal relação revela como foi se configurando a necessidade e formação do homem produtivo e útil socialmente, por exemplo.

No período que data até os anos de 1980 houve o que denomina de pedagogia tecnicista. Com a aprovação da Lei n. 5692, de 11 de agosto de 1971, esta pedagogia se converteu em pedagogia oficial. Nos anos 90, esta pedagogia que já preconizada esta concepção produtivista de educação, foi reestruturada e sofreu novas funções, constituiu-se, desta forma, em referência ao projetos, do qual temos como exemplo significativo o Projeto Darcy Ribeiro.

Aspecto primeiro a ser considerado, portanto, é o da hegemonia da concepção produtivista em educação a partir do final dos anos 60 em nosso país, sendo a pedagogia tecnicista grande exemplificadora de tal concepção.

A pedagogia tecnicista tem como base o pressuposto da neutralidade científica, tendo como norteadores os princípios da racionalidade, eficiência e produtividade. Com

isso, tal pedagogia se orienta no sentido da reordenação do processo educativo tendo em vista torná-lo objetivo e operacional, e constatamos iniciar-se a saga da mercadologização da educação.

Observamos, neste sentido, uma aproximação entre ideais relacionados ao trabalho fabril ao trabalho pedagógico, o qual passa a ser compreendido no interior de uma nova lógica de objetivação em que o produto final é resultado da forma como foi organizado o processo. Ou seja, em tal contexto se teve em vista organizar a educação de modo que esta possuísse aspectos racionais que viessem a minimizar as possibilidades de influências de carácter subjetivo, as quais poderiam ser, segundo esta concepção, prejudiciais à eficiência das ações nas instituições de ensino. Constatamos um processo em que se mecaniza e operacionaliza a execução dos objetivos.

A partir desta nova concepção observaremos a relação direta que passou a se estabelecer entre organização do processo e garantia da eficiência, devendo o trabalho do professor ser corrigido em suas carências e maximizados os efeitos de sua intervenção. Em resumo, observamos o professor começando a se consumir em sua visão enquanto “*recurso humano*”.

Neste sentido, constata-se uma relevante e nova forma de conceber o trabalho do professor, o qual passa a ser visto como similar ao de um instrumento/máquina, sendo, portanto, tal profissional entendido da mesma forma, ou seja, como um instrumento executor que, como qualquer outro, deve ter sua eficiência otimizada. A educação adquire, neste contexto, papel de instrumento de treinamento dos indivíduos à adaptação a uma realidade social com diferentes tarefas, as quais passam por um processo contínuo de reformulação.

A educação é entendida, portanto, como um subsistema em que o funcionamento eficaz é fundamental ao equilíbrio do sistema social no qual se insere e o professor, como observamos, constitui-se em instrumento no interior deste sistema.

Em termos pedagógicos, observamos ser possível fazer a seguinte distinção entre os focos atribuídos nas pedagogias tradicional, nova e tecnicista: na pedagogia tradicional a ênfase está no aprender, na pedagogia nova reside no aprender a aprender e na pedagogia tecnicista reside no aprender a fazer, ou seja, constata-se um descolamento de ênfase no sentido de certo *pragmatismo* educacional, o qual se associou, no processo histórico, à reorganização das escolas de modo a se instalar um crescente processo de burocratização, uma vez que se passou a entender que a planificação do processo geraria a almejada racionalização.

Tal concepção produtivista teve início na década de 1960, quando implementada a teoria do capital humano.

Aliás, em meio às diferentes formas de reformulação e refuncionalização da teoria do capital humano assistiu-se essa *propagação da relação produtividade-educação*. Podemos afirmar que, nos dias atuais, tal concepção de que o trabalho humano, associado à qualificação por meio da educação, é fundamental ao desenvolvimento do país e produtividade econômica ainda se faz muito presente nos ideais da sociedade brasileira.

No campo educacional, é possível afirmar que a teoria do capital humano foi a propulsora de toda essa concepção tecnicista acerca do ensino e da organização da educação.

Nesta perspectiva, aspecto essencial quando pensamos na educação atual, em especial, em nosso país, é o fato dos indivíduos, assim como instituições, estarem subjogados às demandas do mercado. Tal fato se torna cada vez mais evidente na educação superior, para a qual vale destacar a relevância da Reforma do Estado nacional, o advento das parcerias público-privadas, a aproximação da produção do conhecimento aos interesses do setor produtivo, conforme observado no capítulo 1 deste estudo.

Devemos destacar, contudo, que, embora tal Reforma tenha ocorrido no Brasil como reflexo de um quadro em nível mundial, esta não pode ser compreendida como único fator do que denominamos de ser produtivo, o que buscamos analisar é o fato de que tal contexto encontrou ambiente fértil à reprodução dos ideias mencionados e é este ponto chave à nossa reflexão sobre reconhecimento, ou seja, que elementos foram mobilizados, em especial, de modo a atingir à subjetividade dos indivíduos para que estes almejassem este ser produtivo. Adiantemo-nos em dizer que poderíamos associar coações estruturais da sociedade que estimulariam a ideia de prazer, de lucro, o qual, como observamos ao longo deste estudo, pode ser especialmente de caráter simbólico.

O fato é que o *ser produtivo* parece associar-se ao ser reconhecido, o que, na universidade, tem se tornado cada vez mais perceptível. Entretanto, tentemos analisar além das coações estruturais, ou seja, considerar os indivíduos como agentes efetivamente na reprodução e aceitação de tal concepção e necessidades a ela relacionadas.

Vamos buscar compreender o que significa o *ser produtivo* na universidade pública brasileira a partir do que afirmam os entrevistados. Questiono a Sam de 27 anos.

**Entrev.** - Porque ser produtivo?

**Sam** - Pela questão de preocupação com a carreira. Eu quero o ano que vem defender o doutorado, se tudo der certo, se Deus quiser, eu quero ter uma carreira, aquela coisa conseguir projeto de pesquisa, para conseguir ter bastantes alunos, para produzir mesmo e aí pensando em fazer coisa diferente, fazer Engenharia, sabe? Lógico, *status*, pô você quer ser professor titular, lógico que eu quero. Eu não penso em parar, estagnar. Não, eu quero crescer. Não estou falando de dinheiro, estou falando, sei lá, de novo, satisfação pessoal. Eu imagino, sei lá, vai ser legal se um dia eu for um professor reconhecido, os alunos falarem: “nossa... aquele cara é bom para caramba e aula dele é muito legal”. Um grande pesquisador e a aula dele é boa e aí o colega falar assim: “o cara é referência no nosso departamento”. Sei lá, ser reconhecido.

**Entrev.** - Mas, no meio acadêmico esse reconhecimento que você está falando que gostaria de obter e talvez já esteja tendo, mas no meio acadêmico ou no geral?

**Sam** - É aquela coisa, eu acho que se a sua produtividade for eficiente... Se o que você produz se reverter em tecnologia, isso meio que transpõe os muros da Universidade. É que, como eu disse, não é tão simples. Vai muito além da vontade do professor. É todo um sistema.

**Entrev.** - Mas você gostaria de todo esse reconhecimento...

**Sam** - Nossa...

**Entrev.** - Para além da Universidade, para além dos alunos, para além do seu profissional...

**Sam** - Sim, fazer uma coisa que sirva. No meu mestrado também a gente tinha bastante contato com empresa e meu orientador da (nome de outra universidade na qual fez mestrado) era um cara muito reconhecido em indústria de (tipo de indústria). Sabe... quem conhecia o cara falava, pô (nome do orientador), aquela coisa. Esse é um negócio muito legal e quando ele ia desenvolver um trabalho os caras: “pô, ele está fazendo um trabalho que vai ser interessante para a gente”, e aí fica aquela coisa. Porque é o (nome do orientador falado com destaque novamente). É já sabia.

**Entrev.** - É como se criasse um nome, uma fama, assim.

**Sam** - É exatamente. E não é fama por simplesmente, mas por dar resultado. Acho que o objetivo maior, o que me move é mais fazer coisas, me manter trabalhando e menos essa questão de currículo. Lógico, o problema é que a gente precisa de currículo para conseguir...

**Entrev.** - Você acha que vira meio que uma bola de neve.

**Sam** - Uma bola de neve. A gente precisa de currículo para conseguir os meios para conseguir continuar produzindo, mas eu sou absolutamente contra, eu me nego a ficar reproduzindo artigo, aquela coisa muda o nome e manda para outra revista.

**Entrev.** - Você acha que tem gente que fica meio bitolado então, tanto aluno como professor, fica meio aficcionado nisso de produzir demais, nessa produção em série quase?

**Sam** - Aquela coisa...vai coando o suco, passa de novo na peneira e sai outra... e passa de novo na peneira...

Pelo que relata Sam, ele relaciona a ideia de que sua produtividade é fundamental a seu reconhecimento profissional, social; ele associa a noção de reconhecimento diretamente à de prestígio e de sucesso e se mostra contrário à produtividade a qualquer custo. Sua última frase soa em tom de denúncia, pois mostra uma das formas de se gerir o trabalho na universidade na atualidade, o que se dá de forma objetiva e, até certo ponto, como aqui relatado, seguindo critérios meramente quantitativos.

Gaulejac (2007) atenta ao fato de gestão ser considerada pragmática e permeada por normas e técnicas que visariam essencialmente a eficácia da ação, sendo comumente negado seu caráter ideológico.

Os indivíduos, considerados referências em gestão, são os hábeis em produzir modelos específicos, seguindo os parâmetros mencionados, a serem aplicados nas empresas. Consideramos, para a presente análise, instituições, as instituições universitárias.

A gestão se perverte, todavia, segundo Gaulejac (2007), quando favorece o desenvolvimento da concepção de *seres humanos enquanto recursos* a serem empregados para o lucro de empresas, como observamos, é recorrente o uso do termo recurso humano nas falas dos entrevistados.

Observe nas falas abaixo: na primeira, o entrevistado Lourival responde à pergunta sobre o que considera mais positivo em seu trabalho e, na segunda, Hugo fala um pouco sobre sua trajetória de vida e concepções de mundo.

**Lourival** - O mais positivo sem dúvida nenhuma é a formação de recursos humanos, isso é o mais positivo. Não tem, isso não, disparado o mais positivo. Em qualquer nível de graduação mestrado ou doutorado.

**Hugo** - Eu sempre gostei do setor produtivo, sempre gostei de desafios sempre gostei, o que eu digo hoje um pouco mais envelhecido depois de trinta e nove anos dentro da universidade da capacitação de recursos humanos para ele no seu país no seu ambiente de trabalho não ter medo de romper paradigmas e ser inovador ser um empreendedor, então o perfil do universitário é aquele que deveria estar preparado continuamente para desafios, desafios que ele já sabe como resolver e desafios inovadores que vão exigir criatividade, então eu fui para o setor produtivo...

É desta forma que o ser humano se torna objeto de conhecimento e preocupação na gestão, preocupação com o que se chama de recursos humanos e em como geri-los de forma a maximizar sua produtividade, sua utilidade, etc. Gaulejac (2007) afirma que

O paradigma utilitarista transforma a sociedade em máquina de produção e o homem em agente a serviço da produção. A economia se torna a finalidade e exclusiva da sociedade, participando da transformação do ser humano em 'recurso'(p.75)

O que é questionável e de extrema relevância a nossa pesquisa é: ser reconhecido na sociedade contemporânea estaria associado a estar adequado a este paradigma utilitarista? E por que deveríamos atentar à questão do reconhecimento como fundamental ao abordarmos a temática do trabalho dos docentes nas universidades públicas?

A resposta à segunda questão pode ser encontrada em nossa hipótese de pesquisa, ou seja, na suposição de que o reconhecimento seja a moeda de maior valor no campo científico. Avaliamos este enquanto uma espécie de recompensa que estima os professores-pesquisadores a investirem em atividades que consomem grande parte de seu tempo, inclusive, extra-universidade, de modo que a sua atividade profissional se torna cerceadora de toda sua vida, acarretando prejuízos em suas relações e interações sociais e, em especial, nas familiares. Observemos na fala de um entrevistado como funciona um pouco deste sistema para os professores-pesquisadores.

**Lourival** - O que eu percebo é que a gente tem hoje, do ponto de vista da atividade, o professor como pesquisador ele tem mais facilidade, ele tem mais recurso. Esses recursos são tanto no sentido de acesso à informação quanto infra-estrutura de laboratório. Em contrapartida, você tem - até pelo que eu falei um pouquinho antes - você tem mais concorrência hoje, então, quando você vai pleitear, por exemplo, uma bolsa de produtividade de pesquisa CNPQ, o número de pessoas que se candidata a essa bolsa é muito maior, então, você tem um nível melhor de publicações, os trabalhos são melhores, mas a concorrência é muito maior.

**Entrev.** - Gera um certo individualismo ou não?

**Lourival** - Sem dúvida que sim.

**Entrev.** - Explica melhor.

**Lourival** - Competição né, essa competição, por exemplo, você tem lá, vamos fixar no CNPQ. O CNPQ tem a bolsa de produtividade em pesquisa, os pesquisadores eles competem com os seus pares, então eles já sabem, eu preciso orientar mestrado, preciso orientar doutorado, ter publicação, ter isso, ter aquilo se não eu não consigo a bolsa, isso gera uma certa competição às vezes acirrada.

**Entrev.** - Gera uma tensão?

**Lourival** - Gera, vixe! Excessiva. Essa é uma das coisas que antigamente era melhor. Acho que as coisas, as publicações, o desenvolvimento dos trabalhos eram feitos de forma mais natural. Hoje, eles parecem que estão com o foco na bolsa, no recurso, talvez pela pressão do dia a dia. Parece que, antigamente, a pressão era menor. Você fazia por estímulo pessoal, por você estar querendo desenvolver o seu trabalho de forma satisfatória, hoje você faz por esse lado e para poder competir melhor dentro da sua universidade e com outras universidades.

**Entrev.** - Acaba se priorizando quantidade ao invés de qualidade ou não?

**Lourival** - Sem dúvida nenhuma que é quantidade, infelizmente. São poucas as exceções de professores que procuram um equilíbrio entre qualidade e quantidade, na minha opinião, a grande maioria busca quantidade.

No relato anterior, podemos analisar que os prejuízos mencionados podem estar associados, ou resultem de um sistema elaborado visando maximização de resultados na universidade, sistema este que se direciona pelas demandas e concepções que norteiam uma sociedade que, comumente, costumamos caracterizar enfatizando seu caráter capitalista. Este caráter e sistema, por sua vez, encontra solo fértil nos desejos e aspirações dos indivíduos ao destaque e projeção pessoais e, nesta empreitada, os indivíduos passam a investir todas as suas forças e até o seria equivalente ao que nos estudos psicanalíticos se denomina de energia libidinal. Este investimento pode também ser traduzido na obra de Bourdieu (2007).

As filosofias da sabedoria tendem a reduzir todas as espécies de *illusio*, mesmo as mais “puras”, como a *libido sciendi*, a meras ilusões, das quais é preciso livrar-se para que se possa ter acesso à liberdade espiritual perante quaisquer móveis mundanos proporcionados pela suspensão de todas as formas de investimento. É o mesmo que diz Pascal quando condena como “divertimento” as formas de “concupiscência” associadas às ordens inferiores, da carne ou do espírito, pelo fato de terem o efeito de desviar da única crença verdadeira, aquela que se engendra na ordem da caridade. (Bourdieu, 2007, p.123)

Talvez por esta concepção pascaliana, observemos que os indivíduos tendem a buscar revestir de aspecto socialmente legítimo as suas aspirações e desejos, ou seja, associando-as a premissas universalmente bem aceitas, tais como a de bondade, caridade, auxílio ao desenvolvimento da sociedade e, neste sentido, o discurso da responsabilidade social se destaca, em especial, no caso dos sujeitos selecionados para

este estudo. Este tipo de discurso é observado em inúmeras das falas, muitas das quais estão expostas durante este estudo, todavia, ilustraremos o mencionado com a fala de um professor que se mostrou muito indignado ao ser questionado sobre a possível existência de uma concepção crítica em relação à relação entre empresa e universidade. Ele esbraveja inicialmente:

**Hugo** - Eu nunca escutei, e nem quero escutar, porque eu acho que se um docente de uma universidade afirmar que ele está na universidade porque ele é um cientista se não ele estava numa empresa fazendo tecnologia. É como se ele tivesse ali colocado uma diferença, entendeu? Uma coisa é capital, lucro, outra coisa é você ensinar fazer pesquisa, ser um Deus. Não é isso. Acho que a importância do cientista está em justamente fornecer conhecimento, quer seja escrito, publicado, quer seja em forma de recurso humano para que o meio produtivo, a economia do país absorva essa leitura e aprenda ou absorva o profissional para desenvolver e torne a economia do país forte. Um país só vai ser forte, independente economicamente e industrialmente se ele tiver uma universidade forte que fomenta. EUA! As empresas pagam as universidades para desenvolver tecnologia e formar gente capaz, então, quero dizer isso; o país tem que fazer uma ciência forte de base, formar gente competente e devolver para a sociedade...

Nesta forma de discurso, recorrente, o entrevistado defende e justifica a relação empresa-universidade com o discurso da responsabilidade social. Ele afirma que o trabalho prestado às empresas são uma forma de recompensar a sociedade pelo investimento na formação dos indivíduos. Outro entrevistado, Harry, também apresenta a relação desta forma indissociável, apontando a geração de empregos como um serviço social prestado pelas empresas como justificativa. Já o entrevistado denominado Adolfo enumera os trâmites que observara em outros países, com ênfase na Alemanha, afirmando que existe uma relação muito direta e relevante entre universidade e empresa. Luigi afirma que a universidade deveria ser muito mais acionada pelas empresas, pois seria conveniente ao direcionamento da pesquisa. Assis declara:

**Assis** - Hoje a universidade reconhece bem mais claramente, de novo eu vou falar uma coisa referente a engenharias. Na educação, saúde, biológicas tem outras características né, mas hoje as universidades públicas federais já tem mecanismos e reconhecem a interação com a indústria. Então hoje não temos mais problemas de mecanismo de como assinar um contrato de como negociar os benefícios da pesquisa que vai sair daí, hoje nós não temos mais esse problema. Há trinta anos atrás, era terrível um professor tentar uma interação com a

empresa porque a universidade entendia aquilo como uma grande interferência da indústria dentro da universidade, não existia mecanismo, não existia conceito. Vamos assinar um contrato, mas qual a forma do contrato quais são os direitos de cada um... as legislações não eram claras.

**Entrev.** - Quando você diz a universidade não entendia....

**Assis** - Eu digo ela institucionalmente.

**Entrev.** - Em geral assim?

**Assis** - As universidades públicas federais eu estou falando. Eu estou falando, na (nome de uma universidade renomada) esses mecanismos de interação com as indústrias é muito mais antigo. A (nome de uma universidade renomada) sempre teve um quadro de professores que determinadas áreas ela permite que você seja professor em tempo parcial e divida aquela atividade com uma atividade real profissional. Isto na área de Medicina e na área de advocacia, isso é comum que o advogado ele é professor, mas ele tem um escritório de advocacia dele, médico é professor, mas ele tem o consultório dele. Os departamentos de Engenharia sempre tiveram convênio com a universidade. Na rede (refere-se à uma rede pública de ensino) de ensino demorou muito mais para chegar a isso daí. Eu diria que isso é muito claro na rede federal de ensino superior de dez anos pra cá.

**Entrev.** - E a que você atribui isso, de dez anos para cá.

**Assis** - Primeiro ao trabalho de convencimento dos superiores por parte dos próprios professores de que isso é uma atividade importante. E hoje a universidade realmente reconhece que isso é uma atividade importante, que trás muitos frutos, principalmente para o ensino. Quem ganha mais com tudo isso, da interação com a empresa é o ensino. É a mesma coisa a interação de médicos com hospitais e com o sistema de saúde único. O benefício é o mesmo, quer dizer, quando um aluno de medicina aqui da (nome da universidade) através do convênio com um hospital vai ver quais são os problemas de doença do hospital escola, ele que está ganhando com isso, o aluno que está ganhando. Na Biologia, mesma coisa, na Educação, mesma coisa interagindo com escolas, interagindo com o ensino médio público, e hoje em dia em todas essas áreas você pode trazer recursos externos para ajudar a universidade a ter mais recursos.

Neste caso, o entrevistado afirma como verdadeira a problemática existente na interação universidade-empresa há anos atrás, problemática esta que fora mencionada pela esposa de um dos professores mais antigos, a qual pontuara que seu esposo fora muito criticado quando resolvera montar seu próprio nicho de relações com empresas em local fora da universidade devido às dificuldades encontradas na mesma para tanto e às maiores possibilidades de lucratividade neste caso.

Em resumo, em pouquíssimos casos houve declarações que se posicionassem de modo a destacar que a relação pode ser ruim ao desenvolvimento científico se não for muito bem avaliada, ou seja, que os empresários visam o lucro e quem deve ponderar as possibilidades de pesquisa são os pesquisadores e a universidade. Chegam a afirmar

uma harmonia absoluta, apontando as possibilidades de conflito de interesse como o contrário do que ocorre efetivamente.

**Assis** – (...) Está tudo harmônico, então está totalmente ao contrário, a universidade ganha muito nessa interação com a empresa.

No caso de Lourival, é reconhecida a possibilidade de conflito.

**Entrev.** - Professor você falou ser muito bem conversada essa relação. No caso você acha que em alguns momentos ela não é bem resolvida como você falou há pouco. Mas você acha que alguns momentos a empresa acaba instrumentalizando a universidade simplesmente para o seu lucro?

**Lourival** - Então, por isso que precisa ser bem conversado. Acho que os dois perigos são esses você gerar na empresa a expectativa de um retorno a curto prazo, que a empresa sempre espera isso. Se você não alertar a empresa que esse resultado não vai vir a curto prazo, que ele vai vir a médio, longo prazo, a sua parceria pode não dar certo, porque aí, passados seis meses, ela vai perguntar “Mas e aí nós temos a pesquisa, avançou não avançou?” , “ Nós fizemos isso.” “Ah, mas isso é pouco, eu quero mais.” Então você precisa balizar a empresa na escala de tempo que você vai ter o resultado.

A fala do entrevistado evidencia os objetivos maiores que movem as empresas a procurarem as universidades, o que nos mostra que em nenhum momento está associado realmente a benefícios sociais maiores, mas, sim, a lucros privados. Aliás, bem sabemos que as empresas visam o lucro máximo possível e isto implica, muitas vezes, em cortes de custos, os quais são dirigidos em termos de corte de pessoal. Ou seja, a tese da geração de empregos enquanto benefício da interação empresa-universidade cai em descrédito, o que ocorre contrariamente com a que mencionamos de instrumentalização da pesquisa na universidade em favor das empresas.

É neste contexto que é desenvolvida a ideia de reconhecimento, de glória, de honra social. Estas possíveis expectativas por parte das empresas, mencionadas pelo entrevistado, inevitavelmente, acabam por afetar de alguma forma as relações de trabalho na universidade, o que podemos concluir devido ao fato de que há interesses mercadológicos envolvidos, os quais nada têm a ver com desenvolvimento propriamente social e científico, ou, com bem-estar geral da população de forma abrangente.

Torna-se plausível considerarmos que a dinâmica de mercado invade a dinâmica na universidade e, conseqüentemente, contamina as dinâmicas de reconhecimento no interior da mesma.

A universidade passa a ser impregnada de uma lógica de *acting out* permanente e sem a qual os indivíduos sentem-se angustiados, com sentimento de vazio (Gaulejac, 2007).

A ditadura da instantaneidade, da reatividade, da imediatidade encontra de início sua fonte do lado dos mercados financeiros. Os mercados devem estar sem parar em movimento. A razão é, primeiro, financeira, visto que, a cada movimento, são comissões que caem. Mas há outra razão. Parar é o vazio e o vazio é a angústia. É preciso manter uma lógica de *acting out* permanente. A passagem para o ato é um mecanismo de defesa que consiste em por em prática aquilo que o indivíduo não chega a por em palavras. Diante de uma rajada de angústia, por não poder identificar suas causas e não conseguir elaborar seu sentido pela palavra, o indivíduo se refugia na hiperatividade. O investimento permanente na ação é um meio de lutar contra o sentimento de vacuidade provocado pelo *nonsense*. Diante deste vazio, é preciso agir, fazer projetos, fixar-se objetivos, linhas de conduta, se possível com etapas. Desse modo, recortamos o tempo com realizações. (Gaulejac, 2007, p.173)

É uma corrida para o sempre mais, como propõe o autor, em que o mais implica em perceber-se mais reconhecido, mais relevante, mais glorioso dentre tantos.

Na universidade pública brasileira observamos o trabalho intensificado dos docentes, o qual é descrito por muitos como auto-imposto, mas que, na realidade, emergem como peça fundamental do contexto de que aqui apresentamos fragmentos.

O que notamos é que tudo isto gera um quadro em que é requerida uma linha de conduta, a qual, obviamente, deve favorecer o pleno caminhar destas relações frenéticas de movimentos permanentes, dos quais os indivíduos parecessem tornar-se dependentes. Esta espécie de dependência, comparada a um vício, pode ser justificativa à resistência de muitos a aposentarem-se ou o índice razoável de mortes e depressões após aposentadoria, em especial, nos casos dos professores universitários. É possível que este seja um dos motivos que regeram a decisão do entrevistado Hugo em continuar na universidade, mesmo após aposentadoria, como professor voluntário.

Lourival emprega a palavra sistema, a qual parece ser adequada a este estudo. Nesta perspectiva, descreve as condições do reconhecimento no sistema universitário perpassado pela lógica de mercado.

**Entrev.** - E a ideia de endeusar um pouco vocês, você acha que existe?

**Lourival** - Não. Não.

**Entrev.** - Alguns alunos falam que sim.

**Lourival** Talvez superficial.

**Entrev.** - Por quê?

**Lourival** - Porque sim.

**Entrev.** - Fala sobre.

**Lourival** - É porque, na minha observação, todos os professores, a maioria dos professores que se aposentam e tal eles perdem esse reconhecimento, então por isso para mim é superficial, é um pouco mais de interesse do que efetivamente...

**Entrev.** - Eles perdem reconhecimento ao se aposentar? Como assim?

**Lourival** - Por isso que eu acho que é superficial e que há interesse, porque você deixa de exercer, a sua influência passa a não existir mais, eu não tenho ilusão não. A hora que você se aposenta no sistema, você sai do sistema, suas amizades se mantêm, seu relacionamento com determinado grupo se mantêm, mas a sua influência cai quase a zero.

**Entrev.** - Você fala isso baseado em quem, alguma experiência?

**Lourival** - Baseado em todos professores que aposentaram dentro do Departamento de Engenharia. Todos.

**Entrev.** - Você acha que é por isso que alguns relutam tanto em se aposentar.

**Lourival** - Sem dúvida que sim.

Podemos analisar, por meio da fala do entrevistado, que a ideia de aposentar-se é repulsiva no meio acadêmico. Tal situação parece estar associada à perda de relevância e influência do indivíduo no meio, mas podemos analisá-la como resultado de uma insegurança causada por esta possibilidade de perda de um espaço de produção de sentido, propiciada pela atividade profissional, a qual, no caso do professor universitário, constitui-se em atividade considerada nobre no meio social, o que pode propiciar “choque” maior quando vem a ocorrer.

Gaulejac (2007) analisa que a passagem para o ato é, na maior parte das vezes, um agir irrefletido e defensivo, no qual o insignificante é representado como dotado de sentido, uma vez que se trata de representações muitas vezes baseadas em crenças (tal como a da responsabilidade social). De qualquer modo, há o receio de “abrir mão” do mecanismo de defesa que usa o “ser produtivo”.

**Entrev.** - Tem um nível considerável de mortalidade em geral de professores quando se aposentam, até casos de depressão. Você acha que está associada a essa perda de influência aí?

**Lourival** - Acho.

**Entrev.** - Por quê?

**Lourival** - Principalmente as pessoas que são muito influentes, elas levam um choque quando elas perdem... Elas acham que elas são valorizadas, mas na verdade o cargo delas é que é valorizado, e não elas, então quando ela perde o cargo perde a importância, boa parte das pessoas, e eu acho que grande parte das pessoas não está muito preparada para isso. Eu estou tentando me preparar para isso. Eu já vi professores que foram pessoas extremamente importantes na universidade durante muitos anos que se aposentaram e num tempo muito curto se tornaram pessoas absolutamente comuns no meio universitário.

**Entrev.** - E aí?

**Lourival** - Então isso choca a pessoa. Eu presenciei um fato, esse é isolado, mas deve ter acontecido mais vezes. Um ex-professor da universidade que foi um professor extremamente importante aqui, ele dentro do departamento, ele estava procurando um professor antigo, ele foi para o corredor, voltou, ele foi para outro lado, ele não se achou ali, ele não teve coragem, ninguém perguntou, parou para conversar nada, ele voltou para perguntar para mim, ele passou por mim, oi tudo bom tal, foi embora depois foi para lá, foi para cá, acabou voltando para mim: “- Você sabe onde é a sala de tal professor?”. Ninguém ali deu a menor atenção para ele, então eu acho que isso acontece com muita frequência. Tem um outro dado que me impressiona, que os professores aposentados do departamento, é raríssimo que eles frequentem o departamento. Raríssimo. Você nunca mais vê a pessoa aqui.

**Entrev.** - Porque você acha que isso acontece?

**Lourival** - Eu acho que por duas razões. Primeiro que a pessoa talvez tenha tido uma primeira experiência que ela sentiu que ela não faz parte mais daquele ambiente.

**Entrev.** - Uma rejeição?

**Lourival** - Eu não diria uma rejeição, talvez seja até pior, uma indiferença. E um pouco porque às vezes as pessoas saem um pouco magoadas.

**Entrev.** - Por quê?

**Lourival** - Por exemplo: você pega assim um professor que trabalha há quarenta anos na instituição e não sei o que, ele sai aposenta e não acontece nada. O departamento não dá uma plaquinha para ele de agradecimento, não precisa ter festa não precisa ter pizza, mas que seja, chama lá todos os professores: - Olha aqui estamos dando uma plaquinha... Um mínimo. A pessoa está aqui a quarenta anos, aposenta. Teve um caso, eu conto os casos porque eles são sintomáticos. Professor aposentou - professora perdão - passou no corredor. O chefe do departamento falou: - Ou, você não me deu a chave ainda da sua sala? A pessoa ficou quase trinta anos ali. Não que não tivesse demorando, não é pergunta...

**Entrev.** - E ela ficou chateada?

**Lourival** - Muito chateada. Essa nunca mais veio no departamento. Acho que liberou a sala em meia hora, pôs tudo o que tinha e entregou a chave.

**Entrev.** - Existe uma certa frieza assim.

**Lourival** - Infelizmente sim.

Neste trecho, o entrevistado confessa estar se preparando para a aposentadoria, o que denota o caráter aversivo que esta tem para ele. Em seguida narra fatos que observou no departamento, no qual este encontra-se por 37 anos, e justifica a razão desta aversão para si e para os demais. Percebemos na narrativa como o reconhecimento parece estar condicionado a posições hierárquicas no campo e à adequabilidade das condutas dos indivíduos às suas demandas, as quais, conforme observamos, estão fortemente associadas às demandas do mercado capitalista.

Podemos, ainda, analisar a própria concepção de valor que cerca a atividade laboral como fator influente associado a esta ideia de sistema. Como aponta Gaulejac (2007), o valor do trabalho não está mais diretamente ligado à qualidade da obra ou da atividade concreta; ele está associado mais à ordem da adesão a ideias e crenças do que à concretude de sua realização. Está associado à *“adesão a um sistema de pensamento, a uma “visão”, a um “espírito”, a uma “cultura”, a uma “filosofia”, a valores comportamentais, a um conjunto de crenças e de princípios que é preciso interiorizar”* (Gaulejac, 2007, p.152).

Assim, podemos constatar que o comportamento permanentemente e intensivamente produtivo é um dos motores deste sistema e situa-se, portanto, como fator essencial à valorização dos agentes no referido contexto, ou seja, a seu reconhecimento, a esta apreciação simbólica de seu ser e que lhe gera, o que pode ser apenas aparente, bem-estar, prazer, sensação de ser alguém de habilidades, relevância e propriedades diferenciadas. Propriedades consideradas nobres, tal qual um produto pode as ter; como um “banhado a ouro” poderíamos analogicamente analisar.

**Entrev.** - As pessoas são reconhecidas enquanto elas são produtivas, enquanto elas são úteis, enquanto elas têm um posto de professor.

**Lourival** - Separar um pouco o lado pessoal da parte profissional. Na parte profissional sim. Pessoal não, você tem amizade, mas na parte profissional essa é a verdade.

É divulgado, propagado um sentido no interior da instituição universitária que condiciona o investimento de ações específicas, legítimas, convenientes a um contexto maior.

O sentido prescrito pelas instituições inscreve a atividade em missões socialmente definidas e legitimadas. O sentido produzido pelo próprio indivíduo remete às capacidades auto-reflexivas, à ideia de consciência. Trata-se então de se referir a si mesmo, a referentes interiorizados, inscritos nos sistemas de valores e de significações

transmitidas pela educação e pela cultura. Esse julgamento se realiza a partir da experiência biográfica do indivíduo. (Gaulejac, 2007, p.152,153)

A socialização se opera de forma diferenciada no campo científico. Ela favorece a constituição de um conjunto de disposições por meio de práticas que enaltecem valores peculiares, os quais parecem associar-se em larga escala à relevância em se obter reconhecimento no campo, o que, por sua vez, se dá pela ocupação de posições de influência no mesmo como, por exemplo, a presidência do corpo editorial de revistas de renome, os benefícios que se mostrem enquanto mérito às capacidades e habilidades do indivíduo, dentre outros processos e práticas que venham a propiciar julgamento axiológico que vá ao encontro de uma necessidade de honra social, de glória. Teríamos o que poderia ser apontado enquanto autorrealização por meio da glória.

Devemos considerar, entretanto, que a glória que tanto parecem almejar, na maioria das vezes, é efêmera e requer o atendimento de regras muito específicas para que dela se possa desfrutar. Os *winner*s não podem existir sem os *loser*s, sem seu contraponto, e sua condição de prestígio se desfaz mais facilmente do que poderiam prever ou desejar.

Aliás, o que na realidade parecem desfrutar é o mundano da glória, ou seja, um breve sucesso e prestígio, quando o que lhes seria mais significativo seria a glória digna de atemporalidade; isto significaria ter seus nomes e feitos projetados e exaltados para além de sua mera existência material, do que podemos compreender tal glória como próxima à ideia de sagrado, a qual no campo científico se assemelha, ainda mais, à ideia de superdotação.

Deste modo, podemos analogicamente afirmar que no campo científico o glorioso poderia ser descrito como “ser um Albert Einstein”. Cada agente parece almejar ser o esclarecedor, senão “produtor”, de uma verdade, de um paradigma irrevogável ou incontestável, o que, caso venha ocorrer, mesmo assim, ainda o situaria em um patamar diferenciado em relação a sua contribuição ao “desenvolvimento científico”. Seu nome, como é o caso de Einstein, passaria a ser sinônimo de inteligência, de sagacidade, ou de qualquer outro atributo socialmente considerado relevante. Este seria o máximo do reconhecimento. Seria sua glória.

## Capítulo 4 – O campo científico e a reatualização do *habitus*

*Não existe ciência inteiramente isenta de pressupostos e dissemos também que ciência alguma tem condição de provar seu valor a quem lhe rejeite os pressupostos. (Weber, 2001, p.55)*

Neste capítulo será apresentada uma análise, com base na obra de Bourdieu, acerca dos fatores que envolvem e caracterizam o campo científico, bem como a atualização do *habitus* de seus agentes a partir de tais características, buscando articular, em torno deste eixo, as categorias de análise indicadas na introdução e consideradas nos itens precedentes. Foram divididas em três blocos de sentido interligados: *habitus*, reconhecimento e socialização/trajetória familiar.

Antes de atermo-nos ao mencionado, cabe-nos retomar e aprofundar o que entendemos por campo. Campo (artístico, científico, etc) é um universo em que estão inseridos agentes e instituições que produzem, reproduzem e difundem a arte, ciência, etc, sendo tal universo um mundo social como outros, mas que segue leis sociais mais ou menos específicas.

Deste modo, a noção de campo serve para explicar este microcosmo relativamente autônomo, pois dotado de leis próprias e, embora seja submetido a leis como o macrocosmo, estas não são as mesmas e cada campo possui sua autonomia parcial em relação ao mesmo, a qual pode ser de diferentes níveis.

Há, entretanto, certa dificuldade em se mensurar o grau de autonomia de um campo ou subcampo científico, pois há problemas para de diagnosticar pressões externas, a forma como se exercem e como são recebidas pelo campo, contratos, ordens, instruções e/ou como encontram, por exemplo, alguma resistência, ou seja, como o microcosmo oferece resistência aos condicionamentos externos e impõe filtros ou práticas refratárias a estas determinações externas.

Para Bourdieu (2004c), quanto maior o nível de autonomia de dado campo, maior sua capacidade de refração, sendo, portanto, as imposições de ordem externa mais facilmente transfiguradas, tornando-se, inclusive, frequentemente irreconhecíveis. Poderíamos interpretar como se o campo mais autônomo tivesse uma habilidade de conversão de determinadas tendências em similaridade às suas próprias.

Assim, o poder de refração e retradução de um campo é indicador de seu grau de autonomia. Com a heteronomia de um campo, isto ocorre de modo inverso e esta

manifesta-se no fato de que os problemas exteriores, com ênfase aos políticos e econômicos, se exprimem no campo diretamente.

Segundo o autor, todo campo é um campo de forças e de lutas, as quais atuarão no sentido de conservar ou transformar tal campo de forças. A posição que cada agente ocupa dentro do campo é que determina o que ele pode ou não fazer, ou seja, determina seu nível de influência; esta posição ocupada pelo agente determina ou orienta as próprias tomadas de posição do mesmo.

Os agentes, sejam eles indivíduos ou instituições, determinam a estrutura do campo proporcionalmente ao seu peso no campo, o qual depende, por sua vez, do peso de todos os outros agentes do campo. Cada agente, entretanto, sofre determinada pressão da estrutura do campo, a qual se exerce mais fortemente quanto menor o peso deste agente e, portanto, maior sua fragilidade no campo.

**Entrev.** - Professor, os professores mais conhecidos que são esses, digamos, populares, que estão na boca dos alunos, eles têm mais influência ou são mais respeitados entre os alunos entre vocês professores, no departamento...

**Assis** - Por ser mais populares pela competência deles? Ah sim, com certeza.

**Entrev.** - Eles são mais respeitados?

**Assis** - Ah são. Um professor que tem um bom *status* nacional ou internacional ele é mais respeitado pelos alunos, mais procurado pelos alunos.

**Entrev.** - E pelos professores?

**Assis** - Como assim, não entendi, pelos outros professores?

**Entrev.** - É.

**Assis** - Também. Todos os professores do (nome do departamento) respeitam o *status* do (nome de um professor1) e do (nome de outro professor 2). O (professor 2) tem a comenda da cruz nacional. Ele é membro da Academia Brasileira de Ciências, ele é membro da Academia Americana de Ciências, ele é editor da revista mais importante de (área em que atua) do mundo, é uma lista gigante, é difícil que alguém aqui fale: o professor (professor 2) é ruim. Impossível.

**Entrev.** - E num momento de decisão esses professores eles têm mais influência?

**Assis** - De decisão do que?

**Entrev.** - Se tiver que decidir algo no departamento...

**Assis** - Têm, têm mais influência.

**Entrev.** - Tem mais peso a opinião deles.

**Assis** - Lógico.

Observemos pela fala de Assis que a posição ocupada pelo professor 2 no campo é dominante, ou seja, ele, o qual também é um de nossos entrevistados de nome fictício

Lionel, possivelmente é um agente que exerce grande influência sobre a estrutura do campo científico, o que pode ser afirmado em nível mundial, pois, como podemos ver, vide apêndice e pelas afirmações de seu companheiro de departamento, seu renome ultrapassa as fronteiras de nosso país.

Bourdieu (2004c) observa que nada é mais difícil de submeter à manipulação do que um campo, sendo as possibilidades de dado agente submeter as forças do campo às suas vontades, proporcionais à força que exerce sobre o campo.

Cada campo é lugar de constituição de um tipo de capital específico e a estrutura de um campo está relacionada em certo momento à estrutura de distribuição do capital científico entre seus agentes, ou seja, os agentes envolvidos e engajados neste campo.

A fim de compreender as dinâmicas referentes ao reconhecimento, cabe-nos analisar o campo científico de modo geral, considerando-se o capital científico como uma espécie de capital simbólico que se funda no conhecimento e no reconhecimento (BOURDIEU, 2004c).

Consideremos o campo científico como um campo de forças portador de dada estrutura e que se constitui em espaço de conflitos, os quais podem se relacionar tanto à manutenção como à transformação deste campo de forças, como analisa Bourdieu (2004a). A partir de tais observações, consideramos que valeria a pena investigar como que a prática científica se relacionaria, ou, como afirma Bourdieu (2004b), se constituiria como produto de um *habitus* científico.

Partimos, no desenvolvimento das análises, do princípio de que os agentes envolvidos têm uma apreensão ativa do mundo, construindo sua visão de mundo, construção que se realiza, todavia, sob coações estruturais (Bourdieu, 2004a). Seu *habitus*, as estruturas mentais por meio das quais estes agentes apreendem o mundo social, seria, em sua gênese, um produto da interiorização neles operada das estruturas do mundo social.

Constata-se que, em princípios gerais, *habitus* é um termo/conceito que se refere fundamentalmente à socialização e posição social ocupada por grupos e sujeitos de um determinado campo social. No caso da pesquisa que aqui se desenvolve, o foco está no *habitus* dos professores universitários, o qual, segundo Bourdieu (2008 b), e conforme estamos analisando, envolve uma série de crenças, suposições e comportamentos específicos associados, tais como os relacionados à racionalidade argumentativa e aos métodos científicos de produção do discurso.

Entretanto, vale salientar o caráter consistente e, simultaneamente, mutante do *habitus*, o qual se constitui no decorrer da vida do indivíduo e, portanto, como uma estrutura em constante processo de transformação e atualização de acordo com as diferentes situações em que o indivíduo se envolve, bem como de acordo com suas ações no meio social e em contextos ou campos específicos.

Ortiz (1983a) afirma, neste sentido:

A análise de Bourdieu tende, assim, a enfatizar a importância de estudar o modo de estruturação do *habitus* através das instituições de socialização dos agentes. Uma vez que se considera a socialização como um processo que se desenvolve ao longo de uma série de produções de *habitus* distintos, dedica-se uma atenção particular ao período de formação das primeiras categorias e valores que orientam a prática futura do ator (o que aproxima Bourdieu da escola fenomenológica que privilegia a experiência primeira do sujeito) (ORTIZ, 1983a, p.18).

No interior de diferentes campos, o *habitus* passa por processos de adaptação e de redefinição com base em exigências, necessidades e tendências imanentes a cada campo (BOURDIEU, 1983b).

No campo científico, observa-se, devido, à intensidade com a qual se dá o envolvimento dos indivíduos e à concomitante existência de uma série de parâmetros e normas específicos, a concretização de tal processo de adaptação e/ou redefinição do *habitus* dos indivíduos. Não devem ser relegados, contudo, possíveis aspectos fundantes do *habitus* primário do indivíduo, ou seja, o conjunto de disposições duradouras inculcadas nos processos familiares e escolares de socialização, os quais, como observamos nas análises precedentes, podem ter relação íntima com a maior probabilidade de alguns indivíduos tanto a investirem na carreira acadêmica como a aderirem, aceitarem e reproduzirem as regras e ditames provenientes da mesma.

Para Bourdieu (1983a) o campo científico é espaço de jogo de uma luta concorrencial em que o que está em jogo é o monopólio da autoridade científica ou da competência científica. Tal autoridade pode ser definida como a capacidade técnica e poder social; e a competência científica é a capacidade de falar e a de agir legitimamente. Em outras palavras, ambas implicam uma espécie de direito de ser ouvido no meio acadêmico, de ter atribuída certa relevância às suas teorizações e projetos.

O funcionamento do campo científico produz e supõe uma forma específica de interesse e, portanto, embora determinadas práticas possam parecer desinteressadas e mesmo declaradas, conforme observamos anteriormente, como em nome de um bem social maior, subjaz por detrás delas algumas motivações, as quais observamos estarem frequentemente associadas a valores norteados pelo desejo de projeção social e profissional e, raramente, associados a motivações financeiras *strictus sensus*.

Este interesse e busca por reconhecimento têm características específicas, por dirigirem-se à atividade científica especificamente. Os indivíduos parecem buscar projeção como cientistas. O *prime movens* de suas práticas não seria a busca de destaque por meio de cargos administrativos ou por possíveis lucros financeiros. Aliás, o valor do financeiro parece ser motivo de orgulho quando este se situa enquanto um investimento em suas habilidades, ou seja, o reconhecimento de seu sucesso enquanto pesquisador, enquanto cientista ou parte de um grupo de cientistas de renome.

Na declaração de Lionel fica evidente alguns destes aspectos.

**Entrev.** - Você percebe alguma forma de disputa de poder nas relações dos professores? Em relação a serem presidentes, coordenadores ou apenas parte do corpo editorial de revistas?

**Lionel** - Não há disputa direta para esses cargos, no geral eles são escolhidos pela REPUTAÇÃO do pesquisador...

**Entrev.** – E em relação a serem bolsistas produtividade?

**Lionel** - A competição é indireta – os mais prolíficos vencem..

**Entrev.** – E em relação à participação da administração do departamento ou da universidade?

**Lionel** - Há eleições normais para a chefia do departamento que envolvem alguma política , mas esta é enorme quando se trata do cargo de REITOR.

**Entrev.** - Em relação aos postos ocupados em geral e do sucesso das pesquisas do professor?

**Lionel** - Nunca me interessei muito por administração. Meu cargo mais importante foi “coordenador adjunto da diretoria científica da Fapesp” no período (referência de tempo).

Observemos o destaque que ele atribui à palavra *reputação*, o que pode ocorrer porque, para ele, bolsista produtividade CNPq 1A, com renome mundial, sendo um dos maiores nomes em sua área de atuação em nível mundial, este termo lhe soe extremamente amigável, “natural”, não existindo em nenhum instante tom de crítica ou de insatisfação.

Na breve declaração abaixo, de Harry, o que se pretende destacar é que, ao ser questionado sobre o investimento de uma grande empresa no laboratório do qual é vice-

diretor, obtivemos como resposta um grande sorriso na face, que pareceu denotar orgulho. O interessante é que o sorriso se estampa na mesma medida em que a afirmação parece ser quase de desdém por conter a colocação “sei lá”, a qual por vezes é empregada no sentido de dizer “não importa” ou “tanto faz”, termos estes que se contraporiam ao valor razoavelmente alto que se apresenta a *posteriori*.

**Entrev.** – No caso um dos investimentos é no (nome do laboratório do qual é vice-diretor)?

**Harry** - É.

**Entrev.** - Quantos milhões?

**Harry** - Ah, sei lá, uns vinte.

Retrocedendo à fala de Lionel, este afirma não interessar-se pelos cargos administrativos, o que parece ser comum, aos professores, principalmente, no caso dos considerados grandes pesquisadores.

É questionado a Jack sobre o assunto, o qual ocupa cargo administrativo na universidade, mas que também é considerado um pesquisador de sucesso.

**Entrev.** - Alguns mencionam na própria entrevista que o pessoal não quer muito pegar cargo na administração, acha que é mais um problema e que além de tudo não tem reconhecimento nenhum.

**Jack** - Ele está na busca do reconhecimento dele. Se ele pensar que talvez: talvez, porque nem todo ótimo pesquisador pode ser um bom administrador, tá, mas se ele reconhecer que ele tem habilidade para também fazer administração e administração com isso você pode ampliar a contribuição à universidade ao país porque não fazer isso, mesmo que não traga tanto reconhecimento individual como... Porque não?

**Entrev.** - Certa vez, um professor me disse que geralmente os professores que se engajam mais na parte administrativa tanto da universidade quanto do departamento geralmente eles não são, são os professores que não são tão bons pesquisadores assim, então não são bons pesquisadores, é muito difícil assumir. Ele fez esse comentário uma vez. No seu caso não é verdade.

**Jack** – É, mas eu vou te dizer uma coisa, é aqui que vale e não necessariamente o administrador que não faz bem pesquisa é menos para universidade para sociedade ou para o país do que aquele que faz uma boa pesquisa, eu tenho uma questão filosófica assim do tipo, o importante é dar 100% do que você é capaz então se ele como pesquisador ele podia dar 100% ele tá dando 50%, isto é se ele tem capacidade intelectual é bom, é intelectual, de publicar 10 trabalhos, ele tá publicando 5 trabalhos - olhando o trabalho como um mediador, como um termômetro do trabalho dele. Se ele pode publicar 10 e ele publica 5 e aquele cara que não tem a capacidade intelectual dele científica, mas tem uma capacidade organizativa e administrativa e ele tá dando 80% da capacidade dele na administração, eu acho que esse

pesquisador que está publicando 5 trabalhos está contribuindo menos que esse administrador.

**Entrev.** - O outro está contabilizando no *Lattes* né?

**Jack** - Está contabilizando 5 no *Lattes* que podia dar dez, mas nós estamos falando filosoficamente conceitual, não tem medidor disso. Então, eu acho que primeiro que não é verdade que necessariamente o ótimo pesquisador, você pega o presidente do CNPq hoje, pega o diretor científico da FAPESP.

**Entrev.** - É, mas eu acho que no caso ele se referiu mais a questão da universidade como por exemplo administração de departamento coordenação de graduação cargos assim.

**Jack** - Mas se você ver historicamente ele está livrando a dele ainda ele tá olhando pra ele ainda, eu imagino quem fale isso, porque são pessoas que são pesquisadores e nunca assumiram cargos, a gente tem isso, tem isso. Eu falo mal deles? Não, eles têm mais é que serem muito bons pesquisadores para não assumirem cargos administrativos e compensarem na pesquisa muito bem. E o administrador que não faz pesquisa tem que administrar muito bem, tem que dar aula muito bem, mas enfim. Eu não concordo com isso, com essa afirmação. Não concordo não com meu exemplo porque eu poderia dizer que eu fui mau pesquisador eu não sou bom pesquisador, e IA não quer dizer que é bom pesquisador não viu? Tem às vezes contingência aí. E medíocre não é também, mas não quer dizer que seja, e não quero dizer que eu seja um ótimo administrador o fato de estar aqui e tal.

Embora Jack diga não concordar com tal tipo de afirmação, ele admite que é algo que ocorre. Há professores que não se engajam, em nenhum momento, em cargos administrativos. Pelo que diz o entrevistado e pela fala de Lionel, podemos supor que há veracidade ou correspondência na relação entre dedicação à pesquisa e relegação de cargos administrativos. Parece-nos uma forma estratégica de projeção no campo, posto que valoriza-se o pesquisador excelente e não o administrador ou professor excelente.

Quanto ao interesse por uma atividade científica é conveniente que se considere algumas facetas para analisá-lo, dentre elas as motivações pessoais de cada indivíduo para executar seus estudos, seus estímulos contextuais, familiares ou similares, mas, ao tratarmos da prática em si, e analisando que estas não estão voltadas em sua essência à aquisição de bens materiais, mas de caráter simbólico, percebemos que as mesmas orientam-se à aquisição de autoridade e legitimidade científicas, as quais envolvem prestígio, celebridade e uma série de dinâmicas de reconhecimento que podem ter amplitude profissional e social e as quais envolvem processos de valoração e, portanto, de julgamento.

Para Bourdieu (1983a, p.124. grifos do autor), “os julgamentos sobre a capacidade científica de um estudante ou pesquisador” estão “*sempre contaminados*”

no “*transcurso de sua carreira*” pelo “*conhecimento da posição que ele ocupa nas hierarquias instituídas*”. Nas declarações abaixo do entrevistado são bem evidentes como se distinguem as hierarquias e os valores no meio acadêmico.

**Entrev.** - Eles acabam sendo um pouco marginalizados ou ficam um pouco a parte de vida do departamento? Esses que não fazem pesquisa? Eles são vistos de forma diferente?

**Jack** - Deixa-me ver, no nosso departamento, são vistos de maneira diferente sim, de maneira que se ele tiver uma atividade forte em outra atividade ele não aparece tanto. Então parece que ele não faz nada. Eu conheço um colega lá que ele não faz pesquisa. Ele é sozinho, só que você vê a quantidade de apostila de aula que ele já fez, demora tanto quanto fazer outros projetos, desenvolver, orientar, escrever uma apostila que vai publicar pela editora, então tem isso, é que aparece menos que a..

**Entrev.** - Menos visibilidade.

**Jack** - É, aí há um preconceito com ele, mas se ele estiver aberto e vir mesmo com o coração aberto, certamente ele contribuiu tanto quanto você. Eu lembro que tinha uma ocasião que tinha professor que não queria mais fazer pesquisa, tem boa formação chegou a fazer pesquisa, mas não queria mais fazer pesquisa. Ele foi um ótimo administrador. Pegou nossa pós-graduação ficou acho que seis anos, porque a pós-graduação precisa ter alguém burocrático, dentro das normas, que fica divulgando aperfeiçoando coisas, ele fazia. Esse foi reconhecido e aparece porque estava ligado à pesquisa porque é para pós-graduação, mas se fosse da graduação, eles dão um duro, o coordenador de graduação... eles dão um duro danado. Não aparece...

Dentre as hierarquias evidenciadas temos: a existente entre relevância atribuída à graduação e pós-graduação, a qual está, por sua vez, diretamente relacionada à existente entre a discrepância de relevância entre ensino e pesquisa na universidade, posto que é a pós-graduação o nicho de pesquisa. Este fato também é observado a partir da fala de vários outros entrevistados, os quais se expressam de diferentes formas. Lourival faz, durante sua entrevista, uma análise que aparenta ter como característica a sobriedade, em especial quanto às análises abaixo.

**Entrev.** - Professor, qual é a relevância que normalmente se atribui na universidade entre pesquisa, extensão e ensino?

**Lourival** - Olha, eu tenho na minha atividade hoje é trinta por cento pesquisa, trinta por cento ensino, e quarenta por cento extensão. A minha distribuição de tempo é essa, isso eu preenchi no meu relatório anual. Eu acho que eu sou uma exceção, eu acho que os professores mais aqui e menos aqui - (faz um rascunho em que escreve ensino, pesquisa e extensão e aponta para o mais aqui onde está escrito pesquisa).

**Entrev.** - Mais na pesquisa.

**Lourival** - Mais na pesquisa. É que esse laboratório é um laboratório de prestação de serviços, a gente tem muita parte de extensão.

**Entrev.-** Qual seria a ordem dos professores?

**Lourival** - A média dos professores, acho que seria setenta por cento de pesquisa e trinta por cento ensino.

(...)

**Entrev.** - Mas será que o ensino não fica um pouco marginalizado por causa dessa extrema valorização da pesquisa?

**Lourival** - Fica, não deveria ficar, mas fica, um pouco. Acho que um pouco é, talvez seja brando demais, fica sim.

**Entrev.-** Tem professor que não gosta de dar aula na graduação, por exemplo?

**Lourival** - Tem muitos professores. Porque é, vamos dizer assim, quer ver, o ser humano é meio movido a... Se você faz assim ó, eu dou, eu pego noventa por cento do meu tempo e eu dedico para ensino e dez por cento para pesquisa, vamos tirar a extensão tá? Aí, o outro que é ao contrário, que tem dez por cento no ensino e noventa na pesquisa, pelos critérios de avaliação da universidade e das agências de fomento, esse é melhor que esse, posso te garantir.

**Entrev.** - Você ia falar que o ser humano tem uma tendência a que?

**Lourival** - Ele vai pelo lado que ele consegue ser promovido, que ele consegue ser reconhecido, que ele consegue uma bolsa produtividade.

Enquanto Hugo apresenta tom quase que passional, um tanto imperativo e até indignado em certos momentos. Observemos.

**Hugo** – (...) estou dizendo para você que existem as pessoas que se preocupam e vir na universidade e vê-la como instituto de pesquisa. A universidade não é um instituto de pesquisa. Instituto de pesquisa é você é pago pra começar e vender projetos, por exemplo, o (nome de um instituto) compra o projeto da indústria para resolver, tem início, meio e fim, e isso tem um custo, pagamento, então você vai lá e vai lá para publicar para desenvolver e vender a imagem do instituto para dar retorno. A universidade é gratuita. A universidade ela tem que ensinar a pessoa a pensar, ensinar a pessoa a criar, ensinar a pessoa construir, então isso significa que o próprio profissional que está na universidade, e que é um cientista, ele tem que saber ensinar e, portanto, aprender a ensinar, portanto ele tem que ensinar. Ele tem que fazer ciência pra aprender cientificamente e ele tem que fazer com que esse conhecimento de ensinar e fazer ciência chegue à sociedade fazendo extensão. É assim que eu vejo a universidade, mas o que acontece é que aí vem essa história, o cara depois é cobrado porque a universidade não paga o laboratório de pesquisa. (...) Muitas vezes é medo de correr risco e ensinar é um negócio que ele vai por obrigação, ele vai porque se não a reitoria, a universidade te cobra pelo ensino, não pela pesquisa. Você não vai vir aqui, você tem aula segunda e quarta feira e você só faz pesquisa e não dá nenhuma aula. Você é mandado embora. Você está aqui para ensinar e cada vez mais dar aula e fazer menos pesquisa, essa é a realidade. O número de alunos que você recebe aumenta de uma maneira gigante, então você é obrigado a dar muita aula e fazer pouca ciência.

Hugo menciona o aumento do número de alunos, o REUNI e o aumento na relação professor-aluno, fatores estes entendidos por ele como fundamentais à sobrecarga atual de trabalho dos professores-pesquisadores.

Na declaração que segue o professor demonstra seu descontentamento, principalmente, ao ver que, em similaridade ao que ocorre na universidade em que leciona, na universidade em que seu filho estuda o descaso em relação ao ensino, o qual decorre de um quadro em que a cultura de produtividade intensa à qual a atividade de pesquisa é fundamental e é priorizada em detrimento da atividade de ensino, constitui-se em uma realidade, a qual o afeta diretamente, pois afeta sua família, ou seja, o empenho que possivelmente deve ter investido em sua formação familiar.

**Harry** – (...) eu tenho um filho estudando em universidade federal no campus de (nome de uma universidade). Eu estou insatisfeito da maneira como os professores tratam os alunos. Eu tenho a impressão de que aqui não é muito diferente.

**Entrev.** - Que forma que seria essa.

**Harry** - Com pouca atenção, sem prioridade. Apesar de eu me dedicar muito à pesquisa e à extensão de maneira nenhuma isso significa que eu deixo de lado o ensino. De jeito nenhum. O que eu estou te dizendo é o seguinte: o fato de uma pessoa não ter pesquisa e extensão não significa que ela se dedica mais no ensino do que uma pessoa que faz essas três coisas.

E completa, quando é perguntado se este descaso em relação ao ensino está relacionado ao fato de o indivíduo já estar em determinado nível da carreira, já ter certo *status* na profissão. O interessante nesta declaração é a forma como o indivíduo representa um suposto pensamento ou discurso de outro, o qual deve evidenciar-se de tal forma nas práticas cotidianas a ponto de tornar-se perceptível a outrém, não devendo ser, ainda, uma prática isolada, uma vez que temos constatado declarações similares de praticamente todos os entrevistados.

**Entrev.-** Chega num certo nível de carreira, de *status*...

**Harry-** É de *status*: “- Não, eu já tenho muitas coisas para fazer, dar aula na graduação, isso não é para mim”.

Observamos na fala de Harry um tom crítico em relação ao comportamento de alguns de seus pares ao não darem relevância ao ensino de graduação, o qual ele acredita, ou ao menos afirma, ser fundamental.

Constatamos aqui, além de, tal como aponta Bourdieu (1983 a), os conflitos no campo científico serem pela dominação e não se darem nem puramente na dimensão política, nem puramente na dimensão intelectual, os conflitos podem emergir de outros aspectos, dentre os quais poderíamos apontar os referentes a questões morais, éticas, de crenças, valores, os quais, de certo modo, podem envolver relações de poder.

#### **4.1 – Naturalização, conflito e adoecimento: quando surge o freio?!**

Com a Reforma do Estado e da Educação Superior, o professor universitário se vê compelido tanto à ideologia do produtivismo acadêmico quanto à complementação salarial. O professor incorporou esta ideologia de tal forma que vê como natural não possuir tempo para dedicar à família, ao lazer e ao descanso (Sguissardi e Silva Jr, 2010).

Neste âmbito, o adoecer, se torna, muitas vezes, uma forma de interceptar uma busca incansável para se adequar na universidade. E assim, na universidade mercantilizada, o próprio adoecer implica na estigmatização do profissional e na associação do mesmo à improdutividade. Denota aos seus agentes, imersos em sua lógica, que o indivíduo não tem potencial ou que não esteja apto a jogar este jogo social.

Este processo de estigmatização constitui-se em fator depreciativo na vida destes indivíduos, posto que é possível afirmar, como aponta Piolli (2010-2011), o trabalho como categoria central nas relações atuais entre indivíduos e sociedade, configurando-se como elemento fundamental na constituição da identidade social. Ou seja, o trabalho não se resume à venda de força de trabalho, mas envolve aspectos simbólicos, dentre os quais o autor aponta os referentes ao reconhecimento social, que é ponto chave do presente estudo, assim como aos processos de inserção em grupos, que podem vir a se articular tanto a autorrealização dos indivíduos como ao sofrimento, desgaste e/ou estresse.

Deste modo, para se analisar a temática referente aos processos implicados no reconhecimento dos sujeitos no meio social e, mais especificamente, no campo científico, é conveniente que se analise práticas sociais específicas que denotam uma série de relações simbólicas e de poder que envolvem e condicionam tais processos, uma vez que reconhecimento e seu contraponto, a estigmatização, envolvem essencialmente elementos simbólicos .

Para Pagès (1987) há um sistema de organização dos impulsos individuais que se consolida por meio de um modelo específico de personalidade, difundido segundo os parâmetros de sucesso no trabalho e na carreira, na ideia de ambição, de conquista, de auto-superação. Caracteriza-se por uma espécie de postura competitiva e quase agressiva, no que se poderia denominar de canalização de agressividade ou, pelos menos ousados quanto às palavras, de canalização de energia do indivíduo e prol de necessidade e tendências da organização. Acrescentaríamos, ainda, que tais necessidades e tendências, por sua vez, não têm sua origem ao acaso, mas em estruturas sociais razoavelmente bem definidas.

Deste modo, quando o entrevistado afirma a existência de uma suposta “mente coletiva”, devemos atentar-nos a estes possíveis fatores. O entrevistado é questionado sobre um possível excesso de trabalho e afirma não admitir quem diga que é excessivo, atribuindo a cada indivíduo a responsabilidade por um provável desequilíbrio em sua vida pessoal e profissional, afirma não haver um equilíbrio que requeira que se seja famoso e que se publique em excesso.

**Jack** – Então, ele auto impôs; então, ele está em desequilíbrio, porque ele impôs uma coisa que é excessiva para ele, ele que não tem equilíbrio, ele que não tem a visão, o governo da vida dele. É possível porque a massa, a mente coletiva é forte, dizendo: “ó pra você ficar famoso, ter reconhecimento você tem que publicar dez trabalhos, você tem que orientar um monte de gente”. Mas então está em desequilíbrio ou é muito vaidoso. Então é problema da vaidade dele, não é problema da vida acadêmica.

**Entrev.** - E você nunca teve problema de saúde então, relacionada o trabalho, tempo de trabalho.

**Jack**- Não.

**Entrev.** - Eu pergunto por que tem vários casos tá? Dano de saúde devido a trabalhar excessivamente. Você trabalha fim de semana professor? Direto?

**Jack** - Eu trabalho, quando eu preciso.

**Entrev.** - O que é quando eu preciso?

**Jack** - Quando tem relatórios para apresentar...

**Entrev.** - Mas isso é frequente?

**Jack** - É, mas eu não reclamo, eu que aceitei, foi minha proposta fazer, então eu não posso acusar de excessivo, é na verdade a pessoa que tomou a decisão e está se cobrando. Se você perguntar assim: “não vamos recomendar para o jovem que carreira acadêmica é boa, porque o trabalho é excessivo”. Eu não assino embaixo essa afirmação, agora que tem gente com **excesso de trabalho relativo à capacidade dele**, tem gente que vai dar duas disciplinas é excessivo, tem gente que dá quatro e dá, então esse excesso é muito relativo, então eu acho que quando a pessoa tá excessivo então ele tá desequilibrado, agora que a universidade cobra dele isso não.

**Entrev.** - Eu fiquei sabendo que alguns professores tiveram problema cardíaco infarto recentemente, você acha que esse problema tá associado à carga que essas pessoas às vezes assumem de trabalho?

**Jack** - Olha, eu acho que é primeiro você ver a comunidade da (nome da universidade) está velha, velha o seguinte, tem 41 anos e não teve muita contratação do governo nesse período, então sessenta pessoas dos professores da universidade tem mais de 50, 55, então obviamente em termos estatísticos a probabilidade de ter mais doenças é maior, não tem semana que a gente não ouve colega da gente que é da velha guarda que a gente conhece com algum problema de coração, mas isso, e outra coisa, o estresse esse tipo de coisa isso eu tenho colegas na indústria que morreram do coração também. O estresse de gente da indústria? Ele era presidente de empresa, colega de turma, mas ele morreu do coração. Você acha que ele não tava estressado? Estava, mas ele decidiu. Eu conheço colegas da minha turma que estão felizes da vida já aposentaram e estão bem pra burro. Chegaram a chefe de sessão tal agora tá aposentado tudo bem cuidando do neto. Então depende do equilíbrio de cada pessoa. Tem gente que assumiu presidência e tá feliz também, então depende do nível da coisa e da capacidade. Então acho que é muito da pessoa, que a mente coletiva se há pressão apelando para o seu orgulho a sua vaidade porque a universidade ela fala assim “você tem que dar aula”. Eu não vejo nenhum problema desses professores novos, tempo integral de dedicação exclusiva ter dificuldade em preparar aula que é da área dele, que se não ele não teria prestado concurso nessa área certo? Dar um número de aula corrigir essas provas, estudo, não há problema nenhum. Excessivo talvez é professora primária que tem que corrigir aquele monte de prova aqueles monte de alunos dar várias aulas e aguentando o tipo de alunos que eles tem né? Aí pode ser excessivo, mas pra universidade essa palavra excessivo não. O que tem é que o pessoal assume ou se cobre de si mesmo certas coisas que depois ele não dá conta aí é excessivo para ele, ele não dá conta, dá problema no coração isso tudo, mas isso depende do...

Este professor é bolsista produtividade 1 A pelo CNPq e tem uma carreira considerada de sucesso, o que o coloca em situação extremamente confortável para realizar as observações anteriores. Para ele, o ritmo frenético de produção e trabalho que demanda horas que extrapolam seu tempo na universidade e consomem boa parte de seu tempo domiciliar, são “normais”.

O que há de mais questionável na fala de Jack é: seria realmente uma simples questão de saber equilibrar demandas para não adoecer e/ou não se deixar seduzir pelos prazeres ocasionados, especialmente, pelos bens simbólicos propiciados por uma carreira acadêmica de sucesso?

A resposta não se demonstra simples e, tampouco, positiva a esta questão. Para respondê-la, serviremo-nos da situação que enuncia uma das estratégias de perpetuação do jogo, que consiste na reafirmação das suas regras a partir da consagração do *status*. Esta reafirmação é efetivada pelos próprios agentes que obtiveram sucesso no jogo, que

o jogam maestralmente e são, portanto, exemplos de sucesso e de glória a ser atingida. Estes agentes seriam aqueles, possivelmente, enquadrados dentre os que têm capacidade para assumir tais demandas excessivas para alguns, considerando-se a afirmação de Jack de que o trabalho é excessivo segundo a capacidade de cada indivíduo.

Avaliamos tal declaração como exemplo típico do sistema ideológico capitalista, no qual a culpabilização ou mérito são atribuídos a cada indivíduo específico, processo que visa individualização, que, por sua vez, é elemento fundamental no jogo social. Esta individualização gera a ideia de esforço individual como motor do meio social, ou seja, se um indivíduo não obteve sucesso nos estudos, acusa-se, frequentemente, que este não teve mérito para tanto.

O mesmo ocorre no meio acadêmico. Se um indivíduo não consegue realizar todas as atividades e suprir todas as necessidades do jogo, se não enquadra seu ser ao “ser performativo” requerido pelo campo científico, é visto como alguém que não possui “capacidade” para a aquela demanda de trabalho. Não se critica o sistema, pois ele é amplo e complexo, ele gera relações e, inclusive, dinâmicas psicológicas, gere sociabilidades e subjetividades, portanto. O que se critica é a inadequação do sujeito, que se assemelharia a uma “peça” que supostamente seria portadora de um “defeito”.

No campo científico podemos avaliar as relações como em um jogo, onde o relevante a analisar são as estratégias, o que faz com que seus participantes sejam vencedores ou não. Percebemos, a partir de todas as análises precedentes, que ele é composto por estratégias de avaliação que são calcadas em um sistema valorativo que tem o capital científico como valor maior. São valores similares aos valores sociais gerais da sociedade capitalista, mas baseiam-se no reconhecimento como recompensa, como moeda. Todo o sistema se mostra voltado à maximização da utilidade de seus agentes, os quais passam a empregar suas próprias estratégias para superar as expectativas que delineiam o campo.

Os agentes querem ser reconhecidos no campo, no jogo e, por essa razão, o ato de adequação e as referidas estratégias de sucessão constituem-se em motor primeiro de suas ações e ideais. O ato subversivo, que visa transcender às demandas, objetivos, estratégias e crenças do campo, é sempre uma alternativa arriscada para obtenção de sucesso no mesmo, pois requer a reformulação de todo este aparato complexo e, ainda, que se instale uma nova gestão psicológica e simbólica do campo.

Para um indivíduo, a subversão da ordem exige esforços absurdos, exige o rompimento de paradigmas que vigoram há muito tempo, exige uma disponibilidade ao

conflito intenso, ao confronto, é sempre uma estratégia de guerra e, na guerra, há ganhos por parte de alguns e perdas irreversíveis. Talvez seja evitada a subversão nos mesmos ditames que Hobbes descreve a inevitabilidade da guerra de todos contra todos, ou seja, em uma espécie de anúncio do instinto de auto-preservação.

Por este motivo é possível que indivíduos como Sam e Lucas, mesmo se posicionando de modo crítico quanto a muitas das relações do campo, como o individualismo, a competitividade anti-ética, o excesso de trabalho e outros, ainda almejem carreira similar e, mesmo demonstrando prematuramente problemas como os de relacionamento familiar, já apresentem características que denotam o conjunto de disposições interiorizadas peculiares ao que aqui denominamos de *habitus* científico articulado a um ideal de alta performatividade, como a dificuldade em desconectar-se dos afazeres profissionais e de efetuar cisão entre tempo de trabalho e de lazer. Apresentam, ainda, a negação como sintoma da inculcação em que o indivíduo, devido à sua imersão nas concepções do campo, passa a não admitir os aspectos que possam ser ou virem a ser prejudiciais à sua vida pessoal e, inclusive, saúde.

Analisemos alguns destes aspectos na entrevista que segue.

**Entrev.** - O seu trabalho é excessivo? Em algum momento ele interfere na tua vida, positivamente ou negativamente?

**Lucas** - Olha. Agora nesses últimos meses sim. Interferindo de maneira um pouco negativamente porque, por enquanto, como eu tenho que preparar aulas para a disciplina nova que eu não dava. Eu nunca tinha dado essas disciplinas que eu dou agora, então eu não tinha nada de aulas preparadas para isso e continuo com o mesmo ritmo de trabalho no laboratório, mais ou menos né, então sobrou muito trabalho para fora de hora, para a noite ou pro fim de semana e aí de alguma maneira interfere. A esposa às vezes fica reclamando.

**Entrev.** - Você é casado?

**Lucas** - Sou casado.

**Entrev.** - Nossa tão jovem! E a esposa reclama...

**Lucas** - Ela acha ruim: "É você tem que acertar esses horários de preparação de aula..." Porque teve alguns fins de semana que eu gastei sábado e domingo preparando aula para dar na próxima semana. E aí atrapalha um pouco na vida de qualquer um.

**Entrev.** - A vida social fica comprometida você acha?

**Lucas** - Ficou, mas eu acho, eu acho não, eu acredito que isso é temporário agora que eu estou começando, porque aí tendo as disciplinas preparadas mais ou menos acertadas no próximo semestre eu acredito que a coisa vai se encaixar. Ou eu acostumo com o ritmo e a preparação de aula, talvez eu prepare com mais facilidade.

Notamos que o indivíduo já apresenta alguns conflitos familiares decorrentes do excesso de trabalho, o qual ele atribui à preparação de aulas, mas que podemos questionar e refletir sobre a possibilidade de que este seria um dos primeiros atos para afirmação na carreira, ou seja, ele necessita de um desempenho razoável para que possa se inserir efetivamente no departamento *a posteriori* e, como professor substituto, a ênfase é no trabalho de ensino, o que é afirmado, inclusive pelos outros docentes.

O entrevistado demonstrou grande aceitabilidade mesmo mediante as constatações de sua parte.

**Entrev.** - E quando você for professor efetivo? Você acha que vai diminuir essa carga de trabalho?

**Lucas** - Aí não, acho que vai aumentar.

**Entrev.** - Por que você acha?

**Lucas** - Porque aí vão ocorrer novas responsabilidades. Novos anseios.

**Entrev.** - E aí? Olha, você como professor substituto você é mais encarregado até de ensino do que da pesquisa e você já falou que o trabalho excessivo chegou até a comprometer, neste contexto. Como você imagina que vai ser depois, isso?

**Lucas** - Nesse começo está sendo, depois eu tendo terminado o doutorado e me dedicando a passar e tendo passado numa vaga aí eu não vou ter mais as responsabilidades do doutorado, que tem os prazos de qualificação e prazo de término, mas aí eu vou ter as responsabilidades de ensino de da pesquisa que vai estar andando.

**Entrev.** - Você acha que vai facilitar seu envolvimento familiar, sua vida social?

**Lucas** - Não, eu acho que é possível conseguir um bom equilíbrio, conseguir limitar o meu trabalho entre segunda e sexta. Na maioria das semanas.

Observemos que ele afirma que acredita que conseguirá conciliar seu trabalho e vida social, mas diz que isso deverá ocorrer na maioria das semanas, ou seja, já se apresenta uma possibilidade de rompimento com o que parece ser quase uma promessa pessoal a si mesmo. Ele afirma que é possível manter o equilíbrio, o que ocorre de modo muito similar no caso de outros docentes, do que podemos observar um traço do campo que pode servir de justificativa.

Esta justificativa implica, praticamente, na culpabilização do indivíduo que não consegue adequar-se às demandas do campo, como destacamos anteriormente. É um processo em que se individualiza o que se considera de desvio e isto serve tanto para o estabelecimento do parâmetro de anormalidade ou incapacidade como, em consequência, para o estabelecimento da normalidade no campo, ou seja, do que é

considerado quase natural e intrínseco ao mesmo. Por exemplo, muitas vezes, não apenas em relação ao trabalho do professor-pesquisador, ouvimos afirmações como “Ele está nesta carreira, isso implica aceitar isto!”, “Quando escolheu ser professor do primário, deveria saber que há casos extremos de grosseria tanto de alunos quanto de pais!”.

Tais afirmações são produto de uma internalização muito bem executada no meio social e que é capaz de fazer, inclusive, com que os indivíduos desacreditem de si mesmos, o que ocorre, por exemplo, quando uma pessoa acredita que cursar uma universidade não é para si. É uma internalização que pode ser entendida como facilitadora do processo de dominação, no sentido de controle social, de uns sobre outros.

Jack afirma não concordar com a ideia de trabalho excessivo e demonstra-se indignado com os que alegam isto. Observe-se que ele sublinha que há indivíduos com trabalho excessivo relativo à sua capacidade.

**Jack** - Eu não assino embaixo dessa afirmação, agora que tem gente com excesso de trabalho relativo à capacidade dele, tem gente que vai dar duas disciplinas é excessivo, tem gente que dá quatro e dá, então esse excesso é muito relativo, então eu acho que quando trabalho da pessoa está excessivo, então ele está desequilibrado, agora que a universidade cobra dele, isso não.

Jack nivela a capacidade dos indivíduos pelo extremo, talvez por ser muito bem sucedido em sua carreira, pesquisador bolsista produtividade em nível máximo, atual ocupante de cargo administrativo relevante na universidade, o sucesso no campo não lhe é estranho e as dificuldades não lhe são barreiras. Este tipo de postura, do homem top no campo, é o que apontamos como possível propulsora da concepção que rege o campo científico e que, atualmente, se associa à lógica do *acting out* permanente, à lógica da avaliação como estratégia de controle no campo.

Entretanto, cremos que a lógica que acaba por se sobrepor como complemento a todas as demais é a lógica da aceitação subjetiva, pois os indivíduos, conforme analisamos ao longo do estudo, atuam como agentes fundamentais na perpetuação deste estado de coisas.

Poderíamos falar em manipulação, mas entraríamos na questão “de quem e sobre quem?” e poderíamos dizer que de dominantes sobre dominados ou algo semelhante. O que cabe aqui é considerarmos a existência de uma lógica do jogo, da incorporação das disposições, as quais não nos parecem ser assimiladas a partir de atos violentamente físicos, mas violentamente simbólicos, valorativos e, portanto, com capacidade de convencimento notável, pois orientam os indivíduos por suas noções de bom e ruim, de belo ou feio, ou seja, pelo que socialmente se coloca como alvo de desejo.

A noção do fracasso, da incapacidade não se mostra agradável, muito menos, em um campo em que a nobreza parece residir na ideia de superior habilidade e influência, em que a luta ocorre o tempo todo por legitimidade, pela autoridade do fazer e do dizer, como é o caso do científico. Nota-se, assim, que o coletivo rege a produção de sentido aos indivíduos e, por meio dele, é que se operam as ações de inculcação e de legitimação.

O coletivo sabe muito bem em que consiste uma “bela obra”, assim como pode avaliar muito precisamente as contribuições reais de cada um para a produção coletiva. É, portanto, esse coletivo que é portador de sentido, que é a malha central da aprendizagem da profissão, que fixa, em última análise, suas normas aceitáveis, seus modos úteis de funcionamento, as apreciações que de fato importam. Ele protege de julgamentos arbitrários vindos do exterior, assim como reprime os comportamentos desviantes de seus membros. Ele opera uma instância de elaboração simbólica que permite a cada um situar-se em relação aos outros, de construir uma escala de valores sobre aquilo que se faz e não se faz e, portanto, sobre o conteúdo e as finalidades do trabalho. Ele dá sentido à atividade. Ele serve de espaço de transição entre o sentido prescrito pela instituição e o sentido produzido pelo indivíduo. (Gaulejac, 2007, p. 152)

Acrescentamos a afirmação de que o coletivo é capaz de produzir a noção de “uma bela obra” e não apenas de reconhecê-la enquanto tal. O coletivo reprime ações, as confirma ou as pune e, neste processo, faz evidenciarem-se aos indivíduos os caminhos mais seguros a serem tomados em sua trajetória, mostrando em que instância há aprovação ou reprovação, o que é considerado certo e plausível em dado contexto.

Podemos afirmar, e é este o motivo de dedicarmos esta última instância de análise a este tema, que é considerado plausível o adoecer neste contexto, o que nos causa maior estranheza e nos faz chegar à reflexão sobre quando surge o freio para estes profissionais, se é que ele surge mediante algum lapso de consciência ou mediante situações de incapacidade física ou psíquica.

Embora seja complicado mensurar quando vem a surgir um problema ou incômodo tão extremo a ponto de o indivíduo mudar radicalmente seu cotidiano de relações, podemos deduzir que, muitas vezes, isto só ocorre mediante situações de incapacidade, como é o caso dos infartos que acometeram alguns professores do departamento.

Vejamos o que afirma o jovem Lucas sobre sua saúde.

**Entrev.** - Ele já te trouxe algum problema de saúde, esse ritmo que você está? Influenciou em seu bem estar, sua saúde, ou outro tipo de problema, você falou o familiar...

**Lucas** - Não problemas, mas só um desconforto...

**Entrev.** - Como assim?

**Lucas** - Não foram problemas graves, nada de mais. Uma discussão boba com a esposa, nesse caso essas semanas, mas, há uns tempos atrás, quando eu estava terminando o mestrado, depois que eu defendi, eu fiquei uma semana bem gripado. Fui muito puxada a correria porque tinha muita coisa. Eu defendi numa semana, congresso na outra e depois eu casei. Então foi bem loucura.

**Entrev.** - Então você é recém-casado.

**Lucas** - Eu casei há um ano e quatro meses. Foi em 2010.

**Entrev.** - É. Pouco tempo. Então, de saúde mesmo assim só esses...

**Lucas** - Não, nenhum problema grave, só que depois de uma puxada boa que foi para terminar o meu trabalho, que aí eu dei um gás forte mesmo...

**Entrev.** - Você é produtivo, Lucas?

**Lucas** - Eu acredito que sim. Acima da média dos meus pares.

Lucas exita em reconhecer o seu próprio adoecer ou mal-estar como algo sério provocado por sua vida acadêmica, o que também ocorre com outros professores, mas surpreende pelo fato deste ser tão jovem e já exercer sua atividade tão intensamente.

Sua afirmação, no entanto, ao afirmar ser produtivo, fora expressa com um sorriso de contentamento, o que ele coloca, ainda, como além do que seus pares. Este contentamento aparente nos sugere que a sensação gerada por enquadrar-se nas lógicas referenciadas é de prazer e não, prioritariamente, de conflito ou estresse. Aliás, ela deve ser tanto mais prazerosa quanto mais adequado o indivíduo esteja em termos de *habitus* desenvolvido pautado no campo científico.

Continuemos analisando as dinâmicas de trabalho e relações estabelecidas no campo. Luigi analisa sua vida pessoal apresentando seus problemas de saúde, mas buscando demonstrar a naturalidade com que vê situação. Todavia, ao final da entrevista, quando o gravador havia sido desligado e , portanto, não mais o intimidava, Luigi postou-se de modo muito reflexivo, quase que confuso, e afirmou: “Nossa, agora

que você falou eu parei para pensar, mas é complicado isso...”. O entrevistado demonstrou nitidamente preocupação, talvez até por ter afirmado de modo tão naturalizado que aquele era seu sistema de vida e que não possuía nada de errado, conforme observaremos em suas palavras.

**Luigi** - Desse departamento, todos. Eu conheço esse departamento. Todos trabalham mais que as oito horas diárias. Muito mais que as oitos horas. Almoça pensando, toma banho pensado, vai ao cinema pensando, faz tudo pensando aqui.

**Entrev.** - O trabalho é excessivo então?

**Luigi** - É excessivo. E às vezes a pessoa não tem tempo para tirar meia tarde para receber um professor novo. Ela tem o que fazer.

**Entrev.** - Normalmente, ele te prejudicou ou você percebe que prejudica os outros professores? Nas suas relações familiares em geral? Esse trabalho excessivo?

**Luigi** - De alguma forma sim. Quando você trabalha mais que as oito horas você acaba roubando tempo que você poderia estar no convívio ou outra coisa, mas os familiares já sabem como funcionam **como deve ser** e no caso de minha esposa a gente procura dosar. Combinado não há problema nenhum, mas as pessoas, as esposas, os familiares, os esposos sabem como funciona. Sabem que às vezes o almoço programado não vai existir, mas que vai ter que almoçar com uma pessoa que vem visitar, que eu ia sair às oito e vou sair às seis, surgiu um imprevisto. Essas coisas acontecem...

**Entrev.** - Mas sua esposa lida bem com isso?

**Luigi** - Minha esposa lida bem, até porque eu procuro combinar. Sempre combinar.

**Entrev.** - Mas todas lidam bem com isso? Porque não é um negócio fácil.

**Luigi** - É uma reposta que eu não sei te dar, eu não tenho noção.

**Entrev.** - Você tem filhos?

**Luigi** - Não.

**Entrev.** - Você acha que isso vai te atrapalhar quando você for pai, se você pretende...

**Luigi** - A gente pretende ter filhos sim; Não, não vai me atrapalhar, vai tomar um tempo maior do que eu tenho, mas a gente consegue adequar isso também, mas no aspecto pessoal **vai ser uma alegria tão grande que vai motivar a trabalhar** como eu venho trabalhando, não vejo problema nenhum.

Enfatizamos nestas falas as afirmações como deve ser, a qual denota o caráter de inevitabilidade que parece ter concretização de seu trabalho com vários excessos. Este “como deve ser” ilustra muito do que já fora apontado nos capítulos anteriores, o quanto o indivíduo assume um conjunto de valores, os quais passam a constituir-se em edificadores de suas próprias necessidades e escolhas. Esta frase é um imperativo, ela não abre espaço à dúvida, nos trazendo, claramente, o quão arraigadas se tornam algumas concepções e o quão concreto pode ser o simbólico.

Outra ênfase foi na associação que Luigi faz entre o possível nascimento de seu filho, quando ele afirma que ficaria tão feliz que estaria mais motivado a manter seu ritmo de trabalho. Desta afirmação podemos tirar duas inferências: uma é a de que ele associa seu trabalho a uma forma de prazer tão sublime quanto o nascimento de um filho e outra é a de que, para continuar neste ritmo tão frenético, uma motivação deste porte seria relevante no sentido de não desviá-lo de seus objetivos e das necessidades já forjadas em seu *habitus*.

Continuamos a entrevista.

**Entrev.** - Você acha prejudicial isso? Você falou excessivo, excessivo é demais, não prejudica você? Em algum momento você já teve algum problema de saúde, por exemplo?

**Luigi** - Sim, acho que principalmente saúde. Eu tenho problema de dores lombares, faço fisioterapia, evito ficar muito tempo parado na mesma posição. Então, eu tenho procurado evitar fazer isso daí, então eu tenho procurado trabalhar no computador, no máximo duas horas fazer outra coisa que não seja isso daí e procurar fazer atividade física depois do expediente para procurar suprir essa falta.

**Entrev.** - Mas algum outro tipo de problema você teve?

**Luigi** - Não, só isso, só físico. Nunca tive problema pessoal, nem emocional.

**Entrev.** - Nenhum outro.

**Luigi** - Não.

**Entrev.** - Daí você faz assim. Paliativo no caso né?

**Luigi** - Não, eu estou em tratamento.

**Entrev.** - Você não acha que isso, a longo prazo, vai te prejudicar muito?

**Luigi** - Se eu não me tratar, sim. Mas eu estou procurando fazer o tratamento, mas também para que procure ter um equilíbrio entre trabalho e vida pessoal para que eu procure manter minha saúde, mas aqui a gente trabalha, é um ambiente tranquilo, arejado, trabalha com segurança no laboratório, mas procurando que isso não atrapalhe a saúde da gente, mas, definitivamente, o homem não foi feito para ficar sentado na frente do computador e ficar fazendo uma atividade. Ele foi feito para fazer as atividades mais diversas possíveis, os movimentos corpóreos mais diversos possíveis, e sempre acaba, mas isso é inerente a qualquer profissão que a gente vai ter algum problema de saúde ligado a ela, qualquer profissão.

Neste trecho, Luigi afirma sofrer de dores na coluna e que necessita realizar tratamento. Ao final de suas declarações afirma que toda profissão gera problemas de saúde a ela associados. Constata-se, nesta declaração, senão a tentativa de suavizar o que, para si, apresenta-se como um problema visivelmente ligado à sua atividade profissional, uma tendência em naturalizar a existência de processos de adoecimento relacionados aos mais diversos tipos de trabalho.

Esta e outras declarações dos entrevistados nos evidenciam suas estruturas sociais incorporadas, ou seja, a peneira pela qual estes separam o que lhes parece significativo ou irrelevante.

As estruturas cognitivas utilizadas pelos agentes sociais para conhecer praticamente o mundo social são estruturas sociais incorporadas. O conhecimento prático do mundo social que supõe a conduta “razoável” nesse mundo serve-se de esquemas classificatórios - ou, se preferirmos, “formas de classificação”, “estruturas mentais”, “formas simbólicas”, ou seja, outras tantas expressões que, se forem ignoradas as respectivas conotações, são praticamente intermutáveis -, esquemas históricos de percepção e apreciação que são o produto da divisão objetiva em classes (faixas etárias, classes sexuais, classes sociais) e que funcionam aquém da consciência e do discurso. Por serem o produto da incorporação das estruturas fundamentais de uma sociedade, esses princípios de divisão são comuns ao conjunto de agentes dessa sociedade e tornam possível a produção de um mundo comum e sensato, de um mundo de senso comum. (Bourdieu, 2011, p.435,436)

Este mundo comum e sensato pressupõe determinada lógica, a qual tem como um de seus fundamentos, se analisarmos uma profissão considerada socialmente nobre como a do professor universitário, a assunção, defesa e justificativa a todo custo de seu ponto de vista, de sua colocação, posto profissional, o que implica camuflar, como observamos, os possíveis danos que essa possa influenciar, ou melhor, que o assumir de suas disposições necessárias ao sucesso no campo pode ocasionar.

**Entrev.** - Você tem ciência que de alguma forma isso te prejudica. Você falou, o trabalho é excessivo. Por que você continua nesse ritmo, ou então por que você supõe que os outros continuam, por que como você falou é generalizado. Por quê?

**Luigi** – Porque, primeiro, que é a maneira da gente fazer alguma coisa, a estrutura é limitada numa universidade pública. Além da parte técnica que são as aulas, a pesquisa, a gente faz serviço de compra, prestação de contas documentação e tudo o mais, tem que fazer, não tem que faça para a gente, a gente acaba fazendo. Existe um esforço do governo para tentar melhorar isso. Agilizar essa parte que, a princípio, não caberia à gente. Mas também porque a gente gosta de fazer a coisa né? De mudar. O cientista gosta de ver uma coisa acontecendo, coisa nova acontecer, uma mudança, e para fazer uma mudança ele gosta de entender, como fazer uma mudança? E ele quer um ensino melhor, uma pesquisa melhor e acaba, muitas vezes, sem querer, abrindo mão de outras coisas para trabalhar melhor em cima disso.

**Entrev.** - Eu acabo batendo um pouco nessa tecla porque aqui no departamento tem professores que recentemente tiveram problema cardíaco, entre outros, meu tcc (trabalho de conclusão de curso da

graduação) foi sobre reconhecimento e desgaste e eu entrevistei alguns, vários têm problema de saúde e mesmo tendo consciência de que causa algum problema eles continuam, mesmo querendo dosar eles continuam, num ritmo que, às vezes, é frenético, que, às vezes, você acaba entendendo como natural, mas que é frenético. Você acha que esse negócio essa necessidade desses índices de ter um *Lattes* bem recheado para também obter um bom financiamento e tudo o mais, isso acaba prejudicando? É isso que faz com que vocês trabalhem demais?

**Luigi** - É. Na verdade a gente precisa para **sobreviver profissionalmente** atingir alguns índices. E alguns atingem mais facilmente outros com maior dificuldade, por várias questões, não só às questões pessoais, mas às vezes questões de momento, estruturais e tudo o mais, mas o difícil é saber o limite. Qual é o limite que eu devo trabalhar nesse assunto? Qual é o limite que eu devo cumprir de horas para isso e para aquilo, mas às vezes a gente não planeja, principalmente pesquisa. Se a gente soubesse o fim a gente não precisava estar fazendo pesquisa, às vezes a gente faz um determinado planejamento procurando obter lá um valor e a gente obtém outro valor, e aí você tem um compromisso feito, e aí você precisa arcar com seu compromisso. Mas existe discrepância sim, em produção em *Lattes*, *Lattes* recheado, grandes produções. A gente acaba competindo com essas pessoas e tendo que buscar melhorar, mas é difícil achar o limite entre isso. Por um lado essa competição é saudável porque as pessoas trabalham cada vez mais, tentam de uma forma mais organizada e competente possível para atingir índices e às vezes o prejuízo é do próprio pesquisador pensando na parte pessoal e de saúde né? Mas como colocar um limite? Não dá pra colocar um limite. Que *Lattes* você tem que ter? Não dá para o governo dizer, eu vou cobrar de você isso, aquilo, ou você tem que fazer isso, quatro horas semanais, mas quatro horas da minha disciplina são iguais a quatro horas da outra disciplina? Não sei, ninguém consegue avaliar. Dizer olha você deve trabalhar tanto. Cada um deveria saber o limite, mas às vezes o limite que eu imponho para mim não é suficiente para o meu vizinho, para minha instituição, às vezes ela precisa de mais do que isso.

Note-se que o entrevistado fala em sobreviver profissionalmente, o qual estenderemos à compreensão de sobreviver, também, socialmente, pois a partir do reconhecimento que adquirem no campo e socialmente, devido à nobreza social de sua profissão, estes gozam de existência social de mesmo caráter, conforme observamos em todo o desenvolvimento do estudo.

Outro aspecto que se sobressai em sua fala é o da dificuldade em estabelecer um limite, de reconhecer quando todas as demandas ou características do campo estão sendo excessivas e prejudiciais. Todavia, pelo que se verificou durante a pesquisa, o excesso está na matriz, na gênese da existência deste modelo social, o que podemos

constatar, mesmo, pelo emprego de palavras como maximizar, otimizar, intensificar enquanto cerce de suas ações.

Luigi é professor recém-contratado e com pouco tempo de carreira se comparado, especialmente, a Lourival, que demonstrou grande conflito, inquietação ao conseguir vislumbrar o que seriam seus supostos limites. Todas suas declarações que seguem foram carregadas de emotividade, de demonstração do conflito vivenciado por Lourival quanto à dificuldade em controlar o excesso de suas atividades, a falta de dedicação a outros aspectos de sua vida social e familiar, a aversão à própria ideia de aposentadoria devido ao fato de não conseguir identificar outras possibilidades significativas de produção de sentido em sua vida que venham a extrapolar a vida acadêmica.

**Entrev.** - Entendi. Professor, o trabalho é excessivo? Em algum momento ele interfere nas suas relações familiares, de modo positivo ou negativo? Familiares ou pessoais em geral.

**Lourival** - Eu acho que se a gente não souber contornar eu acho que negativo quando você leva muita coisa para fazer em casa. À noite e fim de semana. Isso eu acho que é um problema.

**Entrev.** - Mas interfere na sua vida especificamente?

**Lourival** - Sim.

**Entrev.** - O que acontece?

**Lourival** - Eu valorizo pouco o lazer familiar né? O pessoal lá em casa, sábado: - Ó vamos passear. - Não posso tenho que fazer tal coisa. Aí você percebe que aquilo não é uma coisa boa né?

**Entrev.** - Por quê?

**Lourival** - Porque você tá deixando de ficar um tempo com sua família com filho, alguma coisa para fazer uma atividade que, teoricamente, você devia fazer dentro do seu espaço de trabalho. Tempo integral na universidade. Eu acho que à noite durante os dias da semana é normal um professor trabalhar, não dá para não ser hoje em dia. Você não consegue, eu não consigo, eu acho que a grande maioria das pessoas faz alguma coisa à noite; à noite você organiza você prepara uma aula. Eu acho que nos fins de semana você tem que controlar.

**Entrev.** - Mas se você tem consciência disso porque você não...

**Lourival** - Porque você não consegue.

**Entrev.** - Não consegue? Por quê?

**Lourival** - Porque as suas atividades, hoje a rotatividade, informação, e-mail, você precisa daquele tempo, **senão você fica para trás**. Eu recebo em média, úteis, uns quarenta e-mails por dia de coisa de trabalho, se não usar esse tempo eu não consigo responder. Vai que vinte desse eu tenha que responder. Quarenta, vinte é informação, dados, qualquer coisa, mas você não consegue, não consegue. Você pensa que eu quero trabalhar no fim de semana? Não quero, mas eu não consigo deixar de trabalhar no fim de semana.

**Entrev.** - Mas não vira um hábito professor, mais do que às vezes essa questão do excesso?

**Lourival** - Você tem razão. Eu tive essa constatação um período que deu, não sei o que aconteceu, não sei se eu estava mais organizado, se foi uma falha eu senti um pouco de falta. Eu posso te falar a verdade.

**Entrev.** - Vira um certo vício?

**Lourival** - Vira. Eu estou te falando, eu senti falta; eu estou te falando, de verdade. Eu fiquei muito preocupado com isso.

**Entrev.** - Por quê?

**Lourival** - Porque eu acho que não é normal né? Qualquer coisa que a gente fala que é vício é ruim. Então eu estranhei, eu fiquei meio inseguro, eu queria ver o que eu tinha eu queria olhar meu e-mail, eu senti falta.

**Entrev.** - Não consegue desligar.

**Lourival** - Não consegue.

Lourival afirma insistentemente não ser capaz de parar de trabalhar em horários que considera inoportunos, afirma estar preocupado com o fato de sentir falta, inclusive, das atribuições, dos excessos ocasionados por sua carreira. Constata-se que, embora ele considere como algo prejudicial a forma de organização de sua atividade profissional, não entende como esta o seduz de tal modo tão consistente. Ele demonstra insegurança no que chama de “ficar para trás”, ou seja, não ser tão notável e hábil quanto os demais, ou o quanto pressupõe ser o correto, o necessário no contexto em que se situa.

**Entrev.** - E a esposa, filhos, a família? O que falam?

**Lourival** - Particularmente, no meu caso, isso é muito bom para mim porque eles falam muito pouco.

**Entrev.** - Não reclamam, cobram?

**Lourival** - Não.

**Entrev.** - Não te alertam?

**Lourival** - Uma hora ou outra assim, mas sempre muito *light*. Cobrança muito pequena. Talvez porque percebam porque eu não trabalho contrariado. Também não vou falar isso não. Eu não trabalho no nível máximo de satisfação no fim de semana, mas não trabalho contrariado, então tá ali, trabalhando e tal.

**Entrev.** - Você se sente mal às vezes, se sente em conflito? Você acha que está fazendo algo errado?

**Lourival** - Não, eu às vezes eu sinto assim, por exemplo, quando eu te falei assim, o pessoal de casa vai almoçar no shopping, por exemplo, e eu não vou, depois de uma meia hora que eles foram me dá uma baixa.

**Entrev.** - Dá o que?

**Lourival** - Dá uma tristeza, falo “eu devia ter ido”.

**Entrev.** - Dá um sentimento de culpa?

**Lourival** - É, devia ter ido.

**Entrev.** - E aí?

**Lourival** - É, você faz o negócio, tal e passa.

**Entrev.** - É frequente esse tipo de sentimento?

**Lourival** - Atualmente muito frequente.

**Entrev.** - O que seria muito frequente?

**Lourival** - Quase sempre, fim de semana que eu trabalho eu fico chateado.

**Entrev.** - E mesmo assim você não consegue mudar professor, que loucura!

**Lourival** - Eu acho que tem duas coisas que estão acontecendo comigo: estou falando com o sentimento meu. Eu acho que eu trabalho hoje menos do que eu trabalhava, só que a minha produtividade é muito menor, então eu gasto mais tempo para fazer as coisas, entendeu? Uma coisa que acho que fazia mais rápido, eu era mais ágil, hoje eu gasto mais tempo, então eu tenho que trabalhar mais pra fazer menos.

**Entrev.** - Será que não é impressão sua?

**Lourival** - Não é não.

**Entrev.** - Você acha que vai aguentar mais quanto tempo nessa...

**Lourival** - Três anos, não vou aguentar mais que isso.

**Entrev.** - Por quê?

**Lourival** - Eu estou muito cansado.

**Entrev.** - Cansado como, estressado?

**Lourival** - Totalmente cansado.

No início deste trecho, Lourival diz que sua família não o cobra muito em relação à sua dedicação ao trabalho, o que ele afirma ser algo bom para ele. Ao mesmo tempo em que, em seguida, afirma estar cansado demais e que não crê que aguentará mais de três anos nesse ritmo. São afirmações que trazem à tona uma contradição pessoal, o fato do indivíduo não querer ouvir o quanto pode estar em um caminho que, aos olhos de quem não pertence ao campo, não parece sentido plausível ou, mesmo, desgastante.

**Entrev.** - Mas esse trabalho, ou sua relação com o trabalho, ele já te deu algum problema de saúde? Você falou que você está cansado.

**Lourival** - Problema de saúde que eu tenho, eu acho que eu durmo mal, eu durmo mal, eu durmo preocupado parece. Não consigo desligar muito.

**Entrev.** - Por que, vai pensando?

**Lourival** - Vai pensando amanhã eu tenho que ver tal coisa, então você não consegue desligar muito.

**Entrev.** - Tem insônia?

**Lourival** - Eu não chego a ter insônia, porque eu vou falar para você, eu estou muito cansado, eu acabo dormindo, mas eu não durmo bem, eu acordo eu demoro para dormir, acordo.

**Entrev.** - Está sempre cansado. E nunca adoeceu?

**Lourival** - Graças a deus não.

**Entrev.** - Bem estar você falou que prejudica um pouco, tem professor infartado aqui no departamento, não? Você não é um deles?

**Lourival** - Ainda não.

**Entrev.** - Você acha que isso é reflexo da atividade?

**Lourival** - Sim, sem dúvida.

**Entrev.** - Você não acha que é uma situação meio que de alerta para vocês?

**Lourival** - Se tem uma coisa positiva é que hoje eu percebo isso, antigamente eu não percebia.

**Entrev.** - Você consegue e não tá conseguindo parar..

**Lourival** - Sim, mas eu já avancei, eu não estou dizendo que eu estou satisfeito, mas eu já estou melhor do que eu estava. Antigamente eu fazia e era normal, eu faço, mas não é normal, mas eu já melhorei.

**Entrev.** - Professor ainda é bolsista 1B, bem produtivo...

**Lourival** - Mais ou menos...

**Entrev.** - Mais ou menos?

**Lourival** - Já fui mais.

**Entrev.** - E atualmente você só tem três orientandos de doutorado?

**Lourival** - Eu estou parando de pegar. Não tem mais condição.

**Entrev.** - Está? Por causa disso?

**Lourival** - Por que, como eu estou com uma programação de ficar por mais três anos, não tem mais sentido eu pegar pessoas.

**Entrev.** - Você está com medo de se aposentar? Está inseguro?

**Lourival** - Estou.

Quando questionado sobre o porquê deste medo, afirma que viu um antigo colega de departamento e o achou muito relaxado, o que ele não gostaria que ocorresse no seu caso. Contudo, esta não evidenciou-se como principal preocupação do mesmo. Ele é questionado sobre o medo da indiferença como um possível fator de preocupação.

**Entrev.** - Não é medo da indiferença um pouco?

**Lourival** - Não sei só, com o modo, de não querer fazer mais nada, não sei.

**Entrev.** - Não. No seu, no seu caso. Você não está com um pouco de medo da indiferença que você mencionou?

**Lourival** - Não. Para isso eu estou preparado.

**Entrev.** - Será?

**Lourival** - Estou. Estou porque eu me preparei muito já para isso.

**Entrev.** - Como que se preparou?

**Lourival** - Olhando as pessoas, vendo, não esperando nada. Eu não tenho nenhuma expectativa.

**Entrev.** - Você tenta não ter?

**Lourival** - Não, não tenho mais. Isso eu já consegui contornar. Sinceramente.

**Entrev.** - Mas foi um esforço pelo o que você está falando?

**Lourival** - Não, não é não. Agora não, já passou.

**Entrev.** - Mas foi?

**Lourival** - Foi numa certa época sim.

**Entrev.** - Você falou "agora não".

**Lourival** - Não, numa certa época sim, agora não. Isso já está superado. Eu tenho medo desse negócio de não ter, você acha que faz tanta coisa e no sábado domingo não ter o que fazer. Tipo, esse vazio assim, não sei como é que que é se ver nesse vazio. Entendeu?

**Entrev.** - Você acha que não consegue preencher as suas relações pessoais, não te satisfariam tanto?

**Lourival** - Não sei. Essa resposta eu não tenho. Se eu tivesse certeza eu já tinha aposentado.

**Entrev.** - Ah é?

**Lourival** - Tempo eu já tenho.

**Entrev.** - Você está em um período de transição, meio de conflito.

**Lourival** - Total, muito. Se você tivesse, se a gente tivesse conversando há um ano atrás, eu estava decidido a aposentar, decidido mesmo.

**Entrev.** - E o que te fez mudar?

**Lourival** - Essa insegurança. Pensar o que vai ser do meu tempo, não sei o que. Aí, eu fui dando uma balançada. Aí, eu me dei mais três anos.

**Entrev.** - Será que daqui três anos você não vai querer prorrogar um pouco mais?

**Lourival** - Não sei. Não sei...

**Entrev.** - Três anos ainda, está na categoria 1B. Estou achando que não vão ser três anos não, professor.

**Lourival** - Acho que sim.

**Entrev.** - Não senti firmeza (risos).

Notamos que Lourival não apresenta certeza de que superou a insegurança em se aposentar. Tal insegurança relatada aparentou ser genuína e justifica-se pelo fato de que este indivíduo investiu seus esforços e sua energia em demasia em sua atividade profissional, de modo a, praticamente, resumir a essência de seu cotidiano a ela.

Sua atividade profissional toma grande parte de seus afazeres e de seu tempo, o que o faz ficar inseguro em uma espécie de temor de não perceber mais sentido em seu dia-a-dia, mesmo reconhecendo os seguintes aspectos como negativos em seu trabalho.

**Lourival** - O negativo da carreira é um pouco isso que acompanhava assim, pessoas que tem atividade não de ensino, esse fato de que você, por exemplo: eu tenho dois cunhados que coincidentemente a gente tem uma, muito próximos, moramos muito próximos né, os dois são bancários. Foram bancários já aposentaram. Os dois nunca trabalharam, eles nunca trabalharam fora do expediente assim. Trabalhava no banco tinha horário certo, acabou? Acabou! Até logo e vai embora. Isso me dá uma certa inveja, porque eu não consigo fazer isso, né. Isso parece que sempre tem coisa fora. Como eu te disse, não dá, a noite não me incomoda, mas fim de semana está me incomodando muito agora. Trabalhar de fim de semana está me incomodando muito. Então, esse eu acho que é um lado negativo, agora a sua atividade não se esgota no período do que você fica aqui na universidade.

**Entrev.** - Isso faz você ficar pensando? Toda essa situação?

**Lourival** - Muito. Eu não paro de pensar nisso. Direto, direto.

**Entrev.** - Porque você está assim, parece que isso está te causando um certo esgotamento, certo tensão isso.

**Lourival** - Total. Total.

**Entrev.** - Pela sua forma de falar.

**Lourival** - Está mesmo, está mesmo. Ó, você que ver, ó? É, tem que falar a verdade, eu estou falando a verdade, nos últimos, sei lá, dez anos, acho que eu trabalhei todos os fins de semana.

**Entrev.** - Só dez?

**Lourival** - Não lembro, é que antigamente eu saía mais, eu tinha filhos menores.

**Entrev.** - Ah é?

**Lourival** – Sim, meus filhos são todos, duas filhas casadas e um filho moço que está fora do Brasil.

**Entrev.** - Nos últimos dez anos, todos os fins de semana?

**Lourival** - Todos os fins de semana, eu não me lembro. Eu falei isso aí para Rosa (nome fictício) outro dia, Rosa é minha mulher, né. Nós estávamos conversando.

**Entrev.** - Fim de semana incluindo o sábado e o domingo?

**Lourival** - Sábado e domingo.

**Entrev.** - O que você falou pra sua esposa?

**Lourival** - Eu falei isso para ela, eu falei: - Rosa, acho que faz uns dez anos que eu não... Ela falou: - Acho que é isso mesmo.

**Entrev.** - Ela não chama tua atenção?

**Lourival** - Não chama a atenção, mas eu já percebo que incomoda.

**Entrev.** - Ela fica chateada...

**Lourival** - Não, não, não, não fica chateada, mas você percebe quando você convive, é uma coisa mais sutil, mas eu percebo.

Na sequência, afirma deixar de frequentar vários eventos familiares para ficar se dedicando ao trabalho. Demonstra um descontentamento significativo ao falar de sua situação, o que se torna perceptível até por meio das suas construções frasais pontuais.

**Entrev.** - Você não sai no fim de semana, você não passeia não faz nada professor?

**Lourival** - Não.

**Entrev.** - Você fica em casa direto?

**Lourival** - Eu saio pouquíssimo, eu sou católico, eu frequento sempre domingo, eu não perco missa e um domingo ou outro a gente almoça fora, mas é uma vez por mês, assim, sabe? Fora isso eu não saio.

**Entrev.** - Sua vida basicamente está se restringindo à sua atividade de trabalho.

**Lourival** - Verdade, verdade.

**Entrev.** - Acho que por isso que você está tão preocupado com isso.

**Lourival** - É.

**Entrev.** - Mas você está a trinta e sete anos trabalhando, faz tudo isso que você está nessa situação?

**Lourival** - Não. Piorou muito.

**Entrev.** - Piorou muito a partir de quando?

**Lourival** - Eu identifico há uns dez anos que a minha vida deu uma complicada. Porque, porque eu acho que caiu minha produtividade, eu tenho que trabalhar mais tempo, entendeu, acho que é isso que aconteceu comigo.

Aponta que não consegue mais fazer as coisas com dinamismo, demonstrando certa inquietação com o fato. E prosseguimos.

**Entrev.** - Você fica até pensando então na causa possível da sua atual situação.

**Lourival** - Sim. Penso direto.

**Entrev.** - Que loucura professor.

**Lourival** - Estou te falando a verdade.

**Entrev.** - E você vê outros professores nessa condição?

**Lourival** - Alguns. Alguns. Tem uns que lidam melhor com isso, mas tem alguns que estão muito parecidos comigo, tem alguns que são bem parecidos comigo.

**Entrev.** - Vocês compartilham isso? Esse conflito...

**Lourival** - Eu converso com um colega só sobre isso. Um único colega.

**Entrev.** - Pode falar quem?

**Lourival** - O (nome de um professor), só com ele eu converso sobre isso. Que é mais alguém na minha faixa etária, contemporâneo meu, eu tenho um bom nível de amizade com ele.

**Entrev.** - Ele passa por isso também.

**Lourival** - Ele é igualzinho, igualzinho.

**Entrev.** - Mais algum outro que você sabe que vive...

**Lourival** - Mas eu acompanho mais à distância...já não saberia te dizer com certeza.

**Entrev.** - Hum, sabe de ouvir e tal.

**Lourival** - É sei de ouvir e tal.

**Entrev.** - Mas de adoecer ou queixas assim?

**Lourival** - Não, não, de ficar assim. Eu não sei se você conhece o (nome de um professor). Ele teve um problema cardíaco agora no final do ano.

**Entrev.** - Enfartou?

**Lourival** - Não chegou, mas ele teve que colocar ponte de safena e tal. Eu acho, eu não tenho nível de intimidade com ele apesar de ter trabalhado com ele bastante tempo, mas eu acho que ele tinha mais ou menos o tipo de vida nosso, por isso que eu estou preocupado.

**Entrev.** - E ele tem - Não sei se você teve muito contato com ele - ele tem noção que pode ser associado a essa sobrecarga de trabalho?

**Lourival** - Eu acho que sim, tanto que ele já decidiu aposentar, ele vai aposentar.

**Entrev.** - Após essa situação.

**Lourival** - Não! Curiosamente ele tinha decidido, ele já tinha decidido, mas agora ele consolidou a decisão.

Percebe-se que, segundo as declarações do entrevistado e as informações colhidas em campo, há um número real de professores com problemas de saúde e conflitos psicológicos estimulados pela sobrecarga de trabalho ocasionada pelo contexto sobre o qual tanto enfatizamos.

O fato de os professores negarem condições degradantes às quais chegam, devido a algumas características de seu trabalho, se justifica pelo fato de que a negação de seu trabalho como promotor de satisfação pessoal lhe contrariaria o seu senso de investimento. Negar seu trabalho como fonte de sua realização como pessoa, principalmente no caso de uma atividade situada como socialmente nobre pode ser entendido como um sinal de que quem não é digno de investimentos é o indivíduo em si.

As condições de existência que estão associadas a um alto nascimento favorecem disposições como a audácia e a indiferença aos lucros materiais, ou o senso da orientação social e a arte de pressentir a novas hierarquias, que inclinam a voltar-se para os postos mais expostos da vanguarda e para os investimentos mais arriscados, já que antecipam a demanda, mas também, com muita frequência, os mais rentáveis simbolicamente e a longo prazo, pelo menos para os primeiros investidores. O *sensu de investimento* parece ser uma das disposições mais estreitamente ligadas à origem social e geográfica, e conseqüentemente, através do capital social que lhe é correlativo, uma das mediações através das quais os efeitos da oposição entre as origens sociais, e sobretudo entre a origem parisiense e a origem provinciana, exercem-se na lógica do campo. (Bourdieu, 1996 a, p. 295)

Logo, o senso de investimento é uma disposição associada à origem do indivíduo e que denota seu capital social. Este senso direciona o indivíduo ao que, segundo suas vivências e concepções assimiladas a partir dela, se constitui como valor, como atividade ou seres relevantes e que devem convenientemente, portanto, serem almejados e seguidos por representarem um ideal de ser e agir socialmente, segundo sua classe e origem social e capitais correspondentes.

Este senso de investimento passa a propiciar o desenvolvimento de um *habitus* socialmente exigido pelo campo sem grandes choques de compreensão ou no processo de reatualização do *habitus* do indivíduo mediante este campo, que é “*lugar de um regime de racionalidade instituído sob a forma de constrangimentos racionais os quais, objetivados e manifestados numa certa estrutura da troca social, encontram cumplicidade imediata das disposições adquiridas pelos pesquisadores*” (Bourdieu, 2007, p. 137).

No contexto do campo científico, conforme observamos, o valor é pautado na glória, na honra social, no reconhecimento, e disto podemos concluir, em resposta à questão do título desta etapa, que o freio para os possíveis excessos propiciados pela profissão se encontra, em grande medida, o real adoecimento dos indivíduos, ou seja, em um adoecimento que lhe gere a incapacidade de prosseguir em sua busca incansável pelo reconhecimento e por um posto de destaque no campo.

Eis aí o que poderia ser a raiz antropológica da ambigüidade do capital simbólico – glória, honra, crédito, reputação, notoriedade -, princípio de uma busca egoísta das satisfações do “amor-próprio” que é, ao mesmo tempo, a procura fascinada pela aprovação de outrem: “A maior baixeza do homem é a busca da glória, mas é exatamente isso que constitui o maior sinal de sua excelência; porque, ainda que

possua algum bem na terra, um pouco de saúde e algum conforto essencial, ele somente se considera satisfeito se contar com a estima dos homens”. O capital simbólico assegura formas de dominação, que envolvem a dependência perante os que ele permite dominar: com efeito, ele existe apenas na e pela estima, pelo reconhecimento, pela crença, pelo crédito, pela confiança dos outros, logrando perpetuar-se apenas na medida em que consegue obter a crença em sua existência. (Bourdieu, 2007, p. 202)

Assim, as pulsões dos indivíduos passam por um processo de socialização em que o indivíduo, desde a mais tenra idade, se envolve em um sistema de “*renúncias e de sacrifícios em troca de provas de reconhecimento, de consideração ou de admiração...*” (Bourdieu, 2007, p. 202). Este sacrifício é denunciado na entrevista de Lourival, carregada de emotividade e conflito, em especial, ao tratarmos sobre saúde, dedicação excessiva ao trabalho e abstenção de uma vida social e familiar mais participativa.

Podemos apontar como complexa e não inequívoca a afirmação de que esta forma de renúncia seja produto específico de seu *fatum* familiar, ou seja, do conjunto de normas, de “*veredictos positivos ou negativos*” que são direcionados às crianças e que são “*enunciados performáticos*” ou “*censuras silenciosas*” que são impostas pela “*lógica da ordem doméstica como ordem moral*” (Bourdieu, 2007, p.203).

Este processo de renúncias é, também, de trocas e envolve a afetividade, a qual inicialmente se baseia na figura e aprovação dos pais, mas, posteriormente, se concretiza em outros âmbitos que não o familiar. O indivíduo tem a ação sobre este processo de móveis de interesse simbólico, os quais atuam, devido às características sociais e culturais, especialmente sobre os homens, os quais são estimulados ao desejo de dominação e passam a ser mais sensíveis à sedução dos jogos sociais, como aponta Bourdieu (2007). Daí raramente se verificarem mulheres inseridas em áreas do campo científico consideradas de grande disputa e de valor simbólico-social maior, ou de, ao longo da história, serem observadas poucas mulheres como destaque no campo científico, as quais encontram, inclusive, dificuldade em sua aceitação no mesmo, como fora o caso de Marie Curie, por exemplo.

É como se fosse buscada a inculcação de que o reconhecimento por feitos considerados extraordinários fosse privilégio do homem; esta inculcação se realiza mediante suporte em ritos de instituição.

O processo de transformação pelo qual alguém se torna mineiro, camponês, padre, músico, professor, ou patrão, é prolongado, contínuo, insensível e, mesmo sancionado por ritos de instituição ( no

caso da nobreza escolar, a longa separação preparatória e a prova mágica do concurso), exclui, salvo alguma exceção, as conversões repentinas e radicais: começa desde a infância, quiçá antes mesmo do nascimento (o que se pode observar de modo privilegiado nisso que por vezes chamamos “dinastias” – de músicos, de empresários, pesquisadores, etc. –, mobilizando o desejo – socialmente elaborado – do pai ou da mãe e até de toda uma linhagem); e prossegue, a maior parte do tempo sem crises nem conflitos – o que não o torna isento de todo tipo de sofrimentos morais ou físicos os quais, enquanto *provas*, fazem parte das condições de desenvolvimento da *illusio*; de todo modo, nunca é possível determinar quem faz a escolha rigor, se o agente ou a instituição; nunca se sabe quando o bom aluno escolhe a escola, ou se essa última o escolhe, pois tudo em sua conduta *dócil* evidencia o quanto ele a escolhe. (Bourdieu, 2007, p. 200, 201)

Em resumo, no que diz respeito ao reconhecimento e glória, podemos notar que constituem um jogo em que se aflora a dimensão em que o ser humano, simultaneamente, não consegue compreender o mundo sem ser por meio de seu espelho e reconhecer-se sem o espelho do outro, ambos desenvolvidos, reelaborados e conduzidos mediante um ambiente socialmente elaborado.

#### **4.2 - Concepção de ciência: competição, assunção, jogo e crença.**

Como tem sido possível constatar no decorrer das análises aqui propostas, há uma lógica específica ao campo científico, sobre a qual voltamos nossos olhares e tecemos nossas críticas.

Bourdieu (2004c) fez uma série de análises, essenciais às presentes reflexões, dentre elas: quais seriam os usos sociais da ciência e se seria possível se fazer ciência da ciência de modo a orientar seus usos sociais.

Observa a existência de concepções distintas acerca do que é necessário à compreensão das produções culturais, ciência e arte; segundo ele há um grupo de indivíduos que acreditam que cada produção fala por si própria e qualquer um que a ler a interpretará com precisão, quiçá, de forma similar; há também certo grupo que sempre visa associar um texto ao contexto, o que ele afirma como comum aos que se filiam ao marxismo, estabelecendo relações deste com o mundo social ou econômico. Assim, afirma que ocorre da mesma forma quando tratamos de ciência, havendo oposição similar.

Há uma tradição que estaria associada à história da ciência, que é representada pela França e segundo a qual a ciência engendra-se a si mesma e sem intervenção do

mundo social. Bourdieu (2004c) afirma ter criado a noção de campo para esclarecer aspectos como este, pois, para o autor, não se lê determinado texto apenas pelo seu contexto, mas segundo propriedades específicas que cada contexto, ou melhor, que cada campo possui.

Tal discussão culmina na ideia de necessidade de se escapar tanto da concepção de uma “*ciência pura*”, ou seja, que esteja totalmente apartada de necessidades sociais, como de uma concepção de “*ciência escrava*”, ou seja, que esteja sempre submetida a todas demandas político-econômicas.

E esta é uma questão das mais intrigantes, pois, em muitos momentos da pesquisa, emergiram declarações em que se mencionassem a ideia de uma ciência purista, principalmente críticas, quase pejorativas, a tal ideia. Contudo, não houve grandes menções a uma possível escravidão da ciência, o que deve ser motivo para que pensemos porque isso ocorre e, para tanto, devermos considerar o campo científico enquanto um mundo social, portador de especificidades, tendências imanentes, valores, formas de sobrevivência real e social.

Ao tratarmos sobre o campo científico, devemos sublinhar que Bourdieu (2004c) aponta a existência de uma espécie de crença científica que se mostra como interesse desinteressado e, ao mesmo tempo, denota que o jogo científico merece ser jogado, ou seja, que é fonte e alvo de algo valioso e que é digno de investimentos. Quando tratamos de valor, tratamos de poder, de sentir apoderado de algo de alguma forma, mesmo que simbolicamente.

“O campo científico é um mundo social e, como tal, faz imposições, solicitações etc., que são, no entanto, relativamente independentes das pressões do mundo social global que o envolve. De fato, as pressões externas, sejam de que natureza forem, só se exercem por intermédio do campo, são mediatizadas pela lógica do campo. Uma das manifestações mais visíveis da autonomia do campo é sua capacidade de refratar, retraduzindo sob uma forma específica as pressões ou as demandas externas.” (p.21 e 22).

A não menção a uma possível escravidão da ciência parece estar associada, segundo o que observamos nas falas dos entrevistados, à concepção de que esta estaria a serviço da sociedade e que, portanto, devem associar-se meio acadêmico e empresarial.

Segundo nossa análise, contudo, é impossível se afirmar tanto o tipo ideal de ciência pura, concebida, frequentemente, como romantizada, quanto o tipo de ciência escrava. Consideramos, ambas, como formas de exacerbação de algumas concepções de

modo que esta ideia de cisão entre ambas ocorre da mesma forma em que ocorre a ideia de cisão entre campo teórico e prático.

A cisão que se visa promover entre estes dois possíveis tipos de ciência se coloca como uma forma de defesa dos indivíduos e, simultaneamente, de crítica, por exemplo, a um renovado *status* social em que a interação empresa-universidade é efetiva e legalmente amparada. De defesa, no sentido em que, ao afirmar que não há uma ciência purista, como faz Harry, ele isenta-se da possibilidade de estar corrompendo-se às “mãos do mercado” e, então, se exalta o discurso da responsabilidade social, geração de empregos e etc.

Contudo, embora o campo científico venha a associar-se ao campo econômico, ele configura interesses específicos não relacionados diretamente aos financeiros, mas ao campo simbólico.

O campo científico produz uma forma particular de *illusio*, que é uma configuração do interesse científico, o qual apresenta-se como interesse “puro”, desinteressado, mas que é uma forma de interesse conveniente às economias antieconômicas como é a dos bens simbólicos, ou seja, podemos dizer que este é um suposto desinteresse uma vez que este é recompensador em seus aspectos simbólicos. Nisto reside a diferença substancial entre o “capitalista cientista” e o capitalista simplesmente (Bourdieu, 2004c).

Devemos avaliar, entretanto, que o que é vivenciado como evidência da *illusio*, nem sempre é compreendido por quem não compartilha da mesma, ou seja, não é participante do jogo (Bourdieu, 1996 b) e “*os saberes procuram deslindar essa espécie de influência que os jogos sociais mantêm sobre os agentes socializados*”(p.142). Para o autor, não é fácil desvencilhar-se deste processo, uma vez que não depende de decisão consciente.

O que estaria verdadeiramente em jogo, portanto? Observamos ao longo das entrevistas, assim como pela comparação do nível salarial de um engenheiro da área de trabalho dos entrevistados, que a motivação para a profissão de professor universitário, neste caso, não caracteriza-se tendo aspecto financeiro como primordial, ou seja, não seria o comumente tentador dinheiro que estaria em jogo, ele pode estar envolvido no processo, mas em nenhum momento ele aparece como foco das aspirações dos agentes desta parcela do campo científico.

Neste sentido, observe-se o que afirma Bourdieu sobre o campo científico:

O campo científico, enquanto sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores), é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial. O que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da *autoridade científica* definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou, se quisermos, o monopólio da *competência científica*, compreendida enquanto capacidade de falar e agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado (BOURDIEU, 1983a, p. 122).

O que está em jogo é a legitimidade, é a autoridade no campo e as dinâmicas de reconhecimento voltam-se a este objetivo, todavia, conforme viemos observando ao longo deste estudo, sendo submetidas a tendências sociais como a da alta performatividade. Ou seja, em nenhum momento podemos afirmar a neutralidade das ações no campo científico e, tampouco, que o interesse que subjaz sobre o mesmo seja desinteressado.

Ainda, entretanto, persiste a ideia de ciência neutra, a qual adquire em alguns meios um caráter quase dogmático, como estes pesquisadores a compreendem?

**Harry-** Bom, essa aí é uma pergunta muito difícil hein? A concepção de ciência ela está associada a você desenvolver pesquisa, isso envolve recursos humanos, recursos materiais, tem muito interesse comercial atrelado, sempre teve, sempre existiu e a concepção hoje em dia é assim: tem um interesse grande de cada vez mais a **ciência purista** - eu faço isso por alguma coisa - não existir mais, ela está cada vez mais condicionada a um resultado não assim tipo a um avanço simples da ciência. Ela já está mais condicionada a uma adequação ou a um interesse meio por trás...

**Entrev.** - Interesse de mercado você está falando, por exemplo?

**Harry-** Interesses comerciais!

**Entrev.** - O que você percebe, por exemplo, diferenças e singularidades em relação à época em que você se graduou, por exemplo, ou que você começou a dar aula.

**Harry-** Para mim não tem diferença nenhum. Para mim a diferença que existe é o grau de consciência da gente. Eu acho que sempre foi assim. É que antes a gente acreditava numa ciência mais purista, hoje eu não acredito. Antes eu acreditava: "- Não as pessoas fazem pesquisa para fazer pesquisa." Existem pessoas que ainda acreditam nisso e que talvez pensem que realmente fazem isso. Eu não acredito nisso eu acho que é mais inocência...

**Entrev.** - Você acha que sempre foi dessa forma. Você acha que hoje tem alguma diferença? Que isso, por exemplo, a gente vê que hoje a relação entre empresa e universidade é diferente do que era alguns anos atrás.

**Harry** - A gente pensa que era... No Brasil sim, no exterior não. Nós estamos começando a mais de dez anos a entender melhor esses mecanismos que os países mais ricos mais desenvolvidos já praticam há muito. Os Estados Unidos, a Alemanha, a Inglaterra a influência

das empresas, nem das empresas: dos interesses comerciais acho que começou antes que as universidades.

**Entrev.** - Eu estou falando quando ele começa assim a influenciar mais na pesquisa na universidade, por exemplo, no Brasil, o que você percebe em relação elas você se graduou, e agora?

**Harry** - Não, antes não tinha apoio nenhum, agora tem muito mais apoio. Mas isso estou sempre associado a um interesse. O governo tá apoiando, mas ele tem que chegar a algum resultado. O resultado deixou de ser somente resultado, ele tem que gerar uma consequência na sociedade de alguma forma, e eu não acho isso ruim eu acho isso bom.

**Entrev.** - Você acha bom? Por quê?

**Harry**- Eu acho bom porque você não vive numa redoma, você tem um mundo aí a volta, e de alguma maneira ou outra você tem que contribuir com isso. E a sociedade que a gente vive funciona dessa maneira. Ninguém faz nada por altruísmo as pessoas fazem e vão fazer alguma coisa se elas tiverem interesse em fazer. E esse interesse, tá todo mundo condicionado a ter um dinheiro a comprar coisas e ele vai fazer se ele puder ganhar alguma coisa com isso. Vamos dizer “- Ah, eu vou montar uma empresa aí para ajudar os outros.” Isso não existe apesar de que essa empresa pode ajudar muita gente e elas ajudam. Sempre nos ajudamos muito, são elas que movimentam a sociedade, mas **a pessoa não vai montar uma empresa por caridade** se ela montar por caridade essa empresa vai morrer logo. Vai acabar logo e não vai ajudar muito, ela tem que ser voltado primeiro porque a pessoa quer auferir algum lucro com aquilo, e eu não acho nada de errado com isso. Tem que ser assim se não você não tem o interesse de fazer. Quem vai querer ser empresário pra dar emprego e ajudar todo mundo e não ganhar nada com isso? Eu não conheço essa pessoa. e a sociedade funciona dessa maneira. Então, essa pesquisa é muito associada a esse interesse. E a gente não pode ser assim inocente e cair nessa história de que eu estou pesquisando pelo progresso e pelo bem da humanidade. Claro, até ai é mais o mecanismo de viabilizar isso não pode parar só na divulgação no meio isso tem que ir um pouco mais longe. Tem que pegar aquilo e tem que transformar num bem real para a sociedade.

Este entrevistado esclarece que há interesses comerciais por trás do trabalho científico, e utiliza-se da máxima “a pessoa não vai montar uma empresa por caridade!” para justificar sua concepção de que não há uma “ciência purista”. Ao final de sua fala, afirma que deve ser gerado “um bem real para a sociedade”, e relaciona os interesses comerciais à própria noção de bem social de modo a torná-los indissociáveis. A afirmação pode ser satisfatória ao seu senso de investimento, por revestir de nobreza o caráter de suas ações e legitimar sua escolha de vida como socialmente boa útil e coerente. Este tipo de ação consiste em uma forma de estratégia do jogo do campo científico, sendo ela que possibilita a maximização da utilidade do pesquisador em prol das demandas da sociedade capitalista; é como se ele se sacrificasse pelo todo e, sob esta ideia, ele atende, cada vez mais, aos interesses materiais que a ela compõem.

Ainda, podemos compreender sua declaração de não crer em uma “ciência purista”, embora exponha que antes acreditava, como uma demonstração de seu processo ressignificação

sobre a própria noção de ciência que o mobiliza; isto denota uma etapa da reconfiguração de suas concepções ao adentrar no campo científico, uma possível reconfiguração de seu *habitus*.

Considerando o jogo, a luta pela autoridade e legitimidade científicas, deve-se considerar a existência de regras para o mesmo, ou seja, os parâmetros, os quais mencionamos como fundamentais à reatualização do *habitus* dos indivíduos envolvidos no campo científico. Neste sentido, atentemos à fala de Hugo, a qual versa sobre produtividade e estratégias.

**Entrev.** - Você acha que como é essa relação orientador-orientado? É uma relação tranquila? Não?

**Hugo** - É tranquila, mas eu acho que deveria ser mais rigoroso no sentido de que hoje eu vejo muitos grupos de pesquisa onde tem um docente com vinte alunos. Eu não estou dizendo que ele não tenha competência. Mas eu tenho certeza que isso é uma **estratégia para ele ter produtividade**. Certo? Então eu acho que dentro da universidade o cara devia ser limitado ao número porque a produtividade dele deveria ser cobrada em termos de formação. Como é que você tem 40 caras e você consegue formar os quarenta? Então começa a haver aí uma certa barreira, uma certa inconsistência. Hoje na universidade você não pode ter mais que dez. Porque era cômodo. Eu tinha dez aqui no (departamento) orientava no(outro departamento do qual fazia parte), lá é outro departamento orientava mais dez, eu tenho vinte! Certo? Se eu tenho vinte caras eu tenho vinte trabalhos por ano. Puta, a minha produtividade cresce não é isso? Você percebe então essa estratégia, e eu estou formando esse cidadão?

**Entrev.** - Então pode ter 10 somando todos?

**Hugo** - Eu sim, hoje a regra do jogo...

**Entrev.** - O senhor tem mais.

**Hugo** - Eu sei disso. Isso está mudando e vai ter que mudar, vai ter que acabar. Tem cara que tem trinta vinte, isso aí está fora.

**Entrev.** - O senhor tem 9 de doutorado.

**Hugo** - Como é que eu formo? Eu discuto. Eu quero discutir. Eu tenho um aluno, depois três quatro, cinco. Eu tenho horário para eles durante o dia inteiro nós ultrapassamos o limite do diálogo da tese dele. Eu quero formar esse cidadão. Então se ele quer aprender, ele vai viver comigo estudando, ele tem que aprender um estilo, uma forma de trabalhar em equipe, uma forma de estudar, uma forma de entrar no laboratório, sair do laboratório, como trabalhar dentro do laboratório. Entendeu. Agora você tem 50 caras, 20 caras, como é que você pode?

**O que você quer é ficar escrevendo *paper***, e os caras vão te trazendo resultado, é isso, mas para isso a nossa sociedade não permite isso, não estamos nos EUA, não estamos na Europa, é outro país aqui. Se me quebra um equipamento lá acabou, eu paro um ano, eu não tenho dinheiro. Não se joga fora e compra outro porque quem está pagando é uma empresa. Nós não estamos na estrutura americana. Lá tem que ter 50 caras porque tem que dar resultado para uma empresa. Aqui não, aqui é um... Você está me entendendo? Só que o cara está **querendo chegar a 1A e ter prestígio**, então ele tem que produzir muito, dizer que está produzindo, então isso significa que será que eu estou formando um cidadão? Aí você fala: "Não, ele diz que está e diz

que consegue." Tá bom, então me vai dar também três disciplinas por semestre. Três disciplinas por semestre, oito horas ele vai ter que dar duas sessões certo? Então seria para cada disciplina duas sessões, seis vezes duas horas na semana, que dia ele vai preparar aula, atender os alunos, dar quatro provas em cada disciplina e atender mais vinte de doutorado. Não me pergunto o que penso. Você percebeu como vai as coisas? Aí então todo mundo passa, dá a matéria de qualquer jeito ou não dá, alguma coisa acontece e tudo isso e fica uma coisa complexa. Então são esses limitadores que hoje estão dentro da universidade do contexto brasileiro que tem que mudar.

Podemos observar que esta estratégia, que Sam denominou de “passar várias vezes no coador” um mesmo estudo dando origem a vários artigos, associada a uma série de outras, como se pode constatar nos outros relatos, visa elevar o valor numérico de forma a dar maior visibilidade a todos os envolvidos na produção.

Há os casos relatados em que se colocam nomes de várias pessoas em um artigo com a finalidade, por exemplo, de manter a nota de um programa de pós-graduação. Isso pode ser constatado no relato abaixo, o qual também abrange outras situações.

**Entrev.-** Em relação a publicação, a um ser movido a produtividade e outro não ser, o que você percebe em relação a isso? Tem também essa competitividade? Ah, eu publico mais em revista internacional, eu deixo de publicar. Um que fica fiscalizando o *Lattes* do outro. Você chega a ver isso ou não?

**Sam -** Não sei se chega a esse ponto, mas a gente sempre vê essas **sangria desatada por publicação** e aí umas coisas que até beiram a falta de ética que é normal para caramba tanto aqui como na (nome de universidade pública de renome), aquela coisa do cara escrever um artigo e por o nome de todo mundo que entrou na sala e falou oi. Aquela coisa que não faz muito sentido. Lógico que tem também a questão de cobrança por parte da Capes por produtividade. Ah, põe o nome de tal professor porque assim a nota do programa se mantém alta. É um negócio meio, para justificar a manutenção de uma nota, você acaba fazendo um negócio que...

**Entrev. -** Para você quase que antiético.

**Sam -** É eu acho, eu acho sim, não faz muito sentido.

Sam faz referência a uma “sangria desatada por publicação”, afirmando não perceber sentido em ações como esta que considera antiética. Isto denota que ele não estaria totalmente adaptado a algumas das formas de ação peculiares ao campo, ou seja, que estas lhes causam estranheza e, ainda, não lhe soam tão “naturais” como a outrém.

Ao mesmo tempo em que a ciência e campo científico se aproximam das características de um jogo, por suas regras, estratégias e competitividade (ainda que nem

sempre assumida ou percebida pelos agentes, que a concebem como natural), o campo científico e a ciência se aproximam, por vezes, da noção de crença.

Para Bourdieu (2007)

o investimento está associado à incerteza, mas a uma incerteza limitada e, de algum modo, regulamentada (o que explica a pertinência da analogia com o jogo). Com efeito, para que se instaure essa relação particular entre as esperanças subjetivas e as oportunidades objetivas que define o investimento, o interesse, a *illusio*, é preciso que as oportunidades objetivas se situem entre a necessidade absoluta e a impossibilidade absoluta, que o agente disponha de chances de ganhar que não sejam nulas (perde-se em todos os lances) nem totais (ganha-se em todos os lances), ou melhor, que nada seja absolutamente seguro sem que, por outro lado, tudo seja possível. É preciso que haja no jogo uma parcela de indeterminação, de contingência, de “jogo”, mas também uma certa necessidade na contingência, logo, a possibilidade de um conhecimento, de uma forma de antecipação razoável, aquela garantida pelo costume, ou na falta dela, pela “regra dos partidos”. (Bourdieu, 2007, p. 261)

Assim, esta estranheza provocada em Sam também pode ser considerada como situada nas regras do jogo, de modo que esta estaria no interior desta incerteza limitada, ou melhor, cerceada, a qual pode ter acometido o entrevistado, em especial, pelo fato deste ainda não constituir-se em membro influente no campo.

O autor observa que o jogo social não é, contudo, um jogo de sorte, pois não se compõe de lances descontínuos. Ele possui uma história e, por este motivo, tem sua dinâmica interna peculiar, a qual independe da vontade ou consciência dos jogadores. Dinâmica esta que possivelmente prevê a indeterminação, a incerteza e que envolve, em contrapartida, a sedução do reconhecimento que, paulatinamente, pode se instalar caso o agente seja hábil ao seguir as regras do jogo.

É conveniente analisar a seguinte afirmação do autor, no sentido de refletir não apenas sobre nosso objeto de estudo, mas sobre alguns dos mitos socialmente construídos como o da igualdade e ainda compreendermos mais precisamente a dinâmica do jogo social.

Os que falam em igualdade de oportunidades esquecem que os jogos sociais, o jogo econômico, mas também os jogos culturais (campo religioso, campo jurídico, campo filosófico etc.) não constituem *fair games*: sem ser propriamente viciada, a competição se assemelha a uma corrida de handicap cuja duração remontaria a diversas gerações anteriores ou a jogos em que cada jogador disporia dos ganhos

positivos ou negativos de todos os que o precederam, ou seja, dos resultados acumulados pelos seus ancestrais. (Bourdieu, 2007, p. 263)

A ideia de igualdade sobrepuja a de competição. O competir pressupõe a busca por um valor, por um poder, portanto.

As questões do individualismo e da competitividade, embora sejam muito veladas no meio acadêmico, são questões que sempre emergem, sendo mencionadas, em alguns casos em termos extremos de trapaças ou atitudes similares.

Durante as entrevistas foram frequentes as negativas em relação ao questionamento quanto à existência do fator competitividade. Alguns a pontuam como natural, o que parece ser palavra comum no discurso destes agentes, o que significa que estes têm disposições muito bem interiorizadas de tal modo a não desenvolverem, em geral, maior percepção dos condicionamentos que as envolvem. O indivíduo não aliena-se a si mesmo, ele passa por um processo institucional/grupal/social em que são tolhidas paulatinamente suas percepções, ou mais precisamente pontuando, são desenvolvidas novas percepções.

Pagès (1987) analisa a captação do ideal do ego pela organização e como esta garante ao mesmo, com seus sortilégios, segurança e poder. Afirma

A dominação da organização sobre o inconsciente tem diferentes aspectos, destacando-se a canalização da agressividade e das angústias e a “orquestração” do prazer. (...) Este processo se realiza, particularmente, devido a existência de regras cujo respeito e coerência garantem ao indivíduo segurança e poder. Oferecendo um sistema de crenças, um ideal de vida, concretizado por regras e procedimentos, a organização não faz senão responder a uma necessidade profundamente enraizada no indivíduo. A partir disso, o indivíduo vai procurar conformar-se ao modelo de personalidade suscitado pela organização; uma personalidade individualista e agressiva todavia adaptável, possuindo um ideal de perfeição, exigências morais e resistente ao *stress* e à angústia. (p.158)

Neste contexto, os próprios indivíduos buscam a maximização de suas utilidades em um universo em que a preocupação com a eficácia e a rentabilidade são elementos constantes e que passam gerir, portanto, as dinâmicas grupais e subjetivas, posto que uma influencia em outra. Gaulejac (2007) afirma que *“a pesquisa e o conhecimento são considerados como pertinentes apenas à medida que levam a soluções operacionais”* (p. 73). O pragmatismo se coloca como finalidade, nesta perspectiva, e a busca pelo que seria uma verdade científica dá lugar à prioridade de eficácia.

Própria do capitalismo, a racionalidade técnica leva o indivíduo a aspirar por seu reconhecimento, o qual concretiza-se, em grande medida, por sua capacidade de compreender e seguir a normas, ou seja, sua capacidade de adequabilidade.

Segundo Gaulejac (2007) *“a gestão se tornou a ciência do capitalismo, subentendida por uma vontade de domínio que se apresenta como fundamentalmente racional. Esse domínio não tem em vista apenas o campo da economia, mas a sociedade inteira.”* (p.74), o que parece ser conveniente a processos de dominação que visem o convencimento e não a coação, que visem afetar os indivíduos com apelação a seu ego, à transformação de seu ideal de ego.

Harry aborda a questão do ego na universidade, ainda que a minimize quando se refere ao seu contexto mais próximo:

**Harry** - Mas a colaboração está muito acima disso. Que existe individualismo, existe, mas o nível de colaboração é muito superior. Não dá nem para... Conheço professores de outros departamentos, até são amigos pessoalmente, mas não têm um projeto junto, a não ser que um seja um professor titular lá e outro esteja no início da carreira.

**Entrev.** - Por que você acha que tem essa relação, às vezes só tem alguns lugares essa relação quando um está iniciando e o outro já está no auge, digamos assim, por que você acha?

**Harry** - Eu acho que eles se acham demais sabe? Mais do que eles são. Para você ter essa postura você se acha demais né?

**Entrev.** - E a ideia seria o que? Eles submetem praticamente esses professores iniciantes, ou não?

**Harry** - Ou podem submeter porque às vezes eles não aceitam, falam: “- Eu vou formar meu grupo.” então a colaboração é muito pequena, e você fazer uma pesquisa sozinho? Esqueça.

**Entrev.** - Você acha que essa questão do ego é um problema na universidade, como você falou gente que se acha demais?

**Harry** - É... Eu não acho que seja um problema maior do que nas empresas, o ego é da pessoa, sendo professor ou não sendo professor, o ego das pessoas nas empresas é enorme.

**Entrev.** - Mas pelo que você está falando, na universidade, por exemplo, atrapalha essa interação.

**Harry** - Atrapalha, mas nas empresas também.

**Entrev.** - Mas na universidade você acha isso ruim?

**Harry** - Acho. Acho que a colaboração é muito baixa. Então a pessoa prefere fazer colaboração lá na casa da conchinchina do que fazer com o colega do lado. Apesar que isso tem aqui também.

Em seguida, fala da adaptação dos novos professores, o entrar no sistema. É como se houvesse uma forma de investimento em um *habitus*, ou na reatualização de seu *habitus*, pois, a partir de suas disposições duradouras, investem em uma ordem de coisas, aspiram um modo de ser, uma posição de destaque e, a partir disto, vão

reatualizando seu *habitus*, ou seja, mediante as demandas do meio que escolheram; escolha esta que já denota aspectos de seu *habitus* primário conforme vimos anteriormente.

A seguir, nas palavras de Harry, é possível notar nuances do processo de inserção destes novos professores e a estratégia de sucessão adotada pelos mesmos, analisada claramente, por exemplo, no ato de procurarem os professores antigos para ver o que necessitam. Observamos, também, esforço dos professores nesta mesma direção, ou seja, da sucessão, a qual, para os mesmos, parece implicar na ideia de criação própria e na perpetuação de seu legado, de sua glória. É como o pai que concretiza no filho muitas de suas aspirações, que busca se ver no filho, que realiza seus ideias de ego por meio de sua “cria”.

Na declaração que segue, constatamos, ainda, como os indivíduos são empregados enquanto recursos, sendo necessários como peças e nas estratégias de um jogo em que o prestígio, os índices, os valores, o reconhecimento devem se manter, ou pelo menos é almejada sua permanência.

Assim são inseridos e envolvidos os novos docentes no sistema.

**Entrev.** - E aqui professor, como é que é o caso específico aqui do departamento, daí você pode mencionar as universidades em que você teve alguma experiência. Como é a inserção desses novos professores? Existe algum tipo de resistência dos que já estão? Ou existe, assim, uma ideia de: " - Ah, vamos puxar para o nosso departamento, nosso departamento não, nosso grupo de pesquisa.", por exemplo, você percebe que eles já chegam tentando se adequar se encaixar no grupo ali. Como você entende?

**Harry** - Aqui entraram vários professores novos. Isso é a postura daqui, eu não sei com é que são os outros. Nós procuramos, aqui, integrar os professores novos. Oferecer chance para eles, se eles precisam de alguma ajuda precisam de um espaço a gente tenta arrumar para eles de maneira a permitir que eles se integrem o mais depressa possível e **comecem a produzir**, passem a se desenvolver. Então, se nós contratamos - nós somos responsáveis pela contratação, porque quem faz o concurso, quem contrata acaba sendo a gente - **a última coisa eu e a gente quer é que esse professor fique encostado aí. A gente quer que ele produza**, faça alguma coisa, então, no nosso processo aqui - não vou dizer que funcione 100%, porque existe todo um... às vezes você quer dar espaço e não tem espaço, às vezes você quer ajudar, mas você não tem - mas pelo que eu observo é no sentido de integrar. Uma coisa que tem sido feita que é importante, não sei se você entende isso, mas o processo da pós-graduação é diferente da graduação. Você entrar como professor do departamento não significa que você entrou para pós-graduação. Ser professor do departamento você não é professor do programa de pós-graduação. Para entrar no

programa de pós-graduação você tem que se credenciar, aí você tem que apresentar um memorial uma coisa que vai ser julgada.

**Entrev.** - E também tem que ter certa produtividade né?

**Harry** - Tem que ter certa produtividade.

**Entrev.** - Certo número de orientandos.

**Harry** - Não, não tem isso aí, ele não é do programa, ele não pode...

**Entrev.** - Para entrar no programa não tem que ter um certo número de orientandos, de tcc, não tem?

**Harry** - De tcc tudo bem, iniciação científica, mas não tem essas coisas. Mas existe um processo, ele tem que solicitar ele tem que mostrar que tem potencial, que tem projeto aprovado na FAPESP ou no FINEP... Mas a gente procura integrar, porque uma coisa puxa a outra. **Se você tem aluno orientado é mais fácil você ter projeto aprovado nos órgãos de fomento.** Um dos itens lá é formação de pessoal. Esse projeto de pesquisa vai formar alguém? A formação de gente é muito mais importante do que o resultado da pesquisa em si. Então, o fato de você ter um projeto aprovado depende muito se você atua na pós-graduação. Isso aí ajuda muito. Você coloca uma lista lá, tenho 5 orientados que vão trabalhar nesse projeto aí, então eu preciso de recurso. É difícil alguém contestar, agora: "- Eu estou sozinho e vou desenvolver essa pesquisa aqui". "- Você está sozinho?" "Essa pesquisa vai passar para quem? Quem vai usufruir disso?" "- A sociedade!" "- Quem é a sociedade?" " - O Zé Mané que tá lendo o trabalho?" " - É o aluno que está ali do teu lado! Bem mais próximo, não é?!" Então a sociedade é o que? É com quem você interage. No nosso caso são os alunos. E aí a gente procura integrar esse professores para que eles possam ter esses alunos, se não tiver orientando na pós-graduação fica mais difícil ganhar projetos, fica mais difícil publicar, fica mais difícil comprar suas coisas. Então existe um ambiente bastante propício para acolher esses professores. Às vezes o processo demora um pouco mais porque as exigências da pós-graduação são muito pesadas e é um coeficiente, é o rendimento por número de participantes na pós-graduação é assim. E isso tem mais um monte de consequência. Então coeficiente, o número de desempenho pelo número de professores, você é classificado: 1,2,3,4,5,6,7 e **quanto maior o coeficiente, mais recursos você recebe da CAPES** e isso viabiliza mais um monte de coisas, você recebe mais bolsa, recebe mais recurso para pesquisa, infraestrutura. Então, a pós-graduação tem um cuidado enorme em acolher e/ou não acolher bem.

Observemos que o entrevistado deixa bem evidentes muitas das regras fundamentais do jogo no campo científico e que coincidem com a racionalidade técnica empresarial como é o caso da maximização da utilidade dos indivíduos, ou seja, o que o entrevistado trata como não deixar ninguém encostado, fazê-los começar a produzir. Menciona a relação entre coeficiente e recursos da CAPES e o fato de ter orientandos ampliar as chances de adquirir aprovação para seus projetos.

Observamos que, inclusive, o que se parece com uma possível cordialidade, se constitui enquanto ponto crucial no jogo que se desenvolve no campo. Ou seja, eles

auxiliam os novos professores porque “não querem ver ninguém encostado”, ninguém que não seja útil à dinâmica do departamento. As relações se pervertem mediante um interesse mais do que interessado.

**Entrev.** - Mas existe alguma disputa nesse processo, na integração? Existem grupos diferentes de pesquisa, quando você se percebe um aluno considerado bom por questão da grade curricular, tem o processo de contratação que você falou que passa pelos professores. Existe algum tipo de disputa na integração desses alunos?

**Harry** - Isso depende muito mais da postura dos professores, uns são mais receptivos, outros são menos receptivos dependendo dessa postura você pode ficar lá na largada. O que eu digo é o seguinte, minha experiência. Quando eu cheguei aqui eu fui muito bem recebido. Assim: “- Vamos fazer um projeto juntos, vamos trabalhar juntos.” Ninguém tentou esconder aluno de mim. Eu acho uma grande coisa. Aqui para você pegar os seus alunos para integrar a sua equipe, tem mais uma coisa dos alunos mesmo. Não existe uma ação orquestrada...

**Entrev.** - Eles que vão lá procurar.

**Harry** - Isso, assistem as aulas, vêm o que eu pesquiso...

**Entrev.** - E os novos docentes para se credenciar nesses grupos de pesquisa? Eles procuram ou vocês que procuram?

**Harry** - Existem as duas coisas, entraram agora três professores no grupo de (área de estudo específica). Nós estamos tentando integrar eles na pós-graduação, independente de eles participarem ou não do nosso grupo de pesquisa. Agora, se quiser usufruir o que está aqui, participar do grupo também, melhor para eles, melhor para nós e a preocupação é: daqui a pouco a gente vai cair fora. Nós gostaríamos que esse pessoal pegasse a batuta e continuasse. Essa é a preocupação. Então, quanto antes você integrar esse pessoal, melhor. Agora eu sou o presidente da comissão pra avaliar os pedidos dos novos professores. Tem seis ou sete novos professores que fizeram memorial e estão pedindo para entrar. Nós vamos analisar esses pedidos, mas pelo que eu já conversei a postura é: se nós pudermos integrar nós vamos integrar. Eles que não choquem muito com os pedidos da pós-graduação. A pós-graduação tem as regras lá, para você ser professor credenciado tem que ter isso tem que ter aquilo, tem que ter aquilo, por quê? Porque isso é importante para avaliação do desempenho do orientador.

**Entrev.** - Que é nota máxima a de vocês.

**Harry** - É, a máxima. Quem tiver mais próximo disso, quem tiver **maior potencial** para atender isso vai ser pegado.

**Entrev.** - Se não fica para a próxima...

**Harry** - Fica para a próxima. É complicado. Se você fica de fora isso é complicado. E vários professores foram descredenciados, foram descredenciados no último ano, então é um campeonato... e tem uns que ficam lá embaixo. E às vezes o rendimento cai.

Observamos os valores predominantes, ou seja, o de rendimento, de produtividade e, claramente, a relação entre sucesso no meio e a existência e um suposto

potencial para atendimento das demandas do campo. Deste modo, podemos interpretar que torna-se essencial uma série de posturas, rendimento e, mesmo, comportamento para que o indivíduo consiga obter aceitação no referido campo, contudo, tais requisitos denotam formas peculiares de conduta, formação e ambição pessoal e profissional.

O indivíduo se insere no meio com disposições que lhe possibilitam almejar tal *status*, mas, posteriormente, desenvolve um conjunto de disposições que possibilitam sua permanência no campo, seu convívio harmonioso com seus agentes, ao menos no sentido de gozar de respeito por suas habilidades e feitos, e que possibilitam seu reconhecimento enquanto agente relevante no campo, como possuidor de legitimidade enquanto tal.

Devemos questionar se este “maior potencial” seria referente ao indivíduo em si ou ao seu maior potencial em seguir as regras do jogo, adaptando-se ao contexto do campo.

Neste Departamento, a questão do “maior potencial” é considerada como fator norteador, declaradamente, da formação dos seus indivíduos. Um exemplo que podemos expor é o da determinação que há para que mestrandos e doutorandos possam ser qualificados às suas defesas. Em ambos os casos, os estudantes devem possuir comprovação de uma *performance* de excelência, o que é exigência exposta em um documento que versa sobre as normas e regulamentos internos do programa de pós-graduação. Nele se afirma ser condição necessária para que a defesa da Dissertação de Mestrado seja marcada, que o aluno tenha submetido no mínimo 2 trabalhos completos em Congressos ou, no mínimo, 1 artigo em periódico indexado. No caso da publicação ocorrer em revista nacional, esta deverá ser indexada pelo *Scielo* ou *Qualis A ou B*.

Quanto à Tese de Doutorado, é necessário ao agendamento da defesa, que o aluno tenha submetido no mínimo 2 artigos em periódicos indexados, sendo pelo menos 1 em revista internacional. No caso da segunda publicação ocorrer em revista nacional, da mesma forma que no Mestrado, esta deverá ser indexada pelo *Scielo* ou *Qualis A ou B*.

Estas regras nos oferecem a noção do que é ser alguém com potencial neste meio, do que é ser credenciado como um elemento possível e coerente com os ideais de tal grupo de excelência.

De outro lado, há o que se interpõe enquanto o não-potencial, e neste sentido, questionamos a Harry sobre o descredenciamento.

**Entrev.** - E como se dá esse processo de descredenciamento, ele é conflituoso?

**Harry** - Descredenciamento... A CAPES exige orientação, exige artigo publicado, exige projeto de pesquisa, existe ter aula.

**Entrev.** - Sim, mas interno, às vezes os professores se sentem mal você percebe que ele contesta? Como que acontece aqui dentro?

**Harry** - Infelizmente a coordenação da pós-graduação e o conselho têm que tomar uma medida. Faz uma avaliação e tal e tem que chegar e falar em descredenciar. Acho que o professor que tivesse por algum motivo o desempenho mais baixo ele deveria chegar e pedir descredenciamento, é muito menos doloroso pra pessoas que estão fazendo isso.

**Entrev.** - Você não acha um pouco cruel esse processo de descredenciamento?

**Harry** - Um pouco, mas se a pessoa está fazendo pouco porque que ela fica lá né? Ela não está orientando o pessoal dele não está publicando nenhum artigo não é para ficar lá. Qualquer coisa fala "- Eu não estou me sentindo muito bem com isso aqui, quero sair do programa." Porque todo mundo sabe como é que são as regras, e o que está sendo avaliado. Chega a partir de um momento que você passa a prejudicar o resto. Do jeito que é o sistema, se o teu desempenho está baixo você prejudica o todo.

**Entrev.** - Seria essa nota da pós-graduação.

**Harry** - O índice vai cair.

**Entrev.** - Quando você vai fazer esse descredenciamento, é tranquilo ou é algo penoso? Seja sincero.

**Harry** - É meio penoso.

**Entrev.** - Para você ou para os outros?

**Harry** - Para todos, há demora para tomar a decisão.

**Entrev.** - Não é simples, não produziu vamos tirar.

**Harry** - Não, não, agente fica chateado, preferia que não fosse assim. Você está tratando com pessoas, seu colega e tudo. Nós até damos prazos. "- Olha, o rendimento está assim o crescimento foi difícil. Você rankeia tudo, **é muito fácil rankear todo mundo.** Dá aula na graduação, tem aluno orientado, tem projeto de pesquisa. Aí você pega tudo e vem fazendo x, tem, tem, não tem.... Quando você olha é um inferno. É difícil você atender a todos, mas também é muito ruim você não atender a quase nenhum você só atende um, aí fica difícil a tua permanência.

**Entrev.** - Você acha que em outras universidades esse processo é mais tranquilo? Porque o individualismo, igual você falou das suas experiências na (universidade de renome) por exemplo.

**Harry** - Como não existe tanto trabalho em equipe, tanta coisa.

**Entrev.** - Não existe um vínculo.

**Harry** - Para se ajustar à CAPES, vários programas reduziram violentamente o quadro de professores, o número de professores foi muito reduzido. E não teve choro. Se eu não atender à CAPES o rendimento está baixo, quem está produzindo pouco está fora. Simplesmente deram canetada e tiraram dez, quinze. O nosso aí deu um problema muito grande que tem quase quarenta professores, então os professores do departamento, eu não sei o número exato, acho que noventa por cento é professor da pós. Um número muito alto, mesmo assim estamos com esse índice de desempenho na CAPES, se você der uma olhada nos outros departamentos acho que não chega a cinquenta a sessenta por cento.

Verificamos neste trecho, o apego aos índices e indicadores, a aceitação das regras do jogo e elementos que demonstram algumas das estratégias do jogo que nem sempre parecem muito leais se considerarmos o trabalho do professor como um trabalho em conjunto, como é o caso mencionado de reduzir o número de professores da pós para que o índice possa aumentar e que hajam menos professores a controlar para que alguns números sejam mantidos e, conseqüentemente, um *status* no campo.

Pergunta-se mais incisivamente sobre uma possível tentativa de adequação dos novos professores ao sistema e às condutas nele arraigadas.

**Entrev.** - Professor, antes que eu me esqueça de perguntar: você percebe que os novos professores tentam se adequar ao sistema? Existe um esforço grande para se adequar a esse sistema? Ou eles se percebem inferiores a vocês, por exemplo? Ou os professores, o caso do Sam, que foi professor substituto, no caso Adolfo agora, eu acho que Lucas, que entrou recentemente. Você percebe que essa meninada, que vem só com mestrado, a relação com vocês é diferente, ou a visão que vocês têm deles é diferente? Ou deles para vocês de endear um pouco? O que você acha?

**Harry** - Tem uma diferença, tem os professores substitutos, eles não tem o doutorado, então eles não estão integrados no desenvolvimento de pesquisa. Eu estou falando dos professores novos que foram realmente contratados efetivos, que tem doutorado, tudo. É uma relação de respeito.

**Entrev.** - O que seria uma relação de respeito?

**Harry** - Uma relação de respeito é... Ah, você já é professor meio velho, eles são bem mais jovens, diferença de mais de vinte anos de idade. Então tem mais uma relação de respeito pela idade.

**Entrev.** - Pela idade ou pelo posto que vocês ocupam.

**Harry** - Pelo que a pessoa já fez. Pelo que a pessoa representa, pela representatividade que tem.

**Entrev.** - Como você percebe esse respeito nas atitudes do cotidiano?

**Harry** - Todos me chamam de professor. Eles podiam me chamar pelo nome como todos os outros.

**Entrev.** - Que mais, só isso?

**Harry** - Não, quando vêm te pedir opinião, eles vêm um pouco mais retraídos.

**Entrev.** - Eles não chegam soltinhos.

**Harry** - Eles vêm meio defensivos pela fama do departamento.

**Entrev.** - Tanto os substitutos quanto os ingressantes.

**Harry** - Os substitutos quase que nem chegam perto.

**Entrev.** - Como assim?

**Harry** - Os substitutos são uma outra classe, é um negócio muito provisório. Não vai ficar né? Um substituto não é considerado no quadro.

**Entrev.** - Vocês também não consideram, vocês veem eles de forma diferente.

**Harry** - A gente vê de forma diferente.

**Entrev.** - O relacionamento entre vocês é diferente.

**Harry** - Não que trate diferente, ou alguma coisa, mas o relacionamento é mais distante. Apesar que, com os outros, a correria é muito grande, você não tem muita interação, a não ser que esteja adepto a tua área onde você dá aula, porque eles ficam muito restritos só às aulas. Os professores substitutos ficam quase que exclusivamente restritos às aulas, eles pouco se envolvem na pesquisa. Eu diria até que é um pouco raro o caso do Sam que é um aluno de doutorado do programa, eu acho que os outros substitutos nem são alunos do programa, eles não estão engajados na pesquisa, eles ficam como só professores que só dão aula, que não tem pesquisa, é uma outra classe.

**Entrev.** - É uma classe inferior.

**Harry** - Não sei se inferior, mas é uma outra classe.

**Entrev.** - Pode falar professor. Porque você que falou que eles têm essa relação de respeito. Você falou que às vezes não chega nem perto, tanto os novos quanto os de mestrado.

**Harry** - Eu estou falando dos novos, que querem chegar a uma posição...

**Entrev.** - E vocês em relação a eles, eles lhes veem com um respeito muito grande por causa do renome que vocês têm, o nome de cada um de vocês como pesquisador. E eles, como vocês veem eles?

**Harry** - A gente vê como iniciante a gente mais quer ajudar, mas a gente respeita eles, porque a gente tenta contratar gente boa. É difícil entrar se não for. Mas a gente... É... Não sei como lhe dizer. Trata-se mais como alguém que você vai ajudar não como um concorrente.

**Entrev.** - Nem como uma pessoa influente por exemplo.

**Harry** - Não.

**Entrev.** - Tenta mais auxiliar.

**Harry** - Mais auxiliar. Não é uma pessoa influente. Mas pode ser muito depressa, depende da... Da postura, é que existe uma coisa de idade, de experiência, é que é mais uma transição deles do que da gente. E eles tão acostumados a ser alunos de doutorado, pós doc, são inteligentes...

**Entrev.** - A forma de agir deles seria diferente? Postura? Você acha que tem uma diferença razoável?

**Harry** - Não, eles são ambiciosos também. Eles têm certo respeito, mas eles são ambiciosos também. E a gente gosta disso, têm que ser ambiciosos também se não não chegam a lugar nenhum. É mais uma coisa de diferença de idade. Fez bastante e eu ainda estou começando. Mas a postura deles é bem ambiciosa.

**Entrev.** - Você acha que vocês são um espelho para eles, meio que ídolos em alguns momentos?

**Harry** - Acho que não, não sei.

**Entrev.** - Ídolos assim, exagerando um pouco a palavra, mas você acha que vocês são o objetivo, o posto de vocês é um objetivo o tempo inteiro para eles. "- Ah, eu quero chegar onde o Harry chegou, onde o (nome de um professor do departamento), onde o Lionel." ?

**Harry** - Eu acho assim, isso é o sonho da carreira, "eu quero chegar também a uma posição legal." ser reconhecido, tudo. Eles querem sim, de fato. Não sei se o espelho, eles mesmo se imaginam. Eu era meio arrogante, sempre fui.

Este trecho ilustra a fala de um professor que aparenta muita clareza e pouca inibição em suas declarações, não buscando transmitir uma imagem politicamente correta. Concebe o papel dos professores substitutos como uma espécie de mão-de-obra e que são vistos de forma diferente por não lhes ser garantido o posto futuro de professor efetivo, por não estarem integrados em todo sistema do campo. Nas palavras de Harry, em alguns momentos, nos parece que estes professores são quase alvo de pena, mas possivelmente seu posto não admite tal ingenuidade, pois constituem-se em peças bem articuladas de um jogo. Assim, as relações estabelecidas aparentam ser bem superficiais de submissão e idolatria em alguns casos.

O não jogar o jogo com todas as suas cartas, portanto, lhes torna peças diferentes e menos valorosas no mesmo. Poderíamos, analogicamente, afirmar que, se se tratasse de um jogo de xadrez, estes professores seriam como peões. O que nos faz afirmar que seguir as regras e estratégias do jogo é essencial para o sucesso no mesmo, assim como ocupar posições de legitimidade neste.

Deste modo, podemos considerar que a reatualização do *habitus* do professor universitário ocorre mediante o cumprimento de todas as regras do referido jogo que se instala no campo. Suas disposições interiorizadas não são meramente reeditadas, mas reconstituídas sob os auspícios a nova objetividade, as quais, no caso dos sujeitos de nossa pesquisa, se relacionam ao seu trabalho mediante as renovadas características da universidade no contexto atual se associarmos ao de cerca de duas décadas atrás.

As disposições desses agentes são recriadas em um contexto em que a performatividade se faz imprescindível e em que o ser humano se equipara ao ser produtivo, devendo considerar-se que o *habitus* destes se reatualiza em relação ao que anteriormente se fazia predominante em termos de suas disposições duradouras e constata-se um processo que envolve continuidades e rupturas.

As continuidades se referem ao caráter duradouro das disposições, ou seja, não se pode simplesmente se substituir disposições ao adentrar em um campo diferenciado dos que lhes são comuns em sua trajetória de vida, o que implica reconhecer, por exemplo, que, muitas das disposições que o indivíduo adquire em seu meio familiar, lhes prevalece, inclusive, enquanto orientadora de suas novas escolhas e trajetórias com contextos, indivíduos e relações diversos.

As rupturas se referem, especialmente, às práticas, sendo assumidas novas formas de vivência que, por sua vez, predominarão como moldadoras de renovadas normas de conduta, mesmo que estas sigam os princípios geradores de seu *habitus*.

Quanto aos professores com carreira longa e os iniciantes, ou seja, com menos de 10 anos de se início, observa-se que reatualizam seu *habitus* de formas distintas ao adentrar no campo científico e deparar-se com suas demandas.

Os iniciantes passam a forjar um *habitus* que se adeque às necessidades de sua inserção no campo e à concepção de sucesso que permeia o mesmo, de modo que valores e concepções constituídos a partir da relação com outros campos tendem a ser suplantados pela assunção de uma suposta inevitabilidade de enquadrar-se ao ideal de performatividade. Entretanto, não se pode afirmar que sejam inteiramente suplantados, pois subjazem conflitos que são, geralmente, escamoteados.

Os professores com mais tempo de carreira forjam um *habitus* que se adeque à ciência compatibilizada com “interesses comerciais” e, neste sentido, os valores do que seria uma “ciência pura” (apontada por um dos entrevistados como “romântica”) são suplantados pela assunção de uma suposta inevitabilidade de uma ciência supostamente condizente à ideia de responsabilidade social. Subjazem conflitos e contradições, por vezes escamoteados, por vezes expressos de formas geralmente indiretas.

Não é possível, contudo, que descrevamos tipos puros em relação aos sujeitos da pesquisa, pois constatamos que existe uma dialética nas próprias relações e compreensões acerca da realidade em que os indivíduos se apresentam como críticos e agentes de uma mesma situação; os que aderem ao sistema o criticam e vice-versa. Não há o extremo e, talvez por este motivo, que o jogo seja plenamente bem sucedido no campo científico segundo os parâmetros aqui analisados.

Para jogar é necessária a crença de que o jogo é relevante, o senso de investimento que lhe seja favorável e, conforme analisamos anteriormente, é encontrada uma possibilidade de maior potencial a este investimento na constituição do *habitus* primário.

Esta crença é que propicia que os agentes acreditem na eficácia das regras do jogo no campo científico e, mesmo mediante a constatação de que quanto mais se desenvolvem tecnologias mais é suprimida a necessidade de trabalho humano, o que se coloca contra o discurso, por exemplo, da geração de emprego. Os agentes não apenas pregam a ideia de responsabilidade social que não nos parece lógica, mas parecem acreditar na mesma; tal vez isto ocorra, ainda, como uma forma de facilitar a assunção do desenvolvimento de um *habitus* conflituoso.

O que salta aos olhos é o fato de que esta crença parece mobilizar a reatualização do *habitus* destes agentes, bem como possibilitar a reprodução destas

dinâmicas de reconhecimento. Podemos compreender que, no campo científico, o *habitus* se relaciona a um processo em que a glória é atingida às custas da hiperatividade, que Gaulejac (2007) descreve como refúgio e que se mostra como regente da relação entre reconhecimento e performatividade.

Neste sentido, vale questionar-nos de que refúgio se trata e em que medida a glória pode consistir em refúgio do próprio indivíduo da efemeridade de sua existência ou, mesmo, se sua quase insignificância. O desejo de ser reconhecido é uma tentativa de transcender a esta expectativa de efemeridade.

### **Considerações finais**

No desenvolvimento da pesquisa foi operada uma análise do discurso dos docentes entrevistados de modo a compreendê-lo enquanto prática social relevante à compreensão de outras práticas, posto que transmite as percepções dos indivíduos e implica em uma ação que pode ser confrontada a outras da realidade. Tal característica de análise propicia que, mesmo quando o indivíduo venha a distorcer ou demonstrar interpretação muito diferenciada em relação ao contexto, seu discurso sirva de base ao ser situado em comparação aos demais discursos observados e a aspectos da objetividade.

Deste modo, observamos na pesquisa que o campo científico possui estratégias de avaliação próprias e que são calcadas em um sistema valorativo, no qual o capital científico é o valor preponderante. Tais estratégias maximizam a utilidade de seus agentes, os quais, por sua vez, utilizam estratégias para superar as expectativas que pairam no campo.

Podemos explicar todo o processo como sendo o jogo que se estabelece no campo científico, o qual decorre de modo similar em outros campos, mas que neste campo se pauta em objetivos peculiares, normalmente não associados a valores financeiros.

Consideramos que o campo científico tem funcionamento que se concretiza em consonância a valores sociais gerais do contexto. Entretanto, há a orientação de tais valores de modo a basearem-se no reconhecimento como recompensa. Há uma espécie de busca por enobrecimento que envolve, muitas vezes, o culpabilizar, responsabilizar o outro por sua suposta incapacidade em atender às demandas performativas do campo.

Outro aspecto essencial que desvelou-se durante o estudo, foi o de que os próprios agentes em destaque no campo, por jogarem com precisão, o projetam no sentido da perpetuação de suas características e práticas, o que podemos considerar que relaciona-se com o processo de responsabilização.

Em relação às críticas dos agentes, estas apresentaram-se de maneira mais contundente nos casos dos professores que se encontram há mais de uma década inseridos no campo. Os recém-contratados apresentaram maior conformidade e aceitabilidade do sistema de práticas na universidade pública, mesmo nos casos dos que apresentam, prematuramente, se considerarmos o período médio de duração da carreira, problemas de relacionamento familiar e até adoecimento como problemas na coluna,

com exceção de Sam, o qual demonstrou certo inconformismo com algumas das formas de relação que se dão no campo, como é o caso do ato de inserir nomes de outros pesquisadores, tendo em vista a ampliação de seu currículo, bem como relações que descreveu como sendo de “escárnio velado”.

O trabalho intelectual mostrou ser, a partir do que declararam os entrevistados e da análise do contexto histórico do mesmo, considerado nobre e digno de profundos investimentos subjetivos, sendo o senso de investimento dos agentes do campo orientado neste sentido.

Quanto às disputas no interior do campo científico, estas parecem ser veladas na maioria das vezes, sendo negada por alguns ao mesmo tempo em que veementemente afirmada por outros, o que pode ocorrer por, no caso de sua confirmação, transmitir a ideia de desvirtuação da ciência e do trabalho científico, posto que competir é entendido, frequentemente, como ato individualista e, como vimos, o interesse no interior do campo científico se camufla em interesse desinteressado a partir do qual se impregna a nobreza social mencionada como própria do mesmo.

Observou-se que há uma espécie de luta pelo controle do campo em que quem está no topo, ou seja, quem obteve sucesso segundo as regras do jogo, se situa no centro do controle e permanece confortável mediante as demandas instituídas. A autoridade destes agentes propicia que sua “voz” ecoe mais fortemente, que tenha mais influência, o que faz com que sua concepção, frequentemente em consonância com o *status quo* que o projeta como membro relevante, tenda a ser orientadora, junto às dos demais representantes do sucesso no meio, das práticas na universidade. A partir disto, observa-se que a subversão raramente parece ser encarada como opção no campo científico, sendo as estratégias de sucessão majoritariamente aderidas enquanto forma de assegurar a glória no interior do mesmo.

A partir deste estudo, consideramos que é possível afirmar a existência de um *habitus* científico, ou seja, de um conjunto de disposições duradouras estruturadas e estruturantes peculiares aos agentes do campo científico. A partir das bibliografias analisadas e da narrativa de experiências dos indivíduos associadas, inclusive, a nossas próprias enquanto agentes pesquisadores, podemos observar que tal *habitus* é, sobre vários aspectos, de grande abrangência em termos nacionais e internacionais e, portanto, muitas das considerações aqui realizadas podem ter interpretação para além de um estudo de caso.

Em síntese, podemos afirmar como elementos muito influentes na constituição do *habitus* científico, os aspectos político-econômicos e, em especial, as formas sociais de gestão e racionalidade por ele engendradas, a saber, gestão psicológica da dominação, modelo administrativo gerencial, racionalidade técnica e afins.

Tais elementos caracterizam padrões e formas de ser e agir coerentes com seus propósitos como a eficiência, eficácia, maximização de utilidades dos indivíduos, otimização de sistemas e ações e gestão racional de recursos, inclusive, os que frequentemente se denomina, de *recursos humanos*, o que consideramos como sinal de um sistema em que os indivíduos aproximam-se, em tese, cada vez mais de objetos a serviço de organizações.

Uma das marcas identificadas como fortemente presentes neste *habitus* científico é a noção da relevância da formação destes *recursos humanos*, a qual vem firmemente acompanhada o discurso da responsabilidade social.

Entretanto embora muitos dos aspectos que regem os valores no campo científico sejam pautados em relações mercadológicas e o *habitus* de seus profissionais se reatualize mediante tais tendências, constatamos algo em especial que difere o campo científico substancialmente dos demais campos com os quais estabelece profundas relações. Esta especificidade é a sobreposição considerável do valor simbólico ao valor financeiro, conseqüentemente, da necessidade de reconhecimento, de honra social, de glória, em relação à necessidade de riquezas materiais como bens e dinheiro.

O indivíduo não se pretende meramente rico, mas socialmente relevante, pretende ter existência social significativa e, neste sentido, a efemeridade e a vulgaridade da posse financeira não lhes são satisfatórias e estes passam a almejar “posses” que o situem num patamar de imortalidade social e esta imortalidade só pode ser conquistada por meio de feitos, os quais no campo científico são referentes a conhecimentos, à construção de paradigmas, os quais chegam, muitas vezes, a assemelhar-se a dogmas, pelo fato de serem seguidos de forma quase incontestável por alguns indivíduos que de seu conhecimento acreditam apropriar-se.

No processo de reatualização do *habitus* no campo científico, observou-se serem forjadas reconstituições das disposições duradouras anteriormente interiorizadas, as quais não seriam meramente reeditadas sob auspícios da nova objetividade, mas recriadas, sendo que os conflitos e contradições tendem a ser negados, camuflados ou mesmo naturalizados.

Os novos professores reatualizam seu *habitus* mediante uma necessidade de adequação, a qual é essencial à sua inserção e sucesso no campo; assim, valores e concepções desenvolvidos em outras instâncias da vida social, ou campos, tendem a ser suplantados pela naturalização da ideia de que existe a inevitabilidade em enquadrar-se ao ideal de performatividade que rege o campo.

Os professores já inseridos no campo há tempo superior ao dos novos, e que teriam o que se pode denominar de carreira consolidada, reatualizam seu *habitus* no sentido de sua adequação à ideia de ciência associada diretamente a “interesses comerciais”, sendo os valores do que seria uma “ciência pura” suplantados pela assunção de uma concepção de ciência atrelada ao ideal de “responsabilidade social”.

Esta reatualização, embora mencionemos na forma “o indivíduo reatualiza”, nos parágrafos anteriores, não é produto de uma ação planejada majoritariamente pelo indivíduo, mas, como discutimos ao longo do estudo, fruto da ação subjetiva associada a coações estruturais; é produto das dinâmicas de subjetividade e sociabilidade.

De modo geral, não seria possível afirmar que apenas os novos aderem com facilidade ou que aos antigos é causada estranheza, pois não lidamos com sujeitos prototípicos, mas com sujeitos concretos, os quais, embora possamos reconhecer alguns padrões em suas ações, não são completamente mensuráveis ou previsíveis. Ou seja, mesmo os que se encaixam em um protótipo, camuflando, negando ou naturalizando conflitos e contradições, também expressam, de forma mais ou menos consciente, contradições e conflitos; mesmo os que explicitam de forma mais consciente conflitos e contradições, apresentando discursos, aparentemente mais críticos, também apresentam momentos de negação, camuflagem e/ou naturalização dos conflitos e contradições que permeiam o campo.

### Referências bibliográficas:

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2011.

\_\_\_\_\_. **A Economia das Trocas Simbólicas** São Paulo: Perspectiva, 2009.

\_\_\_\_\_. **A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. Porto Alegre, Zouk, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Homo academicus**. 1ª Ed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2008b.

\_\_\_\_\_. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007

\_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004a.

\_\_\_\_\_. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa: Edições 70, 2004b.

\_\_\_\_\_. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. Tradução Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004c.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer**. 2ª ed. São Paulo: EDUSO, 1998a.

\_\_\_\_\_. **Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998b

\_\_\_\_\_. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das letras, 1996 a.

\_\_\_\_\_. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas/SP: Papirus, 1996 b.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1992.

\_\_\_\_\_. **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983a.

\_\_\_\_\_. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983b.

CHAUÍ, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. São Paulo: **Revista Brasileira de Educação**, set./out./nov./dez. 2003.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 18ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramalhete. 35.ed.Petrópolis,RJ: Vozes, 2008.

GAULEJAC, Vincent de. **Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. Aparecida, SP: Idéias& Letras, 2007.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: **Revista de Administração de Empresas - RAE**, v.35, n.2, mar./abr., 1995, p.57-63.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

HELOANI, Roberto. **Gestão e organização no capitalismo globalizado: história da manipulação psicológica no mundo do trabalho**. São Paulo: Atlas, 2003.

LUKÁCS, György. Para a ontologia do ser social. O trabalho. In: **Per l'ontologiadell'esseresociale**.Cap.I, 2º. Tomo. Roma: Editori Reuniti, 1981. Trad. De Ivo Tonet. Mimeo.

MACHADO, Edson. Número de mestres e doutores ainda é baixo no Brasil. **Edson Machado.net**. <<http://edsonmachado.net/2012/07/16/numero-de-mestres-e-doutores-ainda-e-baixo-no-brasil/>>. Acesso em 20/08/2012.

ORTIZ, Renato. A procura de uma sociologia da prática. In: BOURDIEU, P. **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983 a.

PAGÉS, Max. **O poder das organizações**. São Paulo: Atlas, 1987.

PIOLLI, Evaldo. Sofrimento e reconhecimento: o papel do trabalho na constituição da identidade. **Revista USP**, São Paulo, n.88, p. 172-182, dezembro/fevereiro 2010-2011.

RINGER, Fritz K. **O declínio dos mandarins alemães**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

SGUISSARDI, Valdemar; SILVA Jr., João dos Reis. **Trabalho intensificado nas federais: pós-graduação e produtivismo acadêmico**. São Paulo: Amã, 2009. 271p.

SILVA JUNIOR, João dos Reis; SGUISSARDI, V.; SILVA, Eduardo Pinto e. Trabalho intensificado na universidade pública brasileira. **Universidade e Sociedade**. (Brasília), v. 45, p. 8-25, 2010

TRAGTENBERG, Maurício. A delinquência acadêmica. **Ponto e Vírgula** (PEPG de Ciências Sociais, PUC-SP), n. 5. <<http://www.pucsp.br/ponto-e-virgula/n5/artigos/pdf/pv5-01-tragtenberg.pdf>> .p. 1-8 , 2009. Acesso em: 11/11/2011.

WEBER, Max. **Ciência e política: duas vocações**. São Paulo: Martin Claret, 2011.

## Apêndices

### 1. Síntese das entrevistas

**Adolfo, 54 anos, seus pais são formados em nível superior. O pai já atuava na universidade e o conhecimento indireto das questões políticas universitárias o afastaram um primeiro momento da carreira acadêmica, pois via interesses conflitantes no meio. Quando fez mestrado já atuava na indústria e seu orientador era de outra grande universidade pública. São em cinco irmãos todos formados em nível superior.**

- Possui título de Doutorado.
- Desde 2011 na universidade pesquisada.
- 1 participação em banca examinadora de tese de doutorado.
- Nenhuma orientação em andamento ou concluída.
- Professor substituto no departamento. É o segundo semestre em que está como professor substituto, e tem mais dois semestres antes de terminar o contrato com a universidade, até lá pretende encontrar alguma instituição para lecionar como professor efetivo. Desde que se formou na graduação trabalhou na indústria e conta que não sabia que gostava de dar aulas.
- Acredita que a ciência deva ser feita mesmo sem aplicabilidade imediata. Considera que o cientista deva fazer relatórios bem feitos e o trabalho deva ser reprodutível, ou seja, aplicável em outras situações e necessidades. Isso bastaria para que houvesse uma aplicação futura e o cientista deveria trabalhar com liberdade dentro desses parâmetros.
- Vê a missão da universidade como sendo a de melhorar a vida da população. Aponta que a ciência é direcionada pelos que têm poder e os que têm poder não parecem interessados em melhorar a vida da população. Essa é a situação do Brasil e do mundo, mas o entrevistado acredita estarmos em uma transição pelo menos no Brasil.
- Para ele, a função do professor é cumprir o que lhe é contratualmente estabelecido, ou seja, dar as aulas da disciplina da qual é responsável e também esclarecer os alunos para a situação atual e para o papel deles em relação a isso.
- Afirmou que no Brasil, diferente de países no exterior como Canadá e EUA, a relação entre empresa e universidade é “proibida”. Quando questionado sobre a realidade da parceria existente entre os dois, chama atenção para o fato de que a relação é indireta,

estabelecida através de uma fundação. Exemplifica a relação empresa e universidade no exterior como sendo mais próxima e natural enquanto no Brasil seria “proibida” (sic).

- Diz que devido a isso há pouco desenvolvimento na universidade em tecnologias para a indústria brasileira, o que o entrevistado lamenta.
- O professor baseia-se bastante em um historiador inglês. Conclui com base nas observações e leituras que o que os outros países sabem fazer bem é agregar valor às mercadorias, acha isso importante e acredita que aqui no Brasil, embora sejamos intelectualmente capazes, não fazemos isso por escolhas e uma dessas escolhas é a forma como se relaciona universidade e empresa mediada pela fundação.
- Acredita que na carreira acadêmica exista reconhecimento profissional, mas não social porque no Brasil universidade e sociedade seriam muito dissociadas.
- O reconhecimento como professor universitário também não é relevante para o entrevistado, segundo ele. Ele afirma que qualquer professor merece reconhecimento, mas enxerga que este reconhecimento está em declínio inclusive no exterior, onde, apesar de haver maior reconhecimento, segundo ele, há reconhecimento ainda maior se você trabalha numa grande corporação. Na questão de se sentir reconhecido diz que o importante é estar bem consigo mesmo e não esperar nada dos outros.
- Não sabe ao certo dizer que aspecto é priorizado na universidade, se é ensino pesquisa ou extensão. Só diz que não concebe universidade sem pesquisa.
- Não considera o trabalho excessivo, acha natural não desligar-se do trabalho porque é parte de seu trabalho ter ideias e isso pode vir a qualquer momento.
- O que lhe agrada na profissão é passar informação e conhecimento e o que mais desagrada é a falta de tempo.
- Afirma nunca ter sentido estar em relação de submissão em relação aos professores efetivos. Afirma sentir-se bem à vontade com os professores do departamento apesar de não ter muita interação.

**Assis, 62 anos, casado e tem dois filhos. O pai concluiu o colegial, já a mãe não o terminou. Tem dois irmãos e uma irmã, sendo que os irmãos tem curso técnico e a irmã tem formação superior em psicologia. Os dois filhos são formados, uma designer e outra jornalista, e a esposa é formada em filosofia.**

- Nascido em 1950 profissionalmente é físico formado em renomada universidade pública, se formou em 1976 e imediatamente foi contratado no referido departamento

para ministrar uma disciplina básica para engenharia compatível com a formação do físico. Fez mestrado em Física aplicada.

- O entrevistado estudou sempre em escolas públicas, e escolheu Física por “afinidade”, curiosidade em relação aos fenômenos naturais. Fez doutorado na Alemanha em uma época em que o curso de Engenharia da universidade em que agora leciona estava se consolidando e havia estímulo para que os docentes fizessem pós-graduação no exterior.
- Afirma que vê bastante importância na interação entre universidade e empresas. Sente falta de um direcionamento a nível nacional indicando as prioridades do país em termos de pesquisa; porém, acredita que as empresas cumprem de certa forma esse papel.
- Diz existir sigilo nas pesquisas com indústria, o que acha justo, pois as empresas vivem de segredos industriais; porém, conta que, ao longo da interação com a empresa, o pesquisador publica artigos que são resultado das pesquisas feitas para a empresa, mas que não revelam o segredo em questão. Não acha que exista exploração indevida dos recursos públicos na interação entre empresa e universidade, pois relata que se a universidade fosse ser gerida somente com fundo público ela estaria limitada em suas possibilidades.
- Afirma que a relação entre orientador e orientando é uma relação entre mestre e aprendiz, na qual precisa haver empatia. Uma das funções importantes do orientador é estabelecer metas e prazos. Outra função importante é zelar pela qualidade nos procedimentos em laboratórios, organização e limpeza.
- Diz haver disputas entre os docentes, motivadas principalmente pela vaidade que, segundo, ele é bem forte na categoria.
- O entrevistado conta que os professores mais reconhecidos tem maior influência em decisões no departamento. São mais respeitados e ouvidos.
- Conta que a recepção dos professores novos é muito ruim e que com os substitutos a interação é praticamente nula. Os demais sofrem com a falta de espaço e infraestrutura apesar das tentativas de alguns professores, como ele mesmo, para incluir esses ingressantes. Percebe um esforço de adequação por parte dos novos professores, fato que exemplifica pelo esforço que tiveram que fazer para entrar no programa de pós-graduação, que é muito bem avaliado, portanto tem grandes exigências para o ingresso.
- Diz não haver individualismo forte na universidade, pois o que se busca principalmente, hoje, é a cooperação. Mas admite que a competição existe e o entrevistado nota isso em

seu próprio trabalho, quando ele se vê trabalhando duro para escrever mais, orientar mais. Na sua opinião, a competição é saudável enquanto estimula a produção.

- Não acredita que ser reconhecido no meio acadêmico implica em ser produtivo em excesso. Um profissional pode ser reconhecido como administrador ou formador. Relata que prefere o reconhecimento pela sua capacidade científica, o que acha natural, já que é provável que aquele que ingressa na carreira docente tenha interesse pelo estudo e desenvolvimento da ciência.
- Relata que hoje na América do Sul a quantidade é mais reconhecida que a qualidade, o que não ocorreria na Alemanha, por exemplo.
- Entre ensino pesquisa e extensão enumera a pesquisa como prioridade entre os professores sendo seguida da extensão ou do ensino, dependendo de cada professor. Acredita que a razão para isso é que os professores são mais cobrados em relação à pesquisa. Diz que 90% são assim e que isso é prejudicial pois o ensino poderia ser melhor.
- Considera o trabalho excessivo e sente interferências negativas do trabalho sobre a vida social e pessoal.
- O entrevistado já teve problemas de saúde por causa do trabalho, problema de estômago. Teve inclusive que mudar sua visão do trabalho e sua atitude.
- O que mais gosta em seu trabalho é a interação com a “vida real”, a indústria. O que mais desgosta é a “burocracia” que engessa sua atividade.
- Falou sobre um projeto de reconhecimento, que tinha como principal foco reconhecer o trabalho dos funcionários que carecem de outras formas de reconhecimento. Diz que o programa não deu certo, pois ao invés de trazer um ambiente saudável gerou intrigas, portanto decidiu terminar o mesmo.
- Afirma sentir-se feliz com o reconhecimento que tem.
- Diz não ter receio de aposentar-se. Estabeleceu um prazo para 2016. Diz que as pessoas têm a tendência de ir até o limite, preocupadas com o vazio instaurado pela falta do trabalho.

**Edite, 52 anos, o pai era matemático e a mãe do lar. O pai lecionava matemática em universidades francesas. Para ela a universidade era um caminho natural e obrigatório, mesmo que não fosse pressionada. A mãe foi formada em Filosofia e o bisavô foi reitor de uma grande universidade pública.**

- Doutorado e pós-doutorado (2).
- Professora associada 3.
- Desde 1989 na universidade pesquisada.
- Orientações e supervisões concluídas: 7 de mestrado; 1 de doutorado; 22 de iniciações científicas.
- Orientações em andamento: 2 de mestrado; 2 de doutorado; 1 de iniciação científica.
- 25 participações em bancas examinadoras de dissertações de mestrado e 19 de teses de doutorado; 4 de tccs; 27 qualificações de doutorado; 16 de outra natureza.
- Vê a formação acadêmica como muito importante para a formação do indivíduo a despeito de questões profissionais.
- Formada em Química por uma universidade pública do estado de São Paulo, em 1882, fez mestrado e doutorado na França.
- Para ela ciência é um método para chegar ao conhecimento. A academia é a instituição que possui uma parte do conhecimento, promovendo-o além da universidade.
- Compreende que a função do professor é orientar, transmitir conhecimento e motivar e descreve a relação orientador-orientando como uma relação “forte”, já que alguns passam até 15 anos juntos.
- Acha a carga de trabalho grande, tanto que tem que trabalhar quase todos os fins de semana, considera o trabalho um “prazer e uma angústia”.
- Afirma que pressão vem dela mesma que quer chegar mais adiante em suas pesquisas, publicar e formar alunos. Considera a carga de trabalho excessiva. Já pensou, por exemplo, em largar a atividade de pesquisa, pois não ia influir no seu salário, mas argumenta que gosta do trabalho. Parece uma relação contraditória entre o gosto pelo trabalho e a pressão do mesmo sobre todas as esferas da sua vida.
- Afirma não ter necessidade de reconhecimento, mas aparentemente não há consistência em sua afirmação.
- Nunca teve problemas de saúde relacionados a trabalho, não vê relação entre os casos de enfarte no departamento e a vida acadêmica, pois sente-se bem e diz que seu pai escreve artigos aos 80 anos e está bem, o que parece ser uma visão reducionista, senão simplificada sobre o tema.
- Diz que não percebe disputa de poder no departamento, acha que galgar os níveis estabelecidos pelas agências de fomento traz mais trabalho do que poder.

- Afirma que vê que o resultado da relação entre empresa e universidade se expressa na produção científica como estímulo para uma produção mais aplicada em detrimento da ciência pura. Diz ser atraída pela ciência pura. Acha que a relação entre universidade e empresa poderia ser melhor, com mais investimento privado nas universidades.
- Quanto à questão do conflito de interesses entre as empresas e universidade diz que é algo a ser estudado caso a caso. Diz que é fato que a empresa investe dinheiro em pesquisas e na questão dos acordos de sigilo diz que nem todos os professores trabalham assim.
- Quando questionada sobre a relevância dada entre ensino pesquisa e extensão resiste um pouco a reconhecer qualquer desnível. Observa que a universidade ajuda pouco o professor em termos de pesquisa, o que seria reforçado pelas demandas do trabalho administrativo. Seria um trabalho muito grande o professor dar conta dos três eixos e da burocracia.
- A respeito da inserção de novos professores relata que há uma falha no recebimento desses docentes por parte do departamento, pois não houve reunião de apresentação, alguém para explicar para eles o funcionamento do sistema. Também diz que eles precisam de espaço, estrutura, o que por enquanto não pode ser atendido.
- Justifica a deficiência no recebimento dos professores novos e na despedida dos professores aposentados pela falta de tempo de todos no departamento. Não acha que haja frieza ou indiferença.
- Enxerga esforços dos professores novos para entrar no sistema, conhecer os modos de funcionamento do departamento e se integrar. Sente a necessidade de que os professores se reúnam mais, façam assembleias para resolver assuntos de ordem coletiva e trocar informações, porém acredita que há professores que nunca irão a essas reuniões, fato que não ousou dizer o porquê.
- Sente que se prioriza mais a quantidade ao invés da qualidade na avaliação dos pesquisadores, diz que tem tentado combater isso no departamento e que algumas pessoas já tem aberto os olhos para isso, por exemplo, na questão: melhor um artigo *qualis* A ou 10 artigos *qualis* C? As pessoas têm pensado nisso. Introduce um termo usado no exterior; “*sly Science*”, que seria a ciência fatiada, ou seja, um trabalho que poderia ser publicado de uma vez é fragmentado para render mais em quantidade, o que demonstra que tem se interessado pelo assunto de algum modo.

- O que mais a agrada no trabalho, segundo ela, é o contato com o jovem, poder ensinar, o dinamismo da profissão podendo fazer o que escolhe fazer. O que desagrada é a sensação de que sempre há algo a fazer, a lista nunca está zerada.
- Afirma que sente-se socialmente e profissionalmente reconhecida e que antigamente havia mais reconhecimento e, ainda, que em outros países, como a Alemanha o professor é ainda mais reconhecido.

**Harry, 58 anos, casado. A mãe é professora e o pai médico, na família sempre houve estímulo para estudar.**

- Graduou-se na universidade em que leciona, fez mestrado em outra universidade pública, e o doutorado defendeu na Alemanha.
- Professor titular desde 2006.
- Professor contratado desde 1995.
- Bolsista em produtividade do CNPq: nível 1C.
- 29 participações em bancas examinadoras de dissertações de mestrado e 30 de teses de doutorado.
- Orientações e supervisões concluídas: 34 de mestrado; 12 de doutorado; 41 iniciações científicas; 27 de outra natureza.
- Orientações em andamento: 3 de mestrado; 9 de doutorado; 5 supervisões de pós-doc; 9 de iniciação científica.
- Faz uma análise de que na contemporaneidade a ciência aplicada é cada vez maior em lugar da que ele denomina “ciência purista” e isso ocorre devido a “interesses comerciais”. Da época em que estudou até agora a diferença é o “grau de consciência dos participantes do processo” de que a ciência é feita tendo em vista um fim aplicado, mas para ele sempre foi assim.
- Considera que todo apoio e investimento deva ter como contrapartida um retorno para a sociedade em termos de geração de valor, ele acha isso bom, pois a universidade não está numa redoma e deve atender às exigências da sociedade da época.
- Não vê nenhuma contradição na relação entre empresa e universidade, pois os alunos são formados para trabalhar nas empresas. O entrevistado não vê diferença entre formar o aluno para ele trabalhar numa empresa ou fazer pesquisa para uma empresa. Ele diz que o conhecimento não deve “ficar com o docente” deve “movimentar a sociedade”.

- Segundo o entrevistado o professor tem um papel mais importante hoje na sociedade devido à sua atividade ser “mais completa”, com a pesquisa sendo uma atividade forte o docente pode influenciar diretamente nos rumos do país.
- Argumenta que o mais importante é formar o aluno com “espírito criativo e inovador”. O poder de disseminação seria maior.
- Diz ser o departamento pouco individualista, e isso seria a chave de seu sucesso.
- Alega que na inserção dos novos professores o clima tem sido de integração, não tem funcionado 100%, mas a tendência seria integrar. Para entrar no programa de pós-graduação parece, como relata o entrevistado, que a caminhada é mais difícil. Envolve certo nível de pesquisa e outros atributos não mencionados, mas que são normatizados pelo regulamento da pós-graduação e pela CAPES-CNPq.
- Espera que haja uma boa integração, porque os antigos vão embora e os que estão chegando podem levar adiante o trabalho a contento, caso essa integração seja efetiva.
- Fala sobre o processo de descredenciamento no programa de pós. Um ato que às vezes é “cruel e desagradável”, porém necessário para manter os índices.
- Tanto os substitutos como os ingressantes tratam os professores mais antigos com respeito e distanciamento. Sempre tratam por professor e nunca pelo nome.
- Diz que os cargos administrativos dão prestígio, mas muito trabalho adicional.
- Diz que a ideia não é necessariamente produzir mais, mas fazer o que gosta.
- Para ele a prioridade é a formação de alunos e depois pesquisa e extensão na mesma proporção. Formar alunos em sala de aula e na interação com a pesquisa.
- Diz que tudo que é ganho com pesquisa e extensão deveria ser para enriquecer o ensino; alguns professores desprezariam a docência na graduação, o que o entrevistado acha negativo.
- Relata que o trabalho é excessivo e que quando começa a afetar a relação familiar deve-se adequar a um novo ritmo.
- Já teve insônia e um braço travado.
- Diz que no começo de carreira é grande a empolgação em ser produtivo e depois com o tempo “isso vai perdendo o gosto” e aí o trabalho começa a ser um problema.
- A entrevistadora chama atenção para a enorme carga de trabalho do entrevistado. Nove orientações de doutorado, três de mestrado, 5 supervisões de pós doc e 9 iniciações científicas, ele sorri e apresenta-se na dúvida entre negar e afirmar. O entrevistado

inicialmente reconhece ser um número alto, mas diz em seguida que é um número razoável.

- Vê como positivo em seu trabalho e interação com a juventude e a relação com os colegas de trabalho nos quais encontra muitos amigos. O lado desgastante é a burocracia universitária.
- Professor Harry teve uma carreira marcada por forte interação com a indústria, tendo até ido fazer mestrado após ter entrado em um concurso de uma grande empresa nacional. Queria inicialmente se formar e entrar no mercado, mas acabou pegando gosto pela pesquisa, naturalmente, o que o levou para a universidade. Acha de grande importância as titulações como mestrado e doutorado, pois são pré-requisitos relevantes.
- Sente-se profissionalmente reconhecido e diz que socialmente não tem certeza, se relaciona pouco fora da academia.

**Hugo, 60 anos, casado, os pais tinham somente o quarto ano primário e os avós eram analfabetos. O irmão tem nível técnico e a irmã dedica-se à família e ao lar. Teve apoio dos pais, mas sempre trabalhou. Seus três filhos tem formação superior em Engenharia.**

- Em 1969 ingressou no curso de bacharel em Química em outra universidade pública, e depois foi da primeira turma do curso de Química, formando-se em 1973 na universidade em que agora leciona.
- Doutorado e pós-doutorado.
- Aposentado: era professor no Departamento de Química.
- Professor voluntário.
- Leciona na pós e, algumas vezes, na graduação.
- Vinculado ao departamento desde 2006.
- Bolsista em produtividade do CNPq: nível 2.
- Orientações e supervisões concluídas: 23 de mestrado; 8 de doutorado; 15 iniciações científicas; 5 tccs.
- Orientações em andamento: 2 de doutorado; 1 de pós-doc; 1 de outra natureza.
- 55 participações em bancas examinadoras de dissertações de mestrado e 68 de teses de doutorado.
- Fez a pós em 73 e foi chamado para fazer concurso em 74 por um professor de renome. Atua desde então na universidade: 1974 a 2012, no departamento. Foi convidado a ser

professor colaborador voluntário o que acredita ter sido um processo “natural devido aos projetos temáticos em que atua junto à FAPESP. O professor colaborador voluntário não ganha salário, tem uma sala para trabalhar e pode orientar alunos, dar aulas e desenvolver projetos. Orientou 25 alunos de mestrado, 8 de doutorado e 15 iniciações científicas.

- Demonstrou ter uma visão ampla da universidade e acredita que seria interessante uma formação mais consistente, com passagem de experiência entre os professores anciãos e os ingressantes. Gostaria de uma sólida formação em áreas de base como Física e Química logo de início para testar a aptidão dos futuros profissionais da área.
- O professor pareceu acreditar que na universidade brasileira prioriza-se a quantidade ao invés da qualidade. Citou o exemplo da universidade italiana na qual numa disciplina era usado um livro só, às vezes até por mais de um ano, o que ao ver dele aumenta a profundidade do curso.
- Em sua concepção, a função do docente é formar recursos humanos, com sólido conhecimento de base, formar para a “cidadania, para a curiosidade e a inovação”.
- Formula que o problema da ciência hoje é que a informação é muito acessível e abundante o que exigiria melhores trabalhos, maior nível em geral, mas não é o que acontece, segundo ele, pois a educação é instrumentalizada sempre em termos de produtividade e resultados financeiros, o que se deve à falta de “paixão” das pessoas pelo que fazem e a uma questão política de expansão da universidade que demanda a formar alunos muitas vezes despreparados, segundo ele, pois o número de estudantes é elevado.
- Ensino, pesquisa e extensão para ele estão no mesmo nível de exigência, pois uma atividade fortalece a outra.
- Considera que o ensino forma o pesquisador, a pesquisa melhora o nível das aulas e a extensão melhora o conhecimento aplicado. Todavia, segundo suas afirmações, esse equilíbrio dificilmente acontece, pois o profissional é obrigado a dedicar-se mais a algum desses três eixos.
- O professor afirmou achar a pesquisa positiva e essencial, principalmente na área de Engenharia, em que os conhecimentos têm que responder a problemas práticos de desenvolvimento científico e do sistema produtivo.
- Afirma existir relação entre ser produtivo e reconhecido na universidade, mas também dependendo do que se entende por reconhecimento.

- Aponta que a carreira de pesquisador dá mais *status* e se o docente for guiar-se pelas exigências das instituições de fomento provavelmente terá que sacrificar a atividade de ensino, pois as exigências estão ligadas à produtividade em pesquisa.
- Afirma que os professores do departamento têm feito esforços para receber os novos docentes integrando-os como co-orientadores em pesquisas e estimulando para que desenvolvam seus projetos. Não acha que os novos professores devam se adaptar compulsoriamente. Acredita que se eles o fazem, fazem por opção, e que eles poderiam entrar na discussão das mudanças de índices e avaliações de desempenho na academia.
- Em sua opinião, o individualismo no departamento é moderado pelo fato de que há muito trabalho em equipe. Demonstra que quando o individualismo se manifesta é na aquisição e divulgação de informações que, embora sejam vantajosas para todos, primeiro passam por quem tem mais contatos, mais acesso.
- Em sua aceção, o trabalho só é excessivo e nocivo às relações sociais e familiares quando “mal administrado”. Nunca teve problemas de saúde por trabalhar demais nem deixou de conviver com sua família. Sempre levou pouco trabalho para casa, inclusive diz que sua preparação de aula era feita na universidade.
- Diz ter muito gosto pelo trabalho e se ver numa posição de passar experiência, como professor ancião da casa. Lamenta a forma como se dá o processo de aposentadoria. Gostaria que houvesse uma rede mais forte para que as pessoas que trabalharam juntas não perdessem o vínculo, pudessem compartilhar conhecimento.
- Considera para si como satisfatório o reconhecimento como ser humano, e como formador concedido pelos pares, mesmo que poucos. Argumenta que o reconhecimento estaria ligado ao impacto que seu trabalho tem no meio acadêmico. Se ele for realmente relevante será reconhecido.

**Jack, 57 anos, casado, com filhos que cursam ensino superior e pais com escolarização básica (pai comerciante, mãe- auxiliava o pai)**

- Graduou-se em 1977 em curso da área de Engenharia na mesma instituição onde hoje atua, mestre em Engenharia em renomada universidade pública em 1979 e doutor na mesma área em instituição em país europeu em 1986. Fez estágio de pós-doutoramento em renomada instituição nos EUA em 1999, tendo sido professor em outra universidade pública de 1979 a 1989.

- É professor do departamento de pertença, onde trabalha desde 1990. Em sua trajetória na universidade onde atua já assumiu vários cargos administrativos (chefia do departamento, coordenação Programa de Pós-Graduação, Conselho Universitário e pró-reitoria de pesquisa. Já orientou 22 mestres e 13 doutores e é autor de mais de uma centena de trabalhos em periódicos indexados.
- Sua área de pesquisa é de ponta. É bolsista em produtividade do CNPq nível 1A e já coordenou mais de 30 projetos de pesquisa financiados pelo CNPq, CAPES, MCT/FINEP e FAPESP, incluindo projeto temático. Atualmente orienta 2 doutorados, 6 de iniciação científica e 22 de outra natureza. Apresenta um total de 54 participações em bancas examinadoras de dissertações de mestrado e 43 de teses de doutorado; 43 qualificações de doutorado; 38 de outra natureza.

Segue alguns aspectos relevantes da entrevista:

- Contou que seus pais e tiveram apenas escolaridade primária, sempre fizeram questão que seus quatro filhos cursassem ensino superior, bancando-os com sua renda de comerciantes. Não soube explicar a origem deste desejo dos pais, pois teve tios e primos com outros desejos e destinos, acredita que fora algum valor assimilado. Consideramos que há aspectos étnicos, culturais e morais que se relacionam a uma forma peculiar de lidar com adversidades e exigências na trajetória de vida e trabalho.
- Estudar, inicialmente, para ele, tinha como sentido a ideia de ter um emprego. Mas, como relatou, pegou “gosto pela pesquisa”.
- Seus filhos cursam universidade e ele afirma que fora um caminho “natural” seguido pelos mesmos, sem que houvesse pressões.
- Demonstra visão ampla sobre o ensino superior, afirmando ser relacionado a uma possibilidade de amadurecimento pessoal e do cidadão, ou seja, demonstrou ter consciência da relevância do mesmo para a vida dos indivíduos, não concebendo-a de maneira pragmática e reduzida à questão da empregabilidade, ainda que em determinado momento de sua trajetória de vida tal perspectiva tenha o mobilizado a se graduar em Engenharia.
- Concebe a pró-reitoria de pesquisa como uma experiência pessoal que propiciou que conhecesse a universidade de modo mais amplo e que lhe possibilitou repensar também a pesquisa e outras práticas universitárias.
- Considera a relação universidade-empresa benéfica. Argumenta que teria sido rompido um tabu acadêmico do cientista vendido, “prostituído”. Afirma que a “ciência

romântica” foi substituída pela “responsabilidade social” e que a aproximação e interlocução mais fácil e fluida entre universidade-empresa possibilita geração de riqueza e empregos. Considera que não há uma transferência de recursos públicos para interesses privados, pois haveria normas de regulação da relação empresa-universidade bem estabelecidas. Argumenta que no aspecto financeiro e na mediação da relação empresa-universidade, protagonizada pela fundação, haveria regras e transparência, ainda que considere que existe o “risco” de, quando esta regulação não ser efetiva e bem feita, o fundo público se colocar a serviço do interesse privado. Concebe como uma necessidade do ser humano ser reconhecido, pois estaria na essência do ser humano ser “ vaidoso”.

- O trabalho de pesquisa, segundo seu argumento, é o mais valorizado e reconhecido, por ser o que mais dá visibilidade. Argumenta que o ensino não recebe o mesmo reconhecimento e/ou prestígio e nem possui a mesma visibilidade ou facilidade de ser mensurado, avaliado etc. Reconheceu que há nas avaliações um peso no quantitativo e distorções.
- Acredita que no departamento pesquisa, ensino e extensão deveriam ter suas relevâncias e reconhecimento melhor equilibrados.
- Atribui ao indivíduo a responsabilidade pelo equilíbrio de sua vida pessoal, não concebendo em nenhum momento a sobrecarga de trabalho como fator externo, ou melhor, argumenta que, quando há tal problema, ele não seria derivado da instituição, mas sim da postura ou mesmo vaidade/imprudência individual. No entanto, considera que haveria uma “mente coletiva”, que pressionaria o professor a ceder à pressão de querer ser “famoso”, reconhecido, de forma a “apelar para a sua vaidade”, e, assim, portanto, admite haver algo além da mera opção, prudência ou equilíbrio do indivíduo na maior ou menor assunção de compromissos.
- Afirma se sentir reconhecido ao ver algo que escreveu ser citado, ou mais precisamente, autorealizado, quando sente-se parte de alguma forma do progresso científico, quando é “participante vivo” do progresso científico.
- Notou-se na entrevista certa tendência a naturalizar as relações empresa-universidade, o entrelaçar das lógicas do campo científico e do campo econômico e as crescentes demandas e exigências de produtividade. Apesar de tender a atribuir ao indivíduo (por vaidade ou imprudência, a sobrecarga de trabalho e as consequências prejudiciais que podem daí advir), considerou haver uma “mente coletiva” que induziria o professor-

pesquisador (que segundo seu relato, teria um “ego inflado”) a querer e/ou ceder ao fetiche da fama e do prestígio (o que nos remete ao conceito de sistema de poder sócio-mental), o que não quer dizer que também haja o desejo genuíno de um reconhecimento e/ou se ser participe de uma participação ativa e viva no progresso do conhecimento científico.

**John, 51 anos. Os pais nunca foram à escola. Sempre trabalhou enquanto estudava.**

- Graduado em Engenharia e fez mestrado na mesma instituição em que atua e doutorado nos EUA.
- Professor na instituição desde 1986, aluno desde 1979 e ficou de 1986 até início de 1987 como substituto.
- Acha que a universidade não é um meio de “muita competitividade”, mas é um meio de “bastante individualismo”.
- Acredita que diferentemente de outros países, no Brasil os acadêmicos são um pouco “acomodados”, poderiam “correr mais atrás”.
- Não sente-se motivado a publicar pela busca de índices, mas sim pelas contingências de seu próprio trabalho. Acha que cerca de 50% dos pesquisadores correm atrás de números e os restantes não.
- Acredita que ensino, pesquisa e extensão devem andar juntos, apesar de que deve-se respeitar a característica individual daquele profissional que tem mais afinidade com uma dessas áreas em específico. O entrevistado ainda faz uma distinção entre o ensino na graduação e o ensino na pós-graduação, pois o ensino em pós seria totalmente ligado à pesquisa. Diz que existem profissionais que dão menos importância ao ensino, o que considera errado. Em sua opinião, uma aula dada por um professor que realiza pesquisa e extensão é mais rica do que a daqueles que não o fazem.
- Expõe que a relação entre empresa e universidade é muito importante, pois principalmente na área de Engenharia o conhecimento deve ser aplicado. Não vê a empresa como “parasita” da universidade até porque a contrapartida social da empresa é o oferecimento de vagas de trabalho.
- Argumenta que a relação entre empresa e universidade é “vital” para o país precisamente pelo desenvolvimento de tecnologia. Pensa que essa interação deveria ser maior.

- Quando questionado sobre a interação entre os níveis de produtividade fixados pelas agências de fomento e o poder disto decorrente explica que o fato de um pesquisador ostentar o posto 1A ou 1B não indica exatamente que ele seja melhor do que um pesquisador de nível inferior. O número de bolsas é limitado e muitos bons projetos foram cortados por essa razão, e não por serem piores.
- Diz que no departamento há um reconhecimento pela contribuição que o docente deu independentemente de ele ter destaque no meio acadêmico.
- Concorde que haja certo descaso em relação ao momento de aposentadoria de um docente. Exemplifica com caso de profissionais que deixaram o departamento após muitos anos de trabalho e o evento passou em branco.
- Relata que a inserção dos novos professores tem sido boa, porém há elementos que eles só conquistarão com o tempo, como alunos para orientar, consolidar-se na coordenação de grupos de pesquisa, etc.
- Acha que há uma grande quantidade de trabalho, mas que o profissional pode lidar com isso. No seu caso, o trabalho chega a influir na vida familiar, pois ele sempre trabalha muito, inclusive levando trabalho para casa.
- Acha que o que é estressante não é o trabalho, mas o fato de lidar com pessoas. Não vê tanto individualismo, pois nos últimos tempos até tem sido motivado o trabalho em equipe.
- O aspecto “mais positivo” do trabalho para o entrevistado é “formar pessoas” e o “mais negativo” é a “carga administrativa” que recai sobre os docentes por falta de funcionários para cumprir essas atividades específicas.
- O professor sente-se profissionalmente reconhecido, pois ocupa cargos em projetos e instituições importantes.
- Quando questionado sobre a relação entre os infartos recentes de professores do departamento e o trabalho responde que vê nesses casos uma série de componentes concorrendo como causa dos problemas de saúde, como pré-disposição à doença e outros.
- Uma forma importante de reconhecimento, segundo o professor, seria a de escutar a experiência dos mais antigos, dar a eles voz, consultá-los. Seria uma forma de reconhecimento que superaria a questão do mero prestígio, segundo ele.

**Lionel, 58 anos, casado, tem filhos; quanto à formação/escolarização de sua família, sua mãe apenas concluiu o primário, pois necessitou interromper seus estudos para trabalhar em tempo integral, já seu pai possuía um diploma de contador, mas não especificou se ele trabalhava como tal, pareceu não demonstrar interesse em falar a respeito.**

- Graduou-se em 1976 em Engenharia pela mesma universidade na qual hoje leciona como professor titular, é mestre em Física (1979) em outra renomada universidade pública da mesma cidade e doutor também em renomada instituição dos EUA (1982). Possui 2 pós doutorados.
- Tem 200 *papers* publicados, 12 patentes registradas.
- Em sua área é um dos 3 pesquisadores mais conceituados mundialmente se considerarmos números de *papers* e citações.
- É membro da Academia Brasileira de Ciências, Editor de periódicos muito conceituados em sua área, ocupa outros cargos relevantes em outras academias nacionais e internacionais de alto prestígio.
- Bolsista em produtividade do CNPq: nível 1A.
- Orientações e supervisões concluídas: 19 de mestrado; 16 de doutorado; 17 supervisões de pós-doutorado; 1 de outra natureza.
- Orientações em andamento: 4 de mestrado; 5 de doutorado; 4 supervisões de pós-doutorado; 1 de iniciação científica.
- Afirmou que ao longo de sua infância e adolescência sempre existiram estímulos e cobranças leves quanto à necessidade de que tivesse uma formação acadêmica e que, embora no período do colegial tenha se desviado um pouco dos estudos, voltou a se dedicar logo a partir do 4º ano de Engenharia e não parou daí em diante. Foi contratado como professor na mesma universidade logo que se graduou e continuou a estudar por gostar de pesquisa, segundo ele.
- A opção por Engenharia não se deu por gosto, segundo ele, mas por uma universidade pública, isto é, se deu por falta de recursos financeiros.
- Ele possui apenas um irmão, o qual também é professor doutor em universidade pública, do que podemos observar a existência de algumas constantes, ou seja, dois filhos, formados, doutores, professores universitários. Há algo neste ambiente que propiciou, estimulou, etc. para que ambos chegassem neste patamar.
- Afirmou não ver diferenças na função do professor atualmente e em décadas anteriores.

- Afirmou não se interessar muito por cargos administrativos e que as eleições para os postos administrativos envolvem alguma política, a qual é intensa quando é para o cargo de reitor.
- Quanto às disputas de poder entre os professores afirmou que não é direta e que sempre se vence pela “reputação”; faz questão de sublinhar esta última palavra, que consideramos soar-lhe agradavelmente segundo sua posição no campo científico.
- Afirmou dedicar-se cada vez menos isoladamente aos seus orientandos, compartilhando-os com os pós-doutorandos a função de orientar os doutorandos e a estes de orientar os mestrados.
- Disse acreditar que a quantidade costuma se sobrepor à qualidade na produção universitária, mas que este não é o seu caso e que os órgãos de fomento à pesquisa no Brasil estão alertas a esta situação.
- Afirmou que a carga de trabalho é muito grande e que precisa trabalhar aos feriados, finais de semana e muito durante a semana e não quis falar sobre adoecimento, apenas afirmando que adoecera por várias vezes e que preferia não enumerá-las, demonstrando sentir-se desconfortável em falar a respeito, o que revela a gravidade da situação.
- Afirmou que ser reconhecido é ganhar prêmios, lugares em academias de prestígio, conceder entrevistas, etc.

**Lourival, 60 anos, casado, professor na categoria professor associado 3. Pai e mãe tinham nível técnico em contabilidade e as duas irmãs tem nível superior.**

- Sua trajetória na universidade começou em 1970. No primeiro vestibular da universidade entrou como aluno do curso de graduação em Engenharia e se formou no final de 1974 sendo convidado a ser professor a partir de janeiro de 1975. Fez mestrado em outra universidade pública e o concluiu em 1978. Afastou-se da universidade quatro anos e foi fazer o doutorado em outra universidade pública diferente das duas primeiras. Em 1983 retorna à universidade origem, onde está até hoje. Completa em janeiro de 2012 trinta e sete anos como professor na mesma.
- A família sempre apoiou os estudos inclusive financeiramente. Era de uma família de classe média com acesso difícil aos estudos. A docência veio inesperadamente, não era um plano. Ao fim do curso, quando já se preparava para buscar trabalho em uma grande empresa, contudo foi convidado a lecionar.

- A diferença da universidade ao longo do tempo apontada pelo entrevistado é que em sua época raramente alguém possuía o título de mestrado e hoje para entrar na docência já é necessário estar altamente qualificado. A concorrência é muito grande.
- Na questão da ciência vê que a grande diferença é o maior acesso à informação e a abundância de recursos em relação a épocas passadas. Existe certo individualismo decorrente pela concorrência entre os pares para obtenção de pontuação junto às instituições de fomento como o CNPQ por exemplo. O que isso gera é que a produção acadêmica torna-se menos “natural” como define o entrevistado, que explica que no passado as pesquisas se desenvolviam mais pela necessidade interna da ciência que estava sendo feita do que pela “pressão” como é hoje. Disso resulta também foco na quantidade, o que ele lamenta.
- Dois sintomas da maior preocupação com a quantidade citados na entrevista são a diminuição do tamanho dos trabalhos e a exigência de coautoria em um projeto no qual as pessoas pouco influíram efetivamente.
- Segundo ele, o papel do professor pesquisador é conseguir absorver a enorme quantidade de informações, ter foco de pesquisa, considerando-se a amplitude do que já foi feito, e produzir conhecimento relevante para o contexto local (nacional, regional etc...). A função da universidade pública é melhorar o nível de vida da sociedade.
- A relação empresa-universidade é vista por ele como muito importante, visto que muito da estrutura que a universidade conta hoje para o ensino é fruto dessa relação, que tem que ser estabelecida com cuidado para que ambos não atropelem seus respectivos interesses e o tempo que cada um dos dois estabelece para obtenção de resultados. Essa relação traduz-se em benefício social segundo ele quando se consegue desenvolver materiais mais baratos, tecnologias que facilitem a vida das pessoas.
- Para ele, o que tem mudado na relação entre orientador e orientando é o crescente número de orientados que possuem outra atividade, não são de tempo integral dedicado à universidade, o que influi na produtividade dos professores orientadores já que o aluno que possui atividade externa pode produzir menos, no tempo de conclusão do mestrado que às vezes necessita prolongar-se e no caráter da pesquisa que precisa ser mais específica, mais centralizada para os que não têm dedicação integral.
- Relatou que os professores podem ter foco na publicação, mas somente uma quantidade desprezível deixa as aulas de lado.

- Aponta que a competitividade é maior entre aqueles que chegaram faz pouco tempo, pois eles precisam consolidar suas carreiras, o que significa ter pontuação junto às instituições de fomento e infraestrutura.
- Acredita que o reconhecimento em longo prazo vem de uma produção forte qualitativamente, e que aqueles que produzem em excesso e com baixa qualidade são logo desacreditados.
- Afirma que existe disputa pelos novos professores por questões de produtividade dos grupos, já que eles chegam altamente qualificados. A disputa é velada, mas não gera maiores atritos, no máximo uns “ciumezinhos”.
- Não vê os professores do departamento como sendo endeusados pelos alunos e professores novos. Acredita que são mais relações de interesse, pois quando um professor se aposenta é totalmente esquecido, o que mostra que o respeito era mais pela posição ocupada do que pelo intelectual e cientista. Concorda com a opinião de outros de que exista uma certa frieza em relação aos professores aposentados pelo departamento.
- Na relação entre ensino pesquisa e extensão na sua atividade é de 30% ensino, 30% pesquisa e 40% extensão. Já para a maioria dos professores a relação seria 70% pesquisa e 30% ensino, sendo que poucos são os que fazem extensão no departamento. Para ele, o ideal seria 50% ensino, 30% pesquisa e o restante de extensão, dependendo do perfil do professor. Relatou que a atividade de extensão, apesar de sua importância para gerar recursos, é pouco valorizada, pois há muita exigência e pouco resultado.
- Tem a visão de que o ser humano costuma orientar-se para ser reconhecido o que se reflete na menor importância dada às aulas e na maior importância dada às pesquisas.
- Acha o trabalho excessivo inclusive tendo influenciado para diminuição de sua participação na vida familiar. Trabalha sempre à noite e nos finais-de-semana. Tem dificuldade em se desligar do trabalho, em certa época sentiu estar viciado e tem insônia provavelmente associada ao trabalho. Afirma estar totalmente cansado e sentir-se chateado quando deixa os familiares para trabalhar o que acontece com frequência. Aponta como uma das razões o fato de que pela idade sua produção teria diminuído, ou melhor, o seu tempo de trabalho tem rendido menos.
- Mostrou-se desanimado com a perspectiva da aposentadoria. Disse ter se livrado do medo da indiferença, por parte dos pares, que provavelmente recairá sobre ele quando

aposentar-se, mas ainda não sabe como vai lidar com um possível vazio que poderá ocorrer quando deixar o trabalho.

- O ponto mais positivo da carreira é formar. O lado negativo é o excesso de trabalho. Sente-se profissionalmente reconhecido. Diz não ter vida social o suficiente para vivenciar e reconhecimento social da profissão.

**Lucas, 25 anos, o pai tem ensino superior incompleto e a mãe e é formada em pedagogia. Têm dois irmãos cursando a universidade e uma irmã no ensino médio. A questão do estudo e do ingresso na universidade sempre foi estimulada e incentivada pelos pais sem ser uma cobrança. Outro fato que ele aponta como relevante neste sentido é ter estudado em uma escola particular de muito bom ensino e frequentado uma boa biblioteca em sua cidade natal.**

- Graduou-se em Física pela mesma universidade na qual leciona, e a iniciação já fez no departamento de Engenharia em que agora leciona. Fez o mestrado na Engenharia e está fazendo doutorado. No segundo ano de doutorado, foi chamado num concurso de professor substituto e ministra duas disciplinas para três cursos distintos da área de Engenharia. Segundo ele, escolheu o curso de Física porque foi o que ele passou no vestibular, e depois ingressou em iniciação científica no departamento referido, pois tinha uma linha mais aplicada. Afirma ter ficado satisfeito com a formação teórica do curso de Física.
- Inicialmente a formação acadêmica para ele representava ter um diploma para ingressar em um emprego. Optou pelo mestrado porque, como físico, via duas opções que seriam: a carreira acadêmica ou o trabalho como professor da Educação Básica. O mestrado lhe traria melhores perspectivas financeiras.
- Afirma entender que a ciência tem o papel de melhorar a vida das pessoas através do conhecimento do mundo.
- Enxerga dois tipos de profissional na academia. Um que tem a carreira consolidada e ainda quer ser um pesquisador brilhante e que usa todos seus esforços para isso, e outro que se preocupa mais com a formação dos alunos. Estabeleceu na faixa de uns trinta por cento os professores que querem saber somente de suas pesquisas e não priorizam a formação.
- Ainda sobre esses professores que dão mais importância à pesquisa e pouca à formação, Lucas acredita que deve haver um equilíbrio, que sem este equilíbrio muitas pesquisas

são só para o “ego” e pouco contribuem para o objetivo de melhorar a vida da população.

- Diz existir uma relação quase que direta entre o desempenho como pesquisador e o desempenho em aulas. Um professor que é muito bom pesquisador dá uma aula de regular a ruim, raras as exceções que existem de professores que são ótimos pesquisadores e dão uma aula excelente, argumentou.
- Diz que também é uma busca sua publicar bastante, sabe que tem uma questão de prestígio, mas acredita que no fim das contas o que pesa é a intenção de conseguir financiamentos e, no seu caso, consolidar a carreira. Alega que não se sente pressionado em relação a isso, diz que é esse o trabalho.
- O entrevistado acha importante a interação entre universidade e empresas. Acha que poderia ser mais intensa e contínua a troca de tecnologia entre as duas partes. Acha que a relação ainda é muito distante. Considera importante também pelos recursos injetados pelas empresas.
- Segundo ele, a função do professor é formar um profissional com qualidades morais e técnicas. Na relação orientador-orientando, dá exemplo de seu orientador que se preocupa menos com os resultados do que com o desenvolvimento da escrita e do conhecimento do orientando.
- Enxerga o individualismo no meio acadêmico manifesto em grupos que estudam os mesmos temas e não cooperam simplesmente por falta de disposição de conversar.
- Relata que não está na busca por reconhecimento, acha que esta busca atrapalha os verdadeiros objetivos. Seu objetivo no momento é trabalhar para que possa ser professor efetivo de uma universidade pública conceituada. Já trabalhou em universidade particular e diz que o objetivo não é o mesmo. Lá o docente dá a aula e vai embora.
- Na questão sobre o que se prioriza na universidade dá a seguinte ordem de prioridade: pesquisa, extensão e ensino. Ao contrário do que o entrevistado acharia adequado.
- Acha o trabalho excessivo, porém credita isso a sua posição, ou seja um professor ainda na fase de consolidação da carreira. Acha também que quando for efetivo o trabalho aumentará ainda mais, porém acredita que pode-se encontrar um equilíbrio.
- Considera-se produtivo e credita isso à sua formação no referido departamento.
- O que vê de positivo em sua profissão é formar profissionais e trabalhar com grandes pesquisadores. De negativo essa possível sobrecarga de trabalho.

- Sente um certo reconhecimento pelos profissionais do mesmo nível, pois além da formação sólida que está tendo, tem ainda experiência didática como professor substituto. Sente também reconhecimento social por ser professor de uma universidade como a referida.
- Indica como dificuldades suas durante mestrado e doutorado: escrever em inglês, escrever bem e dispor resultados. Já publicou em *qualis* A e frisa que não foi fácil. É um processo longo de trabalho e correção. Frisa isso para desmistificar essa questão de que às vezes “dá a impressão de que é só publicar”.

**Luigi, 38 anos, casado. A mãe tem nível superior e o pai tem técnico em administração. Os três irmãos têm formação em nível superior.**

- Desde 2009 na referida universidade.
- Bolsista produtividade CNPq nível 2.
- Orientações e supervisões concluídas: 7 de mestrado; 1 de doutorado; 4 de iniciações científicas; 2 de tccs; 1 de outra natureza.
- Orientações em andamento: 7 de tccs; 1 de iniciação científica.
- 18 participações em bancas examinadoras de dissertações de mestrado e 3 de teses de doutorado; 19 de tccs; 8 qualificações de doutorado.
- Professor adjunto nível 3, foi professor adjunto em outras universidade pública por três anos e anteriormente por 2 anos em outra universidade.
- Formado em Química por uma universidade pública de renome, fez mestrado e doutorado em Engenharia no departamento em que hoje leciona.
- O entrevistado sempre estudou em escolas públicas. Quando ingressou era apenas uma questão profissional; porém, atualmente diz perceber a importância da formação universitária em sua constituição como cidadão.
- Afirma conceber a ciência como sendo de suma importância para o desenvolvimento do país. Acredita que a ciência deve contribuir para a melhoria da vida das pessoas e ao mesmo tempo suprir interesses pessoais como a curiosidade, o gosto pelo desconhecido.
- Explica que a relação entre empresa universidade se dá no encaminhamento e formação de alunos para atuar na empresas e na prestação de serviços diretamente para essas empresas. Para ele o conhecimento revertido para as empresas é sinônimo de conhecimento revertido para o bem da sociedade. Gostaria que a relação entre empresa e universidade fosse mais intensa, pois julga que às vezes os pesquisadores carecem de

mais envolvimento prático. Não acredita que existam muitos interesses conflitantes entre empresa e universidade, pois grande parte dos recursos que entram na universidade vêm da iniciativa privada.

- Diz que a relação orientador-orientando é uma via de mão dupla. O orientando precisa de alguém experiente para ajudá-lo com a pesquisa e ao mesmo tempo o orientador precisa de “mão de obra bem formada” para levar adiante suas pesquisas.
- Acredita que a produtividade não é tão relevante para o reconhecimento. É mais um método de avaliação não aprofundada usada no momento de chamar alguém para um congresso ou algo do tipo. O entrevistado relata que os professores que dão boas aulas são mais reconhecidos pelos alunos e os professores que se destacam na pesquisa são mais reconhecidos pelos pares, o que não acha de todo certo já que os alunos deveriam estar minimamente por dentro da atividade científica e os docentes dar mais importância para os que contribuem para uma boa formação na universidade.
- Sentiu-se bem recebido, “normal”, foi sua palavra; tanto neste como em seu emprego anterior. Os professores mais antigos procuraram passar-lhes atribuições, atividades e ao mesmo tempo estimular que os novos professores tivessem suas próprias linhas de pesquisa. No que tange ao esforço de adequação, vê isso como uma questão de entender a estrutura, os trâmites para realizar as atividades na universidade.
- Acha o trabalho excessivo, inclusive relata interferência do trabalho em sua vida pessoal, familiar.
- O entrevistado tem problemas de saúde devido ao trabalho, dores lombares por ficar numa mesma posição por muito tempo.
- Acredita que muitas vezes o quantitativo sobrepuja o qualitativo, e isso porque a velocidade que se impôs na profissão impossibilita de se analisar algo que não sejam números. Acha que essa situação tende a se modificar. Considerou que cada vez mais é importante o conhecimento aplicado, a relação com a empresa, coisa que não pesa tanto no currículo *Lattes* e mesmo assim tem sido valorizada.
- Relata que na relação empresa-universidade é bastante frequente a questão do acordo de sigilo, pois o “mercado é muito competitivo”. Acha prazeroso para o pesquisador ver seus conhecimentos aplicados em relações deste tipo, pois embora os ganhos e o reconhecimento não sejam tão grandes, é ver uma ideia concretizada.

- O entrevistado acha que ensino, pesquisa e extensão são igualmente importantes para a universidade. Enxerga uma preponderância da pesquisa em seu curso, mas não credita isso a uma intenção pessoal, mas à força que o departamento tem na pesquisa.
- Relata que, na maioria das vezes, um bom pesquisador é um bom professor, porém o bom pesquisador teria menos tempo para dar aula. Quando questionado sobre a validade das queixas dos alunos sobre a baixa dedicação dos bons pesquisadores ao ensino, diz que assim como as empresas gostariam que os professores fossem “*full time*” para elas os alunos gostariam que os professores fossem “*full time*” para eles.
- Diz não importar-se muito com reconhecimento. Já chegou a sentir que socialmente há um certo prestígio em ser professor da referida universidade, mas alegou não ligar para isso.
- Não enxerga necessariamente relação entre os problemas de saúde no departamento e a carga de trabalho. Acha que alguns sabem “equilibrar” suas atividades e isso é o essencial.
- Acha que, a longo prazo, a tendência é aumentar sua “produtividade”, pois vai adquirir mais “conhecimento” e mais “estrutura”. Projeta inclusive trabalhar menos e produzir mais.
- O que mais o agrada é receber “retorno positivo” em sua atividade de formação e o que mais o desagrada é sentir-se impossibilitado de fazer alguma coisa, por “falta de dinheiro ou estrutura”, por exemplo.

**Sam, 27 anos. O pai e a mãe sempre o estimularam nos estudos. O pai é formado em Biblioteconomia e a mãe em educação física. Sempre estudou em escola particular.**

- Professor do curso de especialização. Foi convidado para dar aula por indicação de um professor, que é coordenador do curso e durante dois anos foi professor substituto do departamento. Está realizando o doutorado que começou praticamente junto com seu contrato de professor substituto. Fez graduação em Engenharia em outra universidade pública. Trabalhou também na indústria.
- Acha importante a relação entre empresa e universidade. É algo que tem que ser feito com cuidado, pois são latentes as questões de conflitos de interesse. Para ele o importante é que os pesquisadores vejam no projeto uma possibilidade de produção de conhecimento.

- Diz ter sorte em sua relação com os orientadores, sempre disponíveis quando necessário e bons estimuladores para a sua produção acadêmica. Relata conhecer casos de orientação menos harmoniosas em que os orientadores “passam trabalhos” seus particulares para os orientados, e também são pouco disponíveis.
- Afirma que existe disputa entre professores, e inclusive competição em que um espera que os outros não consigam os resultados desejados para se sobressair. O entrevistado diz que na universidade em que se formou era maior esse problema e que nesta ele percebe muito mais colaboração.
- Relata que na questão de produtividade existe um excesso de publicações desnecessário e que resulta em baixa qualidade, coisa que segundo o entrevistado é prejudicial. O que justifica isso é o desejo de consolidar a carreira, estabilidade e nível junto aos órgãos de fomento.
- O entrevistado busca seu reconhecimento, que ambiciona que seja “para além dos muros da universidade”. Diz que se o conhecimento vira tecnologia isso é possível e o pesquisador passa a ser reconhecido também fora de seu campo específico, o científico.
- Relata a dificuldade para se fazer parte do programa de pós-graduação em seu departamento. Segundo o entrevistado na universidade em que se formou a relação é menos tensa, quase todos os professores fazem parte, enquanto nesta os critérios são difíceis de serem alcançados.
- Diz que sua relação como professor substituto sempre foi boa, respeitado e não excluído. Entre os professores mais produtivos e os menos produtivos existe uma situação de “escárnio velado” por parte dos mais produtivos e segundo o entrevistado a situação se instaura naturalmente, pois o professor mais produtivo está sempre envolvido em eventos, carregando papéis, indo aos laboratórios.
- Sobre a predominância de algum dos eixos – ensino, pesquisa e extensão – argumenta que hoje em dia a pesquisa tem preponderância porque até para galgar posições na hierarquia universitária é necessária ter alta produtividade em pesquisa. Diz ter recebido recentemente um e-mail interno da universidade no qual eles indicam que uma nova conta será feita para progressão na carreira, uma conta que privilegia muito mais o ensino. Para o entrevistado isso ao menos mostra que os administradores estão atentos a esta questão.

- Afirma que sua escolha pelo meio acadêmico foi “vocacional”, pois seus lucros financeiros eram maiores trabalhando na indústria e optou, assim mesmo, por receber uma bolsa na universidade.
- Sente que seu trabalho é excessivo, mas parece não se incomodar. Diz que está no “limite”, mas que é um “momento de transição”.
- O que mais lhe agrada em sua profissão é a docência, o “retorno dos alunos”, a “relação dinâmica”. O que mais desagrada são as “pequenices”, “duelos de ego”, “excesso de orgulho”, coisas que, segundo ele, deixam as relações entre os professores “esquisitas”.

## 2. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (p.1)

### 1 – Identificação e Proposta:

Vanessa Martins de Atayde, aluna do programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCAR, vem, por meio deste, lhe convidar a participar de sua pesquisa, destinada à realização de sua Dissertação de Mestrado. O projeto de pesquisa a ser realizado se intitula “*Dinâmicas do reconhecimento: a constituição do habitus do professor universitário*” e será desenvolvido sob orientação do Prof. Dr. Eduardo Pinto e Silva, do Departamento de Educação da UFSCar.

### 2 – Convite e recusa:

Você está sendo convidado(a) a participar deste estudo. Seu nome foi selecionado porque leciona em um curso reconhecido e muito bem classificado nacional e internacionalmente, e outras pessoas na mesma condição serão convidadas.

Sua participação neste estudo é absolutamente voluntária. Você tem o direito de desistir em qualquer ponto do estudo. Sua decisão em participar ou não desta pesquisa não terá influência em seu trabalho, nem lhe prejudicará no desempenho de suas funções. Desta forma, não sofrerá nenhum prejuízo profissional ou pessoal.

### 3 – Procedimentos:

Sua participação consistirá nas seguintes etapas, caso concorde em participar:

- A pesquisadora solicitará que você e outros professores participem de uma entrevista semi-estruturada.
- A pesquisadora irá lhe consultar a respeito da sua disponibilidade de conceder uma entrevista. Nesta lhe fará perguntas e ouvirá suas respostas, sendo as mesmas gravadas ou não, conforme sua livre decisão. A entrevista será realizada em local por você escolhido e sob condição de sigilo.
- As perguntas serão orientadas à compreensão de como se constitui o *habitus* do professor-pesquisador e se este se associa aos processos de reconhecimento profissional e social destes.
- Após concluída a pesquisa, os professores participantes e a chefia do Departamento receberão uma devolutiva sobre o estudo, podendo receber cópia digitalizada da dissertação, assim como outros esclarecimentos que solicitarem.

### 4 – Risco/Desconforto:

O risco referente à sua participação na pesquisa é principalmente de constrangimento e desconforto, sendo possível que alguma das questões da entrevista lhe gere tais desconfortos ou constrangimento, podendo suscitar sentimentos ou emoções desagradáveis. Há, ainda, o risco das informações registradas no gravador virem a ser indevidamente acessadas e utilizadas por terceiros que não o pesquisador, o que ocorreria no caso de roubo ou perda do material de gravação, por exemplo.

Contudo, espera-se haver benefícios em sua participação, de modo que esta possa contribuir para que você e demais participantes possam melhor refletir sobre as reações e conflitos no campo científico e suas possíveis relações com a reconfiguração das práticas universitárias. Ainda, se em algum momento você se sentir constrangido, chateado ou desconfortável, será livre para se recusar a responder a qualquer momento, encerrar a entrevista ou solicitar que ela não seja gravada.

5 – Sigilo:

As informações obtidas por meio da pesquisa serão mantidas em sigilo e serão utilizados para fins estritamente acadêmicos. Será preservado o seu anonimato, de modo que nenhuma identificação pessoal será usada em qualquer relato ou publicação que possam resultar do estudo.

Serão utilizados siglas ou nomes fictícios quando forem empregadas suas declarações, não sendo referenciadas, portanto, identidades pessoais ou institucionais.

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (p.2)**

6 – Questões:

Se você tiver alguma questão ou comentários sobre a participação neste estudo, poderá falar com Vanessa Martins de Atayde e/ou com Eduardo Pinto e Silva na UFSCAR (Departamento de Educação) ou pelos telefones (16)91836809 (orientanda) (16) 97181453 (orientador).

Também poderá contatar Vanessa Martins de Atayde pelo endereço: Rua Maestro João Sepe, 873 – Jardim Paraíso / CEP: 13561-180 – São Carlos – SP.

---

Vanessa Martins de Atayde  
(Assinatura da pesquisadora)

---

Eduardo Pinto e Silva  
(Assinatura do orientador)

## 7 – Consentimento:

Conversei com Vanessa Martins de Atayde sobre o estudo e recebi uma cópia deste Termo de Consentimento assinada por ela e seu orientador. Eu entendi o que eu li e o que ouvi e tive minhas perguntas respondidas. A minha participação neste estudo é voluntária. Eu sou livre para recusar minha participação nesta pesquisa ou desistir a qualquer momento.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na rodovia Washington Luiz, Km. 235 – Caixa Postal 676 – CEP 13565-905 - São Carlos – SP – Brasil. Fone: (16) 3351-8028. Endereço eletrônico: [cephumanos@power.ufscar.br](mailto:cephumanos@power.ufscar.br)

Nome: \_\_\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_

Telefones para contato: \_\_\_\_\_

---

Consentimento - Assinatura do participante

São Carlos, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

### 3. Questões para entrevista semi-estruturada

- 1- Como era entendida/tratada a questão da escolarização e formação acadêmica em sua família? Estímulos e/ou cobranças existiam?
- 2- Seus pais possuíam que nível de formação? Em que cursos? Em que trabalhavam?
- 3- Você tem irmãos? Eles se graduaram? Em quê?
- 4- Por que você escolheu se graduar neste curso? E por que motivo resolveu fazer pós?
- 5- Qual o significado que a formação acadêmica tinha e qual tem agora em sua concepção?
- 6- Como você compreende o meio acadêmico e a concepção de ciência na atualidade? Quais diferenças e similaridades percebe hoje em relação à época em que se graduou e pós-graduou e, também, em relação à época que se inseriu no meio como professor?
  - Qual o papel do professor-pesquisador hoje e nas décadas anteriores?
  - Como se dava a relação empresa-universidade antes e como se dá atualmente? E a questão dos termos de sigilo nestas relações?
  - Qual a relação orientador-orientando antes e hoje?
- 7- Você percebe alguma forma de disputa de poder nas relações dos professores?
  - Em relação a serem presidentes, coordenadores ou apenas parte do corpo editorial de revistas?
  - Em relação a serem bolsistas produtividade?
  - Em relação à participação da administração do departamento ou da universidade?

- Em relação aos postos ocupados em geral e do sucesso das pesquisas do professor?
- 8- Os professores mais conhecidos têm mais influência ou são mais respeitados?
- Há diferença no nível de dificuldade encontrado por professores novos (recém formados) e por professores antigos e mais influentes para publicar em revistas *qualis A*?
- 9- Como é a inserção de novos professores? Há alguma forma de resistência na recepção dos mais novos dos que já estão no departamento? Há alguma forma de disputa pela integração desses novos pesquisadores?
- É perceptível esforço de adequação dos mais novos?
  - Como se dá o credenciamento dos novos docentes em grupos de pesquisa?
- 10- Fale sobre individualismo e competitividade na universidade. Eles existem? Como se concretizam e são percebidos no dia-a-dia?
- 11- Ser reconhecido no meio acadêmico implica em ser produtivo em excesso? Explique.
- 12- A necessidade de publicar visando, muitas vezes, números prejudica o resultado em termos de qualidade? A quantidade se sobrepõe à qualidade?
- 13- Qual a relevância atribuída entre ensino, pesquisa e extensão na universidade, em especial, para os professores? O que é priorizado pela maioria e por que acredita que isso acontece?
- 14- O trabalho é excessivo? Em algum momento ele interfere em suas relações familiares e sociais de modo positivo ou negativo?
- 15- O trabalho, ou sua relação com o mesmo, já lhe trouxe problemas, em especial, relacionados ao seu bem estar e saúde? E outros?

- 16- Descreva o que mais lhe agrada em seu trabalho, o que considera mais prazeroso e/ou positivo no mesmo. E o que considera mais negativo?
- 17- O que é ser reconhecido para você?
- 18- Você se sente reconhecido socialmente? Acredita que a sua profissão goza de certo prestígio social?
- 19- Você se sente profissionalmente reconhecido? Explique.
- 20- Como você imagina sua vida e sua carreira a curto, médio e longo prazo?
- 21- Você possui algum receio em se aposentar? Insegurança? Desejo?
- 22- A aposentadoria é vista de que modo na universidade? As pessoas exitam em se aposentar? Por que isso ocorre ou não?